



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Artes

Eliane Areas Cid

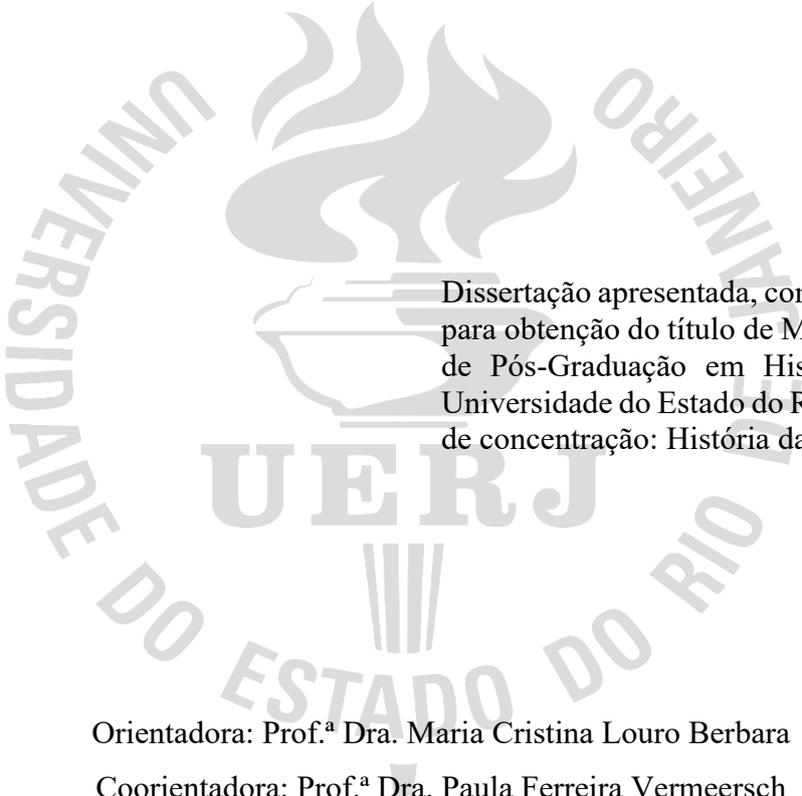
Análise de três igrejas neogóticas da Família Vicentina no Sudeste brasileiro do século XIX: aspectos construtivos, decorativos e programa artístico integrado

Rio de Janeiro

2024

Eliane Areas Cid

**Análise de três igrejas neogóticas da Família Vicentina no Sudeste brasileiro do século
XIX: aspectos construtivos, decorativos e programa artístico integrado**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História da Arte, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História da Arte Global.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Cristina Louro Berbara

Coorientadora: Prof.^a Dra. Paula Ferreira Vermeersch

Rio de Janeiro

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

C568 Cid, Eliane Areas.
Análise de três igrejas neogóticas da Família Vicentina no sudeste brasileiro do século XIX: aspectos construtivos, decorativos e programa artístico integrado / Eliane Areas Cid. – 2024.
266 f.: il.

Orientadora: Maria Cristina Louro Berbara.
Coorientadora: Paula Ferreira Vermeersch.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Artes.

1. Arquitetura religiosa – Brasil - Teses. 2. Arquitetura neogótica – Brasil – Séc. XIX– Teses. 3. Arte sacra – História – Brasil - Teses. 4. Vicentinos – Teses. I. Berbara, Maria. II. Vermeersch, Paula. III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Artes. IV. Título.

CDU 726.5(81)

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Eliane Areas Cid

**Análise de três igrejas neogóticas da Família Vicentina no Sudeste brasileiro do século
XIX: aspectos construtivos, decorativos e programa artístico integrado**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História da Arte, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História da Arte Global.

Aprovada em 25 de julho de 2024.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Maria Cristina Louro Berbara (Orientadora)
Instituto de Artes – UERJ

Prof.^a Dra. Paula Ferreira Vermeersch (Coorientadora)
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Prof. Dr. Paulo Knauss de Mendonça
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Reginaldo da Rocha Leite
Instituto de Artes – UERJ

Rio de Janeiro

2024

AGRADECIMENTOS

Este é o resultado de dois anos de pesquisas, durante os quais busquei esclarecer questões sobre a construção de três das mais antigas igrejas neogóticas do país. Mesmo em um trabalho, a princípio, individual como este, houve a participação de muitas pessoas. Nas palavras de São Vicente de Paulo, “é Deus quem faz tudo” (Pasquier, [19--], p. 35). E ele colocou no meu caminho pessoas especiais, graças às quais este trabalho chegou até aqui.

Inicialmente, às minhas queridas mestras Maria Cristina Louro Berbara e Paula Ferreira Vermeersch, respectivamente, orientadora e coorientadora, que me ajudaram com carinho a percorrer esta trilha sinuosa. A primeira acatou o tema e me guiou por meio de sábias sugestões, para que eu pudesse realizar um percurso instigante. A segunda, profunda conhecedora da arquitetura neogótica, me deu ótimas orientações e encaminhamentos, que me ajudaram a localizar importantes documentos originais. Sou eternamente grata às duas.

Aos professores Paulo Knauss de Mendonça e Reginaldo da Rocha Leite, que, na qualificação, sugeriram caminhos adicionais, originais e desafiadores, os quais ajudaram a enriquecer o trabalho, meu muitíssimo obrigada!

Ao meu querido esposo, Marcio João Vilela Amaral, companheiro de todas as horas, que, além do apoio diário para realizar esta empreitada acadêmica, me ajudou com os desenhos técnicos das igrejas do Caraça, de Diamantina e de Nozeroy.

À querida amiga Eliane Moura Martins, que me acompanhou em uma viagem histórica a Minas Gerais, fez lindas fotos das igrejas do Caraça e de Diamantina e me ajudou a tornar mais consistentes e menos personalistas, embora ainda muito parciais, os comentários sobre o ambiente construído das três igrejas.

À querida amiga Denise Barcellos da Rocha Monteiro, um incentivo permanente a prosseguir no caminho da ciência.

Ao grupo de pesquisa de Recepção da Tradição Clássica do PPGHA/UERJ, que me acolheu com um enorme carinho e me ajudou em muitos momentos ao longo desta já quase meia década de convivência.

Aqui, no Rio de Janeiro, tenho muito a agradecer a Ana Carolina Pereira dos Santos, museóloga das Filhas da Caridade no Rio de Janeiro, que não poupou esforços para obter algum material sobre a construção da basílica do Rio de Janeiro, e por fim, localizou importantes

fontes primárias sobre a última fase de construção da basílica. Meu muitíssimo obrigada também por acreditar neste trabalho desde o primeiro momento.

Também no Rio de Janeiro, agradeço a Helder Magalhães Viana, que forneceu informações importantes, em documentação prévia, sobre a Basílica da Imaculada Conceição e suas restaurações.

Mais uma vez, agradeço a Kely Maria da Silva, bibliotecária da Biblioteca do Caraça, que me recebeu durante a preparação da monografia de graduação e, novamente, agora, e que, com paciência, me ajudou a consultar outros materiais e a, finalmente, encontrar o livro de custos de mão de obra da construção da igreja.

Em Diamantina, agradeço ao Pe. Alam Martins de Melo, que me recebeu carinhosamente, e ao seminarista Tiago Felipe Gomes, que me apresentou em detalhes o seminário, a basílica e me acompanhou na incursão à biblioteca do Seminário. E a todos os seminaristas que tive oportunidade de conhecer e que tão bem me receberam.

Em Guanhães, agradeço ao seminarista, agora sacerdote, Anderson Alves da Rocha, que me falou sobre a igreja matriz de N. Sra. da Glória, em Divinolândia de Minas, e me apresentou à carta em que pude consultar uma parte da trajetória profissional e uma foto do mestre de obras Antonio Luis de Figueiredo. Ainda em Diamantina, agradeço a Vanessa de Pádua Mello, da prefeitura de Diamantina, pelo acesso ao Dossiê de Tombamento do Seminário Provincial do Sagrado Coração de Jesus em Diamantina. E a Ronney Leite Brito, responsável pela Biblioteca Antônio Torres, que foi incansável na busca de materiais sobre a construção da basílica.

Em Nozeroy, região do Jura francês, agradeço às sras. Brigitte Vercez e Maryse Johann e aos srs. François Mivelle, Jacques Mivelle e Jean-Claude Compagnon, que passaram boa parte de seu domingo de descanso me apresentando, em detalhes, a história e as obras artísticas e religiosas das igrejas de Nozeroy e Mièges. Também ao sr. Camille Semin, que também dedicou uma parte de seu dia de descanso a escrever uma linda reportagem sobre minha visita a Nozeroy e à igreja e sobre a vida do Pe. Clavelin. E, por fim, ao sr. Roger Martine, que me enviou importantes informações sobre a história de Nozeroy e do Collégiale Saint-Antoine, além dos registros de nascimento do Pe. Clavelin e de casamento de seus pais.

Em Lyon, agradeço aos srs. Thierry Wagner e Jair Mône e à sra. Monique Mône, que passaram um dia inteiro me acompanhando e mostrando vários dos maravilhosos vitrais religiosos e laicos de Lucien Bégule existentes na cidade. Agradeço, também, pelas excelentes explicações técnicas dadas por esses especialistas no assunto.

Por fim, a todos que encontrei ao longo desta caminhada e que tornaram possível este trabalho, a minha eterna gratidão!

Nós não estamos aqui para nada, é Deus quem faz tudo.

São Vicente de Paulo

RESUMO

CID, Eliane Areas. **Análise de três igrejas neogóticas da Família Vicentina no sudeste brasileiro do século XIX**: aspectos construtivos, decorativos e programa artístico integrado. 2024. 266 f. Dissertação (Mestrado em História da Arte) — Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

O presente trabalho discute aspectos construtivos e decorativos de três igrejas construídas pela Família Vicentina no Sudeste brasileiro ao longo do último quartil do século XIX. As duas igrejas mineiras, N. Sra. Mãe dos Homens, no Santuário do Caraça, e a Basílica do Sagrado Coração de Jesus, em Diamantina, foram construídas pela Congregação da Missão. Já a Basílica da Imaculada Conceição, no Rio de Janeiro, foi erguida pela Companhia das Filhas da Caridade. Todas as três foram projetadas pelo Pe. Clavelin (Nevy-sur-Seille, 7 abr. 1834 – Rio de Janeiro, 7 abr. 1909) e exibem, entre si, algumas características construtivas similares. Após terem sido comparadas, foram levantadas algumas hipóteses sobre a origem na Europa das apropriações de padrão construtivo observadas. Em relação às artes decorativas em vitrais, estatuária e esculturas religiosas, suas iconografias foram analisadas, quanto aos aspectos histórico-culturais, considerando-se quatro eixos: temas relevantes para a Sé católica em geral; valores da Família Vicentina e questões religiosas do século XIX; referências a instituições nacionais ou locais e narrativas voltadas para públicos específicos. Como demonstra esta dissertação, a iconografia dos vitrais, estatuária e esculturas das três igrejas é bastante similar. Assume-se como hipótese que essa semelhança se relacione ao fato de elas terem sido construídas pela mesma ordem religiosa, a qual se vincula estreitamente aos valores tridentinos e é influenciada pelo movimento ultramontano, forte no Brasil no período das construções. Por fim, os aspectos construtivos e decorativos são analisados de forma integrada a partir da abordagem do ambiente construído, o que resultou em um pequeno ensaio sobre a experiência vivencial de dois sujeitos nas três igrejas. Suas características centrais podem ser entendidas como uma especificidade local e parecem refletir os objetivos da Família Vicentina para cada uma das construções, considerados o contexto histórico-cultural e as demandas do público.

Palavras-chave: arquitetura religiosa; Neogótico no século XIX; Família Vicentina; ambiente construído.

ABSTRACT

CID, Eliane Areas. **Analysis of three neo-gothic churches of the Vincentian Family in Southeastern Brazil from 19th century**: constructive and decorative aspects, and integrated artistic program. 2024. 266 f. Dissertação (Mestrado em História da Arte) — Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

This work discusses constructive and decorative aspects of three churches built by the Vincentian Family in Southeastern Brazil during the last quarter of the 19th century. The two churches in Minas Gerais, N. Sra. Mãe dos Homens in the Caraça Sanctuary and the Basílica do Sagrado Coração de Jesus in Diamantina were built by the Congregation of the Mission. The Basílica da Imaculada Conceição in Rio de Janeiro, on the other hand, was built by the Company of the Daughters of Charity. All three were designed by Priest Clavelin (Nevy-sur-Seille, 7 abr. 1834 – Rio de Janeiro, 7 abr. 1909) and exhibit some similar construction characteristics. After comparing these churches, hypotheses were developed regarding the origins in Europe of the observed constructive pattern appropriations. Concerning the decorative arts in stained glass, statuary and religious sculptures, their iconographies were analyzed from historical-cultural aspects, considering four axes: themes relevant to the Catholic See in general; Vincentian Family values and religious issues of the 19th century; themes related to national or local institutions in Brazil and narratives aimed at specific audiences. As demonstrated in this dissertation, the iconography of stained glass, statuary and sculpture of the three churches is quite similar. It is assumed that this similarity is related to the fact that they were built by the same religious order, which is closely linked to Tridentine values and was influenced by the ultramontane movement, strong in Brazil during the construction period. Finally, the constructive and decorative aspects are analyzed integratively through the lens of the built environment, culminating in a small essay of the lived experience within these three churches. Their distinct characteristics reflect local specificity and appear to align with the objectives of the Vincentian Family in each construction, shaped by the historical-cultural context and the expectations of their respective audiences.

Keywords: religious architecture ; 19th-century Neo-Gothic ; Vincentian Family; built environment.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Capa e página do livro de contas de gastos com mão de obra da construção da Igreja – Santuário do Caraça.....	72
Figura 2 – Registro de pagamento ao Mestre Antonio Luis de Figueiredo.....	84
Figura 3 – Carta sobre o mestre Figueiredo	86
Figura 4 – Anúncio de <i>matinée</i> para ajuda no resgate das dívidas de construção da igreja do Rio de Janeiro	99
Figura 5 – Plantas baixas das três igrejas em escala.....	102
Figura 6 – Vista exterior da Igreja Matriz de Divinolândia de Minas.....	104
Figura 7 – Vista da nave principal da Igreja Matriz de Divinolândia de Minas	104
Figura 8 – Fachadas principais das três igrejas	105
Figura 9 – Naves das três igrejas.....	106
Figura 10 – Abóbadas de cruzaria das três igrejas	106
Figura 11 – Ábsides das três igrejas	107
Figura 12 – Aparência externa das ábsides das três igrejas.....	107
Figura 13 – Interior do Collégiale Saint-Antoine, em Nozeroy	109
Figura 14 – Exterior do Collégiale Saint-Antoine, em Nozeroy	109
Figura 15 – Plantas baixas das quatro igrejas em escala	111
Figura 16 – Fachada principal (Esq.: catedral de Truro, na Cornualha; dir.: basílica de Diamantina)	112
Figura 17 – Notícia da exposição da flecha da Basílica da Imaculada Conceição.....	114
Figura 18 – Planta baixa (acima de 4 m) com o arranjo dos vitrais nas naves da igreja do Caraça	122
Figura 19 – Vitrais da igreja do Caraça, organizados em linha da esquerda para a direita....	122
Figura 20 – Rosáceas da igreja do Caraça.....	125
Figura 21 – Detalhes da rosácea da fachada principal da igreja do Caraça.....	126
Figura 22 – Planta baixa (acima de 4 m) com o arranjo dos vitrais na nave da basílica de Diamantina.....	127
Figura 23 – Vitrais da basílica de Diamantina – Os Mistérios Gozosos	129
Figura 24 – Vitrais da basílica de Diamantina – Os Mistérios Dolorosos	129
Figura 25 – Vitrais da basílica de Diamantina – Os Mistérios Gloriosos	130

Figura 26 – Vitral da aparição do Sagrado Coração de Jesus a Santa Margarida Maria d’Allacoque – basílica de Diamantina.....	130
Figura 27 – Vitral da flagelação de Jesus, doado por Antonio Luis de Figueiredo.....	132
Figura 28 – Registros das doações de instituições religiosas estrangeiras encontrados nos vitrais – basílica de Diamantina.....	133
Figura 29 – Registros dos doadores nos vitrais do altar-mor – basílica de Diamantina	133
Figura 30 – Carta do vitralista Dagrاند ao Pe. Sípólis sobre os danos aos vitrais	134
Figura 31 – Rosácea da fachada principal da basílica de Diamantina.....	136
Figura 32 – Planta baixa com o arranjo do conjunto vitral – basílica de Botafogo.....	137
Figura 33 – Tema do Sagrado Coração de Jesus – basílica de Botafogo	138
Figura 34 – Vitrais do altar-mor - basílica de Botafogo.....	139
Figura 35 – Vitrais das ábsides das naves laterais esquerda e direita – basílica de Botafogo	140
Figura 36 – Vitrais nas naves laterais, adjacentes às ábsides das naves laterais – basílica de Botafogo	141
Figura 37 – Vitrais do evangelho de Jesus (lado do evangelho) – basílica de Botafogo	142
Figura 38 – Vitrais da vida de Maria (lado da epístola) – basílica de Botafogo	142
Figura 39 – Vitrais da fachada principal – basílica de Botafogo.....	143
Figura 40 – Padrões decorativos dos vitrais – basílica de Botafogo	143
Figura 41 – Vitral do Sagrado Coração - Igreja da Redenção, Lyon	144
Figura 42 – Rosácea do Sagrado Coração de Jesus - basílica de Botafogo.....	145
Figura 43 – Estátua de N. Sra. das Graças – Fachada principal da Igreja do Caraça.....	149
Figura 44 – Planta baixa (abaixo de 4 m) com o arranjo das esculturas religiosas nas naves da igreja do Caraça	150
Figura 45 – Escultura de N. Sra. das Graças – Altar-mor da igreja do Caraça	151
Figura 46 – Esculturas na ábside das naves laterais – igreja do Caraça.....	151
Figura 47 – Esculturas próximas às portas laterais – igreja do Caraça	152
Figura 48 – Esculturas de São Pedro e São Paulo – igreja do Caraça.....	152
Figura 49 – Esculturas de São Luiz Gonzaga e Santo Antônio de Pádua – igreja do Caraça	153
Figura 50 – Esculturas de São João Batista e São Francisco de Sales – igreja do Caraça	153
Figura 51 – Planta baixa (abaixo de 4 m) com o arranjo das esculturas religiosas na nave da basílica de Diamantina.....	154
Figura 52 – Esculturas no altar-mor da basílica de Diamantina.....	155
Figura 53 – Imagem do Sagrado Coração de Jesus - basílica de Diamantina.....	155

Figura 54 – Esculturas nos altares laterais da ábside -basílica de Diamantina.....	156
Figura 55 – Esculturas de N. Sra. das Graças e São José - basílica de Diamantina	157
Figura 56 – Esculturas de São Vicente de Paulo e São João Batista -basílica de Diamantina	157
Figura 57 – Arranjo da estatuária da fachada principal - basílica de Botafogo.....	159
Figura 58 – Estatuária na parte central da torre - basílica de Botafogo.....	159
Figura 59 – Estatuária no torreão sudeste - basílica de Botafogo	160
Figura 60 – Estatuária no torreão nordeste - basílica de Botafogo.....	160
Figura 61 – Estatuária no pináculo sudeste - basílica de Botafogo	161
Figura 62 – Estatuária no pináculo nordeste - basílica de Botafogo	161
Figura 63 – Estatuária nas portadas laterais - basílica de Botafogo	162
Figura 64 – Estatuária nas laterais do portão principal (ao nível do chão) - Basílica de Botafogo	162
Figura 65 – Planta baixa com o arranjo das esculturas religiosas nas naves - basílica de Botafogo	163
Figura 66 – Vista geral da ábside do altar-mor – basílica de Botafogo.....	164
Figura 67 – Esculturas da ábside do altar-mor – Detalhes – basílica de Botafogo	165
Figura 68 – Vista geral da ábside da nave lateral esquerda – basílica de Botafogo.....	166
Figura 69 – Esculturas da ábside da nave lateral esquerda – Detalhes – basílica de Botafogo	166
Figura 70 – Altar da ábside da nave lateral esquerda, com a relíquia de Santa Filomena – basílica de Botafogo	167
Figura 71 – Vista geral da ábside da nave lateral direita – basílica de Botafogo.....	168
Figura 72 – Esculturas da ábside da nave lateral direita – Detalhes – basílica de Botafogo..	169
Figura 73 – Altar da ábside da nave lateral direita, com a relíquia de Santa Marta e Maria – basílica de Botafogo	169
Figura 74 – Vista geral das esculturas da nave lateral (lado do evangelho) – Conjunto – basílica de Botafogo	170
Figura 75 – Esculturas da nave lateral (lado do evangelho) – Detalhes – basílica de Botafogo	170
Figura 76 – Vista geral das esculturas da nave lateral (lado da epístola) – Conjunto – basílica de Botafogo.....	171
Figura 77 – Esculturas da nave lateral (lado da epístola) – Detalhes – basílica de Botafogo	171

Figura 78 – Flores de lis na mesa do altar-mor – igreja do Caraça	172
Figura 79 – Lista dos objetos comprados na França pelo Pe. Sípólis – basílica de Diamantina	173
Figura 80 – Teto do nártex com o nome do pintor francês - basílica de Botafogo	174
Figura 81 – Lista de alguns pintores do interior da igreja – basílica de Botafogo	179
Figura 82 – Detalhe do altar-mor – basílica de Botafogo.....	181
Figura 83 – Imagem de Pe. João Perboyre – Museu do Santuário do Caraça.....	190
Figura 84 – Detalhes ampliados do fundo dos vitrais – igreja do Caraça	192
Figura 85 – Coroa e escudo imperiais no vitral central da capela-mor – igreja do Caraça....	193
Figura 86 – Primeira Missa no Brasil – Pintura e vitral	194
Figura 87 – Efeito da luz solar na nave - basílica de Diamantina	215
Figura 88 – Altar-mor (1890 e 2023) - basílica de Botafogo	220
Figura 89 – Detalhes da pintura da nave - basílica de Botafogo	222
Figura 90 – Altar-mor - final do século XX e após última reforma - basílica de Botafogo...	222
Figura 91 – Detalhes da pintura atual – nave lateral e altar-mor - basílica de Botafogo	223
Figura 92 – Vista geral da nave central (1890 e 2023) - basílica de Botafogo	224

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Operários da construção da Igreja de N. Sra. Mãe dos Homens – Santuário do Caraça	74
Quadro 2 - Sobrenomes comuns entre alguns operários do Caraça	82
Quadro 3 - Operários da construção da Igreja da Imaculada Conceição – Rio de Janeiro	91
Quadro 4 - Características dos conjuntos vitrais das igrejas vicentinas do Sudeste.....	118
Quadro 5 - Representações imagéticas nas janelas ogivais das igrejas vicentinas do Sudeste	120
Quadro 6 - Estatuária externa da Basílica da Imaculada Conceição'	146
Quadro 7 - Esculturas religiosas internas das igrejas vicentinas do Sudeste.....	147
Quadro 8 - Pintores do interior da Igreja da Imaculada Conceição.....	174
Quadro 9 - Percepção ambiental dos dois sujeitos em relação às três igrejas estudadas	211

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Perfil dos operários, valores das diárias e rotatividade da mão de obra na construção da Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens – Santuário do Caraça	80
Tabela 2 – Índices de avaliação inflacionária no Brasil (1874-1896).....	98
Tabela 3 – Rotatividade da mão de obra na construção da Igreja da Imaculada Conceição – Rio de Janeiro	101
Tabela 4 – Características básicas das construções	103
Tabela 5 – Características básicas das construções, incluindo o Collégiale Saint-Antoine ...	110

SUMÁRIO

	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	17
1	FAMÍLIA VICENTINA: SERVIÇO AOS POBRES EM MISSÃO, EDUCAÇÃO E CONSTRUÇÃO.....	20
1.1	As vidas de São Vicente e Santa Luísa e a criação da Congregação da Missão e da Companhia das Filhas da Caridade	21
1.1.1	<u>Vida de São Vicente de Paulo e criação da Congregação da Missão.....</u>	<u>21</u>
1.1.2	<u>Vida de Santa Luísa de Marillac e criação da Companhia das Filhas da Caridade...31</u>	<u>31</u>
1.2	A Família Vicentina no Brasil	41
1.3	A devoção ao Sagrado Coração de Jesus e a Arquiconfraria da Guarda de Honra do Sagrado Coração de Jesus	43
1.4	Novas construções para uma instituição florescente.....	46
1.4.1	<u>O Colégio e Seminário Maior do Caraça</u>	<u>48</u>
1.4.2	<u>Seminário Menor e Maior de Diamantina.....</u>	<u>53</u>
1.4.3	<u>Colégio da Imaculada Conceição no Rio de Janeiro.....</u>	<u>60</u>
2	PROCESSO CONSTRUTIVO DE IGREJAS VICENTINAS NO SUDESTE BRASILEIRO DO SÉCULO XIX	67
2.1	Origens do financiamento.....	67
2.2	Os construtores	69
2.2.1	<u>O projetista</u>	<u>69</u>
2.2.2	<u>Os executores</u>	<u>70</u>
2.3	Características arquitetônicas e aspectos construtivos.....	101
2.3.1	<u>Similaridades e dessemelhanças entre as igrejas.....</u>	<u>105</u>
2.3.2	<u>Possíveis apropriações do exterior</u>	<u>108</u>
2.4	Elementos e materiais construtivos especiais.....	113
3	ANÁLISE DOS ELEMENTOS INTEGRADOS: VITRAIS, ESTATUÁRIA EXTERIOR, ESCULTURAS RELIGIOSAS, OBJETOS DE CULTO E SERVIÇOS DECORATIVOS ESPECIALIZADOS	115
3.1	Conjuntos vitrais	115
3.1.1	<u>Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens — Santuário do Caraça.....</u>	<u>121</u>
3.1.2	<u>Basílica do Sagrado Coração de Jesus — Diamantina.....</u>	<u>126</u>

3.1.3	<u>Basílica da Imaculada Conceição — Rio de Janeiro</u>	136
3.2	Estatuária externa e esculturas religiosas	145
3.2.1	<u>Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens — Santuário do Caraça</u>	149
3.2.2	<u>Basílica do Sagrado Coração de Jesus — Diamantina</u>	153
3.2.3	<u>Basílica da Imaculada Conceição — Rio de Janeiro</u>	158
3.3	Objetos de culto	172
3.3.1	<u>Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens — Santuário do Caraça</u>	172
3.3.2	<u>Basílica do Sagrado Coração de Jesus — Diamantina</u>	173
3.4	Serviços decorativos especializados	173
3.5	Comparação entre as igrejas quanto aos aspectos decorativos integrados	181
4	ASPECTOS HISTÓRICO-CULTURAIS, DO AMBIENTE CONSTRUÍDO E PROGRAMA ARTÍSTICO INTEGRADO	182
4.1	Análise histórico-cultural dos objetos e das imagens	182
4.1.1	<u>Valores da Sé católica em geral</u>	183
4.1.2	<u>Valores da Família Vicentina e questões religiosas do século XIX</u>	186
4.1.3	<u>Referências a instituições nacionais ou locais</u>	192
4.1.4	<u>Narrativas voltadas a públicos específicos</u>	195
4.2	Análise do ambiente construído	201
4.2.1	<u>Alguns aspectos teóricos</u>	201
4.2.2	<u>Experimento sobre o ambiente construído das três igrejas</u>	208
4.3	Programa artístico integrado das igrejas	217
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	227
	REFERÊNCIAS	231
	GLOSSÁRIO	243
	APÊNDICE A - Locais de atuação da C.M. e da Companhia das Filhas da Caridade no Brasil (século XIX)	254

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho busca aprofundar o conhecimento sobre a construção de três igrejas neogóticas pela Congregação da Missão e pela Companhia das Filhas da Caridade no final do século XIX no Sudeste brasileiro: a Igreja de N. Sra. Mãe dos Homens, no Santuário do Caraça, (Catas Altas, MG, construída entre 1876 e 1883), a Basílica do Sagrado Coração de Jesus, em Diamantina, MG, construída entre 1885 e 1889, e a Basílica da Imaculada Conceição, em Botafogo, no Rio de Janeiro, RJ, construída entre 1886 e 1892. As duas primeiras foram construídas pela Congregação da Missão e a última, pela Companhia das Filhas da Caridade, ordem religiosa feminina ligada à Congregação da Missão — por isso, faço referência, neste texto, às duas instituições em conjunto, como *Família Vicentina*.

Essas construções despertam interesse se pensarmos em alcançar uma melhor compreensão dos primórdios da arquitetura neogótica no Brasil, por serem algumas das primeiras construções católicas consagradas nesse padrão existentes no país. Além do período de construção muito próximo e das características construtivas neogóticas comuns às três igrejas, observam-se similaridades quanto aos elementos integrados principais, os vitrais, a estatuária exterior e as esculturas religiosas. Essas semelhanças convidam a que se realize uma análise um pouco mais ampla dentro do contexto brasileiro do final do século XIX e dos valores católicos e da ordem religiosa que as construiu.

Para o presente estudo, foram usados referenciais teóricos arquitetônicos mais amplos que os tradicionais. Zevi (2009), Tuan (1980) e Pallasmaa (2012) são alguns teóricos cujas abordagens de análise do espaço arquitetônico e da decoração são feitas a partir de todos os sentidos do espectador. Essa forma de percepção do espaço mobiliza sentimentos vinculados a aspectos culturais e emocionais, de forma que uma análise mais sistêmica de como o observador percebe esses espaços religiosos pode elucidar a sensação transcendente que se tem ao penetrar numa igreja e, em especial, em uma igreja gótica ou neogótica. No presente trabalho, incluiu-se a análise dos aspectos iconográficos das representações em vitrais, da estatuária e das esculturas, compondo uma avaliação mais ampla de tais espaços religiosos.

As informações utilizadas no desenvolvimento do trabalho foram obtidas a partir da Biblioteca do Caraça, do Seminário de Diamantina, da Biblioteca Antônio Torres (também em Diamantina), em cartas dos vicentinos para a sede da Congregação da Missão (C.M.) publicadas no site da congregação e nos registros episcopais referentes às paróquias das igrejas. Foram

utilizados, também, colunas de jornais, fotos da época e livros sobre o assunto, em especial os escritos pelos próprios padres vicentinos ou por Filhas da Caridade.

O capítulo 1 consiste em um histórico sobre a vida do fundador da Congregação da Missão, São Vicente de Paulo, e da fundadora da Companhia das Filhas da Caridade, Santa Luísa de Marillac. Nele, abordo a vinda da Congregação para o Brasil, sua expansão geográfica e suas atribuições assistenciais. Como as basílicas de Diamantina e do Rio de Janeiro foram consagradas ao Sagrado Coração de Jesus, detalho, ainda, a origem e o desenvolvimento de sua devoção. Trato, também, sobre a origem e o desenvolvimento da Arquiconfraria da Guarda de Honra do Sagrado Coração de Jesus, dada a sua grande importância na basílica de Diamantina. Por fim, detalho um pouco mais os motivos para a construção de cada uma das três igrejas, dentro dos seus contextos locais e temporais.

No capítulo 2, apresento uma compilação das informações levantadas sobre as três igrejas, informando suas dimensões e outras características construtivas gerais. Considerando que o arquiteto das três construções é o mesmo, Pe. Julio José Clavelin¹, verifico as similaridades e diferenças entre elas. Uma parte do capítulo é dedicada à compilação sobre o mestre de obras e sobre os operários que participaram da construção da igreja do Caraça, documento encontrado na Biblioteca do Caraça, bem como do encarregado, dos operários e dos pintores que integraram a fase final de construção da basílica carioca — o que foi possível graças a um documento localizado no Colégio da Imaculada Conceição. Essas informações podem, por fim, ajudar a esclarecer dúvidas existentes sobre o tema e funcionar como ponto de partida para futuras pesquisas.

No capítulo 3, concluindo a caracterização das igrejas a partir de uma proposta de trabalho anterior (Vermeersch, 2017), busco um entendimento para além dos aspectos meramente construtivos, considerando obras em vitrais, esculturas, alguns objetos de culto e serviços decorativos especializados existentes nessas construções. Concentro esse esforço de análise, sobretudo, nas obras de arte importadas, quase exclusivamente da França, numerosas nesses templos. A execução dos conjuntos vitrais das três igrejas, contratada de grandes vitralistas franceses do final do século XIX, é submetida a uma análise iconográfica. Em seguida, examino brevemente a estatuária exterior e as esculturas interiores, que dialogam com e complementam as representações vitrais. Alguns objetos de culto e peças do ritual litúrgico

¹ O seu prenome original era Joseph Julles, segundo seu registro de nascimento, datado de 7 abr. de 1834, encontrado na documentação do Departamento do Jura (cópia do documento original fornecida pelo sr. Roger Martine).

são comentados, em especial os do altar-mor da igreja do Caraça e os documentos sobre as peças importadas da França, encontrados nos arquivos do seminário de Diamantina. Por fim, a partir de informações de fonte primária do Colégio da Imaculada Conceição, é feita uma compilação dos pintores que realizaram a primeira pintura do interior da basílica do Rio de Janeiro, sob a coordenação de um pintor francês contratado para a tarefa, mas cujo trabalho envolveu dezenas de operários.

No Capítulo 4, utilizo o material iconográfico — levantado nas obras descritas no capítulo anterior — como auxiliar no processo de análise das obras decorativas, baseada principalmente em dados históricos e em referenciais da história cultural. As representações imagéticas são analisadas em quatro eixos semânticos identificados como relevantes: valores da Sé católica em geral; valores da Família Vicentina e questões religiosas do século XIX; referências a instituições nacionais ou locais; e narrativas voltadas para públicos específicos. Ainda neste capítulo, realizo um pequeno experimento de análise do ambiente construído nas três igrejas a partir da percepção de dois sujeitos, que acentua mais as diferenças do que as similaridades entre as construções. Essas diferenças são, então, analisadas a partir dos aspectos específicos de cada construção.

1 FAMÍLIA VICENTINA: SERVIÇO AOS POBRES EM MISSÃO, EDUCAÇÃO E CONSTRUÇÃO

A história das construções vicentinas no Brasil está fortemente relacionada à missão da Congregação da Missão e da Companhia das Filhas da Caridade ao longo de seus quatro séculos de existência em quase todas as partes do mundo. Para entender a gênese desse processo, é importante, primeiramente, conhecer um pouco sobre a vida de São Vicente de Paulo e Santa Luísa de Marillac, a fim de clarificar os objetivos centrais das instituições por eles criadas: a Congregação da Missão e a Companhia das Filhas de Caridade, respectivamente. As profundas crenças e fé católicas desses dois pioneiros vêm sendo mantidas e ampliadas, até os dias atuais, graças ao trabalho dessas instituições religiosas em várias partes do mundo. Em um segundo momento, iremos estudar a forma como essas instituições chegaram ao Brasil e como se instalaram em diversas cidades do Norte ao Sul do Brasil. Neste trabalho, os aspectos históricos de tais implantações no Brasil serão restringidos ao período da construção das três igrejas que são o objeto deste estudo.

Examina-se, ainda, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus e a criação da Arquiconfraria da Guarda de Honra do Sagrado Coração de Jesus. Embora esse não seja um tema especificamente vicentino, é relevante para a Igreja Católica como um todo, em especial ao longo do século XIX, impactando, também, os vicentinos e as Filhas da Caridade. Talvez por essa importância, as basílicas de Diamantina e do Rio de Janeiro tenham sido consagradas ao Sagrado Coração — no caso do Rio de Janeiro, por motivos alheios à ideia original, seria posteriormente convertida em Basílica da Imaculada Conceição. Essa mudança será comentada mais adiante, neste trabalho.

Por fim, traz-se um pouco da história da construção das três igrejas que são objeto deste estudo, incluindo as principais motivações para sua construção, alguns desdobramentos e as principais instituições e pessoas que influenciaram esses processos.

1.1 As vidas de São Vicente e Santa Luísa e a criação da Congregação da Missão e da Companhia das Filhas da Caridade

1.1.1 Vida de São Vicente de Paulo e criação da Congregação da Missão

O texto de Teixeira (2010) fornece uma detalhada visão da trajetória de vida de São Vicente de Paulo, que nasceu em 24 de abril de 1581 na localidade de Pouy, sul da França. Hoje, segundo Teixeira (2010, p. 30), com base em pesquisas mais recentes, seu nascimento é situado em 1580. Era o terceiro dos seis filhos de um casal de camponeses. Seu pai, João de Paulo, percebendo a facilidade de Vicente nos estudos e pensando em uma carreira rentável para o filho, usou seus poucos recursos para colocar o menino em um colégio dirigido pelos franciscanos, em Dax. Enquanto se dedicava aos estudos, Vicente foi incorporando a ambição paterna de uma ascensão econômica e social. Um advogado conhecido da família, o senhor De Comet, convidou-o para morar em sua casa, onde exerceria a função de preceptor de seus dois filhos. Com o dinheiro recebido, Vicente custeou sua formação, liberando os pais desse encargo. Naquele momento, o jovem estava centrado em suas ambições e nos interesses da família, motivo pelo qual buscava construir uma carreira eclesiástica, o que o atraía.

Por não desejar ser um padre medíocre, permaneceu no caminho da busca do saber². Continuou sua formação a partir dos recursos oriundos de seu trabalho, frequentou a Universidade de Toulouse e abriu um pensionato para universitários na cidade próxima de Buzet. Orientava os jovens nos estudos, o que o permitia conseguir os recursos para sua sobrevivência. Recebeu a ordenação presbiteral em 23 de setembro de 1600 e, no ano seguinte, foi nomeado pároco de Tilh, local relativamente próximo à sua cidade natal. No entanto, Vicente nunca tomaria posse nessa paróquia, porque o Concílio de Trento (1545-1563) exigia que os párocos residissem em suas sedes — e ele, a essa altura, ainda estudava em Toulouse. Além disso, a Cúria Romana havia nomeado outro pároco para Tilh³.

² TEIXEIRA, V. A. R. C.M. **Impelidos pela caridade, peregrinos na missão**: perfis biográfico-espirituais de São Vicente de Paulo, Santa Luísa de Marillac e padre Antônio Portail. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2010. p. 31.

³ *Ibid.*, p. 32.

Em 1604, concluiu os estudos e recebeu a láurea de Bacharel em Teologia, ampliando ainda mais as possibilidades de conseguir ascensão econômica. Nessa época, Vicente fez duas viagens a Roma em busca de benesses, em 1600 e 1607, mas nada conseguiu. Até então, seus horizontes ainda eram bastante estreitos, quando começou a ter consciência de que o caminho da perfeição evangélica se contrapõe ao da competição e ao das carreiras⁴.

Ainda segundo Teixeira (2010, p. 34-35), em 1608, Vicente estava em Paris, desiludido com suas idas e vindas infrutíferas. Em 1609, foi acusado injusta e publicamente de roubo por um conterrâneo com quem dividia uma casa na periferia da cidade, fato que repercutiu em sua reputação e círculo de amizades; tempos depois, a situação foi esclarecida, obtendo o difamador o perdão de Pe. Vicente. Essa experiência, porém, o marcaria profundamente, fazendo com que ele se sentisse um pobre abandonado e incompreendido, que só podia contar com Deus. Embora ainda buscasse ascensão socioeconômica, nesse momento, Vicente estava abalado pelas recentes e difíceis experiências por que passara.

Em 1610, pela influência de um amigo, Vicente se tornou um dos capelães da Rainha Margarida de Valois, encarregado da distribuição de esmolas aos pobres que vinham ao palácio. Assumiu, ainda, a assistência do Hospital da Caridade, dirigido pelos irmãos de São João de Deus. Nessa época, começou a conhecer de perto os miseráveis, o que motivaria o início de seu amadurecimento humano e espiritual⁵.

Sob a orientação de padre Pierre de Bérulle, o primeiro de seus mestres espirituais, entrou em contato com a *Devotio Moderna*, uma das principais correntes da espiritualidade na França, que pregava os ideais apostólicos do cristianismo primitivo, como a abnegação dos pecados mundanos, a libertação dos bens materiais e a busca pela vida espiritual. Seu segundo diretor espiritual seria o padre André Duval. Foi com a ajuda desses dois mestres que Vicente caminhou no seu processo espiritual e foi reformulando toda a sua vida⁶.

Entre 1611 e 1616, Vicente atravessou uma profunda crise espiritual. Ele conheceu um teólogo, que fazia parte da comitiva de capelães e que estava em grande inquietação devido a uma tentação contra a fé. Logo depois, o homem ficou gravemente enfermo, e Vicente o acompanhou para mitigar seu sofrimento. Depois de algum tempo, o teólogo viu suas dúvidas

⁴ TEIXEIRA, V. A. R. C.M. **Impelidos pela caridade, peregrinos na missão**: perfis biográfico-espirituais de São Vicente de Paulo, Santa Luísa de Marillac e padre Antônio Portail. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2010. p. 32-33.

⁵ *Ibid.*, p. 35-36.

⁶ *Ibid.*, p. 36-37.

se dissiparem e pôde, então, morrer em paz. Despertado pelo convívio com esse homem, Vicente passou a experimentar um grave conflito existencial, que durou cerca de três a quatro anos. Nesse período, estando ocioso, ansioso e envolvido com suas ilusões, viu os seus esforços espirituais anteriores desmoronarem, o que o levou a intensificar sua vida de oração e aprofundar sua fé. Também entrou para o serviço caritativo, visitando e consolando os enfermos no hospital. Esse período de tentação teve fim quando Vicente tomou a resolução de consagrar sua vida a Deus para o serviço dos pobres, ainda que, a essa altura, sua vocação ainda não estivesse voltada para uma atividade específica⁷.

Em 1612, por influência do padre Bérulle, foi nomeado pároco da aldeia de Clichy, local cuja população era composta principalmente por camponeses pobres. Ali, ele pôde começar a exercitar o serviço aos pobres: restaurou a igreja, pregava com entusiasmo, visitava os enfermos, consolava os aflitos, socorria os pobres. Reuniu, também, um grupo de dez ou doze jovens que aspiravam ao sacerdócio, inclusive Antônio Portail, que, a partir de então, passaria a acompanhá-lo por toda a vida em sua missão junto aos pobres. O trabalho de Vicente se espalhou pelas paróquias próximas, e ele se tornou cada vez mais estimado⁸.

No final de 1613, o padre Bérulle o convidou para trabalhar no palácio da família Gondi, uma das mais ilustres da França. Com pesar, ele se despediu de Clichy — e foi a partir desse momento que começou a se delinear seu perfil espiritual e missionário, reunindo a intimidade com Deus e a dedicação aos mais pobres. Vicente assumiu o papel de preceptor dos dois filhos do casal Gondi e, como capelão, também acompanhava a família em seus deslocamentos às aldeias e povoados de seu vasto território. Nessas viagens, começou a exercitar a dedicação aos mais desvalidos, visitando pobres e enfermos, catequizando, pacificando conflitos e trazendo esperança. Assim, por ter conquistado a confiança da família, Margarida de Silly, a senhora Gondi, recebeu-o como seu diretor espiritual. Vicente, então, a orientava sobre obras de caridade, ajudando-a a se aproximar de Deus⁹.

Em 1617, ainda como preceptor dos filhos do casal e capelão da família Gondi, o padre Vicente foi atender a um moribundo que havia solicitado a presença de um padre. A confissão de toda a vida trouxe profundas alegria e paz ao homem, fato que impactou fortemente Vicente.

⁷ TEIXEIRA, V. A. R. C.M. **Impelidos pela caridade, peregrinos na missão**: perfis biográfico-espirituais de São Vicente de Paulo, Santa Luísa de Marillac e padre Antônio Portail. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2010. p. 37-38.

⁸ *Ibid.*, p. 38.

⁹ *Ibid.*, p. 38-39.

Na missa do dia 25 de janeiro, dia da conversão de São Paulo, Vicente pregava na igreja de Folleville, exortando à confissão e tocando o coração da comunidade. Na época, a confissão era uma ocasião privilegiada de evangelização, um compromisso mais firme por parte do fiel do que assistir à missa, que podia ser apenas um ato social. Após a missa, muitos fiéis o procuraram para a confissão, o que levou Vicente a assumir a assistência espiritual daquela comunidade. A existência de um povo espiritualmente abandonado pela Igreja somada à precariedade moral e pastoral do clero fizeram Vicente pensar em uma forma diferente de atuação da Igreja de seu tempo¹⁰.

A partir desse contexto de vida, começou a amadurecer a ideia da Congregação da Missão:

Da semente lançada pelo Espírito no terreno fértil do coração de Vicente, nascerá um promissor rebento: a Congregação da Missão, com a finalidade de evangelizar os pobres dos campos, os mais abandonados da época, sobretudo em períodos de guerra (Teixeira, 2010, p. 41).

Para se aproximar do mundo dos pobres, com o apoio do padre Bérulle, Vicente decidiu deixar a casa dos Gondi e ir para a paróquia de Châtillon-les-Dombes. Lá, conheceu uma família em que todos estavam doentes e sem ter o que comer. Vicente, então, expôs essa situação durante uma pregação, convidando a comunidade a ajudar a desventurada família. E o fez com tanto sentimento que tocou o coração dos fiéis, que acorreram à referida família com víveres. Vendo a generosidade das pessoas, Vicente intuiu a necessidade de uma caridade organizada e duradoura. Foi assim que reuniu algumas mulheres da localidade e constituiu a primeira Caridade, cujo regulamento foi aprovado em 8 de dezembro de 1617. As Caridades se difundiram rapidamente nas terras dos Gondi, por onde Vicente passava¹¹.

Com o tempo, Vicente percebeu que, para que a caridade consolidasse os frutos da missão, não bastava fundar as confrarias; era preciso, também, manter seu dinamismo. Para isso, animou as senhoras a assumirem formas criativas e eficazes de intervenção na realidade, atendendo às necessidades concretas dos pobres. Ele havia percebido que a evangelização não seria eficaz se as demandas materiais dos necessitados não fossem atendidas:

¹⁰ TEIXEIRA, V. A. R. C.M. **Impelidos pela caridade, peregrinos na missão**: perfis biográfico-espirituais de São Vicente de Paulo, Santa Luísa de Marillac e padre Antônio Portail. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2010. p. 40-41.

¹¹ *Ibid.*, p. 42.

Em Folleville e Châtillon, Vicente descobre que não pode haver efetiva evangelização dos pobres se não houver empenho na satisfação de suas necessidades e na superação da sua situação de abandono e miséria. Assim, a caridade deveria concretizar o conteúdo da missão e o serviço deveria tornar visível e palpável a Boa Notícia anunciada aos pobres. Além disso, padre Vicente descobre o lugar central dos leigos, especialmente das mulheres, na evangelização e na promoção humana (Teixeira, 2010, p. 43).

Em dezembro de 1617, com os insistentes pedidos da Senhora Gondi, Vicente voltou a servir à família, prometendo que lá permaneceria até a morte da senhora, desde que pudesse ter mais liberdade para desenvolver o seu projeto. Entre 1618 e 1625, fez missões em mais de trinta localidades das terras dos Gondi e estabeleceu as Confrarias da Caridade para dar continuidade ao trabalho de promoção humana. A Senhora Gondi o acompanhava, incentivando sua ação missionária, visitando pobres e enfermos e pacificando discórdias. Assim, Vicente se tornou conhecido nas várias diócesis que estavam nas terras dos Gondi¹².

Uma frente adicional para o trabalho missionário de Vicente surgiu com as Galeras. Felipe Emanuel de Gondi, o Senhor de Gondi, era também General das Galeras do reino, grandes embarcações para a defesa do território francês e para o domínio de outros territórios, um poderoso instrumento de guerra na França do século XVII. O trabalho forçado nesses navios era uma das duas penas para graves delitos (a outra era a morte). Vicente começou, então, a visitar esses condenados, que eram tratados de forma desumana, intervindo junto ao General das Galeras para aliviar a dor dos que encontrava nas celas e enfermarias de Paris e Marselha. A partir dessa visão mais humanizada, o Senhor de Gondi institucionalizou e ampliou a atuação de Vicente, tornando-o Capelão Geral das galeras, cargo que criou em 1619¹³.

Assim, o caminho de Vicente foi sendo construído entre encontros e desencontros. Um dos encontros mais importantes ocorreu entre 1618 e 1619, quando ele conheceu Francisco de Sales, bispo de Genebra, de quem se tornou próximo e com quem tinha grande afinidade espiritual. Francisco lhe confiou a orientação de um mosteiro da Ordem das Filhas de Santa

¹² TEIXEIRA, V. A. R. C.M. **Impelidos pela caridade, peregrinos na missão**: perfis biográfico-espirituais de São Vicente de Paulo, Santa Luísa de Marillac e padre Antônio Portail. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2010. p. 44-45.

¹³ *Ibid.*, p. 45-47.

Maria (Visitandinas), que acabara de fundar. Vicente permaneceria nesse cargo até sua morte, vinculando-se à cofundadora Santa Joana Francisca de Chantal¹⁴.

Em 1621, inspirado na mansidão de Sales, realizou exercícios espirituais em Soissons por meio de um método proposto por Santo Inácio de Loyola, pedindo ao Senhor que suavizasse seu caráter para chegar a uma nova maneira de agir e se relacionar com os outros. Vicente, cuja vida foi marcada por essa busca da superação das próprias limitações, com o passar do tempo, tornou-se afável e um modelo de serenidade¹⁵. Nas palavras de Teixeira (2010, p. 49): “Com efeito, a mansidão será uma das cinco virtudes que Vicente apresentará como traços essenciais da fisionomia da Congregação da Missão.”

Ainda inspirado em Francisco de Sales, Vicente reconheceu a santidade como dom e compromisso de todos os cristãos. Baseado na doutrina salesiana, buscou leigos dispostos a assumir as ações de caridade e começou a considerar reunir padres para a evangelização dos pobres¹⁶. A essa altura, estava amadurecida a ideia da Congregação, que viria a se tornar realidade em poucos anos. Nas próprias palavras de São Vicente, o projeto de vida da Congregação da Missão seria:

Tornar Deus conhecido dos pobres, anunciar-lhes Jesus Cristo, dizer-lhes que está próximo do Reino dos Céus e que ele é para os pobres. Oh! Como isso é sublime! (...) No princípio, a Companhia só cuidava de si mesma e dos pobres. (...) Mas, na plenitude dos tempos, Deus chamou-nos a contribuir para a formação de bons padres, para dar bons pastores às paróquias e mostrar-lhes o que devem saber e praticar. Oh! Como é sublime esse emprego! (SV XII, 82-86 *apud* Santos, 2020, p. 71).

Em 1620, Vicente pediu à Senhora de Gondi para se encarregar de três hereges que viviam em suas terras. O mais crítico deles questionava a afirmação de Vicente de que a Igreja de Roma era dirigida pelo Espírito Santo, já que o clero estava cheio de pessoas ignorantes e cheias de vícios. Vendo a dedicação e a humildade de Vicente, depois de um ano, esse homem voltou à fé católica. Mais tarde, falando a seus missionários, Vicente comentou: “Que felicidade poder demonstrar que o Espírito Santo guia a sua Igreja, através do nosso trabalho para a

¹⁴ TEIXEIRA, V. A. R. C.M. **Impelidos pela caridade, peregrinos na missão**: perfis biográfico-espirituais de São Vicente de Paulo, Santa Luísa de Marillac e padre Antônio Portail. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2010. p. 47-48.

¹⁵ *Ibid.*, p. 48.

¹⁶ *Ibid.*, p. 49.

instrução e santificação dos pobres” (SV XI, 37 *apud* Teixeira, 2010, p. 50-51). Para ele, o serviço aos pobres era um sinal de que o Espírito Santo guiava a Igreja; assim, afastar-se dos pobres seria se fechar à ação transformadora do Espírito¹⁷.

Em 1625, nasceu oficialmente a Congregação da Missão, e padre Vicente já havia percebido que seria preciso reunir padres para empreender a tarefa missionária que movia sua vida, a ajuda aos mais necessitados. Para tanto, teve o apoio de Margarida de Silly, a senhora de Gondi, que ajudou a formar uma comunidade de padres para ampliar a atividade apostólica de Vicente junto aos pobres dos campos. Também contou com padre André Duval, que o orientou com prudência sobre como realizar essa difícil empreitada.

No dia 17 de abril de 1625, Vicente assinou com a família Gondi o contrato de fundação da Congregação da Missão, que assumiu a tarefa de manter financeiramente o trabalho de padre Vicente e dos padres que viessem a se juntar ao trabalho de evangelização dos pobres. No texto, fica bastante clara a missão central da Congregação: “Eles se dedicarão inteira e exclusivamente à salvação do pobre povo, indo, às expensas de sua bolsa comum, de aldeia em aldeia, para pregar, instruir, exortar e catequizar a todos, levando-os a fazer uma boa confissão geral de toda a vida passada” (SV XIII, 197 *apud* Teixeira, 2010, p. 52).

Em 23 de junho de 1625, dois meses após a assinatura do contrato, a senhora de Gondi faleceu e terminou a missão de Vicente junto àquela família. Nesse momento, transferiu-se, com sua Comunidade recém-criada, para o Colégio de Bons-Enfants, a convite de João Francisco de Gondi, arcebispo de Paris e irmão do senhor de Gondi. Em 24 de abril de 1626, a Congregação da Missão recebeu a aprovação do arcebispo, e, em 4 de setembro do mesmo ano, Vicente de Paulo, Antônio Portail, Francisco Du Coudray e Jean de la Salle assinaram a Ata de Associação. Por fim, em 12 de janeiro de 1633, a Congregação alcançou a aprovação pontifícia por meio da bula *Salvatoris Nostris*, do Papa Urbano VIII¹⁸.

É importante ressaltar que a Congregação da Missão é um tipo específico de instituição religiosa:

No caso específico da Congregação da Missão, um breve do Papa Alexandre VII de 1655 estabeleceu não se tratar de uma ordem religiosa, mas de uma congregação de

¹⁷ TEIXEIRA, V. A. R. C.M. **Impelidos pela caridade, peregrinos na missão**: perfis biográfico-espirituais de São Vicente de Paulo, Santa Luísa de Marillac e padre Antônio Portail. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2010. p. 49-51.

¹⁸ *Ibid.*, p. 53.

padres seculares, os quais se distinguiam do clero secular comum por estarem isentos da “submissão aos ordinários [bispos] do lugar em todas as coisas”. Por ser uma congregação com regimentos específicos e hierarquias próprias, seus membros deveriam reportar-se aos seus superiores quando estivessem nos seus seminários ou casas congregacionais, prestando obediência aos bispos apenas durante as missões ou em caso de administração de seminários diocesanos (Santirocchi e Santirocchi, 2020, p. 5-6).

Ainda entre 1625 e 1626, padre Vicente foi indicado como diretor espiritual de Luísa de Marillac, uma jovem viúva, encontro que resultaria na criação da Companhia das Filhas da Caridade¹⁹, que marcou a vida de ambos e será tratada em mais detalhes no item 1.1.2.

Padre Vicente já estava consciente de que, para ajudar os pobres, sua finalidade principal, deveria formar bons padres. Em suas próprias palavras:

Pois bem, trabalhar pela salvação do pobre povo do campo: este é o fim principal de nossa vocação, e todo o resto não é mais do que acessório, pois jamais teríamos trabalhado com os ordinandos, nos seminários dos eclesiásticos, se não tivéssemos julgado que era necessário para sustentar o povo e conservar o fruto que dão as missões quando há bons eclesiásticos (SV, XI, 133 *apud* Teixeira, 2010, p.57).

Já em 1628, o bispo de Beauvais falou com Vicente sobre a necessidade de preparar os que se apresentavam para a missão. Em 1631, o arcebispo de Paris confiou a padre Vicente a preparação dos candidatos à ordem, momento em que ele criou os *Exercícios* para os ordinandos, que duravam onze dias. Em 1633, surgiram as Conferências das Terças-feiras, que se destinavam a aprofundar a formação recebida dos *Exercícios*²⁰.

Por volta de 1630, o priorado de São Lázaro foi doado aos missionários por uma comunidade de cônegos em vias de extinção, tornando-se o local onde os padres se reuniam para rezar, partilhar convicções e ouvir as instruções de Vicente. Os participantes das Conferências tinham que assumir algum serviço a favor dos pobres, como assistência espiritual (em hospitais ou no cárcere) e missões nas cidades, enquanto os padres se ocupavam das missões nos campos. Embora apoiasse a criação de seminários, Vicente achava que o ingresso de seminaristas deveria ocorrer quando tivessem entre 20 e 25 anos, bem mais tarde do que as

¹⁹ TEIXEIRA, V. A. R. C.M. **Impelidos pela caridade, peregrinos na missão**: perfis biográfico-espirituais de São Vicente de Paulo, Santa Luísa de Marillac e padre Antônio Portail. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2010. p. 54.

²⁰ *Ibid.*, p. 58.

idades recomendadas pelo Concílio de Trento. Esse esforço dos vicentinos contribuiu para a formação presbiteral na França do século XVII²¹.

Vicente foi muito atento às necessidades do povo em sua época. Em 1638, por exemplo, a mortalidade infantil ultrapassava 50%; ele, então, orientou as Filhas da Caridade a assumir a obra das crianças abandonadas, em parceria com as confrarias e com o apoio dos missionários²². Nessa mesma época, chega a Vicente a notícia da devastação causada pela guerra e pelas epidemias em outras províncias da França. Diante disso, a Congregação e a Companhia enviam missionários e Irmãs para ajudar os desvalidos, dando início à expansão desses serviços pela França. Em paralelo, Vicente buscou o apoio de instituições e de particulares, insistindo na necessidade de unir a assistência espiritual à corporal, dado a que fosse mais necessária em cada momento.

Sua atividade atingiu caráter nacional: Vicente esteve, inclusive, na cabeceira de morte de Luís XIII, em 14 de maio de 1643. Depois dessa data, a rainha Ana d'Áustria formou o Conselho de Consciência, em cujo quadro Vicente foi incluído, o que expandiu ainda mais a dimensão e o ritmo de suas ações. Ele atraiu afetos e hostilidades, porque não se afastou de seu propósito inicial e não aceitou convivência com a corrupção. Na guerra civil da Fronda (1648-1653)²³, Vicente foi oficialmente comissionado pelas autoridades para a assistência às vítimas. De 1643 a 1653, continuou seu trabalho, conciliando determinação e firmeza com sensibilidade e ternura, distribuindo benefícios, superando conflitos e denunciando intrigas políticas. O seu projeto missionário estava delineado: atender aos pobres e, por eles, formar o clero²⁴.

A partir de 1645, Vicente começou a enviar seus missionários para fora da França: de 1645 a 1651, eles foram para o norte da África, Madagascar, Irlanda, Escócia e Polônia. Muitos

²¹ TEIXEIRA, V. A. R. C.M. **Impelidos pela caridade, peregrinos na missão**: perfis biográfico-espirituais de São Vicente de Paulo, Santa Luísa de Marillac e padre Antônio Portail. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2010. p. 59-60.

²² *Ibid.*, p. 61.

²³ Guerra civil ocorrida na França entre 1648 e 1653, quando o país se encontrava arrasado após a Guerra dos Trinta Anos e durante a qual o Cardeal Mazarino determinou novos impostos, o que revoltou os parlamentares, a corte, a aristocracia e os comandantes do exército. Em 13 de maio de 1648, o parlamento se recusa a pagar os impostos. *In*: Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/guerras/guerra-fronda.htm>. Acesso em: 17 fev. 2024.

²⁴ TEIXEIRA, V. A. R. C.M. **Impelidos pela caridade, peregrinos na missão**: perfis biográfico-espirituais de São Vicente de Paulo, Santa Luísa de Marillac e padre Antônio Portail. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2010. p. 61-62.

morreram nessas viagens ou no local de destino, mas Vicente entendia o martírio como algo em conformidade com a vida e missão de Jesus. Nas suas palavras:

Praza a Deus, meus padres e Irmãos, que todos aqueles que vierem a pertencer à Companhia, venham com o pensamento do martírio, com o desejo de sofrer o martírio e de consagrar-se inteiramente ao serviço de Deus, seja nos países longínquos, seja por aqui ou em qualquer lugar onde agrade a Deus servir-se da pobre pequena Companhia! (SV XI, 371 *apud* Teixeira, 2010 p. 63).

Em 27 de setembro de 1660, São Vicente faleceu sentado em sua cadeira perto da lareira²⁵. A obra de toda uma vida estava concluída para o seu grande fundador, mas permanece até os dias atuais, por meio da instituição que ele construiu. Alguns trechos das muitas cartas de São Vicente aos seus padres e Filhas da Caridade deixam clara a questão central de sua missão (*apud* Teixeira, 2010, p. 73):

Virai a medalha e vereis, à luz da fé, que o Filho de Deus, que quis ser pobre, nos é representado por estes pobres. (SV XI, 32).
 (...) são nossos irmãos, a quem Deus nos manda assistir (SV VII, 98).
 (...) o serviço dos pobres deve ser preferido entre todos os outros (SV IX, 208).
 (...) servindo aos pobres, serve-se a Jesus Cristo. Ó minhas filhas, como isso é verdade! Vós servis a Jesus Cristo na pessoa dos pobres. E isso é tão verdadeiro, como o fato de estarmos aqui. Uma Irmã irá, dez vezes por dia, ver os doentes e, dez vezes por dia, encontrará Deus neles (...) (SV XI, 251).

Por se relacionar aos temas tratados mais à frente, neste trabalho, a síntese acurada de Camello (1986 *apud* Conceição, 2022, p. 120) é adequada para finalizar a história de vida de São Vicente de Paulo e resumir a criação da Congregação da Missão:

São Vicente de Paulo, que fundara a Congregação da Missão com a tarefa inicial de evangelizar os meios rurais, muito cedo acrescentou-lhe mais, a de formar, em seminários menores e maiores, os futuros párocos que dessem continuidade ao trabalho começado pelos missionários (Camello, 1986 *apud* Conceição, 2022, p. 120).

²⁵ TEIXEIRA, V. A. R. C.M. **Impelidos pela caridade, peregrinos na missão**: perfis biográfico-espirituais de São Vicente de Paulo, Santa Luísa de Marillac e padre Antônio Portail. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2010. p. 64.

1.1.2 Vida de Santa Luísa de Marillac e criação da Companhia das Filhas da Caridade

Teixeira (2010) apresenta, também, uma visão detalhada da vida de Luísa de Marillac, a qual se tornou uma figura fundamental para a construção da Família Vicentina. Nascida em 12 de agosto de 1591, em Paris, não conheceu sua mãe; seu pai, possivelmente adotivo, morreu quando ela tinha 13 anos. Desde o primeiro ano de vida, foi levada para um convento em Poissy, das irmãs dominicanas, em que eram internadas meninas da nobreza. Lá, recebeu formação religiosa e cultural: aprendeu a ler, escrever, latim e grego, literatura, música e artes, em especial pintura. Uma das religiosas era a tia de seu pai, de grande erudição, que lhe dava suporte²⁶.

Depois da morte do pai, Luísa foi confiada à tutela de um tio, Miguel de Marillac, que foi ministro da Justiça da rainha Maria de Médicis; esse tio, porém, era bastante ausente no suporte à sobrinha. Algum tempo depois, ela teve que abandonar o convento, por não dispor de recursos, e foi morar em um pensionato em Paris, adquirindo habilidades domésticas, como cozinhar e costurar. Sentiu-se atraída pela vida conventual quando conheceu as irmãs capuchinhas, mas tanto o provincial dos frades capuchinhos quanto seu tio se recusaram a atender a sua vontade. Luísa foi, então, para a casa da irmã de seu tio, Valência de Marillac, casada com o conselheiro e intendente das finanças do Reino, ficando encarregada de cuidar dos sete primos. Logo foi organizado seu casamento com Antônio Le Gras, um dos secretários da rainha Maria de Médicis²⁷.

Luísa casou-se em 4 de fevereiro de 1613, constituiu seu lar e começou a participar da vida social parisiense, convivendo com as esposas de outros funcionários da corte. Continuou se dedicando ao lado espiritual, por meio da leitura das obras do capuchinho Bento de Canfield (autor da *Regra de Perfeição*), de frei Luís de Granada, de São Francisco de Sales e de Pierre de Bérulle, além de circular por outras escolas de espiritualidade cristã, como a *Devotio Moderna*. Com Jean-Pierre de Camus, bispo de Belley e diretor espiritual de Francisco de Sales, obteve a permissão para que ela e seu esposo pudessem ler a Bíblia numa tradução em francês²⁸.

²⁶ TEIXEIRA, V. A. R. C.M. **Impelidos pela caridade, peregrinos na missão:** perfis biográfico-espirituais de São Vicente de Paulo, Santa Luísa de Marillac e padre Antônio Portail. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2010. p. 82-83.

²⁷ *Ibid.*, p. 83-85.

²⁸ *Ibid.*, p. 85-86.

Em novembro de 1613, nasceu seu único filho, Miguel Antônio, de constituição franzina e que inspirava cuidados especiais; diante disso, Luísa se desdobrou em atenções com a criança. Após sete anos de casamento, seu marido enfrentou uma crise financeira e adoeceu gravemente, o que teve repercussões emocionais, tornando-se irritadiço e melancólico. Luísa interpretou essa doença como resultado do não cumprimento de sua promessa de se tornar religiosa, ao que seu diretor espiritual tentou acalmá-la, dizendo que deveria manter a serenidade e aguardar²⁹.

No dia 4 de junho de 1623, na missa de Pentecostes, foi advertida de que deveria continuar com o marido e que, mais tarde, seguiria o caminho espiritual em uma pequena comunidade, o que confortou seu espírito. Em 27 de agosto de 1623, Luísa fez o voto de permanecer viúva caso o marido viesse a falecer, fato que se deu em 21 de dezembro de 1625 — Luísa esteve ao lado dele até o último minuto. Bem mais tarde, em seu testamento, ela descreveu o companheiro a quem tanto aprendera a amar³⁰.

No momento de sua viuvez, seu filho estava com 12 anos, e ela, então, dedicou-se a educá-lo. Luísa encontrou dificuldades para criá-lo, pois o adolescente tinha uma personalidade complexa, instável e acomodada para o trabalho, embora demonstrasse pendor para os estudos. Como a mãe queria que fosse padre, estudou num colégio jesuíta e, a partir de 1626, em um seminário. Recebeu as Ordens Menores em 1643, quando decidiu abandonar o estado eclesiástico³¹.

Entre 1645 e 1649, o filho de Luísa teve uma conduta frívola, não a visitava por longos períodos e viveu aventuras passionais, que a entristeciam. Em 18 de janeiro de 1650, Miguel casou-se, e, no início do ano seguinte, nasceu a única neta de Luísa, chamada Luísa Renata. A partir deste momento, Miguel se reaproximou da mãe até sua morte; mais tarde, escreveria sobre o grande amor que sua mãe lhe devotou e sobre o testemunho de retidão e bondade que ela lhe inspirou ao longo da vida³².

No final de 1625, Luísa escreveu ao padre Hilarion Rebours, parente e amigo: “Não é muito razoável que eu seja toda de Deus, depois de estar tanto tempo no mundo? Digo-vos,

²⁹ TEIXEIRA, V. A. R. C.M. **Impelidos pela caridade, peregrinos na missão**: perfis biográfico-espirituais de São Vicente de Paulo, Santa Luísa de Marillac e padre Antônio Portail. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2010. p. 86-87.

³⁰ *Ibid.*, p. 87-89.

³¹ *Ibid.*, p. 90.

³² *Ibid.*, p. 91-92.

pois, meu caro primo, que é o que desejo de todo coração e do modo que mais o agrade” (SL C.2 *apud* Teixeira, 2010, p. 92). Ela multiplicou os exercícios de piedade e escreveu o *Regulamento de Vida*, um grande conjunto de práticas ascéticas, autêntico itinerário de busca da perfeição evangélica. A impossibilidade de cumpri-los integralmente chegava a inquietá-la.

Entre 1625 e 1626, Jean-Pierre de Camus, diretor espiritual de Luísa, afastou-se de Paris e indicou o padre Vicente para substituí-lo — foi nesse momento que se encontraram os caminhos de São Vicente de Paulo e Santa Luísa de Marillac. Inicialmente, Luísa hesitou, pois Vicente não tinha o refinamento aristocrático de outros espirituais, parecendo um camponês, enquanto Vicente ficou reticente com tamanha responsabilidade. Acabaram, por fim, acolhendo um ao outro, de onde nasceu uma profunda amizade, com compreensão e respeito mútuo, e uma permuta de dons, baseada no mesmo amor pelos pobres. Vicente orientava Luísa para o serviço dos necessitados, e Luísa, com sua sensibilidade, ajudava Vicente a descobrir caminhos e empreender novos projetos³³.

No início, Vicente conduzia, e Luísa se deixava conduzir. A convicção do amor de Deus e a contemplação do mistério da encarnação constituíam o núcleo estruturante da experiência espiritual de Luísa. Para ela, o sentido verdadeiro da liberdade era o puro amor, serviço desinteressado que despertava corações adormecidos³⁴.

Vicente e Luísa trocaram muitas correspondências, inicialmente formais, em que registraram motivações e perspectivas divergentes e em que Luísa se queixava da ausência do diretor, ao que Vicente afirmava que o próprio Nosso Senhor desempenharia esse papel. Entre as divergências, havia desde assuntos práticos, como a compra e a reforma de uma casa, até os complexos direcionamentos do serviço prestado aos pobres pelas confrarias. Com o passar do tempo, as cartas se tornaram mais afetuosas, marcadas pelo compartilhamento de vivências e expectativas³⁵.

Luísa foi se engajando no trabalho das Caridades, estabelecidas em várias paróquias graças à ação missionária de padre Vicente e seus coirmãos. Vicente conduzia Luísa para o

³³ TEIXEIRA, V. A. R. C.M. **Impelidos pela caridade, peregrinos na missão**: perfis biográfico-espirituais de São Vicente de Paulo, Santa Luísa de Marillac e padre Antônio Portail. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2010. p. 94-95.

³⁴ *Ibid.*, p. 96.

³⁵ *Ibid.*, p. 97.

serviço dos pobres, o que permitiu que sua vocação fosse se desenvolvendo. A partir de 1629, Vicente associou Luísa à sua atividade caritativa em expansão, momento a partir do qual trabalharam juntos por 35 anos. Suas personalidades se completavam: Vicente era seguro e ponderado, e Luísa, intuitiva, ágil, sensível, inteligente, organizada, atenta aos detalhes e capaz de iniciativas audaciosas. Foi uma comunhão de missão, mas também de vida centrada no encontro pessoal com Cristo³⁶.

Em 1629, Luísa fez uma viagem para visitar as confrarias espalhadas pela região de Montmirail, percorrendo longas distâncias a pé e a cavalo, uma itinerância da Caridade que continuou até o fim de sua vida. Nessas visitas, conhecia as senhoras e as animava para o cultivo da vida espiritual e da caridade. Além disso, organizava os aspectos práticos, adaptava os regulamentos conforme a realidade, orientava a aplicação dos recursos financeiros e ajudava a superar conflitos³⁷.

Com a atuação de Luísa, as Confrarias da Caridade tiveram admirável difusão, desde os campos mais distantes até as paróquias parisienses. Seu caráter atento e meticuloso transpareceu nos regulamentos das confrarias, voltados para a realidade como lugar da revelação de Deus, que devia ser adaptado às circunstâncias e às necessidades dos pobres³⁸.

Um fator que influenciou Vicente na decisão de criar a Companhia foi a percepção de que as Caridades, iniciadas em Châtillon e que passaram a funcionar em Paris a partir de 1629, apresentavam grandes lacunas no atendimento aos pobres. As senhoras da elite, por acharem o trabalho extenuante, começaram a confiar as tarefas às suas empregadas, que as executavam com zelo, habilidade e dedicação. A partir desses fatos, Vicente, estimulado por Luísa, começou a pensar em um grupo de jovens que se dedicassem inteiramente a Deus pelo serviço aos mais abandonados³⁹.

Uma segunda mulher importante no início desse novo caminho foi Margarida Naseau, jovem camponesa de 32 anos que tinha o desejo de dedicar sua vida ao serviço dos pobres.

³⁶ TEIXEIRA, V. A. R. C.M. **Impelidos pela caridade, peregrinos na missão**: perfis biográfico-espirituais de São Vicente de Paulo, Santa Luísa de Marillac e padre Antônio Portail. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2010. p. 97 e p. 99-100.

³⁷ *Ibid.*, p. 101-102.

³⁸ *Ibid.*, p. 102.

³⁹ *Ibid.*, p. 105.

Padre Vicente conheceu-a em 1630, quando pregava próximo a Suresnes. Como ela não podia ir à escola, comprou um alfabeto, que estudou por conta própria, com a ajuda do pároco ou de seu coadjutor. Depois de aprender a ler, ensinou as meninas de sua aldeia; posteriormente, com algumas meninas que havia formado, passou a percorrer as aldeias ensinando a juventude⁴⁰.

Padre Vicente percebeu que, ali, existia algo novo no atendimento aos pobres, e o testemunho de Margarida foi a sua inspiração para a criação da Companhia. Ele convidou a jovem para ajudar nas Confrarias da Caridade em Paris, pois percebia que faltava vontade de caridade às senhoras da alta sociedade; muitas não se sentiam à vontade em realizar algumas tarefas para os pobres, principalmente para os enfermos. A mesma postura podia ser notada em algumas das servas que elas enviavam para o serviço, que o executavam sem tolerância e benevolência com os atendidos. Margarida foi considerada por Vicente e Luísa “a primeira Irmã, aquela que teve a felicidade de mostrar o caminho às outras” (SV IX, 77 *apud* Teixeira, 2010, p. 105). Sua ação foi decisiva: as casas dos pobres se iluminaram com sua presença amável, que inspirou muitas moças a virem dos campos para participar das Caridades.

Luísa se encarregou da instrução dessas moças. A essa altura, ela começava a ver com mais clareza de que forma surgiria a comunidade que ela havia intuído na missa de Pentecostes, em 1623. No entanto, a criação da Companhia das Filhas da Caridade aconteceu somente em 29 de novembro de 1633, quando Luísa recebeu, em sua casa, quatro ou cinco das moças que serviam às confrarias, amigas de Margarida Naseau. Esse intervalo de três anos, entre 1630 e 1633, foi necessário para que o padre Vicente estivesse confiante de que esse caminho seria efetivamente a vontade de Deus⁴¹.

Luísa orientou com paciência e habilidade as camponesas no serviço aos pobres e no convívio em comunidade. Muitas eram analfabetas, e Luísa ensinava-lhes as primeiras letras e as capacitava para a educação das meninas pobres. Também lhes transmitia o conteúdo básico da fé cristã. Vicente e Luísa buscavam um método adequado para a formação das Irmãs, de maneira que a transmissão da fé e do conhecimento fosse profunda, acessível e adaptada às circunstâncias. Sua base deveria ser o serviço prestado aos pobres, evidenciando o significado

⁴⁰ TEIXEIRA, V. A. R. C.M. **Impelidos pela caridade, peregrinos na missão**: perfis biográfico-espirituais de São Vicente de Paulo, Santa Luísa de Marillac e padre Antônio Portail. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2010. p. 104-105.

⁴¹ *Ibid.*, p. 106-108.

de uma paulatina identificação com a pessoa de Jesus Cristo, princípio e fundamento da vocação das Filhas da Caridade⁴².

Assim, oito anos depois da fundação oficial da Congregação da Missão, nasceu a Companhia das Filhas da Caridade. Várias jovens chegavam a Paris, atraídas pelo exemplo de Margarida, e eram confiadas a Luísa, que lhes oferecia sólida formação humana, espiritual e apostólica. Colaboravam com as Senhoras da Caridade nas paróquias e, por não terem autonomia jurídica, estavam vinculadas às Confrarias.

Em 29 de novembro de 1633, Luísa instalou um pequeno grupo de jovens em sua casa para dar início à comunidade. Nas suas palavras, “o fim principal para o qual Deus chamou e reuniu as Filhas da Caridade é honrar e venerar Nosso Senhor Jesus Cristo como manancial e modelo de toda caridade, servindo-o corporal e espiritualmente na pessoa dos pobres” (RC I, 1 *apud* Teixeira, 2010, p. 55).

O modelo institucional das Filhas da Caridade era original, porque rompia com o modelo de vida consagrada, que isolava as religiosas nos claustros. Vicente definiu o perfil da Companhia como centrado na Caridade:

Vosso mosteiro é a casa dos enfermos e aquela em que reside a superiora. Vossa cela é o quarto de aluguel. Nisso, sois mais semelhantes a Nosso Senhor. Tendes como capela a igreja paroquial, na qual deveis assistir o santo sacrifício e dar bom exemplo, sendo sempre a edificação do povo, ainda que sem deixar, por isso, o serviço aos enfermos. Vosso claustro são as ruas da cidade, pelas quais tendes que ir para atender os enfermos, já que a obediência tem que ser vossa clausura. Por grade, tereis o temor de Deus. E por véu, levareis a santa modéstia (SV X, 662 *apud* Teixeira, 2010, p. 55).

Infelizmente, alguns meses antes da fundação da Companhia, Margarida Naseau faleceu, por ter dividido o leito com uma mulher atingida pela peste. De qualquer forma, o testemunho dessa moça simples e a experiência de Châtillon moldaram a criação das Filhas da Caridade. Para Vicente, “a vontade de Deus não pode ser melhor conhecida senão através dos acontecimentos que chegam para nós, sem que os tenhamos pedido” (SV V, 453 *apud* Teixeira, 2010, p. 56). São Vicente a considerava “a primeira Filha de Caridade” (SV IX, 77 *apud* Teixeira, 2010, p. 56).

Em pouco tempo, a quantidade de jovens aumentou. Em novembro de 1633, eram quatro ou cinco; em julho de 1634, eram 12; e em 1636, já eram vinte moças sob a orientação de Luísa. Eram enviadas pelas Senhoras da Caridade de Paris ou pelos padres que atuavam nas missões

⁴² *Ibid.*, p. 109.

nos campos, além das que chegavam por iniciativa própria. Os fundadores, então, precisaram criar critérios de admissão, de acordo com as regras da companhia: “Amar Nosso Senhor e servi-lo na pessoa dos pobres, em espírito de caridade, humildade e simplicidade” (Teixeira, 2010, p. 110)⁴³.

A casa de Luísa já não comportava tantas moças, e as Senhoras da Caridade dispuseram de recursos para alugar outro imóvel, onde algumas Irmãs se instalaram em maio de 1636, enquanto outras permaneciam com Luísa, atendendo os pobres da paróquia de São Nicolau de Chardonnet. Luísa formava as jovens por meio de colóquios personalizados e instruções semanais, baseados no tripé oração, serviço e vida fraterna. Vicente e Luísa se entusiasmavam em acompanhar de perto a progressiva assimilação do espírito da Companhia pelas moças⁴⁴.

A Companhia provocou admiração e espanto na sociedade francesa do século XVII, que nunca tinha visto um grupo de mulheres consagradas que não guardavam clausura nem professavam votos publicamente, além de se vestirem como camponesas e irem ao encontro dos pobres. A Companhia criou uma modalidade diferente de consagração no interior da Igreja, que, hoje, está incorporada à práxis da vida religiosa, de atendimento desinteressado aos pobres⁴⁵. Segundo Teixeira (2010, p. 113), “num século em que a mulher era relegada à passividade religiosa e à inércia social, o surgimento da Companhia pôs em realce qualidades inadvertidas pela Igreja e pela sociedade”⁴⁶.

Em 1638, surgiu uma das primeiras ocupações de Luísa e suas Irmãs: a organização e o gerenciamento, junto às Senhoras da Caridade e aos missionários, de uma obra de assistência

⁴³ TEIXEIRA, V. A. R. C.M. **Impelidos pela caridade, peregrinos na missão**: perfis biográfico-espirituais de São Vicente de Paulo, Santa Luísa de Marillac e padre Antônio Portail. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2010. p. 110-112.

⁴⁴ *Ibid.*, p. 112-113.

⁴⁵ TEIXEIRA, V. A. R. C.M. **Impelidos pela caridade, peregrinos na missão**: perfis biográfico-espirituais de São Vicente de Paulo, Santa Luísa de Marillac e padre Antônio Portail. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2010. p. 112.

⁴⁶ A Companhia das Filhas da Caridade é uma sociedade de vida apostólica em comunidade que assume os Conselhos Evangélicos mediante um vínculo definido pelas Constituições. É de **direito pontifício e isenta**. (C 1.13 *apud* Gonçalves, 2006, p. 26).

aos menores abandonados nas ruas de Paris. Pelo menos 13 casas de acolhimento foram estabelecidas⁴⁷.

O *Hôtel-Dieu*, um grande hospital de Paris onde os doentes viviam amontoados em enfermarias insalubres, também foi beneficiado pelos serviços das Irmãs em parceria com as Senhoras da Caridade, que já atuavam lá desde 1634. Posteriormente, a Companhia também se encarregou de outros hospitais, em vários locais da França⁴⁸.

As Filhas da Caridade permaneceram vinculadas às confrarias de Paris até 1639, quando um grupo de Irmãs foi destinado ao Hospital São João de Angers. A partir de então, a ação das Irmãs foi se ampliando para todos os necessitados: crianças abandonadas, condenados às galeras, doentes hospitalizados, vítimas de guerras e epidemias, anciãos e deficientes mentais. Chegaram à Polônia em 1652. Cada frente de trabalho evidenciava uma nova faceta do carisma da Companhia; permaneciam em cada local enquanto houvesse necessidade de ajuda e, em seguida, partiam para onde sua presença fosse mais necessária⁴⁹.

Com a ampliação da Companhia, foi necessário instituir superiores locais, chamadas Irmãs Serventes, nome dado para que fossem reconhecidas como as primeiras servidoras tanto dos pobres quanto das Irmãs. Não havia privilégios em função da origem familiar e de títulos de nobreza, o que era comum entre as religiosas da época; a escolha das Irmãs Serventes era definida pelo esforço de assimilação do espírito da Companhia⁵⁰.

A partir de 1640, as Filhas da Caridade também passaram a realizar o difícil serviço de atendimento aos condenados às galeras, que exigia prudência, coragem e mansidão. Antes de partirem rumo ao porto de Marselha, os condenados eram confinados numa torre, perto da igreja de São Nicolau de Chardonnet. O regulamento preparado por Luísa para esse serviço dizia: “As Irmãs não devem censurá-los, nem lhes falar com dureza, mas ter por eles grande compaixão, tanto por seu estado espiritual, como pelo corporal, digno de lástima” (SL E.43 *apud* Teixeira,

⁴⁷ TEIXEIRA, V. A. R. C.M. **Impelidos pela caridade, peregrinos na missão**: perfis biográfico-espirituais de São Vicente de Paulo, Santa Luísa de Marillac e padre Antônio Portail. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2010. p. 115.

⁴⁸ TEIXEIRA, V. A. R. C.M. **Impelidos pela caridade, peregrinos na missão**: perfis biográfico-espirituais de São Vicente de Paulo, Santa Luísa de Marillac e padre Antônio Portail. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2010. p. 116.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 114.

⁵⁰ *Ibid.*, p. 114-115.

2010, p. 117). Ela organizava a assistência aos detentos buscando humanizar os ambientes e as condições em que viviam, o que incluía roupa e alimentação dignas, com o objetivo de reacender a fé e a esperança em seus corações. Considerando os riscos do trabalho, Luísa dedicava especial atenção às Irmãs encarregadas de tal obra⁵¹.

Luísa logo percebeu também, percorrendo as confrarias, que um dos maiores problemas da sociedade francesa da época era a ignorância, em especial a das mulheres. Se, no lugar por onde passava não houvesse uma professora, ela mesma preparava uma jovem. Assim, inaugurou pequenas escolas para educar as meninas pobres usando métodos simples e práticos, que integravam o ensino das letras, trabalhos manuais e catequese⁵².

O período de 1648 a 1653 foi particularmente difícil. Com a guerra civil da Fronda, multidões de famintos e doentes saíam dos campos em busca de sobrevivência. Cifras da ordem de quinze mil refugiados buscavam comida diariamente nas paróquias de Paris. O Hospital Geral estava cheio de vítimas da peste e de feridos. Eram mais de 820 crianças abandonadas sob responsabilidade da obra dedicada a essa questão, e faltavam recursos para sua manutenção. Luísa e Vicente promoveram várias iniciativas pedindo doações e interpelando as autoridades para que assumissem suas responsabilidades⁵³.

Em 25 de março de 1642, Luísa de Marillac e mais quatro Irmãs emitiram, pela primeira vez, os santos votos. Nos escritos de Luísa, há muitas referências à Mãe de Deus, uma autêntica espiritualidade mariana. Em outubro de 1644, ela fez uma peregrinação a Chartres para renovar a pertença a Maria, consagrando-lhe o que mais estimava na vida, seu filho e a Companhia, em função do desafio de obter a aprovação da Companhia. A obra de Luísa, envolvendo assistência, evangelização e promoção humana, demandava muitas qualidades: humildade, compaixão, simplicidade, mansidão, respeito, cordialidade, prudência, tolerância, etc. E em sua fé, ela enxergava os pobres como “membros de Jesus Cristo” (SL C.115.423.487 *apud* Teixeira, 2010, p. 118)⁵⁴.

⁵¹ *Ibid.*, p. 116-117.

⁵² TEIXEIRA, V. A. R. C.M. **Impelidos pela caridade, peregrinos na missão**: perfis biográfico-espirituais de São Vicente de Paulo, Santa Luísa de Marillac e padre Antônio Portail. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2010. p. 117.

⁵³ *Ibid.*, p. 118.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 118-120.

Desde o início, sempre houve estreita colaboração entre as Filhas da Caridade e os padres da Missão. Luísa percebeu que a Companhia não estaria tão firme se fosse subordinada, em cada diocese, ao bispo local. Propôs, então, a dependência da Companhia ao Superior-Geral da Congregação da Missão. Imbuídos todos da mesma vocação e missão, assim, evitar-se-ia que algum bispo transformasse a Companhia numa congregação religiosa de clausura. Vicente foi reticente, aceitando a proposta somente alguns anos depois da fundação. Em 1640, padre Antonio Portail foi designado como primeiro diretor das Filhas da Caridade, e, em 1646, os superiores nomearam o primeiro Conselho, composto de três Irmãs⁵⁵.

Foi muito difícil obter o reconhecimento da Companhia, já que o Concílio de Trento havia determinado o estrito cumprimento das leis que obrigavam todas as Comunidades à clausura. Para resolver esse impasse, Vicente pensou em apresentar a Comunidade como uma confraria de leigos sob a autoridade do arcebispo de Paris, ao que Luísa se opôs, contrargumentando que as Irmãs teriam um estatuto diferente em cada diocese. Para ela, a Companhia teria que ser uma comunidade secular, isenta da jurisdição dos bispos e confiada à autoridade do Superior-Geral da Missão; seu ideal acabou, por fim, prevalecendo quando o governo francês e o arcebispo de Paris o aprovaram em 1655 (a Ata de Ereção foi assinada em 8 de agosto de 1655). O Rei concedeu seu aval em 1657, e o Parlamento registrou as cartas patentes do rei em 1658, sem as quais nem a aprovação civil nem a eclesiástica teriam sua autenticidade reconhecida⁵⁶.

Em junho de 1656, Luísa caiu enferma, mas se recuperou. Nos últimos anos de sua vida, dedicou-se a controlar suas reações impetuosas e a praticar a humildade e a paciência, virtudes que lhe pareciam mais necessárias à busca da santidade. Em 15 de março de 1660, ela falece, após um mês de enfermidade intensa, cercada do filho, nora, neta e das Irmãs próximas⁵⁷.

São Vicente e Santa Luísa experimentaram o Espírito dentro de seus contextos históricos e a partir de suas subjetividades. Foram experiências únicas e pessoais, a partir das quais surgiu um estilo característico de ser cristão, e o que se convencionou chamar de *carisma*

⁵⁵ TEIXEIRA, V. A. R. C.M. **Impelidos pela caridade, peregrinos na missão**: perfis biográfico-espirituais de São Vicente de Paulo, Santa Luísa de Marillac e padre Antônio Portail. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2010. p. 120-121.

⁵⁶ *Ibid.*, p. 121.

⁵⁷ *Ibid.*, p. 123-125.

dos fundadores. Da cooperação entre ambos, nascerem várias iniciativas de serviço gratuito, eficaz e criativo aos pobres, entre as quais a mais original é a Companhia das Filhas da Caridade⁵⁸.

Depois da morte de Vicente de Paulo e Luísa de Marillac, a Congregação da Missão e a Companhia das Filhas da Caridade continuaram a formar missionários vicentinos e Filhas da Caridade e a enviá-los para várias partes da Europa, América do Norte e do Sul, China e Sudeste Asiático, o que fazem até os nossos dias. A tarefa desses Congregados e Filhas da Caridade é continuar a missão de Jesus Cristo, enviado pelo Pai para evangelizar e servir aos pobres, como ensinaram seus fundadores.

Até os dias atuais, as Filhas da Caridade são mulheres consagradas que vivem em comunidade. Passadas as primeiras experiências, os fundadores recomendaram que os votos fossem simples e renováveis anualmente. Assim, as Irmãs conservam a mobilidade e a disponibilidade necessárias para viver no meio daqueles a quem servem.

1.2 A Família Vicentina no Brasil

A chegada da Família Vicentina ao Brasil ocorreu quase dois séculos após a fundação da Congregação da Missão. Em 1819, D. João VI solicitou a vinda de missionários lazaristas para o Brasil. Segundo D. Viçoso, um dos dois primeiros lazaristas que aqui chegaram: “O governo de Sua Majestade desejava enviar missionários para conduzir à fé as hordas de selvagens que povoaram a Capitania do Matto Grosso” (Pasquier, [19--], p. 26).

Da mesma forma como aconteceu na França e em outras partes do mundo, a atuação da Congregação da Missão e da Companhia das Filhas da Caridade no Brasil passou por uma grande expansão. No Brasil, houve avanços e recuos; na maior parte das vezes, a expansão não foi programada pela instituição, seja no Brasil ou na sede francesa. Assim, um conjunto de circunstâncias, acasos e interferências externas levaram à expansão e, em contrapartida, ao encerramento das atividades.

As interferências externas mais fortes ocorreram na primeira metade do século XIX, quando o Império brasileiro usou com mais frequência seus direitos de padroado e *placet* (cf.

⁵⁸ *Ibid.*, p. 104.

Glossário para mais detalhes). O Apêndice A apresenta um histórico não exaustivo dessa trajetória, da chegada dos primeiros congregados até o final do século XIX, quando as igrejas estudadas neste trabalho foram concluídas. Nele, encontramos também o contexto em que se iniciou a atividade em determinado local, seu principal responsável (quando a informação estava disponível) bem como a data do encerramento das atividades e o contexto em que isso se deu. Para a construção do apêndice, foram utilizadas informações publicadas por Zico (2000, p. 19-118), Chaves (2020, p. 25-67), Azzi (1975, p. 232-249) e Souza (2006). Este apêndice mostra a grandiosidade da atuação da Família Vicentina no Brasil durante o século XIX, mas pode-se observar duas fases bastante distintas em extensão e resultados. O período inicial pode ser datado aproximadamente entre 1819, chegada dos dois primeiros vicentinos portugueses, e 1844, quando o imperador D. Pedro II deu uma autorização legal prévia para que os vicentinos voltassem a recorrer a uma autoridade estrangeira. Nessa fase, a atuação resumiu-se aos colégios do Caraça e de Campo Belo, que haviam sido recebidos por doação real e particular, respectivamente, e às demandas do Imperador ou de outros governantes locais, como apoio na gestão de instituições já existentes, todas localizadas em Minas Gerais ou no Rio de Janeiro.

A partir da reunião entre a Congregação da Missão no Brasil e a sede francesa, a atuação vicentina aumentou expressivamente, tendo ocorrido a vinda de padres vicentinos e de Filhas da Caridade para numerosas iniciativas missionárias e de atendimento aos pobres. Por exemplo, na década de 1860, os congregados participaram, como missionários e professores, em seminários de Fortaleza, Crato, Rio, Caraça, Bahia, Mariana e Pernambuco (Zico, 2000, p. 77), estendendo sua atuação para o Nordeste do país.

O Apêndice A também aponta como os congregados foram chamados a participar das atividades de educação no Brasil do século XIX, por solicitação, inicialmente, dos imperadores D. Pedro I e D. Pedro II, usando seus poderes de padroado. É interessante comentar o discurso do deputado Monsenhor José Antônio Marinho na sessão da Câmara de 17 de junho de 1845, período de fortes resistências à atuação do clero estrangeiro no Brasil:

Eu sou testemunha do trabalho dos padres do Caraça e não só eu, mas muitos de meus nobres colegas que aqui estão. (...) A Instrução Pública não estaria hoje tão disseminada no Império, se não existisse a Congregação de São Vicente de Paulo; sem ela, não teria eu a honra de assentar-me nestes bancos (...) (Zico, 2000, p. 50).

Os colégios geridos pela Família Vicentina no Brasil ao longo do século XIX eram quase todos colégios internos, devido ao fato de a elite brasileira ser majoritariamente rural, composta de fazendeiros que, na época, praticamente só dispunham de escolas adequadas no estrangeiro

para educar os filhos (Souza, 2006g, p. 174-175). As escolas geridas pelos vicentinos e pelas Filhas da Caridade foram uma solução alternativa para a condição social do Brasil na época.

Nas últimas três décadas do século XIX, as interferências do Estado foram menores, e as novas implantações aconteceram, sobretudo, por decisão da própria instituição ou motivadas por pedidos de governadores e de gestores locais — às vezes, também, com o apoio do Imperador.

1.3 A devoção ao Sagrado Coração de Jesus e a Arquiconfraria da Guarda de Honra do Sagrado Coração de Jesus

Esse tema não está diretamente associado à Família Vicentina, mas refere-se a um assunto importante para a Igreja Católica como um todo, principalmente durante o século XIX. Como duas das três igrejas estudadas no presente trabalho foram consagradas ao Sagrado Coração de Jesus, é importante um melhor entendimento sobre a construção social dessa devoção.

A devoção ao Sagrado Coração de Jesus corresponde a uma resposta subjetiva dos fiéis à crença de que o amor de Cristo, divino e humano, pode ser simbolizado em seu coração físico. De forma bastante simplificada, podemos entender a devoção a partir da descrição de Conceição (2022, p. 129): “Em linhas gerais, sendo o coração a parte nobre da natureza humana, o coração de Jesus Cristo é o símbolo da infinita caridade de Deus para com o homem, e dessa forma, ao ser cultuado, fomenta-se a piedade cristã.”

As primeiras menções à devoção ao Sagrado Coração iniciaram na Idade Média, proferidas por alguns místicos como São Bernardo de Claraval (1090-1153), São Boaventura (1221-1274), Santa Mechtilde (1210-1280) e Santa Gertrudes (1256-1302). Já na primeira época moderna, São Francisco de Sales (1567-1622) e São João Eudes (1601-1680) também escreveram sobre essa questão. A devoção, porém, só ganhou impulso maior com as visões do Sagrado Coração de Jesus tidas por Santa Margarida Maria d'Allacoque. A primeira delas ocorreu em 27 de setembro de 1673, quando Margarida Maria era uma jovem noviça da Ordem da Visitação no Convento Paray-le-Monial, na França — convento fundado em setembro de 1626 e ligado ao Mosteiro de Bourg-en-Bresse, fundado em março de 1627. A partir dessa aparição, iniciou-se no Convento e no Mosteiro uma terna devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Em 2 de julho de 1688, São Francisco de Sales convidou suas filhas da visitação, entre

elas Margarida Maria, a “virem haurir nesta fonte que é o Coração de Cristo” (Arquivo do Seminário de Diamantina, Resumo histórico da Guarda de Honra, p. 1).

Em 1700, o Papa Clemente XI autorizou a festa do Sagrado Coração nos Mosteiros da Visitação, que ocorreria na sexta-feira após a oitava festa do Santíssimo Sacramento. Em seguida, o Cardeal D. Lyon autoriza a festa solene do Sagrado Coração em toda a sua diocese. A Visitação de Bourg-en-Bresse, local inicial do culto, empenhada, funda, em 1723, na capela do Mosteiro, uma Confraria do Sagrado Coração, que se tornaria um centro regional de culto ao Sagrado Coração de Jesus. Após as turbulências da Revolução Francesa, em 1806, o Mosteiro voltou a se estabelecer em Bourg-en-Bresse, e, em 1825, a Confraria do Sagrado Coração também retoma suas atividades, sob os cuidados do vigário da paróquia. A partir de então, tal devoção religiosa, inicialmente francesa, espalhou-se pelo mundo católico, sobretudo após ter sido abençoada e recomendada pelo Papa Pio IX, que, em 1875, consagrou o mundo ao Sagrado Coração de Jesus (Conceição, 2022, p. 129). Trata-se de um tema de grande importância para os vicentinos, como mostra a carta de Pe. Bartolomeu Sípolis ao Superior-Geral, M. Fiat, datada de 18 de outubro de 1883:

Tudo isto, repito, se deve, unicamente, à proteção visível do Sagrado Coração, ao qual nos consagramos, desde 16 de junho de 1875, e ao qual consagramos todas as obras, todas as pessoas e coisas que nos são confiadas. Somente a ele seja toda a glória! (DePaul University, 1884, p. 481, tradução nossa).

O Papa seguinte, Leão XIII, reafirmou essa devoção em 11 de junho de 1889, após a publicação da encíclica *Annum Sacrum*, quando disse:

A devoção ao Sagrado Coração de Jesus é uma forma por excelência de religiosidade. Essa devoção que recomendamos a todos, será muito proveitosa. No Sagrado Coração está o símbolo e a imagem expressa do Amor Infinito de Jesus Cristo, que nos leva a retribuir-lhe esse amor (História do Sagrado Coração de Jesus, 2024, p. 1).

O Sagrado Coração de Jesus é comemorado na primeira sexta-feira após a festa de Corpus Christi, Corpo de Cristo, na oitava da Páscoa; todo o mês de junho é dedicado ao Sagrado Coração de Jesus. Um desdobramento dessa devoção foi a fundação da Arquiconfraria da Guarda de Honra do Sagrado Coração, que se iniciou no Mosteiro de Bourg-en-Bresse, onde também havia começado, no século XVII, a tradição da devoção ao Sagrado Coração de Jesus. A sua principal promotora, Irmã Maria do Sagrado Coração, cujo nome de família era Anne Marie Constança Bernard, foi uma religiosa nascida em 25 de outubro de 1825, em Besançon. Em 1841, seus pais decidiram seu casamento com um negociante, mas, em julho de 1846, ela

ficaria viúva e sem filhos. Em 9 de junho de 1849, entra no Convento da Visitação de Bourg-en-Bresse e, em 1851, toma os votos religiosos, recebendo o nome de Irmã Maria do Sagrado Coração. Participou por 12 anos das atividades do Mosteiro, além de ter sido professora de música num pensionato anexo⁵⁹.

Em 13 de março de 1863, em sua comunidade, Irmã Maria propôs a fundação da Guarda de Honra, que foi se difundindo entre as visitações, os mosteiros e os fiéis. Em 9 de março de 1864, a associação se torna confraria e, em 26 de novembro de 1878, Arquiconfraria da Guarda de Honra. A Arquiconfraria encontra em sua devoção ao Sagrado Coração a ideia de consagrar, em cada dia, uma hora de guarda, durante a qual, sem nada mudar em suas ocupações, os associados se unem, pelo pensamento, ao sacrifício de Cristo, oferecendo-se sobre a cruz pela redenção dos homens. Firma-se, assim, uma corrente de oração pelo mundo em torno da guarda, como o tinham feito Nossa Senhora, Maria Madalena e São João, ao pé da cruz⁶⁰.

Após um ano de funcionamento, a Guarda de Honra recebeu a aprovação do Papa Pio IX, chamado o Primeiro Guarda de Honra. Com o exemplo do Papa, trinta bispos e mais 110 mosteiros aderiram ao movimento, o que levou à sua rápida difusão entre os fiéis de cerca de vinte países. Irmã Maria morreu em 03 de agosto de 1903, tendo escrito brochuras, fórmulas de oração ou de consagração e cânticos; a essa altura, a Guarda de Honra já havia se espalhado pelo mundo católico⁶¹.

Precocemente, a chegada da Guarda de Honra ao Brasil ocorreu um ano após sua fundação, com a criação de um centro no Colégio das Órfãs do Sagrado Coração em Salvador, por Irmã Tereza, superiora do colégio, e pelo padre vicentino Camilo, capelão do colégio. Em 4 de janeiro de 1867, esse centro foi filiado à Confraria de Bourg-en-Bresse. Em 1º de março de 1900, o Centro do Colégio das Órfãs foi reconhecido juridicamente por Bourg-en-Bresse e, em 30 de janeiro de 1902, elevado à Arquiconfraria pelo Papa Leão XIII^{62,63}.

⁵⁹ Arquivo do Seminário de Diamantina, **Resumo histórico da Guarda de Honra**, s.d. p. 1-2.

⁶⁰ Arquivo do Seminário de Diamantina, **Resumo histórico da Guarda de Honra**, s.d. p. 2.

⁶¹ *Ibid.*, p. 2-3.

⁶² *Ibid.*, p. 3.

⁶³ Embora não sejam bastante claras as diferenciações entre as associações religiosas leigas, Caio Boschi aponta, em linhas gerais, sua divisão em três classes: ordens terceiras, confrarias e pias uniões. As ordens terceiras são regidas por regras extraídas de uma ordem regular e têm de ser, obrigatoriamente, aprovadas pela Santa Sé. O objetivo principal das confrarias consistia no incremento do culto público. Uma confraria com poder de agregar outras congêneres passava a arquiconfraria. As pias uniões foram eretas para exercer obra de piedade ou caridade, classe em que se encaixam as irmandades. Enquanto estas são estruturadas sob organização

1.4 Novas construções para uma instituição florescente

Para realizar o projeto missionário instituído pelos fundadores da Família Vicentina, os religiosos e religiosas enviados ao Brasil tiveram que construir novos locais, bem como reformar ou adaptar os existentes, já que as instalações para cuidados de saúde, educação e evangelização quase nunca estavam adequadas para esse uso. Tais atividades eram levadas a cabo pelos religiosos de acordo com a necessidade e a disponibilidade de recursos, já que, embora não fossem centrais, eram necessárias para a adequada execução da missão vicentina. Assim, a Congregação da Missão e as Filhas da Caridade se envolveram ativamente em um processo que, na prática, pouco está relacionado com ajuda material e espiritual aos pobres e necessitados.

É nesse contexto que se compreende, dentre as muitas obras realizadas, a construção das três igrejas estudadas no presente trabalho, as quais se destinavam ao atendimento dos serviços religiosos de três instituições educacionais: seminários de formação religiosa do Caraça e de Diamantina e colégio de formação laica, também do Caraça e do Rio de Janeiro.

A Igreja de N. Sra. Mãe dos Homens, construída entre 1876 e 1883, atendia ao Seminário Maior e ao colégio interno de meninos do Caraça, enquanto a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, construída entre 1885 e 1889, prestava-se aos seminários Menor e Maior de Diamantina — duas obras executadas pelos padres vicentinos. A terceira igreja, a Igreja da Imaculada Conceição, construída entre 1886 e 1892, atendia ao Colégio da Imaculada Conceição (um colégio interno de meninas no Rio de Janeiro) e foi construída sob a gestão das Filhas da Caridade.

Das construções realizadas pela Família Vicentina, apenas as igrejas foram construídas no padrão neogótico, tornando-se algumas das primeiras construções católicas neogóticas do país. As três igrejas foram erigidas pela gestão francesa da Congregação da Missão, e a escolha

hierárquica sólida, os integrantes daquelas se ligam por laços frágeis (Boschi, 1986 *apud* Conceição, 2022, p. 101). Apesar de Boschi comentar que a confraria e a arquiconfraria não necessitam obrigatoriamente da aprovação da Santa Sé, o centro do Colégio das Órfãs, em Salvador, foi elevado à arquiconfraria pelo Papa Pio XII, como comentado acima.

desse padrão pode estar relacionada à nacionalidade francesa dos religiosos que as construíram e a importância do neogótico na construção de templos⁶⁴. Além disso, pesava uma certa visão, difundida no século XIX, de que o padrão arquitetônico deveria refletir o uso da construção, segundo o conceito de historicismo tipológico, de como um:

conjunto de escolhas apriorísticas de cunho analógico que deviam orientar o estilo quanto à finalidade a que se destinava cada um dos edifícios, reencontrando, na Idade Média, os traços místicos e a religiosidade para as novas igrejas; na Renascença, as características áulicas elegantes para os edifícios públicos, [...] (Patetta, 1987 *apud* Valle, 2010, p. 104).

Assim, segundo a visão da época, o estilo gótico seria o mais adequado para as construções religiosas. Para este estudo, a escolha das construções se justifica, também, pelo período construtivo e pela localização geográfica. As três tiveram construção praticamente simultânea, situada no último quartil do século XIX, e foram erguidas em localidades próximas, na região Sudeste brasileira. Além disso, é relevante o fato de as três igrejas terem sido projetadas pelo mesmo arquiteto, o Pe. Júlio José Clavelin, padre vicentino que chegou ao Brasil em 1862 e aqui viveu até seu falecimento em 1909. Elas compartilham uma certa unidade visual, o que permite uma análise mais ampla, baseada em considerações do ambiente construído e nos conceitos da História Cultural. Tal análise pode ajudar no entendimento das escolhas arquitetônicas e decorativas desses templos, relacionadas à visão da Família Vicentina em relação a esses espaços de culto naquele momento histórico.

Para um melhor entendimento do contexto em que essas construções foram realizadas, é interessante acompanhar a formação e o desenvolvimento destas instituições educacionais: o Colégio e Seminário Maior do Caraça, o Seminário Menor e Maior de Diamantina e o Colégio da Imaculada Conceição no Rio de Janeiro. Cada um desses locais apresenta algumas peculiaridades, que afetaram, em maior ou menor grau, a história da construção das igrejas aqui estudadas. Cabe comentar que, no período de construção das igrejas, estava em andamento, no Brasil, uma reforma do clero, a qual buscava aproximar a Igreja das orientações da Santa Sé, com uma visão tridentina. Esse movimento da Igreja, conhecido como ultramontanismo (cf. Glossário para mais detalhes), era uma reação contra os movimentos liberais e as oposições dos Estados nacionais à atuação da Igreja em todo o mundo. Conseqüentemente, tal diretriz pode ter afetado as decisões sobre os aspectos construtivos e ambientais das igrejas.

⁶⁴ Para uma discussão mais aprofundada sobre este tema, ver Cid (2022).

1.4.1 O Colégio e Seminário Maior do Caraça

O Colégio do Caraça assume especial importância por se tratar do primeiro local de atuação dos vicentinos no Brasil e onde foi consagrada a primeira igreja neogótica católica do país. Foi também um dos locais em que os vicentinos mais sofreram revezes em terras brasileiras.

O período mais turbulento dessa história, marcado por avanços e recuos na atuação dos religiosos, ocorreu na primeira metade do século XIX, quando estiveram aqui os vicentinos da Província portuguesa. Em um breve resumo, os padres lazaristas publicaram em 1828, na Tipografia Imperial e Nacional (Pasquier, [19--], p. 25), um manifesto em sua defesa, assinado por quatro padres congregados — Macedo, Moura, Leandro e Garcês. Tal documento surge das grandes dificuldades causadas pelas leis do Primeiro Império, que impediam os padres estrangeiros de se subordinarem às suas ordens de origem, somadas à oposição de maçons e da sociedade liberal da época. O manifesto mostra o lado dos religiosos na conturbada relação que se constituiu entre o Império brasileiro e a Congregação da Missão, em seus primórdios no Brasil, consequência dos interesses de cada ator institucional, bem como dos efeitos do padroado e do *placet*:

“Em 1819 fomos chamados por D. João VI para missionar em Mato Grosso... Fomos mandados por Carta Régia para fundar uma Casa da Congregação no Estabelecimento do Irmão Lourenço... e nos ordena exercer os ministérios de nosso Instituto que são as Missões e a Direção de Seminários” ... Pregando as Missões “era tudo a nossa custa até o próprio sustento, segundo nossas regras para não sermos pesados nem aos párocos nem aos povos!”... Começamos ao mesmo tempo um Seminário... com as mesmas apoucadas forças, sofrendo por isto não pequenas faltas de comodidade no comer e vestir... fomos aumentando até 160 alunos, pagando estes tão somente o necessário para o sustento comum e alimentando nós, gratuitamente, de ordinário 12”... Nas Missões e Seminários nos limitamos a ensinar a Doutrina Cristã, sem nos meter em coisas políticas, avançando a invectivar os vícios e inculcar a virtude, especificando o respeito e obediência ao nosso Augusto Soberano e mais autoridades, e se isto é crime, confessamos estar muito e muito criminosos”...”Se aceitamos a Irmandade do Senhor de Matozinhos em Congonhas do Campo foi porque S.M.I. se dignou atender os rogos do povo... aceitamos, é verdade, em 1827, umas terras incultas no Sertão da Farinha Podre... com ônus de missa e cadeira de primeiras letras... mas tudo com a devida licença que S.M.I. se dignou conceder-nos”...”Somos cidadãos brasileiros, apesar de oriundos de Portugal”...”Além do que, nossa Casa se intitula Imperial, em seu prospecto pusemos as armas imperiais, porque S.M.I. assim o determinou por uma portaria de 26 de janeiro de 1824”. Desligando-nos da subordinação dos Superiores de Lisboa, e sendo agora banidos, aonde nos acolherão? (Zico, 2000, p. 24-25).

Os primeiros padres vicentinos a chegarem ao Brasil, Leandro Rebello Peixoto e Castro e Antônio Ferreira Viçoso, pertenciam ao ramo português da Congregação. Conforme solicitação do Rei D. João VI, descrita acima, partiram de Portugal no dia 27 de setembro de 1819, no navio *Gran Canoa*, em direção ao Rio de Janeiro, aonde chegaram em 7 de dezembro de 1819⁶⁵. Foram recebidos pelo Pe. Alexandre de Macedo, sacerdote da C.M. que estava no Brasil com a autorização dos superiores e servia como procurador na Corte. Dois dias depois o Rei os recebeu com grande afeição⁶⁶.

No dia 25 de dezembro de 1819, dezoito dias depois de chegarem e já com os preparativos para partirem para Mato Grosso em andamento, os dois padres receberam, do ministro de Estado, o aviso de que deveriam encontrá-lo. A missão do Mato Grosso já estava provida por um missionário capuchinho, Fr. José de Macerata, e, por outro lado, o Rei D. João VI havia recebido recentemente, em testamento do Irmão Lourenço, um conjunto de terras e bens na Serra do Caraça⁶⁸. No testamento, estava escrito: “Minha vontade sempre foi e é de que esta Casa seja residência de missionários... e seminários para meninos” (Zico, 2000, p. 19).

O ministro, então, ofereceu aos dois padres tal missão no Caraça, interior de Minas Gerais, a meio caminho entre o Rio de Janeiro e Mato Grosso. Como São Vicente comentava frequentemente em seus relatos: “Nós não estamos aqui para nada, é Deus quem faz tudo” (Pasquier, [19--], p. 35); assim, a Providência havia alterado bastante os planos iniciais do Rei e dos dois missionários. Como vimos no item 1.1.2, desde muito cedo, a educação das meninas e jovens fazia parte das preocupações de Santa Luísa de Marillac. No caso da Congregação da Missão, essa questão não era tão relevante para São Vicente, que estava focado, principalmente, na formação de um clero que pudesse espalhar o trabalho missionário aos quatro cantos do mundo. No entanto, em função das características singulares que a demanda do Rei D. João VI

⁶⁵ Rigorosamente, os padres Leandro e Antônio não foram os primeiros representantes da C.M. a virem ao Brasil. Antes deles, vieram pelo menos três, reportados por Pasquier ([19--], p. 31), chegados entre 1810 e 1813, que vieram pedir asilo ao Rei depois da invasão de Portugal por Napoleão. Segundo Gonçalves (2006, p. 23), pelo menos três lazaristas são reportados na comitiva de D. João VI para o Brasil: Pe. Manuel de Brito, Pe. José Cardoso Brito e Pe. Alexandre Macedo.

⁶⁶ ZICO, J. T. C.M. **Congregação da Missão no Brasil**: resumo histórico (1820-2000). Belo Horizonte: Editora Santa Clara, 2000. p. 16.

⁶⁷ PASQUIER, E. C.M. **Os primórdios da Congregação da Missão no Brasil e a Companhia das Filhas da Caridade (1819-1849)**. Petrópolis: Vozes, s.d. p. 31.

⁶⁸ *Ibid.*, p. 33.

apresentou para os vicentinos, a atividade educacional logo começou a fazer parte do trabalho dos padres vicentinos no Brasil.

Pe. Leandro considerou a obra no Caraça útil à religião e ao Estado, mas não tinha procuração para tomar posse de uma nova casa. O ministro lhe respondeu que Sua Majestade iria nomear pessoalmente os próprios padres, autorizando-os a tomar posse da casa em nome da Congregação da Missão de Portugal. Para isso, seria concedida uma Carta Régia, que foi assinada por D. João VI em 31 de janeiro de 1820; por meio dela, a ordem foi transmitida, o que deu início às atividades da Congregação da Missão no Brasil⁶⁹.

Em 13 de fevereiro de 1820, foi assinada a folha com os poderes concedidos pelo núncio apostólico *Joannes Franciscus Compagnonius Marefuschius*; no final de fevereiro, os dois missionários partiram a cavalo para o Caraça⁷⁰, aonde chegaram em 15 de abril do mesmo ano⁷¹. Partiu com eles um condiscípulo de Pe. Leandro no seminário de Braga, Pe. Mathias, que já estava no Rio e iria auxiliar os missionários na empreitada⁷².

Levavam duas cartas do ministro de Estado em nome do Rei: uma para o Governador de Minas, informando que os dois padres se instalariam no Caraça, e outra que lhes outorgava manter a propriedade do Caraça no estado em que estava no tempo do Ir. Lourenço, sem que fosse permitida a intervenção de qualquer oficial de justiça. Carregavam, ainda, uma carta régia, que deviam apresentar na passagem por Ouro Preto. Finalmente, em 29 de novembro de 1820, o Superior-Geral da Congregação da Missão, Pe. Baccari, Vigário-Geral da Congregação em Roma, aprovou a fundação do Caraça. Assim, estava constituído o primeiro local de missão da C.M. no Brasil⁷³.

Como organizar um colégio era tarefa que exigia tempo, planejamento e documentação, os dois padres começaram pela tarefa central da Congregação, para a qual foram chamados de Portugal: as missões. Em junho, realizaram uma missão de um mês em Catas Altas. No final de

⁶⁹ PASQUIER, E. C.M. **Os primórdios da Congregação da Missão no Brasil e a Companhia das Filhas da Caridade (1819-1849)**. Petrópolis: Vozes, s.d. p. 34.

⁷⁰ *Ibid.*, p. 35.

⁷¹ ZICO, J. T. C.M. **Congregação da Missão no Brasil: resumo histórico (1820-2000)**. Belo Horizonte: Editora Santa Clara, 2000. p. 20.

⁷² PASQUIER, E. C.M. **Os primórdios da Congregação da Missão no Brasil e a Companhia das Filhas da Caridade (1819-1849)**. Petrópolis: Vozes, s.d. p. 37.

⁷³ *Ibid.*, p. 38.

julho, fizeram uma missão em Barbacena, depois da qual Pe. Leandro seguiu para o Rio de Janeiro a fim de tratar dos documentos de abertura do colégio mencionado no testamento de Ir. Lourenço⁷⁴.

Pe. Leandro voltou para o Caraça em novembro, levando consigo o Pe. João Moreira Garcez, outro discípulo do Pe. Leandro em Braga que também já se encontrava no Rio, e os quatro primeiros alunos. Não é certa a data de início do colégio no Caraça, mas parece ter sido em janeiro de 1821. Além dos quatro alunos oriundos do Rio de Janeiro, mais alguns foram recrutados no Caraça, perfazendo o total de 14 alunos. Os padres comentavam sobre o ensino da gramática latina, o que faz supor que, para esses primeiros missionários, o colégio também tinha um perfil de seminário menor para a formação de clero⁷⁵⁷⁶.

O colégio progrediu rapidamente: em 1822, eram 30 alunos e, em 1823, 71. Em agosto de 1822, enfrentou uma dificuldade adicional: o Pe. Viçoso foi recrutado pelo Imperador para o Colégio de Jacuecanga, em Angra dos Reis, estado do Rio de Janeiro⁷⁷. Tais interferências continuaram a ocorrer, visto que a *Carta Magna* do Império, de 24 de março de 1824, mantinha os institutos do padroado e do *placet*⁷⁸. Ainda em 1824, a Congregação da Missão no Brasil foi obrigada a se desligar de seus superiores em Portugal⁷⁹; já em 1828, quando D. Pedro I assinou um decreto de supressão das ordens religiosas estrangeiras, os congregados foram obrigados a se separarem, também, dos superiores franceses. Mas apenas em 1838 foi feito o rompimento com o Governo Geral da Congregação em Paris e criada a Congregação da Missão Brasileira, sendo o Pe. Antônio Viçoso o primeiro superior geral⁸⁰. Em carta à M. Fiat, Superior-Geral em Paris, datada de 10 de setembro de 1891, M. Boavida comentou esse período histórico:

⁷⁴ ZICO, J. T. C.M. **Congregação da Missão no Brasil**: resumo histórico (1820-2000). Belo Horizonte: Editora Santa Clara, 2000. p. 20.

⁷⁵ Conceição (2022, p. 120) fala explicitamente em seminário menor, e não em colégio.

⁷⁶ PASQUIER, E. C.M. **Os primórdios da Congregação da Missão no Brasil e a Companhia das Filhas da Caridade (1819-1849)**. Petrópolis: Vozes, s.d. p. 57-58.

⁷⁷ *Ibid.*, p. 59.

⁷⁸ Além disso, o padroado foi ratificado no Brasil em 15 de maio de 1827, quando o Papa Leão XII concedeu o direito de padroado ao Imperador D. Pedro I (Conceição, 2022, p. 116).

⁷⁹ ZICO, J. T. C.M. **Congregação da Missão no Brasil**: resumo histórico (1820-2000). Belo Horizonte: Editora Santa Clara, 2000. p. 22.

⁸⁰ SANTOS, E. C. C.M. **Congregação da Missão**: 200 anos no Brasil. Rio de Janeiro: Província Brasileira da Congregação da Missão, 2020. p. 33.

Por causa da agitação política que ocorria no Brasil, a Congregação da Missão, naquele momento, passava por uma crise que poderia levar à sua morte. As autoridades públicas haviam decidido que os confrades do Brasil não poderiam ter um superior estrangeiro: o que os colocava na necessidade de se governarem como se estivessem completamente separados da Casa Mãe. Mais tarde soubemos que esta separação era mais aparente do que real. Seja como for, é certo que alguns dos que ingressaram no noviciado (...) aproveitaram este motivo para abandonar a vocação (DePaul University, 1892, p. 307-308, tradução nossa).

Esse foi mais um ponto de tensão dentro da instituição: enquanto alguns religiosos não aceitavam manter contato com a sede francesa (ainda que pouco) — e, por isso, acabaram se desligando da Congregação —, outros entendiam que a única forma de a instituição sobreviver seria pela manutenção desse contato⁸¹.

Todas essas ações da Coroa Imperial, reunidas às revoltas liberais e a dificuldades financeiras da instituição, fizeram com que, em 24 de agosto de 1842, o Pe. Viçoso, superior do colégio, deixasse o Caraça, levando escravizados, padres, animais e bens móveis para Campina Verde, onde havia outro colégio gerido pela C.M. Foi um período difícil, em que quase foram extintas as atividades da Congregação no Brasil⁸².

A separação oficial da Congregação da Missão brasileira da sede francesa durou de 1839 a 1845, período durante o qual a Congregação Brasileira passou por inúmeras dificuldades. Logo os congregados perceberam que seria impossível manter a instituição naquelas bases e que a separação tinha sido um fracasso completo. O retorno à ligação com a sede francesa se iniciou em 1844, quando o imperador D. Pedro II deu aos vicentinos uma autorização legal prévia para que pudessem recorrer a uma autoridade estrangeira, atendendo à solicitação do Pe. Antônio Moraes Torres, Superior-Geral da Congregação no Brasil. Este escreveu logo ao Superior-Geral em Paris, Pe. João Batista Étienne, que restabeleceu a união e nomeou o Pe. Moraes Torres como superior provincial da Província Brasileira da Congregação da Missão (PBCM)⁸³. A partir de então, houve uma revitalização das atividades da C.M., caracterizada por uma grande ampliação de seus locais de atuação, como mostrado no Apêndice A, apesar da resistência da parcela mais liberal da sociedade, que considerava os religiosos conservadores e ligados ao Império.

⁸¹ SANTOS, E. C. C.M. **Congregação da Missão: 200 anos no Brasil**. Rio de Janeiro: Província Brasileira da Congregação da Missão, 2020. p. 35 e 51.

⁸² ZICO, J. T. C.M. **Congregação da Missão no Brasil: resumo histórico (1820-2000)**. Belo Horizonte: Editora Santa Clara, 2000. p. 46-47.

⁸³ *Ibid.*, p. 60-61.

O Colégio e Seminário do Caraça só voltou a ter um protagonismo na educação e religiosidade mineira a partir de 4 de abril de 1854, quando foi reaberto, agora sob a direção dos congregados franceses, para abrigar o Seminário Maior de Mariana, por decisão do bispo D. Antônio Viçoso, em função da epidemia de varíola que se espalhava na cidade (Zico, 2000, p. 65).

Foi nesse segundo momento, de maior prestígio e aumento do número de alunos, que, em 1876, face à demanda dos alunos do colégio interno e do Seminário Maior por um espaço mais amplo para a assistência aos serviços religiosos, ficou decidida a construção da igreja neogótica no mesmo local onde o Irmão Lourenço havia construído sua capela barroca, cerca de um século antes. A nova igreja manteve a consagração à Nossa Senhora Mãe dos Homens, templo já muito conhecido na região e objeto de peregrinações dos habitantes de Minas Gerais. A Figura 8 (esq.) e a Figura 9 (esq.) apresentam, respectivamente, a aparência atual da fachada principal e da nave da igreja. Para maiores detalhes da história da construção da igreja, sugerimos consultar Cid (2022).

1.4.2 Seminário Menor e Maior de Diamantina

O Seminário Menor e Maior de Diamantina tem uma história um pouco diferente da do Caraça. Nesse caso, a atuação dos vicentinos, que se desdobrou na construção da igreja neogótica, deve ser entendida dentro do contexto da sociedade diamantinense da segunda metade do século XIX.

No período colonial, Diamantina, antigo Arraial do Tijuco, não tinha uma paróquia própria, pois sua estrutura, tanto católica quanto administrativa, estava subordinada à Vila do Príncipe, hoje Serro. Diamantina foi elevada à condição de paróquia apenas em 1819, quando se criou a Freguesia de Santo Antônio de Lisboa e a igreja, de mesmo nome, como sua matriz⁸⁴.

Nesse contexto de pouca atuação da Igreja Católica em sua vertente institucional, as confrarias, irmandades e ordens terceiras tiveram um papel importante no tecido social do interior do Brasil — em específico, Minas Gerais. Assim,

⁸⁴ CONCEIÇÃO, W. **Desafinado**: das cinzas da Acayaca à bossa-nova. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2022. p. 103 e 105.

(...) só seria possível o estudo da história social do período, especialmente a de caráter religioso, se tivéssemos em mente o papel fundamental das instituições leigas nas Minas Gerais. E deve-se acrescentar que o Estado absolutista português impõe à Capitania mineira uma política religiosa que se iniciou e se caracterizou pela proibição da entrada e da fixação das ordens religiosas regulares no nosso território (Ávila, 2007, p. 33)

Segundo Conceição (2022, p. 105):

A emancipação tardia do Arraial do Tijuco dentro da estrutura administrativa católica estabelecida em Minas Gerais favoreceu, ainda mais, o fortalecimento das associações religiosas leigas, para ditarem as normas de convívio social da população. Essa situação interessava diretamente à Coroa portuguesa, que percebia, nas associações religiosas tijuquenses, aliadas importantes para a preservação da ordem social e submissão da população.

Tais antecedentes históricos moldaram a atuação da Igreja Católica em Diamantina ao longo do século XIX. A diocese de Diamantina foi instituída canonicamente pelo Papa Pio X pela *Bula Gravissimum Sollicitudinis*, de 6 de junho de 1854. O primeiro bispo nomeado foi Marcos Cardoso de Paiva, embora nunca tenha assumido a diocese por problemas de saúde que se agravaram. O bispo seguinte, D. João Antônio dos Santos, foi preconizado em Roma em 28 de setembro de 1863 e consagrado em Diamantina por D. Viçoso, em 1º de maio de 1864^{85,86}.

D. João foi aluno do Seminário do Caraça e, após seu fechamento em 1842, transferiu-se para o Seminário de Congonhas do Campo. Foi convidado pelo Pe. Viçoso para ser professor de Geografia e Filosofia no próprio Seminário de Congonhas, que já estava, a essa altura, sob a gestão dos vicentinos. Em 1848, D. Viçoso enviou o Pe. João Antônio para cursar matérias eclesiais na Universidade de Roma e, depois, no Seminário Maior de Saint-Sulpice, em Paris⁸⁷. Assim, D. João sempre esteve próximo dos vicentinos, de uma forma geral, e de D. Viçoso, em particular.

⁸⁵ CONCEIÇÃO, W. **Desafinado**: das cinzas da Acayaca à bossa-nova. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2022. p. 124.

⁸⁶ Mourão afirma que a confirmação da nomeação de Dom João como Bispo de Diamantina foi feita pelo papa Pio IX em 30 de setembro de 1863. Ref.: MOURÃO, P. K. C. **Sementeira de valores**: O Seminário de Diamantina de 1867 a 1930. Belo Horizonte: Tipografia Marília Editora, 1971. p. 9

⁸⁷ CONCEIÇÃO, W. **Desafinado**: das cinzas da Acayaca à bossa-nova. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2022. p. 124.

Como bispo, cabia a D. João construir a base material da nova diocese, considerando os objetivos da reforma do clero, a qual já se encontrava em andamento desde a primeira metade do século XIX. O principal deles consistia em uniformizar e regulamentar os procedimentos do clero em conformidade com as prescrições canônicas definidas por Roma — tarefa que foi dificultada pelo jogo de interesses das associações religiosas leigas em Minas Gerais, que conquistaram autonomia e independência em relação ao bispado de Mariana, cuja autoridade, naquele momento, encontrava-se enfraquecida⁸⁸.

D. João iniciou o bispado fazendo visitas pastorais regulares. No entanto, para reduzir abusos e excessos dos costumes nos cultos, era necessário um clero reformado, o que só se conseguiria com a fundação de um seminário. Em sua carta de saudação aos diocesanos, de 3 de fevereiro de 1864, D. João deixou claro esse desejo:

Da nossa parte nos esforçaremos por cumprir, com a graça de Deus, os deveres de nosso ministério, e sendo um deles a criação de um Seminário Eclesiástico, será este um dos nossos primeiros cuidados como uma instituição tão importante que o Concílio Tridentino collocou entre os objectos mais necessários da disciplina ecclesiastica para a educação do Clero, debaixo da immediata inspecção do Bispo. E certamente a existencia e organização dos Seminarios ecclesiasticos não podião estar sujeitas á outra jurisdicção que não seja a episcopal, por que é ao Bispo que incumbe o dever de expôr os dogmas, explicar, interpretar as leis ecclesiasticas, approvar ou reprovar a doutrina quando a achar conforme ou contraria áquella que recebeu de J. Christo (Santos, 1921 *apud* Conceição, 2022, p. 125).

Em março de 1866, D. João inaugurou o seminário na Casa do Contrato, imóvel do governo imperial. Começou a instrução eclesiástica pelo Seminário Maior, devido à urgência de formar padres que o auxiliassem na missão de reformar o clero da diocese; já o Seminário Menor seria inaugurado apenas em 1871. Em paralelo à inauguração do Seminário Maior, o bispo começou a construção do prédio próprio no Largo do Curral, na parte alta da cidade, ao lado do qual, três décadas depois, seria construída a igreja neogótica⁸⁹.

O corpo docente do seminário, quando inaugurado, era composto de sacerdotes do clero secular e professores leigos locais. Teve como reitor provisório o subdiácono José Alves de Mesquita, mas, em função da proximidade com a Congregação da Missão e da confiança nos

⁸⁸ CONCEIÇÃO, W. **Desafinado**: das cinzas da Acayaca à bossa-nova. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2022. p. 124, p. 125.

⁸⁹ *Ibid.*, p. 125-126.

padres vicentinos, logo o bispo combinou com o Visitador da C.M. a transferência de padres vicentinos franceses para Diamantina⁹⁰.

Em 12 de fevereiro de 1867, chegaram os primeiros vicentinos, sob a direção do Pe. Bartolomeu Francisco Xavier Sípólis. Em 19 de julho de 1867, D. João transferiu o seminário para o prédio do Largo do Curral, ainda inacabado (sua conclusão aconteceria apenas em novembro de 1869)⁹¹. O Pe. Bartolomeu Sípólis ficou na direção do seminário de 1867 a 1886, quando foi nomeado Visitador da PBCM e se mudou para o Rio de Janeiro⁹².

Além dessa iniciativa, o bispo realizou outras, como a criação de um colégio para educação de moças, para o qual foram chamadas Filhas da Caridade francesas, e a fundação da Sociedade Patrocínio Nossa Senhora das Mercês, que auxiliava a emancipação dos escravizados⁹³. Criou, ainda, uma fábrica de tecidos no Sítio do Biribiri, para oferecer trabalho às moças pobres da cidade. Por fim, organizou a catequese e estabeleceu as missões diocesanas, trazendo, em 1881, dois pregadores vicentinos, o padre alemão Guilherme Van de Sandt e o padre francês Antão Fises⁹⁴.

Todas essas ações buscavam unificar a devoção dos fiéis, esvaziando as atuações individuais das associações religiosas leigas. Outra iniciativa importante para tanto foi a instituição da Guarda de Honra do Sagrado Coração de Jesus em Diamantina, seguindo indicação do Papa Pio IX. Em 1876, o bispo D. João Antônio dos Santos, devoto do Sagrado Coração, solicitou à Madre Superiora de Bourg-en-Bresse esta autorização e em 25 de outubro deste mesmo ano, D. João erigiu, na capela do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, o primeiro centro, nomeando o Pe. Bartolomeu Sípólis como Diretor Espiritual. Ainda nesse mesmo ano, começaram a ser realizados exercícios no Seminário de Diamantina, na primeira sexta-feira do mês⁹⁵. Além disso, sempre fiel às normas definidas por Roma, D. João publicou uma carta

⁹⁰ *Ibid.*, p. 126.

⁹¹ CONCEIÇÃO, W. **Desafinado**: das cinzas da Acayaca à bossa-nova. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2022. p. 126.

⁹² ZICO, J. T. C.M. **Congregação da Missão no Brasil**: resumo histórico (1820-2000). Belo Horizonte: Editora Santa Clara, 2000. p. 87.

⁹³ CONCEIÇÃO, W. **Desafinado**: das cinzas da Acayaca à bossa-nova. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2022. p. 126-127.

⁹⁴ *Ibid.*, p. 128.

⁹⁵ ARQUIVO DO SEMINÁRIO DE DIAMANTINA. **Resumo histórico da Guarda de Honra**, s.d. p.3-4.

pastoral em 4 de julho de 1880, na qual consagrava a diocese ao Sagrado Coração de Jesus. Segundo Fernandes (2005 *apud* Conceição, 2022, p. 129):

Com essas instruções, D. João sufocou as devoções individualizadas aos santos padroeiros das ordens terceiras e unificou em torno da devoção do Sagrado Coração todos os fiéis da diocese. Justificou, doutrinariamente, a obediência e o acatamento à autoridade e instruções papais romanas. [...] Completando o quadro das instruções do bispado, D. João recomendou aos párocos que estimulassem a criação e funcionamento das diversas *Confrarias da Guarda de Honra do Sagrado Coração de Jesus*.

Pe. Sípólis propagou a associação fundando centros em quase todas as paróquias, dentro e fora da diocese, em especial em Mariana, onde as Irmãs e os padres vicentinos já estavam instalados. O centro de Diamantina recebeu a carta de afiliação em 2 de fevereiro de 1880 e o Diploma de Agregação em 25 de julho de 1890⁹⁶.

Por fim, para fortalecer ainda mais essas diretrizes, D. João planejou construir um santuário para o seminário, em devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Encomendou ao Pe. Júlio Clavelin uma planta em estilo neogótico e lançou uma campanha para levantar recursos. Dias antes do lançamento da pedra fundamental, 16 de março de 1884, distribuiu uma carta aos diocesanos em que esclarecia as motivações para a construção da igreja:

(...) queremos levantar em honra do Sagrado Coração de Jesus um monumento de gratidão e de amor afim de perpetuar a memória dos grandes e muitos benefícios que recebemos de sua divina piedade. Queremos edificar para nosso Seminário Episcopal um templo à sombra do qual se formem na virtude e na sciencia os alumnos que nos são confiados, e no qual os aspirantes ao sacerdocio aprendão a ser os discipulos e os apóstolos do Coração de Jesus, e se preparem a levar a todas as freguezias do Bispado a luz da pura doutrina e do bom exemplo.

Queremos enfim dotar esta cidade Episcopal e toda a Diocese com uma Igreja que sirva de centro a todas as Associações da Guarda de Honra de todas as freguesias, e seja a fonte e o foco da verdadeira devoção ao Divino Coração de Jesus (Arquivo do Seminário de Diamantina, 1884, p. 1).

Ainda no ano anterior, o Pe. Bartolomeu Sípólis, em carta ao Superior-Geral, M. Fiat, datada de 18 de outubro de 1883, falava do projeto de construir uma basílica:

Este, Senhor e honradíssimo padre, é o estado das nossas primeiras obras, iniciadas há dezoito anos, e tudo foi feito sem outros recursos que não os da Providência divina. Não havia nada então; hoje vós verieis um edificio grande e bonito para os dois seminários. Gastamos mais de trezentos mil francos para colocá-la no estado atual, e mais de cinquenta mil francos permanecem no fundo para começar, em 1884, a nossa

⁹⁶ ARQUIVO DO SEMINÁRIO DE DIAMANTINA. **Resumo histórico da Guarda de Honra**, s.d. p. 4.

futura basílica do Sagrado Coração de Jesus, à qual devemos tudo o que foi feito espiritual e materialmente (DePaul University, 1884, p. 480-481, tradução nossa).

A cerimônia não aconteceu na data marcada pelo bispo, tendo ocorrido apenas em março de 1885, de acordo com carta do Pe. Bartolomeu Sípolis a M. Fiat, Superior-Geral da C.M. em Paris, datada de 19 de março de 1885:

Para garantir o sucesso, colocamo-lo especialmente sob a proteção do nosso bom pai e senhor São José, cujo poder e amor já se manifestaram visivelmente em favor da nossa obra. Nosso seminário pertence a ele. Foi inaugurado no primeiro dia do mês de São José de 1866; é no mesmo mês, 19 anos depois, que celebramos a magnífica solenidade da benção da primeira pedra da futura basílica, que levará ao céu a glória do amado coração de Jesus⁹⁷ (DePaul University, 1886, p. 134, tradução nossa).

Essa carta mostra, novamente, como tal projeto episcopal era apoiado pelo reitor do seminário, com ênfase na devoção ao Sagrado Coração de Jesus e apoio para a fundação da Arquiconfraria:

Agora, desejamos completar esta obra de salvação, tão felizmente iniciada pela devoção ao Sagrado Coração; queremos erguer à sua glória um monumento de gratidão e de amor, para perpetuar a memória dos grandes e inúmeros benefícios que recebemos da sua misericórdia.

Queremos construir, para o nosso seminário episcopal, um templo à sombra do qual os alunos que lhes são confiados sejam formados pelos filhos de São Vicente de Paulo; um santuário do qual os aspirantes ao sacerdócio colham conhecimento e piedade, e se tornem verdadeiros discípulos, apóstolos zelosos do sagrado coração de Jesus, para levar a todas as paróquias da diocese a luz da doutrina pura, o bom exemplo de todas as virtudes etc.

Queremos finalmente dotar a nossa cidade episcopal e toda a diocese de uma bela basílica do sagrado coração, que será o centro de todas as associações da guarda de honra estabelecidas nas paróquias, e a casa onde todos os corações serão incendiados com verdadeira devoção ao coração amantíssimo de Jesus e serão renovados constantemente no espírito de reparação (DePaul University, 1886, p. 133, tradução nossa).

Por fim, nessa mesma carta, Pe. Sípolis traz a importância da construção da igreja para atender aos seminários, uma demanda urgente e desejada pelos gestores vicentinos dessas instituições. Percebe-se, assim, um alinhamento de ideais entre o episcopado e os congregados em Diamantina, o que resultou na construção da igreja, hoje Basílica do Sagrado Coração de Jesus:

⁹⁷ A data exata não é mencionada na carta, mas é anterior ao dia 19, pois na carta de 19 de março, Pe. Sípolis comenta o trabalho dos operários no dia seguinte à cerimônia (DePaul University, 1886, p. 137). Almeida (1990, p. 8), em sua palestra comemorativa do centenário da basílica, comenta que a data da cerimônia da pedra fundamental ocorreu em 15 de março de 1885.

A construção de uma igreja era uma necessidade urgente para os dois seminários. Tínhamos transformado uma grande sala numa capela provisória, que foi utilizada durante dezenove anos desde a nossa chegada. Sempre recusei tal empreendimento. O coração divino de Jesus veio para remover todos os obstáculos e superar todas as dificuldades. O templo que construímos é uma dádiva da sua bondade (DePaul University, 1886, p. 134, tradução nossa).

Havia uma intenção, que se concretizou posteriormente à construção da igreja, de que o seminário se tornasse a sede da Arquiconfraria para todo o Brasil — desejo também apoiado pelas Irmãs. Em carta de 2 de outubro de 1879, da Irmã Maria ao Pe. Sípolis, ela comenta: “Ó dulcíssimo Jesus manda-me dizer a V. Rvma. que Ele deseja ter em Diamantina uma Arquiconfraria da Guarda de Honra para o Brasil: não poderia a V. Rvma., fazer esse pedido a S. S. Leão XIII?” (Resumo Histórico da Guarda de Honra, [19--], p. 4).

Os congregados, por sua vez, também nutriam fortemente essa intenção, como mostra o relato de Pe. Bartolomeu Sípolis no final da carta de 19 de março de 1885, já comentada anteriormente:

Sua Grandeza, o Internúncio do Brasil, Arcebispo de Toronto, prometeu-me vir a Diamantina para consagrar a igreja do Sagrado Coração e obter do Santo padre a elevação da Guarda de Honra a Arquiconfraria para o Brasil. Isto será um grande consolo para nós e um novo triunfo para o Coração divino (DePaul University, 1886, p. 138, tradução nossa).

Em 31 de maio de 1894, Pe. Sípolis, já como Visitador da Congregação, fez um requerimento a D. João dos Santos solicitando que, na igreja do seminário, fosse erigida uma confraria, a qual seria o centro das confrarias de maneira que pudesse, futuramente, se tornar arquiconfraria. D. João respondeu no dia seguinte, momento a partir do qual os privilégios de centro diocesano passaram do Colégio das Irmãs, em Salvador, para a confraria do seminário. No mesmo ano, D. João solicitou ao Papa Leão XIII que a confraria sediada na basílica fosse elevada à arquiconfraria para todo o Brasil. Em 14 de dezembro de 1894, pelo breve *Pias Fidelium Sodalitatis*, o Papa erigiu e instituiu, de modo perpétuo, a Arquiconfraria de Diamantina, que foi inaugurada solenemente na festa do Sagrado Coração do ano seguinte, em 26 de junho de 1895⁹⁸.

⁹⁸ ALMEIDA, W. (Mons.), Palestra do Monsenhor Walter de Almeida, In: *Comemoração centenária da Basílica do Sagrado Coração de Jesus*: Seminário Arquidiocesano, Diamantina-MG, 1990. p. 4-5.

Assim, estabeleceu-se fortemente o culto ao Sagrado Coração de Jesus, e, até o presente, a Arquiconfraria continua funcionando regularmente na basílica. Entendo que este culto e a Arquiconfraria foram fundamentais no empenho para a construção da Basílica do Sagrado Coração de Jesus em Diamantina. Depois da instalação do bispado e até os dias atuais, a festa do Sagrado Coração de Jesus é realizada anualmente em junho. A festa ocorreu inicialmente na Sé Catedral e, a partir de meados do século XX, foi transferida para a Basílica do Sagrado Coração. A aparência atual da fachada principal e nave da igreja, hoje basílica, estão apresentadas respectivamente nas Figura 8 (centro) e Figura 9 (centro).

1.4.3 Colégio da Imaculada Conceição no Rio de Janeiro

A história do Colégio da Imaculada Conceição no Rio de Janeiro começa poucos anos depois do início das atividades da segunda fase de atuação da Família Vicentina no Brasil. Em 13 de abril de 1848, o Pe. João R. Cunha vai a Paris explicar ao Superior-Geral, Pe. João Batista Étienne, os problemas da Congregação no Brasil e solicitar o apoio de novos religiosos. Levou, também, a missão que lhe foi confiada por D. Antônio Ferreira Viçoso, de pedir Filhas da Caridade para a diocese de Mariana, que cuidariam da educação das jovens e dos pobres doentes (Gonçalves, 2006, p. 25). Pe. Cunha voltou em 11 de novembro de 1848, a bordo do navio *Étoile du Matin*, acompanhado de cinco padres, três irmãos leigos e 12 Filhas da Caridade, as quais seriam as primeiras religiosas de vida ativa a se estabelecerem no país. Chegaram ao Rio de Janeiro em 10 de fevereiro de 1849, depois de muitos dias de tempestade durante a viagem. Em 11 de março de 1849, depois da estação das chuvas, saíram do Rio para Mariana, aonde chegaram em 3 de abril de 1849, sendo recebidas por D. Viçoso, que, nesse momento, já era bispo de Mariana (Zico, 2000, p. 61).

Em 1852, o Imperador solicitou Filhas da Caridade francesas para auxiliar na Santa Casa e no Asilo dos Alienados, no Rio de Janeiro. Nesse ano, Pe. Monteil voltou a Paris e trouxe mais quatro padres, dois irmãos coadjutores e 33 Filhas da Caridade, a fim de atender à

solicitação. Ao retornar, morreu no Rio de Janeiro, em 27 de novembro de 1852, vítima de febre amarela⁹⁹.

Em 1853, teve lugar mais uma intervenção de D. Pedro II, que manifestou o desejo de que as Filhas da Caridade se ocupassem da educação da juventude do Rio de Janeiro. Nesse momento, a questão da educação feminina havia começado a chamar a atenção do governo brasileiro, e o único recurso disponível para as classes abastadas era enviar suas filhas para estudar na Europa. Foi criada, então, no Rio de Janeiro, a Associação São Vicente de Paulo, sociedade leiga fundada pelo Senhor João Vicente Martins, que solicitou a vinda de Filhas da Caridade para dirigir as obras do colégio. Em 8 de dezembro de 1853, foi assinado um contrato entre a Associação São Vicente de Paulo e a Companhia das Filhas da Caridade. Ao longo de 1854, foram preparadas as bases de fundação do colégio; 12 Irmãs vindas da França no veleiro *Pedro II* e mais 12 vindas posteriormente se instalaram na Rua do Livramento nº 122 e nº 124. Essa foi a base de três colégios no Rio de Janeiro: o Colégio Francês (hoje, Instituto São Vicente de Paulo do Matoso), a Casa da Providência (Primeira Casa Central e, hoje, Colégio da Providência de Laranjeiras) e o Colégio da Imaculada Conceição, na praia de Botafogo¹⁰⁰.

O Colégio da Imaculada Conceição iniciou suas atividades em 1854, com 14 alunas. No dia 20 de março de 1855, a Associação São Vicente de Paulo alugou a atual casa da praia de Botafogo para instalar o colégio, que, na época, funcionava como colégio interno. A fundadora do colégio foi a Irmã Ana Maria Saugère, que também esteve à frente da construção da igreja neogótica que será discutida mais adiante¹⁰¹.

Cabe comentar que, nesse período histórico, a educação no país era relevante para vários atores institucionais. O Pe. Bartolomeu Sípolis, em carta enviada do Caraça, em 1º de abril de 1861, ao Pe. Étienne, Superior-Geral de Paris, comenta como os vicentinos foram convocados à educação infantil em suas atividades no Brasil:

Mas é especialmente o colégio que assume proporções realmente grandiosas. Embora, em geral, os colégios dificilmente sejam o nosso trabalho, é certo que especialmente nos países onde não há meios de educar bem as crianças e os jovens, nos países onde os nossos irmãos são os únicos que podem exercer de modo profícuo este doloroso ministério, torna-se quase necessário e Deus não deixa de abençoá-lo

⁹⁹ ZICO, J. T. C.M. **Congregação da Missão no Brasil**: resumo histórico (1820-2000). Belo Horizonte: Editora Santa Clara, 2000. p. 63-64.

¹⁰⁰ CUNHA, L. Ir., O Colégio Imaculada Conceição. In: SOUZA, R. R. Ir. (org.). **História das Filhas da Caridade da Província do Rio de Janeiro**: Brasil 1849-2003. Petrópolis: Vozes, 2006b. p. 104-105.

¹⁰¹ *Ibid.*, p. 105.

abundantemente. É o caso, parece-me, do nosso colégio do Caraça. Inaugurado por meu irmão Miguel, em dezembro de 1856, dois anos depois da inauguração, em dezembro de 1858, contava com oitenta e seis alunos; em dezembro de 1860, tínhamos cento e setenta e atualmente esse número chega a cento e oitenta e cinco colegiais. Não demorará muito a aumentar porque estamos à espera de alguns novos, que nos foram anunciados como chegando depois das festas da Páscoa (DePaul University, 1863, p. 227-228, tradução nossa).

Também Irmã Silva dá ênfase a esse aspecto na apresentação do texto sobre a história das Filhas da Caridade no país, em que ressalta como as religiosas viam sua missão. Além dos pontos trazidos na carta de Pe. Sípolis, as Filhas da Caridade eram muito mais sensíveis à questão feminina, talvez por inspiração de Santa Luísa de Marillac:

Este registro evolutivo da pequena semente lançada em 1849, de suas lutas para guardar e fortalecer a identidade própria, consolidar valores, implantar, manter, fechar, reorientar serviços, visando responder às transformações empreendidas pela humanidade, conclama a reconhecer **a presença e a ação de Deus entre nós e a ver pessoas e os fatos como algo que compromete o presente e o futuro**. Revela atenção e flexibilidade frente aos apelos da realidade: fundamentalmente, estabelecida para servir os pobres, a Companhia, desde a sua chegada ao Brasil, reconhece a ausência de educação, nos vários segmentos sociais, como uma forma de pobreza. Por isso, a par dos serviços sociais e hospitalares, abriu-se à educação das meninas como eficaz e valioso instrumento de evangelização, de valorização da mulher (Silva, 2006, p. iii, grifo do autor).

Azzi realiza uma síntese do trabalho missionário das Filhas da Caridade, ressaltando pontos semelhantes:

É inegável a contribuição efetiva das Filhas da Caridade na formação da sociedade brasileira no século passado. Não se lhes pode negar grande zelo e dedicação tanto no cuidado dos enfermos como na educação da juventude feminina. Em ambos os aspectos elas foram pioneiras, criando um tipo novo de presença religiosa feminina dentro da sociedade da época imperial. A elas se deve também uma positiva colaboração para a elevação do nível cultural da mulher brasileira, até então geralmente mantida alheia aos currículos escolares (Azzi, 1975, p. 245).

Elas também auxiliaram os bispos reformadores na educação religiosa das mulheres. Como pontuou Azzi:

Os pensionatos que nossas irmãs têm no Brasil, declarava o visitador Pe. Bénit, são casas de educação para moças de boa família. Os superiores permitiram às Filhas da Caridade esta obra, por causa de penúria que há neste país de boas casas de educação. O mais importante desses pensionatos é o do Rio de Janeiro, que abriga duzentas jovens das melhores famílias da região (Azzi, 1975, p. 245).

Em relação à organização institucional da Companhia das Filhas da Caridade no Brasil, a instalação da Província do Rio de Janeiro ocorreu em 17 de agosto de 1860, com sede no

Colégio da Província, localizado na rua Conselheiro Pereira da Silva, em Laranjeiras¹⁰². A fundação da Província Brasileira das Filhas da Caridade ocorreu em 22 de agosto de 1860, quando se reuniu, pela primeira vez, o Conselho da Nova Província, com a pauta de criar um seminário para as jovens brasileiras vocacionadas. Esse seminário foi aberto em 08 de setembro de 1860, tendo recebido duas jovens da Bahia¹⁰³. Para casa central, foi escolhida a Casa da Providência no Rio. Irmã Marie Athalie Rouy foi, então, nomeada a primeira Visitadora da Província do Brasil¹⁰⁴. Com ela, vieram 12 Irmãs para ajudar no desenvolvimento das obras¹⁰⁵.

O trabalho de Irmã Saugère foi fundamental para a atuação das Filhas da Caridade no Rio de Janeiro. Ela expandiu muito as ações das religiosas durante sua gestão: em 15 de junho de 1856, fundou a Associação das Filhas de Maria Imaculada das Internas, quando havia, no colégio, 162 alunas. Em 1869, criou a Associação do Sagrado Coração, para amparo de meninas jovens pobres e, às vezes, envergonhadas. Em 1871, fundou o Externato Santa Filomena, para crianças pobres do bairro de Botafogo. Em 22 de outubro de 1876, abriu a Casa Nossa Senhora das Dores, para receber senhoras idosas, ricas ou pobres. Em 1876, criou o Orfanato Santa Maria ou Associação das Crianças de Santa Maria, exclusivo para filhas de escravizados (hoje, Educandário Gratuito Santa Maria). Em 1878, fundou a Associação das Jovens Ecônomas, que originou a Obra de Roupas para os Pobres e, ainda, a dos Tabernáculos, que preparava paramentos para as igrejas pobres — atualmente conhecida como Servas do Senhor. Finalmente, em 21 de outubro de 1895, criou a Associação das Filhas de Maria Imaculada das Externas e, em 1896, a Confraria das Senhoras da Caridade, para senhoras da sociedade que se doavam aos cuidados dos pobres¹⁰⁶.

¹⁰² SOUZA, R. R. Ir. Como era o Rio de Janeiro. *In*: _____ (org.) **História das Filhas da Caridade da Província do Rio de Janeiro**: Brasil 1849-2003. Petrópolis: Vozes, 2006a. p. 52-53.

¹⁰³ Instalação da Província Brasileira das Filhas da Caridade do Rio de Janeiro. *In*: SOUZA, R. R. Ir. (org.). **História das Filhas da Caridade da Província do Rio de Janeiro**: Brasil 1849-2003. Petrópolis: Vozes, 2006d. p. 160-161.

¹⁰⁴ SOUZA, R. R. Ir.; SOARES, O. O. Ir. Fundação da Província Brasileira das Filhas da Caridade. *In*: SOUZA, R. R. Ir. (org.) **História das Filhas da Caridade da Província do Rio de Janeiro**: Brasil 1849-2003. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 154.

¹⁰⁵ *Ibid.*, p. 155.

¹⁰⁶ CUNHA, L. Ir. O Colégio Imaculada Conceição. *In*: SOUZA, R. R. Ir. (org.). **História das Filhas da Caridade da Província do Rio de Janeiro**: Brasil 1849-2003. Petrópolis: Vozes, 2006b. p. 106-107 e 110.

Todos os esforços de Irmã Saugère, alinhados com a visão tridentina, foram fortemente apoiados por D. Viçoso, um dos líderes do novo espírito da Igreja no Brasil, menos nacional e mais católica romana. Esse bispo considerava que, para renovar a Igreja e a sociedade, seria preciso renovar o clero e solidificar a estrutura familiar. Sobre esse último aspecto, a participação das Filhas da Caridade, como educadoras da juventude feminina, era fundamental.

Por fim, em relação às Filhas da Caridade, no ano de 1886, início da construção da igreja para o Colégio da Imaculada Conceição, havia 30 casas e 440 Irmãs no Brasil, distribuídas entre Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Minas Gerais e Ceará¹⁰⁷. Eram 16 casas no Rio, sendo oito hospitais e oito estabelecimentos de ensino, números que dão uma boa ideia do tamanho das atribuições das Filhas da Caridade no Brasil¹⁰⁸

Foi também Irmã Saugère que esteve à frente da construção da igreja para o Colégio da Imaculada Conceição. Em carta de 23 de maio de 1872, para M. Étienne, Superior-Geral em Paris, ela já relatava a ideia de construir uma igreja no local da atual Basílica da Imaculada Conceição:

No ano passado, conseguimos abrir uma escola para meninas pobres do bairro. Este ano temos em perspectiva uma obra não menos interessante: a dos velhos, para a qual iniciaremos em breve uma construção paralela ao Colégio, do qual estará separado pela distância de vinte e cinco metros. Este espaço está reservado a uma capela que posteriormente se erguerá no meio dos dois estabelecimentos, servindo de ligação entre eles, através de uma galeria no primeiro andar, atrás dos edifícios. Uma vez executado este plano, restará, para cada casa, um vasto jardim, o que facilitará a sua total separação, ao mesmo tempo que as unirá num único estabelecimento (DePaul University, 1873, p. 136, tradução nossa).

No entanto, o lançamento da pedra fundamental da igreja do colégio aconteceria somente em 1886. Irmã Saugère achava que “será uma das mais belas Igrejas góticas que o Brasil terá” (Cunha, 2006b, p. 109). Segundo Cunha, o Sagrado Coração de Jesus foi escolhido para a consagração da igreja pelas antigas alunas do colégio, que colaboraram muito para que

¹⁰⁷ SOUZA, R. R. Ir. 2ª. Visitadora da Província Brasileira das Filhas da Caridade: Irmã Virginia Marguerite Dubost / 1866-1886). In: SOUZA, R. R. Ir. (org.). **História das Filhas da Caridade da Província do Rio de Janeiro**: Brasil 1849-2003. Petrópolis: Vozes, 2006g. p. 175-176.

¹⁰⁸ SOUZA, R. R. Ir. 3ª. Visitadora: Irmã Louise Josephine Dorothée Chantrel. Cujo mandato foi de 1886 a 1909. In: SOUZA, R. R. Ir. (org.). **História das Filhas da Caridade da Província do Rio de Janeiro**: Brasil 1849-2003. Petrópolis: Vozes, 2006h, p. 187.

a construção pudesse ser concluída no tempo recorde de seis anos¹⁰⁹. Como já discutido no item 1.4.2, porém, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus também era muito importante, naquele momento histórico, para os vicentinos e as Filhas da Caridade. Além disso, em 1853, a Província Brasileira das Filhas da Caridade foi Consagrada ao Coração de Jesus devido ao flagelo da febre amarela¹¹⁰.

A inauguração da igreja ocorreu em 25 de junho de 1892, com missa da qual participou o bispo da diocese e oficiada pelo Pe. Clavelin, que neste período era reitor do seminário episcopal do Rio Comprido. Nessa missa estavam presentes as mais respeitáveis famílias da alta sociedade carioca da época¹¹¹.

Os planos iniciais de consagração da igreja ao Sagrado Coração de Jesus foram modificados. Em 1915 ela foi consagrada pelo bispo do Maranhão, D. Francisco de Paula e Silva, também pertencente à Congregação da Missão. Mas a imagem do Sagrado Coração de Jesus, pelo seu grande tamanho, não coube no nicho para ela no altar e foi colocada em um pedestal no lado direito, no corpo da igreja. No altar foi colocada uma imagem de N. Sra. das Graças, e assim passou a ser conhecida a igreja¹¹². No colégio, a devoção a Nossa Senhora também era particularmente importante e incentivada pelas Irmãs, em especial após as aparições a Santa Catarina Labouré. Esta devoção influenciou fortemente a formação moral e cristã da sociedade brasileira, através da formação da infância e juventude feminina¹¹³.

A história da construção da Igreja da Imaculada Conceição está fortemente ligada à história do colégio de mesmo nome e baseando-se na missão e visão das Filhas de Caridade em relação à juventude feminina podemos melhor compreender este templo católico. As Figura 8

¹⁰⁹ CUNHA, L. Ir. O Colégio Imaculada Conceição. In: SOUZA, R. R. Ir. (org.). **História das Filhas da Caridade da Província do Rio de Janeiro: Brasil 1849-2003**. Petrópolis: Vozes, 2006b. p. 126.

¹¹⁰ SOUZA, R. R. Ir. Padre João Monteil, C.M. e a organização da Companhia no Brasil de 1849 a 1859. In: SOUZA, R. R. Ir. (org.). **História das Filhas da Caridade da Província do Rio de Janeiro: Brasil 1849-2003**. Petrópolis: Vozes, 2006c. p. 138.

¹¹¹ FREITAS, S. Mais um templo a Jesus Christo. **O Paiz**. Rio de Janeiro, ed. 3.716, p. 2, 4 jul. 1892. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_02&pagfis=5573. Acesso em: 26 fev. 2024.

¹¹² CUNHA, L. Ir. O Colégio Imaculada Conceição. In: SOUZA, R. R. Ir. (org.). **História das Filhas da Caridade da Província do Rio de Janeiro: Brasil 1849-2003**. Petrópolis: Vozes, 2006b. p. 126.

¹¹³ SOUZA, R. R. Ir. 2ª. Visitadora da Província Brasileira das Filhas da Caridade: Irmã Virginia Marguerite Dubost / 1866-1886). In: SOUZA, R. R. Ir. (org.). **História das Filhas da Caridade da Província do Rio de Janeiro: Brasil 1849-2003**. Petrópolis: Vozes, 2006g. p. 175.

(dir.) e Figura 9 (dir.) mostram a aparência atual da fachada principal e nave da igreja, hoje também basílica como a de Diamantina.

2 PROCESSO CONSTRUTIVO DE IGREJAS VICENTINAS NO SUDESTE BRASILEIRO DO SÉCULO XIX

As igrejas a serem analisadas no presente trabalho, Igreja N. Sra. Mãe dos Homens no Santuário do Caraça, Basílica do Sagrado Coração de Jesus em Diamantina, Basílica da Imaculada Conceição no Rio de Janeiro, foram construídas ao longo do último quartil do século XIX, inseridas no conjunto de fatores socioculturais e religiosos comentados no Capítulo 1. Além delas, a Família Vicentina construiu ainda duas outras igrejas nesse mesmo século: a Capela de N. Sra. Das Graças (Casa da Providência), em Salvador, e a Igreja do Pequeno Grande, em Fortaleza. O recorte escolhido excluiu tais obras para concentrar os esforços de pesquisa nas que, segundo indicam referências bibliográficas, foram projetadas pelo Padre Clavelin, de forma que se pudesse levantar mais informações sobre os construtores dessas igrejas e proceder a uma análise um pouco mais homogênea dos aspectos histórico-culturais relevantes para a sua construção.

2.1 Origens do financiamento

As três igrejas foram construídas a partir de esforços coletivos, que compreenderam os estudantes dos colégios e seus familiares, os padres vicentinos, também acompanhados de seus familiares, as comunidades próximas e até mesmo algumas instituições religiosas internacionais.

Em relação à Igreja de N. Sra. Mãe dos Homens, segundo Zico (1983, p. 69), parte dos recursos financeiros vieram do cofre do colégio, e o restante, de doações dos familiares dos missionários na Europa e de amigos no Brasil. Também tiveram forte contribuição os familiares dos alunos. O Pe. João Fraissat, padre secular que residia no Caraça, empenhou-se ativamente no financiamento, seja doando seu pequeno ordenado, seja mantendo uma rifa perpétua de medalhinhas e santinhos, cujos bilhetes custavam 500 réis. A expressão consagrada pelo Pe. Fraissat para participar dessas rifas era “vamos à cumbuca” (Zico, 1983, p. 70).

Em relação à construção da Igreja de Diamantina, o bispo Dom João lançou uma campanha para angariar recursos, entregando sua coordenação aos diocesanos José da Conceição e João de Paula. Segundo Almeida (1990, p. 6), o bispo Dom João lançou mão

também de “burrasquês”, vales que corriam o comércio como dinheiro vivo. Segundo Mourão (1971, p. 33), o Pe. Gaspar Cordeiro Couto menciona um desses exemplares de papel-moeda, no valor de 500 réis, em que se via estampado o projeto da igreja. O autor complementa dizendo que “segundo parece, não foi fielmente executado” (Mourão, 1971, p. 33).

O bispo também conclamou todas as freguesias da diocese a doarem pedras para a construção da igreja, que ficou popularmente conhecida em Diamantina como a “igreja de pedra”, e a assinalarem sua contribuição em um livro, a fim de preservar a memória do trabalho de construção, tarefa de que ficou encarregado o Pe. Pedro Corrêa Rabelo. Cada freguesia escolhia a doação para uma parede, coluna ou torre da igreja, de forma que as pedras tinham tamanhos diferentes, em função das distintas condições financeiras. Com isso, o bispo ajudou a unificar todas as freguesias pelo propósito comum de construir a igreja, que foi solenemente inaugurada em 6 de janeiro de 1890¹¹⁴.

A construção da Igreja de Diamantina contou, ainda, com contribuições dos próprios padres vicentinos (como o Pe. Sípólis e sua família), de fiéis mais abastados, de instituições religiosas e de padres e freiras francesas — alguns ligados à Arquiconfraria da Guarda de Honra do Sagrado Coração de Jesus. Várias dessas pessoas têm seus nomes registrados nos vitrais do templo, que serão analisados no item 3.1.2.

Em relação à Igreja da Imaculada Conceição, no Rio de Janeiro, também aconteceu o levantamento de fundos pelos alunos e moradores das redondezas. O noticiário católico *O Apóstolo* (6 fev. 1887), em sua *Secção Noticiosa*, elogia a construção da igreja e lista as contribuições efetuadas:

Egreja do Sagrado Coração de Jesus. – Progridem os trabalhos daquela nova egreja, que se está edificando junto ao collegio da Immaculada Conceição, na praia de Botafogo.

Não há duvida que é grande a necessidade de um templo naquele local, e por isso sendo aplaudida a idéa que se vai realizando, de edificar-se não uma capella mas uma boa egreja, no bairro nobre desta cidade, é de esperar que com o auxilio de todos os fieis e especialmente dos moradores, seja a praia de Botafogo enriquecida com um templo digno dos sentimentos religiosos dos fluminenses.

Para aquella egreja têm havido os seguintes donativos:

Baroneza de Itamby.....	1:300\$000
D. Guilhermina Torres Guimarães....	1:200\$000
Visconde de Tamandaré.....	1:000\$000
D. Maria Emilia Torres.....	1:000\$000
Dr. Moreira (consul na Belgica).....	500\$000
D. Carlota Ribeiro Taques.....	200\$000

¹¹⁴ Segundo Conceição (2022, p. 130), informação que diverge da apresentada por Zico (2000, p. 108), que comenta que a festa de inauguração teria ocorrido em 1889.

D. Anna Ferro.....50\$000 (O Apostolo, ed. 13, p. 2).

A mesma notícia foi publicada também no *Jornal do Commercio* (1887) da véspera:

Donativos – Para a igreja do Sagrado Coração de Jesus, junto ao Collegio da Immaculada Conceição, na praia de Botafogo, houve os seguintes donativos: Baroneza de Itamby 1:300\$. D. Guilhermina Torres Guimarães 1:200\$. Visconde de Tamandaré 1:000\$. D. Maria Emilia Torres 1:000\$. Dr. Moreira, consul da Belgica 500\$. D. Carlota Ribeiro Taques 200\$ e D. Anna Ferro 50\$000 (Jornal do Commercio, n. 36, p. 1).

Da lista apresentada, observa-se que grandes personagens da sociedade carioca e brasileira da época participaram dos esforços conjuntos para a construção da nova igreja.

2.2 Os construtores

2.2.1 O projetista

Dadas as informações obtidas em fontes primárias e em textos sobre as construções, pode-se dizer que o Pe. Clavelin se ocupou integralmente da construção da Igreja de N. Sra. Mãe dos Homens, no Santuário do Caraça¹¹⁵. Quanto à Igreja de Diamantina, como, no período em que foi construída, ele se encontrava no Rio de Janeiro e em Salvador, é possível que não tenha participado ativamente da construção. No entanto, segundo Conceição (2022, p. 129), a planta dessa igreja também foi de autoria do Pe. Clavelin:

Para reforçar as instruções firmadas nessa carta pastoral, Dom João planejou levantar um Santuário para o Seminário, em devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Encomendou uma planta de estilo gótico ao padre Júlio Clavelin, o mesmo projetista do templo do Caraça. Lançou uma campanha para angariar recursos, entregando sua coordenação aos diocesanos José da Conceição e João de Paula. Contratou o mestre Antônio Luiz de Figueiredo e seus artífices, que também foram os edificadores do templo do Caraça (...).

¹¹⁵ Para mais detalhes sobre a história do Colégio e Seminário Maior e da construção da igreja, ver Cid (2022).

Finalmente, quanto à igreja do Rio de Janeiro, é possível que Pe. Clavelin tenha participado do início da construção, pois foi o Sétimo Capelão do Colégio da Imaculada Conceição; além disso, segundo Irmã Cunha (2006b, p. 126), “a Irmã Saugère confiou a direção das obras da Igreja do CIC ao Padre Clavelin”. Entretanto, de acordo com Silva (1910, p. 57), ele teria sido capelão do colégio apenas por cerca de um ano (de 1886 a 1887). Em seguida, é alçado a Superior da Santa Casa, posto que ocupa até abril de 1888, quando é enviado à Bahia como Superior do Seminário Maior, como mencionado na carta do Pe. Bartolomeu Sípólis ao Superior-Geral de Paris, M. Fiat, datada de 26 de abril de 1888:

Tenho a alegria de anunciar a tomada de posse dos dois seminários da Arquidiocese da Bahia, no aniversário do nascimento do nosso bendito Padre.
A patente do senhor Clavelin, nomeado superior do seminário maior, tendo chegado no dia 10 de abril, e este querido colega, apesar da sua repugnância pela superioridade, tendo decidido aceitá-la, partimos no dia 14, pelo vapor francês, le Congo, e chegamos no dia 17 na Bahia (DePaul University, 1889, p. 292).

Na Bahia, segundo seu biógrafo (Silva, 1910, p. 60-65), o Pe. Clavelin permaneceu de 1888 a 1891, quando retornou ao Rio de Janeiro para assumir, em 1892, o Seminário Menor do Rio Comprido. Portanto, durante a maior parte do tempo em que foi construída a Igreja da Imaculada Conceição, o Pe. Clavelin não estava no Rio de Janeiro, e, certamente, o trabalho construtivo foi orientado e coordenado por outros profissionais. Na missa de inauguração da igreja, porém, ele esteve presente, tendo sido seu celebrante, segundo informa Freitas (1892, p. 2).

2.2.2 Os executores

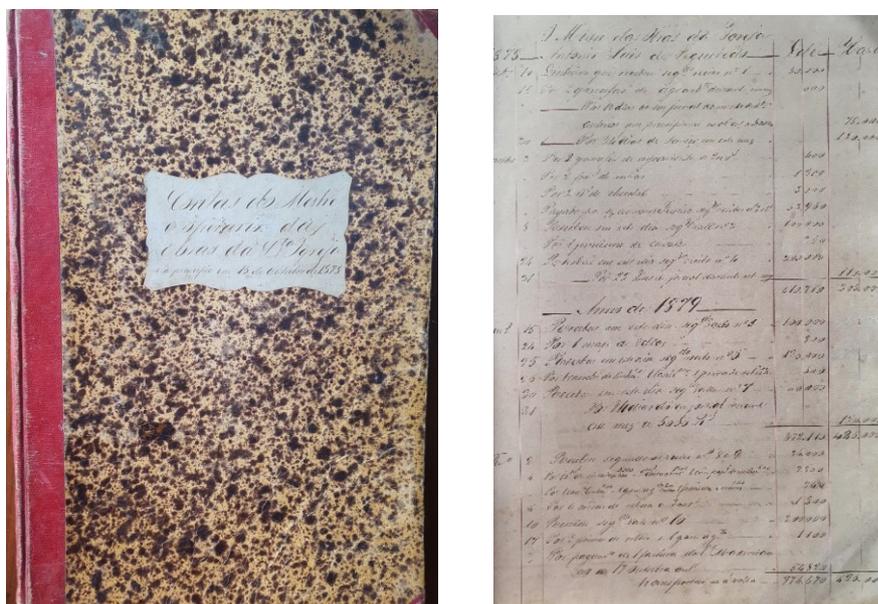
Algumas relevantes informações sobre os construtores das três igrejas, levantadas pelo presente trabalho, serão detalhadas a seguir. Tais informações, inéditas, permitirão um aprofundamento futuro sobre as circulações de profissionais e técnicas envolvidas nas construções de igrejas no Brasil, em especial as neogóticas.

2.2.2.1 Igreja N. Sra. Mãe dos Homens — Santuário do Caraça

Na biblioteca do Santuário do Caraça, foi encontrado o livro de contas dos gastos com mão de obra da construção da igreja, quase todo de próprio punho do Pe. Clavelin, o que pode ajudar a esclarecer algumas dúvidas a respeito. A Figura 1 apresenta a capa e uma das páginas desse livro, em que são indicados o nome do operário, sua função, o valor da diária de trabalho, a lista de créditos pelos dias trabalhados e a lista de débitos referentes aos itens de necessidade, como roupas e cigarros. Na capa do livro, lê-se “Contas do Mestre e operários das obras da S^{ta}. Igreja ela principio em 15 de outubro de 1878”. Tal informação sobre data é relevante, visto que, nos textos sobre o período de construção da igreja, reporta-se que a primeira pedra teria sido colocada em data distinta: 3 de setembro de 1876 (Zico, 1983, p. 68-69). É possível que a pedra fundamental tenha sido colocada nesse ano, mas que a maior parte das obras só tenham efetivamente começado em 1878. Uma confirmação adicional de que as obras efetivas da construção da igreja teriam se iniciado em 15 de outubro de 1878 é que esse período corresponde, também, à data de contratação do mestre de obras, segundo a folha de receitas e despesas mostrada no lado direito da Figura 1.

A folha de receitas e despesas contém informações sobre o mestre de obras, Antonio Luis de Figueiredo, e novembro de 1878 é o primeiro mês registrado. No início da página, há menção a um crédito de 75.000 réis “Por 15 dias do seu jornal do mes de out^{bro}. anterior que principiarao as obras a 5.000”. No mesmo livro, também são reportadas as despesas dos operários com alimentos, bebidas, roupas e outros itens de necessidade pessoal. No caso do mestre Figueiredo, surgem, nessa página, despesas de aguardente, chocolate e meias.

Figura 1 – Capa e página do livro de contas de gastos com mão de obra da construção da Igreja – Santuário do Caraça



Fonte: Biblioteca do Caraça, cx. 49, notação T.1.3.4.

A data registrada no livro reduz o tempo de construção da igreja de seis anos e oito meses, reportado por Zico (1983, p. 69), para cerca de cinco anos, tarefa admirável considerando as dificuldades de acesso à região. Um fato que acabou facilitando esse processo foi a obtenção da maior parte dos materiais construtivos da igreja (quartzitos, mármore, metadunitos e pedras-sabão) nas redondezas do próprio colégio, como descrito no artigo de Penha (2022, p. 710).

O trabalho de mestre de obras do Caraça por Antonio Luis de Figueiredo está bem-documentado em várias fontes. Outra confirmação de ter sido ele efetivamente o responsável por essa função está no texto do Pe. Sarnelius, um relato emocional de um entusiasta do barroco, também reproduzido no texto do Pe. Palú (2005, p. 344). Pe. Sarnelius menciona o ano de 1876 como o início da demolição da antiga capela e cita Antônio Luiz de Figueiredo como o mestre de obras. No entanto, o texto não informa um encadeamento cronológico que permita identificar o momento do início efetivo da construção da nova igreja.

Foi em 1876 que o Padre Clavelin tirou do seu belo nicho e trono a Senhora Mãe dos Homens do Irmão Lourenço e começou a destelhar o velho santuário, despregar-lhe o forro, desmanchar-lhe as paredes, arrancar as tampas das sagradas e saudosas sepulturas, escavar os alicerces. Cada pancada do martelo, cada golpe de picareta, feria profundamente o coração dos admiradores do santo Irmão Lourenço e do glorioso estilo português. Colocou a primeira pedra gótica Dom Luiz Antônio dos Santos, bispo de Fortaleza. Era o tristonho prelúdio do novo hino em louvor à Senhora Mãe dos Homens.

E foi-se levantando a gigantesca obra dos góticos, no cenário inteiramente colonial (...) O mestre de obras, Antônio Luiz de Figueiredo, dava ordens e brados. E o Padre Clavelin, o arquiteto, tudo superintendia, desenhando e calculando em silêncio (Sarnelius, 2005, p. 96-97).

O Quadro 1 apresenta uma consolidação da mão de obra empregada na construção da Igreja do Caraça, a partir das informações contidas no livro de contas; nela, constam os nomes dos operários, as diárias e os períodos trabalhados. Foram encontrados, listados no livro, 84 operários que participaram da construção da igreja, mas são muito poucos os que trabalharam no período de 15 de outubro de 1878 a 27 de maio de 1883, quando a igreja foi consagrada (Zico, 1983, p. 61) e quando devem ter se encerrado as grandes atividades de construção. Para os operários que participaram da obra por um longo período, não foram observados aumentos de salário, apenas nos poucos casos de promoção para funções mais especializadas.

Quadro 1 - Operários da construção da Igreja de N. Sra. Mãe dos Homens – Santuário do Caraça

IDENT.	NOME	ESPECIALIDADE	VALOR DA DIÁRIA (réis)	Nº DE PERÍODOS TRABALHADOS	PERÍODO DE TRABALHO	OBSERVAÇÕES
1	ANTONIO LUIS DE FIGUEIREDO	MESTRE DE OBRAS	5.000	55	15/10/1878 – abr 1884	
2	ANTONIO RODRIGUEZ BARÃO	CANTEIRO (mar 1879 - mar 1880) / CONTRAMESTRE (restante)	2.700 a 3.700 (CANTEIRO) / 3.000 a 4.000 (CONTRAMESTRE)	53	mar 1879 - mar 1880; mar 1880 - dez 1882; jan 1883 - jun 1883	A partir de março de 1880, começou a receber alguns dias a 3.000 e outros a 4.000; em julho de 1883, recebeu no, Rio de Janeiro, o dinheiro que tinha a receber.
3	JOSÉ LUIS CONDESSA	CANTEIRO	3.600	17	mar 1879 - jul 1880	
4	GABRIEL GONZALEZ	PEDREIRO	3.600	4	15/10/1878 - 17/2/1879	
5	ANTONIO AUGUSTO GIESTAL	CANTEIRO	2.700	34	15/10/1878 - mai 1879; 7/9/1880 - dez 1880; 2/11/1881 - mai 1883; jan-abr 1884	
6	ANTONIO GUERRERO	CANTEIRO	2.700	49	mai 1879 – set 1883	Enviado dinheiro pelo Barão.
7	FRANCISCO VIDAL	CANTEIRO	2.700	20	dez 1879 – jul 1881	
8	JOÃO AFFONSO DA PONTE	CANTEIRO	2.700	35	mar 1879 - jan 1882	
9	MANOEL DA SILVA NEVES	CANTEIRO	2.700	5	7/9/1880 - jan 1881	
10	BENTO FRANCO	PEDREIRO(?) ¹¹⁶	2.600	27	jul 1879 - 14/07/1880; abr 1882 - jul 1885	Mandou pagar a diferença final, no Rio, em 22/07/1885.
11	JOSÉ BARROS	PEDREIRO(?) ¹¹⁶	2.600	8	out 1882 - 30/06/1883	
12	MANOEL LOUREIRO	PEDREIRO(?) ¹¹⁶	2.600	8	out 1882 - jun 1883	
13	MAXIMINO FRANCO LOIS	PEDREIRO(?) ¹¹⁶	2.600	-	08/12/1884 - abr 1885	

¹¹⁶ Os cinco operários com diária de 2.600 réis que não tiveram suas especialidades definidas no livro de contas poderiam, a princípio, ser CANTEIROS ou PEDREIROS. Assumi, nesse caso, que seriam pedreiros.

IDENT.	NOME	ESPECIALIDADE	VALOR DA DIÁRIA (réis)	Nº DE PERÍODOS TRABALHADOS	PERÍODO DE TRABALHO	OBSERVAÇÕES
14	MIGUEL REIS	PEDREIRO(?) ¹¹⁶	2.600	7	jul 1882 - jan 1883	
15	ANTONIO ANTUNES	CANTEIRO	2.600	0	mai 1879 (trabalhou por 2,5 dias)	
16	ANTONIO DA SILVA COELHO	CANTEIRO	2.600	15	mar 1879 - 27/5/1880	
17	ANTONIO GASPAR DAS NEVES	CANTEIRO	2.600	55	15/10/1878 - abr 1883; abr 1883 - mar 1884	
18	ANTONIO JOSÉ LOPEZ	CANTEIRO	2.600	27	nov 1879 - 30/01/1882	
19	AZUIL F. MONTEIRO	CANTEIRO	2.600	7	15/10/1878 - 17/5/1879	
20	CASIMIRO OGANDO	CANTEIRO	2.600	32	out 1880 - jun 1883	
21	JOÃO CONDE	CANTEIRO	2.600	24	nov 1879 - out 1881	
22	JOAQUIM BARBOSA	CANTEIRO	2.600	15	out 1880 - out 1881; abr 1883 - mai 1883	
23	JOAQUIM BERNARDINO GOMES	CANTEIRO	2.600	22	ago 1881 - jun 1885	Parece que foi para o Rio de Janeiro, pois foi dada uma quantia ao correspondente do Rio para que lhe fosse entregue.
24	JOAQUIM MARTINS	CANTEIRO	2.600	20	nov 1879 - 4/07/1881	
25	JOSÉ MARIA LOPEZ	CANTEIRO	2.600	17	mar 1880 - jul 1881	
26	JOSÉ MARTINS	CANTEIRO	2.600	15	jul 1880 - 30/09/1881	
27	MANOEL ANTONIO MARTINS	CANTEIRO	2.600	21	set 1880 - abr 1882; mai 1883 - dez 1883	Pagamento foi feito a Antonio Guerreiro, devido à compra de um cavalo.
28	MANOEL ANTONIO PEREIRA	CANTEIRO	2.600	7	jul 1879 - jan 1880	
29	MANOEL FRANCO LOIS (ESPANHOL)	CANTEIRO	2.600	34	ago 1880 - dez 1881; jan 1882 - jul 1883	p. 63 (11/07/1883: Recebeu no Rio de Janeiro).
30	MANOEL PASSOS	CANTEIRO	2.600	12	jul 1879 - jun 1880	
31	MANOEL VIDAL	CANTEIRO	2.600	32	out 1880 - jun 1883	

IDENT.	NOME	ESPECIALIDADE	VALOR DA DIÁRIA (réis)	Nº DE PERÍODOS TRABALHADOS	PERÍODO DE TRABALHO	OBSERVAÇÕES
32	MARCIAL VIDAL	CANTEIRO	2.600	39	jul 1879 - dez 1879; abr 1880 - dez 1882	Recebeu parcela final em 16/06/1883.
33	ALONSO	PEDREIRO	2.600	8	nov 1878 - jun 1879	p. 64: Foi para a Espanha em 30/06/1879.
34	DOMINGOS BLANCO	PEDREIRO	2.600	29	mai 1879 - jul 1880; 3/4/1882 - 30/04/1885	Valor final entregue ao Maximino.
35	JOÃO BAPTISTA TROVAMALA	PEDREIRO	2.600	49	nov 1878 - 14/09/1879; abr 1880 - 30/06/1885	
36	JOSÉ ALONSO GONZALEZ	PEDREIRO	2.600	12	out 1880 - 30/09/1881	
37	LOURENÇO DE MAGALHÃES	PEDREIRO	2.600	31	mar 1879 - 3/10/1881	
38	MANOEL DE SANTIAGO	PEDREIRO	2.600	19	mar 1879 - 16/05/1879; abr 1880 - 2/7/1880; 21/5/1882 - dez 1883; jan 1884 - mar 1884	
39	MANOEL EIRAS	PEDREIRO	2.600	25	set 1879 - set 1881	
40	MANOEL FRANCO	PEDREIRO	2.600	18	fev 1880 - 2/08/1881	Recebeu a parcela final do Pe. Superior no Rio de Janeiro.
41	MANOEL LOURENÇO	PEDREIRO	2.600	19	jun 1879 - 31/08/1879; fev 1880 - fev 1881; dez 1881 - 17/02/1882	Pagamento final em 26/05/1883.
42	MANOEL RIBEIRO MARQUES	PEDREIRO	2.600	7	mar 1879 - mai 1879; abr 1880 - jul 1880	
43	MIGUEL FRANCISCO FERNANDEZ	PEDREIRO	2.600	22	15/10/1878 - jul 1880; mai - jul 1882 (registro de aparentemente um acerto de contas); mai 1882 - out 1883; jan 1884 - jan 1885	
44	RAMON LOURENÇO	PEDREIRO	2.600	9	mar 1879 - mai 1879; abr 1880 - jul 1880; abr 1883 - mai 1883	

IDENT.	NOME	ESPECIALIDADE	VALOR DA DIÁRIA (réis)	Nº DE PERÍODOS TRABALHADOS	PERÍODO DE TRABALHO	OBSERVAÇÕES
45	VICENTE BOUÇAS	PEDREIRO	2.600	12	jul 1879 - 9/7/1880	
46	MANOEL GARCIA	PEDREIRO (a partir de abril de 1881, está listado como CANTEIRO) ¹¹⁷	2.600	51	mar 1879 - jan 1884 (último registro de dias trabalhados)	Recebeu pela última vez em out 1884; dinheiro entregue a Vieira.
47	CASIMIRO LOIZ	CANTEIRO	2.500	4	abr 1880 - jul 1880	
48	ANTONIO GUERRA	PEDREIRO	2.000	14	out 1882 - nov 1883	
49	SALVADOR CARRERAS	PEDREIRO	2.000	20	nov 1878 - jun 1879; nov 1880 - 17/10/1881	p. 68: Foi para a Espanha em 30/6/1879; voltou em nov. 1880.
50	DOMINGOS VICENTE SANTIAGO (DOMINGOS VICENTE CLARO)	PEDREIRO	1.800/2.000 (a partir de ago. 1879)	50	jan 1879 - 3/05/1879; 13/05/1879 - 2/9/1879; dez 1879 - jul 1880; jul 1880 - 17/11/1883	ESCRAVIZADO “DE CONGONHAS”
51	ABILIO CONDESSA	APRENDIZ DE CANTEIRO (jun. 1879 - fev. 1880) / CANTEIRO	600 (jun. 1879 - fev. 1880); 1.500 (a partir de mar 1880); 1.800 (nov. 1881); 2000 (dez 1881 - Jul 1882)	23	jun 1879 - fev 1880; mar 1880 - jul 1880; 1/11/1881 - jul 1882	Recebeu valor final por seu pai, José Luiz Condessa.
52	MANOEL DOMINGUEZ	CARPINTEIRO	1.600	5	15/10/1878 - 20/03/1879	Saiu do serviço da igreja para o do colégio.
53	GUMERCINDO PAREDES	SERVENTE	1.000	20	15/10/1878 - 14/07/1880	
54	JOSÉ CARRERAS	SERVENTE	1.000	36	15/10/1878 - out 1881	
55	MANOEL GONZALEZ	SERVENTE	1.000	32	out 1880 - 12/09/1884	Recebeu a parcela final de Mag th da Veiga.
56	JOAQUIM BAPTISTA	SERVENTE	800	13	jan 1881 - 12/02/1882	
57	BALBINO	SERVENTE	700	2	jul 1879 - ago 1879	
58	CASIMIRO	SERVENTE	700	2	jul 1879 - ago 1879	

¹¹⁷ Na lista de especialidades, foi considerado como CANTEIRO por ter sido essa a sua função na maior parte do tempo trabalhado.

IDENT.	NOME	ESPECIALIDADE	VALOR DA DIÁRIA (réis)	Nº DE PERÍODOS TRABALHADOS	PERÍODO DE TRABALHO	OBSERVAÇÕES
59	FRANCISCO ANTUNES DIAS	SERVENTE	700	11	ago 1881 - jun 1882	
60	JOAQUIM(?) CARLOS	SERVENTE	700	2	out 1879 - nov 1879	
61	JOAQUIM CLAUDIO	SERVENTE	700	18	15/10/1878 - 2/9/1879; 21/11/1879 - Jul 1880	ESCRAVIZADO "DE CONGONHAS"
62	SEGUISMUNDO	SERVENTE	700	9	jul 1879 - mar 1880	Em 9/3/1880. foi enviado a Congonhas.
63	ANTONIO CARLOS LUIZ FELICIANO	SERVENTE	640	4	jan 1879 - 22/03/1879; 12/04/1879 - 10/05/1879	
64	JOÃO GOMES MENDES	SERVENTE	640	2	out 1880 - nov 1880	
65	JOSÉ BALBINO	SERVENTE	640	25	15/10/1878 - nov 1880	
66	MANOEL DE BARROS	SERVENTE	640	6	15/10/1878 - abr 1879	ESCRAVIZADO "DE CONGONHAS"
67	EUGENIO DIAS	SERVENTE(?) ¹¹⁸	600	1	out 1881 - out 1881	
68	JEREMIAS	SERVENTE	600	3	jun 1879 - ago 1879	
69	JOÃO AVELINO	SERVENTE	600	3	jun 1879 - ago 1879	
70	JOAQUIM	SERVENTE	600	2	abr 1883 - mai 1883	
71	JORGE	SERVENTE	600	2	abr 1883 - mai 1883	
72	RAMON ALONSO	SERVENTE	600	12	out 1880 - 30/09/1881	
73	CASIMIRO AFFONSO PEREIRA	SERVENTE(?) ¹¹⁸	500	8	out 1882 - dez 1883	Os recebimentos foram espaçados, às vezes, por vários meses.
74	JOÃO PROCÓPIO	SERVENTE(?) ¹¹⁸	500	6	dez 1882 - 31/01/1884	
75	JOAQUIM SILVINO DA SILVA	SERVENTE(?) ¹¹⁸	500	9	ago 1882 - abr 1883	
76	ANTONIO GONÇALVES	SERVENTE	500	1	jan 1881	
77	ANTONIO THOMÉ	SERVENTE	500	1	abr ano (?)	Pode ter sido em 1883, já que o operário consta das últimas páginas do livro de

¹¹⁸ Todas as jornadas com diárias abaixo de 1.000 réis e para as quais não constava a especialidade do operário no livro de contas foram assumidas como de SERVENTE.

IDENT.	NOME	ESPECIALIDADE	VALOR DA DIÁRIA (réis)	Nº DE PERÍODOS TRABALHADOS	PERÍODO DE TRABALHO	OBSERVAÇÕES
						contas, e a letra não é mais a mesma do início dos registros, a qual era, possivelmente, do Pe. Clavelin
78	BELMIRO	SERVENTE	500	5	dez 1882 - 05/02/1884	Foram registrados apenas cinco meses de pagamentos nesse período.
79	GALDINO	SERVENTE	500	2	jul 1879 - ago. 1879	
80	JOSÉ DA CRUZ	SERVENTE	500	4	jul 1882 - set 1882; abr e ago 1883(?)	O segundo período deve ter sido em 1883, já que o operário consta no livro de contas em uma página posterior à do primeiro período.
81	SILVÉRIO MENDES	SERVENTE	400; 500 (a partir jan. 1881); 600 (a partir de mar 1881)	11	set 1880 - 13/08/1881	
82	FRANCISCO BOTELHO	SERVENTE(?) ¹¹⁸	400	7	jul 1882 - jan 1883	
83	MODESTO ALVARES	SERVENTE(?) ¹¹⁸	?	2	fev 1883 - mar 1883	Função e diária não especificadas. Pelo período trabalhado e valor recebido, devia ser um servente com diária abaixo de 1.000 réis.
84	PEDRO MARÇAL DO CARMO	SERVENTE	?	1	jul 1882	Dispensado por insubordinação.

Fonte: Compilação pela autora a partir do livro de contas (Biblioteca do Caraça, cx. 49, notação T.1.3.4).

Na Tabela 1, estão dispostas as informações do Quadro 1 consolidadas pela especialidade dos profissionais, com a faixa de diárias recebidas e o número de meses trabalhados, o que indica a rotatividade de mão de obra ao longo da construção. Nela, observa-se que cada operário trabalhou, em média, apenas 30,4% do período total da construção e que os operários mais especializados, como o mestre de obras, contramestre e os canteiros tiveram uma rotatividade mais baixa, como seria esperado pela possível maior dificuldade de obtenção desse tipo de profissional e pelos melhores salários oferecidos. Os serventes, pelo contrário, apresentam uma rotatividade bem maior, e o carpinteiro, que foi o mesmo durante todo o período analisado e trabalhou apenas durante os cinco primeiros meses da obra, deve ter sido convocado apenas quando seu serviço foi necessário — ou é possível que algum outro operário, depois, tenha incorporado essa atividade.

Tabela 1 – Perfil dos operários, valores das diárias e rotatividade da mão de obra na construção da Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens – Santuário do Caraça

ESPECIALIDADE	NÚMERO DE OPERÁRIOS POR ESPECIALIDADE	FAIXA DE VALORES DA DIÁRIA (réis)	Nº DE PERÍODOS DE TRABALHO DISPONÍVEIS	Nº DE PERÍODOS DE TRABALHO TRABALHADOS	% MÉDIA DE PARTICIPAÇÃO DE CADA ESPECIALIDADE NA OBRA
MESTRE DE OBRAS	1	5.000	55	55	100,0%
CONTRAMESTRE	1	3.000 a 4.000	55	53	96,4%
CANTEIRO	28	1.500 ¹¹⁹ a 3.700	1.540	632	41,0%
PEDREIRO	21	2.000 a 3.600	1.155	397	34,4%
CARPINTEIRO	1	1.600	55	5	9,1%
SERVENTE	32	400 a 1.000	1.760	263	14,9%
TOTAL	84	-	4.620	1.405	30,4%

Obs.: Número de períodos com informações disponíveis: 55; número de operários total (considerando apenas o período nov. 1878 a maio 1883): 84.

A partir da tabela, observa-se também que o mestre Antonio Luis de Figueiredo participou de todo o período da construção, recebendo diária de 5.000 réis, quase 40% mais alta do que a do

¹¹⁹ O único operário que iniciou a atividade como canteiro recebendo 1.500 réis de diária foi Abílio Condessa, filho de José Luiz Condessa, e que havia iniciado o trabalho nove meses antes como aprendiz, recebendo diária de 600 réis. A diária normal mais baixa de canteiro era de 2.000 réis.

canteiro mais bem-pago, José Luiz Condessa (que recebia diária de 3.600 réis), e quase 10x superior ao salário de um servente, que variava de 400 a 1.000 réis.

A maior parte dos operários encerrou suas atividades no Caraça em meados de 1883, período da consagração da Igreja, mas alguns mantiveram uma atividade laboral no local: um canteiro, dois pedreiros e dois serventes foram dispensados entre janeiro e março de 1884, e o último pagamento do mestre de obras data de abril de 1884, quando também se encerra a atividade do canteiro Antonio Augusto Giestal. Durante o ano de 1884, alguns operários ainda atuaram no Caraça, provavelmente para ajustes e consertos necessários à conclusão total da obra. Por fim, um pedreiro e um canteiro ficaram até 30 de junho de 1885, os dois últimos registros de gastos de obra reportados no livro de contas. Por coincidência, segundo Silva (1910, p. 55), o ano de 1885 marca o fim do superiorato do Pe. Clavelin no Caraça e, portanto, não é impossível que tenha havido despesas posteriores não registradas.

Ao que parece, os canteiros e os pedreiros eram, em sua maioria, portugueses e espanhóis, como vários textos mencionaram. Zico (1983, p. 116) fala do mestre Joaquim Martins, português, e dos mestres Manuel Gonzales, José Balbino, Vicente Bouças e Francisco Vidal. Tal menção a operários, que parece terem sido de seu conhecimento, também consta do diário de D. Pedro II, quando escreve sobre sua visita ao Caraça entre 11 e 13 de abril de 1881:

O edifício para maior largueza dos alunos carece ainda de bastantes obras. Tem gasto já bastante com a igreja que ficará muito elegante. Vi muito bem feitos capitéis e socos de pedra daqui por três canteiros sob a direção de um mestre, sendo um daqueles Joaquim Martins português e os outros fulanos Vidal espanhóis (Alcântara, 1957, p. 97).

A partir do livro de contas, pode-se afirmar que o operário Joaquim Martins, mencionado por Zico e D. Pedro II, realmente trabalhou como canteiro na obra até julho de 1881. Os canteiros Francisco Vidal, Manoel Vidal e Marcial Vidal, também citados por D. Pedro II, estavam efetivamente na obra quando da sua visita ao Caraça.

Quanto à nacionalidade, alguns registros a determinavam mais claramente, como em menções ao encerramento do serviço em função de viagem para a Espanha ou a associação da nacionalidade espanhola diretamente ao nome do operário. Esses profissionais devem ter auxiliado Pe. Clavelin na execução de sua hercúlea tarefa de construir uma igreja conforme sua aspiração, sem que ele próprio tivesse os conhecimentos técnicos de arquitetura, tão somente um grande pendor para a disciplina da matemática. Contudo, pela falta de registros mais específicos sobre o tema, essas são apenas inferências plausíveis.

Aparentemente, a equipe foi formada por vários parentes, pois muitos operários tinham o mesmo sobrenome. No caso de Abílio Condessa, que começou como aprendiz de canteiro e foi promovido a canteiro, há uma menção do pagamento final por seus serviços a seu pai, José Luis Condessa, que era também o canteiro mais bem-pago da obra. O *Quadro 2* apresenta alguns desses sobrenomes repetidos, bem como os nomes completos de cada operário.

Quadro 2 - Sobrenomes comuns entre alguns operários do Caraça

SOBRENOMES	NOMES COMPLETOS
CONDESSA (ou CONDESA?)	JOSÉ LUIZ CONDESSA e ABÍLIO CONDESSA (pai e filho)
LOIS e FRANCO	MANOEL FRANCO LOIS (referenciado como ESPANHOL), MAXIMINO FRANCO LOIS e CASIMIRO LOIS. Também BENTO FRANCO e MANOEL FRANCO
GONZALEZ	GABRIEL GONZALEZ, MANOEL GONZALEZ e JOSÉ ALONSO GONZALEZ
VIDAL	FRANCISCO VIDAL, MARCIAL VIDAL e MANOEL VIDAL
CARRERAS	SALVADOR CARRERAS e JOSÉ CARRERAS
ALONSO	JOSÉ ALONSO GONZALEZ e RAMON ALONSO
LOPEZ	ANTONIO JOSÉ LOPEZ e JOSÉ MARIA LOPEZ
LOURENÇO	MANOEL LOURENÇO e RAMON LOURENÇO
MARTINS	JOAQUIM MARTINS, JOSÉ MARTINS e MANOEL ANTONIO MARTINS
NEVES	ANTONIO GASPAR DAS NEVES e MANOEL DA SILVA NEVES
BARROS	JOSÉ BARROS E MANOEL DE BARROS

Fonte: Compilação pela autora a partir do Quadro 1.

Zico (1983, p. 117) comenta não ter havido mão de obra escrava na construção da Igreja do Caraça, porque os escravizados haviam sido libertados pelos padres em 1871. Efetivamente, o livro de contas reporta na lista da equipe três operários como ex-escravizados de Congonhas. Dois deles trabalharam como serventes, recebendo diárias de 640 a 700 réis. O único ex-escravizado com diária mais elevada, de 1.800 réis, foi Domingos Vicente Santiago, também mencionado como Domingos Vicente Claro, que exerceu atividade de pedreiro. Não se sabe se o operário José Balbino, servente, que recebia diária de 640 réis, seria a mesma pessoa de outro Balbino, servente, que recebia 700 réis. O primeiro trabalhou de outubro de 1878 a novembro de 1880 e o segundo, de julho a agosto de 1879. Como esses períodos se sobrepõem, o mais provável é que fossem dois operários distintos, possivelmente parentes.

Os operários da Igreja do Caraça também participaram da construção das igrejas de Diamantina e do Rio de Janeiro: “Terminada a construção da igreja do Caraça, os operários se dispersaram. Uns foram reformar a igreja barroca de Catas Altas, outros trabalhar na construção da igreja neogótica na praia do Botafogo ou na futura Basílica do Seminário de Diamantina” (Zico, 1983, p. 63). Pelas observações dos pagamentos finais que foram feitos no Rio de Janeiro, sabemos que pelo menos dois canteiros, Joaquim Bernardino Gomes e Manoel Franco Lois, estavam nessa cidade depois de encerrarem suas atividades laborais no Caraça. Não foi encontrada, porém, qualquer fonte primária que confirme que participaram da construção da Igreja do Rio de Janeiro ao final do trabalho no Caraça.

2.2.2.2 Igreja do Sagrado Coração de Jesus – Diamantina

A Igreja de Diamantina também foi uma tarefa hercúlea, como mostra o relato de Pe. Sípólis em carta ao Superior-Geral M. Fiat, datada de 19 de março de 1885, já mencionada anteriormente. Apesar de se ressentir das dificuldades construtivas, a tarefa foi levada a cabo:

Abandonamo-nos à sua onipotência e à sua misericórdia com fé, confiança e amor. É preciso, na verdade, muita coragem para empreender tal obra neste interior do país, onde a dificuldade de transporte nos causa despesas consideráveis, no norte desta imensa província, privada de todo o comércio e empobrecida pelo declínio dos diamantes, cuja extração era a única indústria (DePaul University, 1886, p. 134, tradução nossa).

Não foi possível encontrar, para a Igreja de Diamantina, informações tão detalhadas sobre os operários como as obtidas para a Igreja do Caraça. Contudo, algumas indicações reforçam a informação de Zico (1983, p. 63) de que uma parte dos operários do Caraça haveria trabalhado na Igreja de Diamantina, como a palestra comemorativa do centenário da Basílica do Sagrado Coração, proferida por Almeida (1990, p. 6):

Com o projeto de Pe. Júlio Clavelin, que também foi o projetista da Igreja do Caraça, e contratado o construtor Antônio Luiz de Figueiredo, o mesmo construtor da Igreja do Caraça e da Matriz de Divinolândia, tudo estava pronto para o início das obras. Os artífices também vieram do Caraça.

Quanto à participação do mestre de obras Antonio Luis de Figueiredo, ela é suportada por uma fonte primária, o caderno de notas de gastos da construção do Pe. Sípólis (Seminário de Diamantina, s.d.), mostrado na Figura 2.

Figura 2 – Registro de pagamento ao Mestre Antonio Luis de Figueiredo

Viva Jesus
Despesas para Igreja do Sagrado Coração
Art.º 1.º jornais de officiaes

1.ª conta de 15 de Janeiro de 1884 ate fim do anno 1884.

Jornais	1.ª De 6000	2.ª De 2400	3.ª De 2400	4.ª De 2000	5.ª De 1450
do Sr. Mestre A. L. de Figueiredo	288 dias	14 officiaes	1 officiaes	5 officiaes	2 officiaes
	14728	3289 1/2 dias	170 dias	885 1/2 dias	319 1/2 dias
	40000	8553	408	1771	479
		700	000	000	620

Legenda: Caderno de notas de despesas da construção feito por Pe. Sípolis (de 15/01/1884 ao fim do ano de 1884)

Fonte: Arquivo do Seminário de Diamantina, s.d.

A carta do Pe. Bartolomeu Sípolis ao Superior-Geral da Congregação da Missão em Paris, datada de 19 de março de 1885, é outra fonte que confirma esse fato:

No dia seguinte à festa, os nossos vinte trabalhadores redobram a sua atividade, para iniciar e lançar os alicerces abençoados com a primeira pedra. *Os dirigentes, com o mestre-de-obras que serve de arquiteto, vieram, por contrato, do Caraça onde construíram a magnífica igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens.*

A sua experiência, depois do belo monumento do Caraça, é-nos de grande utilidade; eles formam como uma empresa. Espanhóis, portugueses, brasileiros, todos são robustos e ágeis; dir-se-ia, ao vê-los trabalhar, que têm uma vocação especial para manusear pedras, ferro e aço.

Enquanto alguns estão ocupados trabalhando nas paredes da igreja, outros estão em diversos canteiros de obras extraindo ou cortando as pedras, de acordo com as necessidades da construção. O trabalho de extração é árduo e difícil e requer muitos cuidados. A despesa de cada dia equivale a aproximadamente 200 francos. Precisaremos de mais de 200.000 francos¹²⁰ para terminar e adornar adequadamente a basílica¹²¹. Aumentando o número de operários esperamos terminá-la em março de 1887¹²². O nosso arquiteto disse-me hoje que um bom terço da obra e a parte mais difícil está feita (DePaul University, 1886, p. 137, grifo e tradução nossos).

¹²⁰ Corresponde a aproximadamente 80 contos de réis. Em carta da Irmã Bosaico, do Rio de Janeiro para a sede da Congregação da Missão, em 01 de setembro de 1885, ela comenta que havia recebido uma doação de 40 contos de réis, correspondente a 100.000 francos. (DePaul University, 1887, p. 148).

¹²¹ Desde essa época, já era uma aspiração do Pe. Sípolis que a igreja se tornasse basílica.

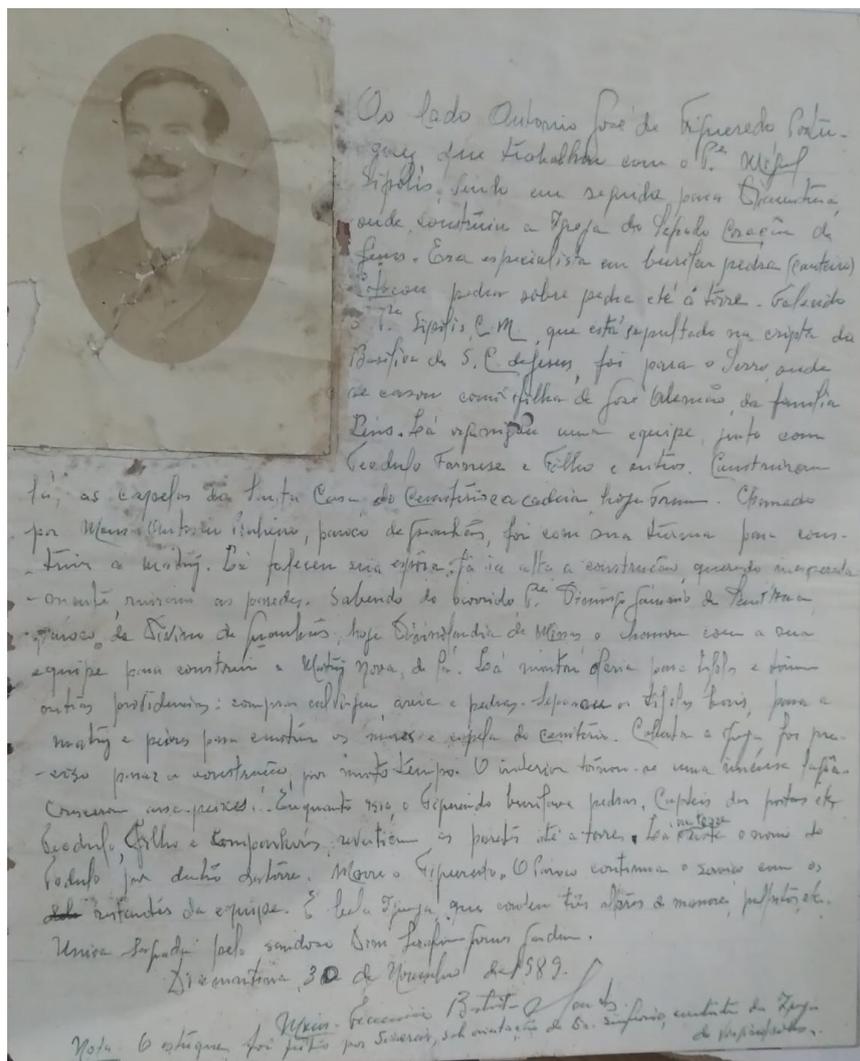
¹²² Essa previsão foi bastante ultrapassada, pois, como vimos anteriormente, a igreja foi inaugurada apenas em 6 de janeiro de 1890.

Também em Conceição (2022, p. 129), lemos que o bispo D. João contratou o mestre Antonio Luis de Figueiredo e seus artífices para a construção da igreja. Essa informação é reafirmada pelo fato de o nome de tal mestre aparecer como doador em um dos vitrais que ornamentam a igreja, o da Flagelação de Jesus (Figura 27), o que indica que ele esteve próximo durante o período de construção da igreja.

O trecho da carta de Pe. Sípólis menciona outra informação relevante: o mestre de obras também estava exercendo a função de arquiteto. Essa possibilidade faz sentido, na medida em que o Pe. Clavelin não participou efetivamente do processo de construção da igreja, pois se encontrava no Rio de Janeiro e na Bahia, como mencionado no item 2.2.1. Paira, no entanto, dúvida sobre a participação ou não de outro construtor, John Rose, o que será comentado ainda neste item.

Por fim, uma terceira confirmação da participação de Antonio Luis de Figueiredo como mestre de obras da Igreja de Diamantina está em uma carta escrita por Monsenhor Francisco Batista Santos em 30/11/1989, em Diamantina, cujo extrato principal é apresentado abaixo. Na Figura 3, encontramos, além da cópia da carta, o retrato de mestre Figueiredo.

Figura 3 – Carta sobre o mestre Figueiredo



Fonte: SANTOS, F. B. Mons., 30 de nov. de 1989.

Ao lado Antônio José¹²³ de Figueiredo, portuguez que trabalhou com o Pe. Miguel Sipolis, vindo em seguida para Diamantina, onde construiu a Igreja capela do Sagrado Coração de Jesus. Era especialista em burilar pedra (canteiro). Colocou pedra sobre pedra até a torre. (...) Pe. Domingos Januário de Santa Ana, Pároco de Divino de Guanhões, hoje Divinolândia de Minas o chamou com a sua equipe para construir a Matriz Nova de lá. (Santos, 1989, p. 1)

Esse texto, bem como o de Almeida (1990, p. 6), já descrito acima, apresentam-nos a uma quarta igreja, a Matriz de Nossa Senhora das Graças, em Divinolândia de Minas, cidade a cerca de 200 km a sudeste de Diamantina e que, segundo o texto acima, começou a ser construída pelo mesmo

¹²³ Nesta carta, o segundo prenome está errado, mas deve ser a mesma pessoa, pela menção a ser o construtor da Igreja do Sagrado Coração de Jesus.

mestre Antonio Luis de Figueiredo, mas cuja conclusão se deu apenas na década de 1940. Essa construção será brevemente comentada no item 2.3.

Sobre outros operários que tenham participado da construção da Igreja de Diamantina, a única informação disponível está no Dossiê de Tombamento do Seminário (2004, p. 112), que comenta a participação do ajudante espanhol Manoel Loureiro. Realmente, o profissional trabalhou no canteiro do Caraça de outubro de 1882 a junho de 1883. Pelo livro de contas do Caraça, recebia diária de 2.600 réis, o que era compatível com a atividade de canteiro ou pedreiro, embora, no livro, não esteja especificada a atividade exercida por ele.

Em relação aos construtores da Igreja de Diamantina, existe, ainda, uma polêmica sobre a participação do inglês John Rose, comentada no livro de Tibães (2018), uma biografia desse inglês oriundo da cidade de Ladock, na Cornualha, a partir dos relatos de familiares. Consta que veio, como trabalhador especializado nas áreas de Mineração e Metalurgia, em meados do século XIX, para atuar nas Minas de Ouro da *Saint John D'El Rey Mining Company*, hoje Mineração de Morro Velho, em Nova Lima. Segundo a fala de Geraldo, bisneto de John Rose, “mamãe, sua neta, sempre nos disse que ele era Engenheiro Mecânico, Arquiteto e Músico”¹²⁴. “Inicialmente, sobreviveu e enriqueceu-se na *Mineração de Diamantes* e na execução de *Obras de Construção Civil* como *Arquiteto ou Construtor*”¹²⁵ Segundo os familiares, “saiu de lá, porque se desentendeu com seus patrícios”¹²⁶, veio para Diamantina em 1860, formou família e criou fortuna. Os parentes atuais lembram as palavras de seus netos, Josué e Maria da Conceição Batista Teixeira: “Nosso Avô era um homem que ‘fazia tudo’. Construiu com as próprias mãos suas ferramentas, seu barco e subiu o Rio das Velhas, de Sabará até Paraúna, próximo de Gouveia, e edificou a sua casa na Rua do Hospital, em Diamantina.”¹²⁷ Ainda segundo os familiares, John Rose participou de várias construções na região de Diamantina, incluindo uma fábrica e casas, e tornou-se amigo e pessoa de confiança do bispo D. João Antônio dos Santos, tendo realizado várias obras para ele, como a construção de residências e a reforma de igrejas, além da Fábrica de Fiação e Tecidos Biribiri. Dona Conceição, autora do livro e pertencente à família, afirma:

¹²⁴ TIBÃES, M. da C. D. **John Rose, um inglês em Diamantina**: do Biribiri aos casarões. Diamantina: UFVJM, 2018. p. 39.

¹²⁵ *Ibid.*, p. 44.

¹²⁶ *Ibid.*, p. 40.

¹²⁷ *Ibid.*, p. 40.

A Família dizia ter sido JOHN ROSE o “braço direito” de D. João Antônio dos Santos, porque naquela época vinham muitos estrangeiros para cá, ingleses, franceses e os portugueses já estavam por aqui, mas pessoa com a experiência e capacidade de ajudá-lo, somente este Engenheiro Mecânico e Arquiteto. A maioria veio com intuito de comerciar (Tibães, 2018, p. 44).

John Rose faleceu em 20 de julho de 1888, em Diamantina¹²⁸. Assim, durante os três primeiros anos da construção da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, estava vivo e poderia ter efetivamente participado dessa obra. Seus familiares argumentam que sua participação não é comentada porque, apesar de ser amigo de D. João, era maçom, anglicano e casado com uma pessoa negra. O motivo de seu nome ter sido gradualmente apagado da história da cidade consistiria em preconceito e tradicionalismo oligárquico. Por exemplo, no livro de Joaquim Felício dos Santos, irmão do bispo D. João, *Memórias do Distrito Diamantino*, não aparece o nome de John Rose¹²⁹. Por outro lado, Sir Richard Burton comenta em seu livro de memórias sobre sua estadia em Diamantina:

Na noite de meu primeiro dia em Diamantina, estive em casa de John Rose, um inglês de Cornualha, originalmente mineiro de Morro Velho, depois minerador de diamante, carpinteiro, pedreiro e arquiteto; seu último emprego fora no Palácio do Bispo. Graças à sobriedade e ao bom comportamento, juntara cerca de £5.000, e agora podia gozar amplamente seu gosto pela independência, em palavras e ações (Burton, 1977, p. 89).

Aqui, Sir Burton se refere a John Rose como uma pessoa dotada de várias habilidades técnicas, sendo, inclusive, arquiteto. Ainda nas palavras de Antônio Carlos Fernandes, Toninho, professor da Faculdade de Filosofia e Letras de Diamantina, que participou da pesquisa para o livro sobre John Rose:

A importância de JOHN ROSE não deve apenas prender-se às suas realizações arquitetônicas, mecânicas e culturais, mas devem ser tratadas dentro de um contexto maior que é a Modernização da Sociedade Brasileira, na Transposição do Escravismo para o Capitalismo (Ver no Capítulo das Obras: ‘Serralheria e Carpintaria Artística’). Quase que de forma idêntica, guardando-se as suas proporções, a modernização impressa na economia diamantinense, num nítido enclave escravista, reflete esta Transposição da Sociedade Brasileira. Neste quadro, JOHN ROSE não foi só ator, mas um dos protagonistas principais. Foi capaz de colocar em movimento modernas tecnologias ainda não acessíveis à produção local. Inovou em estilo, materiais e formas a arquitetura local. (...) Vagarosamente, a sociedade brasileira iniciava sua transição para uma sociedade tipo urbano e industrial (Tibães, 2018, p. 47-48).

¹²⁸ TIBÃES, M. da C. D. *John Rose, um inglês em Diamantina*: do Biribiri aos casarões. Diamantina: UFVJM, 2018. p. 29.

¹²⁹ *Ibid.*, p. 45.

Nesse relato, comenta-se, ainda, o processo de falência de John Rose e como ele segue adiante:

Um fato que foi contado pelo neto dele (...) da falência de JOHN ROSE, a partir de 1883, (que talvez tenha sido a causa de sua morte), por ter assumido o endividamento da primeira usina hidroelétrica do Brasil, ou melhor, da América do Sul. Foi JOHN ROSE quem colaborou e avalizou a compra, na Inglaterra, colocando-a para funcionar a 'Boa Vista Mining Company', que esteve instalada no Ribeirão do Inferno, afluente do Rio Jequitinhonha, Diamantina MG, com 'a mais extensa linha de transmissão do mundo, como também uma das mais antigas'. Seus proprietários foram inadimplentes ('pagariam a Inglaterra com diamantes...') e os bens de JOHN ROSE foram confiscados para pagamento da Usina. (...) Mas o espírito de JOHN ROSE era sempre elevado não se deixou abater facilmente, não viu outra saída, ia sempre em frente. Para ele, a fé e a ciência eram formas de chegar até Deus, tudo através do trabalho. Partiu para outras obras com elegância e grande estilo e continuou ao lado de seu amigo D. João, até ficar velho e falecer, trabalhando na Basílica do Sagrado Coração de Jesus (Tibães, 2018, p. 48-49).

Um pouco mais abaixo, referenciando o livro de Mourão (1971), já comentado anteriormente neste trabalho, Tibães traz a visão da família:

“(...) foi iniciada a construção do templo neogótico segundo o projeto do padre Júlio Clavelin, o mesmo sacerdote arquiteto que projetou as Igrejas do Caraça e do Colégio ‘Imaculada Conceição’ da Praia de Botafogo do Rio de Janeiro. O mestre de obras dizem ter sido o português Antônio Luiz de Figueiredo”. E o construtor foi, como toda família afirma, “JOHN ROSE” (Tibães, 2018, p. 76).

Assim, segundo Tibães (2018), a família de John Rose afirma que foi ele o construtor da igreja, tendo como mestre de obras Antonio Luis de Figueiredo. Esse fato carece de maior comprovação histórica e deve ser melhor investigado em uma futura pesquisa sobre a Igreja de Diamantina.

Ainda sobre a participação de John Rose na construção da Igreja de Diamantina:

“*Quem armou os vitrais da Basílica com as ferragens e os colocou nas paredes foi JOHN ROSE, pois vieram somente os vidros!*” Conforme nos narra sua descendente, (tetraneta) Miriam Rocha Ferreira (*in memoriam*), filha de Maria Josefina Teixeira Rocha, (esposa de Tico Rocha), neta da Maria Rosa Teixeira, primeira filha de JOHN ROSE. Foi sua avó, América Souza, esposa de João Evangelista Teixeira, neto de JOHN ROSE, filho de Maria Rose, quem lhe expôs minuciosamente o fato. Todos já falecidos (Tibães, 2018, p. 79).

2.2.2.3 Igreja da Imaculada Conceição – Rio de Janeiro

Segundo o comentário de Zico (1983, p. 63), dos operários que construíram a Igreja do Caraça, alguns foram para o Rio de Janeiro integrar a construção da Igreja do Colégio da Imaculada Conceição. Um documento do Colégio (Companhia das Filhas da Caridade, Colégio da Imaculada Conceição, s.d.), em que constam informações sobre os pagamentos para operários que participaram da fase final da construção da Igreja de Botafogo, identifica uma parte deles (Quadro 3), entre os quais não encontrei nenhum nome que estivesse também na lista de operários do Caraça, apresentada no Quadro 1. Contudo, é necessário esclarecer que os documentos relativos aos custos de mão de obra dos operários da construção da Igreja do Rio de Janeiro referem-se apenas ao último ano e meio de construção, de dezembro de 1890 a julho de 1892, que corresponde aos serviços finais da construção (provavelmente mais aos acabamentos do que à construção propriamente dita). Não foi, então, possível confirmar se algum operário do Caraça participou ou não da construção da igreja carioca. Pelos pontos já discutidos no item 2.2.2.2, porém, é praticamente certo que o mestre de obras, nesse caso, não tenha sido o português Antonio Luis de Figueiredo, que estava envolvido na construção da Igreja de Diamantina e seguiu posteriormente para Serro e para outros municípios mineiros. No *Quadro 3*, Antonio Joaquim Esteves figura como encarregado durante todos os períodos para os quais estão disponíveis informações sobre os custos de mão de obra. Entretanto, em função da falta de informações, não é certo que ele tenha sido o encarregado durante todo o período construtivo.

O Quadro 3, cuja estrutura é similar à do Quadro 1, apresenta os nomes de todos os operários, sua especialidade, os valores da diária recebida e o período de sua participação na construção. Cada alteração salarial de um operário está reportada na coluna **VALOR DA DIÁRIA**, seguida da quinzena em que ocorreu. Também aparecem os nomes dos operários, alguns com variadas grafias. Embora não seja possível ter certeza, os dados foram agrupados conforme a possibilidade de um operário ser ou não a mesma pessoa, considerando-se os valores das diárias, o período de atuação e a especialidade. No período relativo ao final da construção, de cerca de um ano e meio, foram identificados 65 operários; os dois serradores, porém, não tiveram seus nomes identificados e foram pagos em conjunto.

Quadro 3 - Operários da construção da Igreja da Imaculada Conceição – Rio de Janeiro

IDENT.	NOME	ESPECIALIDADE	VALOR DA DIÁRIA (réis) ¹³⁰	Nº DE PERÍODOS TRABALHADOS ¹³¹	PERÍODO DE TRABALHO
1	ANTONIO JOAQUIM ESTEVES	ENCARREGADO	6.500/9000 (1a. qz. março 1891)	31	2a. qz. dez 1890 - 1a. qz. jul 1892 ¹³²
2	MANOEL PEREIRA VILLAR	PEDREIRO	3.800/4.000 (1a. qz. março 1891)	6	2a. qz. dez 1890 - 1a. qz. abr 1891
3	JOÃO MARREIRO	PEDREIRO	3.800/4.000 (1a. qz. março 1891) / 4.800 (1a. qz. Jul 1891)	9	2a. qz. dez 1890 - 1a. qz. jul 1891
4	JOSÉ ANTONIO DA SILVA	PEDREIRO	3.800/3.900 (1a. qz. abr 1891)/4.200 (2a. qz. mai 1891)/4.600 (1a. qz. jan 1892)	25	2a. qz. dez 1890 - 2a. qz. abr 1892
5	FRANCISCO ALVES	PEDREIRO	3.800/3.900(1a. qz. abr 1891)/4.200(2a. qz. mai 1891)	11	2a. qz. dez 1890 - 1a. qz. jun 1891
6	JOÃO ALVES	PEDREIRO	3.800/3.900 (1a. qz. abr. 1891) / 4.100 (2a. qz. Jul 1891)	8	1a. qz. jan 1891; 1a. qz. mar 1891 - 2a. qz. abr 1891; 1a. qz. jul 1891 - 1a. qz. ago 1891
7	JOAQUIM GONÇALVES DO COUTO(19)/JOAQUIM DO COUTO(5)	PEDREIRO	3.600/3.700 (1a. qz. fev. 1891) / 3.900 (1a. qz. abr. 1891) / 4.200 (2a. qz. mais 1891) / 4.500 (2a. qz. abr. 1892)	25	2a. qz. dez 1890 - 2a. qz. nov 1891; 2a. qz. abr 1892 - 1a. qz. jul 1892
8	MANOEL DA SILVA PEREIRA(30)/MANOEL JOSÉ DA SILVA PEREIRA(1)/MANOEL DA SILVA(1) ¹³³	PEDREIRO	3.600/3.700 (1a. qz. fev. 1891) / 3.900 (1a. qz. abr. 1891) / 4.200 (2a. qz. mais 1891) / 4.500 (1a. qz. jan. 1892)	31	2a. qz. dez 1890 - 1a. qz. jul 1892

¹³⁰ O primeiro valor corresponde ao valor inicial da diária; os seguintes foram os reajustes seguidos da quinzena em que ocorreram.

¹³¹ Períodos quinzenais ou mensais, conforme as informações disponíveis. Número total de períodos: 31.

¹³² Este período corresponde ao período completo de dados disponíveis.

¹³³ O número entre parênteses se refere ao número de vezes que aquela grafia aparece na lista de pagamentos aos operários.

IDENT.	NOME	ESPECIALIDADE	VALOR DA DIÁRIA (réis) ¹³⁰	Nº DE PERÍODOS TRABALHADOS ¹³¹	PERÍODO DE TRABALHO
9	JERONIMO RODRIGUES	PEDREIRO	3.500	6	2a. qz. dez 1890 - 2a. qz. mar 1891
10	ANTONIO FRANCISCO	PEDREIRO	3.500	5	2a. qz. dez 1890 - 1a. qz. mar 1891
11	MANOEL DA COSTA REIS	PEDREIRO	3.000	1 (4 dias) ¹³⁴	2a. qz. dez 1890
12	JOAQUIM BARBOSA	PEDREIRO	3.000	1 (4 dias) ¹³⁴	2a. qz. dez 1890
13	JOAQUIM GOMES	PEDREIRO	3.000	1 (4 dias) ¹³⁴	2a. qz. dez 1890
14	BENDURE USTAD(1)/BENDURE USTARD(1)	PEDREIRO	4.000	2	2a. qz. mai 1891 - 1a. qz. jun 1891 (total de 6 dias)
15	EDUARDO JOSÉ DA SILVA	PEDREIRO	3.800	2	2a. qz. jul 1891 - 1a. qz. ago 1891
16	ANACLETO ALVES	PEDREIRO	4.000	2	1a. qz. jan 1892 - 2a. qz. jan 1892
17	JOAQUIM BENTO	PEDREIRO	4.500	4	1a. qz. mai 1892 - 1a. qz. jul 1892
18	MANOEL DOS SANTOS(28)/MANOEL JOSÉ DOS SANTOS(1)	ENCUNHADOR	3.800/4.000 (fev 1891)/4.200 (2a. qz. mai 1891)/4.500 (1a. qz. jan 1892)	30	2a. qz. dez 1890 - 2a. qz. jun 1892
19	ANTONIO LOPES	ENCUNHADOR	3.600/4.000 (fev 1891)/4.200 (2a. qz. mai 1891)/4.500 (1a. qz. jan 1892)	31	2a. qz. dez 1890 - 1a. qz. jul 1892
20	LUIZ DE SOUZA	MAQUINISTA	4.000/4.200 (2a. qz. jul 1891)/4.500 (2a. qz. jan 1892)	20	2a. qz. dez 1890 - 2a. qz. out 1891; 2a. qz. nov 1891; 2a. qz. jan 1892
21	JOÃO FERNANDES MARTHO(16)/JOÃO FRANCISCO MARTHO(14)/JOAQUIM FRANCISCO MARTHO(1)	CARPINTEIRO	5.000/6.000 (1a. qz. jun. 1891)	31	2a. qz. dez 1890 - 1a. qz. jul 1892
22	MANOEL BERNARDO(16)/BERNARDES(1)	CARPINTEIRO	4.000/4.200 (1a. qz. mai 1891)/5.000 (1a. qz. jun 1891)	16	2a. qz. dez 1890 - 2a. qz. ago 1891
23	DOMINGOS PEREIRA DA SILVA	CARPINTEIRO	3.600/4.000 (1a. qz. mar 1891) / 4.800 (2a. qz. Jul 1891)	8	2a. qz. dez 1890; 1a. qz. mar 1891 - 1a. qz. mai 1891; 2a. qz. jul 1891 - 1a. qz. ago 1891
24	JOSÉ RODRIGUES DIAS	CARPINTEIRO	4.000	4	2a. qz. mar 1891 - 1a. qz. mai 1891

¹³⁴ Quando há apenas um período reportado, e não um intervalo de períodos, estamos tratando de um período de trabalho avulso, com o número de dias trabalhados.

IDENT.	NOME	ESPECIALIDADE	VALOR DA DIÁRIA (réis) ¹³⁰	Nº DE PERÍODOS TRABALHADOS ¹³¹	PERÍODO DE TRABALHO
25	MANOEL PEREIRA DA SILVA	CARPINTEIRO	4.800	3	1a. qz. jul 1891 - 1a. qz. ago 1891
26	GUSTAVO FRANCISCO COELHO	CARPINTEIRO	4.000/4.500 (2a. qz. ago. 1891)	2	1a. qz. ago 1891 - 2a. qz. ago 1891
27	MANOEL JOSÉ GONÇALVES(3)/MANOEL GONÇALVES(5)	CARPINTEIRO	4.600	9	1a. qz. out 1891 - 2a. qz. mar 1892
28	MANOEL JOSÉ FERNANDES	CARPINTEIRO	5.000	15	1a. qz. out 1891 - 1a. qz. jul 1892
29	MANOEL JOSÉ FERNANDES JUNIOR(13)/MANOEL FERNANDES JUNIOR(1)	CARPINTEIRO	4.200	15	1a. qz. out 1891 - 1a. qz. jul 1892
30	LUIS RIBEIRO NOGUEIRA	SERVENTE	2.100/2.200 (1a. qz. mar 1891) / 2.400 (2a. qz. Jul 1891) / 2.600 (1a. qz. jan. 1892)	20	2a. qz. dez 1890 - 2a. qz. abr 1891; 1a. qz. jul 1891 - 1a. qz. mar 1892
31	JOSÉ RAYMUNDO	SERVENTE	2.100	1 (12 dias) ¹³⁴	2a. qz. dez 1890
32	PEDRO ALEXANDRE DE ARAUJO(11)/D'ARAÚJO(3)/DO ARAUJO(1)/PEDRO DE ARAUJO(5)	SERVENTE	2.100/2.200 (1a. qz. mar 1891) / 2.400 (2a. qz. mais 1891) / 2.600 (2a. qz. jan. 1892) / 2.800 (2a. qz. abr. 1892)	20	2a. qz. dez 1890 - 1a. qz. ago 1891; 2a. qz. jan 1892; 2a. qz. abr 1892 - 1a. qz. jul 1892
33	JOAQUIM MOURÃO	SERVENTE	2.200/2.400 (2a. qz. mais 1891) / 2.600 (2a. qz. jan. 1892) / 2.800 (1a. qz. mar 1892)	31	2a. qz. dez 1890 - 1a. qz. jul 1892
34	ERNESTO VASCONCELLOS(21)/ERNESTO DE VASCONCELLOS(2)	SERVENTE	2.100/2.200 (1a. qz. mar 1891) / 2.400 (2a. qz. mais 1891) / 2.600 (1a. qz. jan. 1892) / 2.800 (1a. qz. mar 1892)	24	2a. qz. dez 1890 - 2a. qz. mar 1892
35	ALFREDO DO NASCIMENTO	SERVENTE	2.200/2.400 (2a. qz. abr 1891)/2.500 (2a. qz. mai 1892)/2.600 (1a. qz. jan 1892)/3.000 (fev 1892)	28	2a. qz. dez 1890; 1a. qz. mar 1891 - 1a. qz. jul 1892)
36	JOÃO CORRÊA DANTAS	SERVENTE	2.100	2	2a. qz. dez 1890 - 1a. qz. jan 1891
37	SALVADOR VIANNA	SERVENTE	2.100/2.200 (1a. qz. mar 1891)	19	2a. qz. dez 1890 - 2a. qz. nov 1891; não compareceu na 1a. qz. abr 1891
38	JOÃO CAROLINO	SERVENTE	2.100	5	2a. qz. dez 1890 - 1a. qz. mar 1891
39	ANTONIO PEDRO	SERVENTE	2.000	2	2a. qz. dez 1890 - 1a. qz. jan 1891
40	ANTONIO BERNARDO LIMA(11)/ANTONIO LIMA(6)	SERVENTE	2.000/2.200 (1a. qz. mar 1891) / 2.400 (1a. qz. jun. 1891)	16	2a. qz. dez 1890 - 2a. qz. ago 1891

IDENT.	NOME	ESPECIALIDADE	VALOR DA DIÁRIA (réis) ¹³⁰	Nº DE PERÍODOS TRABALHADOS ¹³¹	PERÍODO DE TRABALHO
41	BALDI JAUPIER(1)/BALDU JAUPIER(1)/BALDY JAUNIER(1)/BALDIE JAUPER(1)/BALDIE JAUPIER(5)	SERVENTE	2.200	9	1a. qz. jan 1891 - 2a. qz. mai 1891
42	JOSÉ ANTONIO DE OLIVEIRA	SERVENTE	2.000	1 (1 dia) ¹³⁴	1a. qz. jan 1891
43	JOÃO HENRIQUE	SERVENTE	1.700	2	1a. qz. jan 1891 - 2a. qz. jan 1891
44	CONRADO SUPTER	SERVENTE	2.200	2	2a. qz. jan 1891 - 1a. qz. fev 1891
45	MARTINHO FRANCISCO IGNACIO	SERVENTE	1.700	1 (8,5 dias) ¹³⁴	2a. qz. jan 1891
46	PATROCINIO JOSÉ NOGUEIRA(13)/PATROCINIO NOGUEIRA(10)	SERVENTE	2.100/2.200 (1a. qz. mar 1891) / 2.400 (2a. qz. mais 1891) / 2.600 (1a. qz. jan. 1892)	21	1a. qz. fev 1891 - 1a. qz. mar 1892
47	MAXIMIANO PEREIRA MACHADO	SERVENTE	2.100	5	1a. qz. fev 1891 - 2a. qz. abr 1891
48	JOÃO MACHADO	SERVENTE	1.800	7	2a. qz. mai 1891 - 2a. qz. ago 1891
49	ADÃO SANT'ANNA	SERVENTE	2.400	6	1a. qz. jun 1891 - 2a. qz. ago 1891
50	ADRIANO JOSÉ	SERVENTE	2.200	4	1a. qz. jun 1891 - 2a. qz. jul 1891
51	FELIZARIO FARIA	SERVENTE	2.400	2	2a. qz. mai 1891 - 1a. qz. jun 1891
52	LEOPOLDO FORTUNATO BRITO DE MORAES	SERVENTE	2.000	1 (3 dias) ¹³⁴	2a. qz. mai 1891 (3 dias) (4)
53	FREDERICO FRANCISCO COELHO	SERVENTE	1.800	2	1a. qz. ago 1891 - 2a. qz. ago 1891
54	ANTONIO FERREIRA DOS SANTOS(2)/ANTONIO FERNANDES DOS SANTOS(11)/ANTONIO FERNANDES(1)	SERVENTE	1.400/1.600 (2a. qz. out 1891)/1.800 (1a. qz. jan 1892)	14	1a. qz. out 1891 - 1a. qz. jul 1892
55	EDUARDO TEIXEIRA	SERVENTE	1.800/2.000 (1a. qz. jan 1892)	6	2a. qz. nov 1891 - 2a. qz. mar 1892
56	JOHAN VELECH VELHO	SERVENTE	2.600	2	1a. qz. jan 1892 - 2a. qz. jan 1892
57	JOSÉ RECALMGER MOÇO(1)/J. RECALMGER MOÇO(1)	SERVENTE	2.600	2	1a. qz. jan 1892 - 2a. qz. jan 1892
58	FRANCISCO ANTONIO	SERVENTE	2.600	2	1a. qz. jan 1892 - 2a. qz. jan 1892
59	ERNESTO MANOEL DE SOUZA	SERVENTE	2.600	9	1a. qz. jan 1892 - 1a. qz. jun 1892

IDENT.	NOME	ESPECIALIDADE	VALOR DA DIÁRIA (réis) ¹³⁰	Nº DE PERÍODOS TRABALHADOS ¹³¹	PERÍODO DE TRABALHO
60	RAUL DOS SANTOS	SERVENTE	2.000/2.600 (fev. 1892)	3	1a. qz. jan 1892; fev 1892 - 1a. qz. mar 1892
61	CANDIDO CABREIRA	SERVENTE	2.800	4	1a. qz. mai 1892 - 1a. qz. jul 1892
62	ANTONIO CORDEIRO(1)/ANTONIO CARDOSO(3)	SERVENTE	2.800	4	1a. qz. mai 1892 - 1a. qz. jul 1892
63	FORTUNATO ANTONIO DA ROSA	SERVENTE	3.000	1 (2,5 dias) ¹³⁴	1a. qz. mai 1892
64	DIÁRIA DE 12.000 (OS DOIS JUNTOS): 6 DIAS NA 2a. qz. abr. 1891, 3,75 DIAS NA 2a. qz. Jul 1891 E 2 DIAS NA 1a. qz. nov. 1891	SERRADORES(2)			

Obs.: Para o mês de fevereiro de 1891, não está discriminada a qual quinzena se referem as informações; não foram encontradas informações para os meses de setembro e dezembro de 1891.

Alguns pontos são relevantes quando se compara o Quadro 1Quadro 3, dos operários da construção da Igreja do Caraça, com o Quadro 3, dos operários da igreja carioca. Inicialmente, diferentemente do que é comentado em Zico (1983, p. 63), ainda que os operários do Caraça tenham ido para Diamantina, como visto no item 2.2.2.2, parece que poucos ou nenhum veio para o Rio de Janeiro. Se assim o fizeram, nenhum ficou até a fase final da construção, da qual temos dados detalhados de fonte primária. O encarregado Antonio Joaquim Esteves esteve à frente das obras de construção da igreja carioca por todo o período do qual temos informações. Encontrei apenas um registro sobre o construtor da igreja, Frederico Branco, no texto de Freitas (1892, p. 2), descrito a seguir:

Não terminarei, sem declinar os nomes do benemérito executor dos trabalhos de construção e do pintor de todo o interior da capela. O Sr. Frederico Branco¹³⁵ é um verdadeiro artista constructor, de incontestável habilidade e pericia, a quem felicito. O Sr. J. Pavés¹³⁶, artista francez, na sua especialidade de pintura decorativa é credor de encômios semelhantes e de iguaes prolfças.

Também chama atenção as diferenças entre os valores das diárias, muito mais baixas no Caraça do que no Rio de Janeiro. Até 1883, no Caraça, o servente mais bem-pago recebia uma diária de 1.000 réis e alguns, apenas 500 réis. Por outro lado, no período inicial das informações disponíveis para o Rio de Janeiro, dezembro de 1890, um servente recebia, no mínimo, uma diária de 2.100 réis. Além disso, durante o período de construção da igreja carioca do qual temos informações, houve significativos aumentos nos valores das diárias, mantidos os cargos, enquanto, no Caraça, os aumentos sempre estiveram atrelados a uma mudança de atribuição do operário. Duas possibilidades devem, então, ser analisadas: as diferenças de custos do Rio de Janeiro, capital do Império e nascente República, em comparação com o interior de Minas Gerais; e a ocorrência de episódios de alta inflação durante a construção da igreja do Rio, em comparação com o período de construção da igreja do Caraça.

A inflação é um tema da ciência econômica bastante complexo e Ónory (1960) apresenta as cinco principais variáveis que a influenciam: a taxa de câmbio, o custo de vida, o déficit orçamentário, o papel moeda em circulação e o excesso de exportação. Para efeito de análise

¹³⁵ Este nome também não consta da lista de operários do Caraça. O mais próximo, que poderia talvez ser um parente, é Domingos Blanco, pedreiro, que trabalhou na construção da igreja do Caraça de 1879 a 1880 e de 1882 a 1885.

¹³⁶ Aqui, o colunista cometeu um pequeno engano. O nome do pintor responsável pela pintura da igreja é H. Rabés, como mostra a Figura 80.

preliminar, apresento parte da tabela de informações sobre estas cinco variáveis para os períodos de construção das igrejas do Caraça e do Rio de Janeiro¹³⁷. Segundo o autor (1960, p. 21), os anos entre 1889 e 1904 são um dos três períodos de nítida inflação no desenvolvimento econômico do Brasil, que abrange o chamado “encilhamento”¹³⁸. Foi exatamente no auge dessa crise financeira, entre 1889 e 1892, que a igreja do Rio de Janeiro foi concluída.

Ónory (1960, p. 44-45), discute as causas da inflação brasileira nesse período, e pode-se observar na Tabela 2 e no Gráfico 1 as fortes alterações nas variáveis relevantes discutidas acima. Na tabela, estão marcados em verde os períodos de construção das igrejas do Caraça e do Rio de Janeiro. No gráfico, as escalas das variáveis de custo de vida, papel moeda em circulação e excesso de exportação foram ajustadas para melhor visibilidade de comparação das cinco variáveis.

Pode-se notar que, enquanto o déficit orçamentário e o excesso de exportação subiram de forma mais ou menos constante no período, a taxa de câmbio e o papel moeda em circulação tiveram um aumento abrupto exatamente no período em que a igreja carioca foi construída. O custo de vida, apesar de não se dispor de dados anuais, mostra uma aceleração acentuada no período de 1887 a 1896, que engloba o processo de construção da igreja. Essa pode ser, em parte, a causa dos constantes aumentos do custo da mão de obra empregada na construção da igreja do Rio de Janeiro, observados no Quadro 3, em comparação com a igreja do Caraça.

¹³⁷ No caso da igreja carioca, foram considerados apenas os anos para os quais estão disponíveis as informações de pagamento dos operários, ou seja, 1890 a 1892.

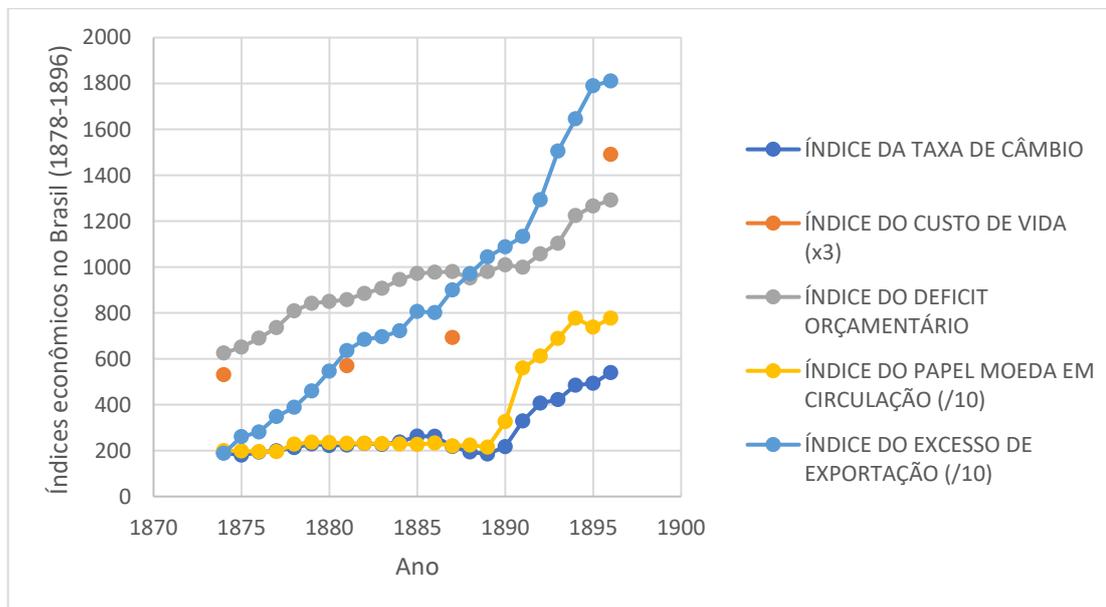
¹³⁸ Encilhamento foi uma grave crise econômica, ocorrida no início do período republicano brasileiro, ocasionada por uma política que visava estimular a industrialização e o desenvolvimento brasileiro. O ministro da Fazenda, Rui Barbosa, estabeleceu uma política monetária baseada na livre emissão de créditos monetários. Com o grande aumento de empréstimos, o governo teve que fazer grandes injeções de dinheiro no sistema econômico, gerando altos níveis de inflação. São esses efeitos que aparecem nas variáveis apresentadas na Tabela 2 e Gráfico 1. Fonte: BRASIL ESCOLA. **Encilhamento**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/encilhamento.htm>. Acesso em: 25 mar. 2024.

Tabela 2 – Índices de avaliação inflacionária no Brasil (1874-1896)

ANO	ÍNDICE DA TAXA DO CÂMBIO DA LIBRA ESTERLINA (Cr\$ para £) (100 = 1822)	ÍNDICE DO CUSTO DE VIDA (100 = 1829)	ÍNDICE DO DÉFICIT ORÇAMENTÁRIO (100 = 1823)	ANO	ÍNDICE DO PAPEL MOEDA EM CIRCULAÇÃO (100 = 1822)	ANO	ÍNDICE DO EXCESSO DE EXPORTAÇÃO (5.690 (100 = Cr\$ 1.000))
1874	190	177	625	1873-1874	1.996	1873-1874	1.886
1875	180		651	1874-1875	1.983	1874-1875	2.606
1876	193		690	1875-1876	1.956	1875-1876	2.807
1877	199		736	1876-1877	1.955	1876-1877	3.487
1878	213		809	1877-1878	2.278	1877-1878	3.888
1879	229		842	1878-1879	2.365	1878-1879	4.601
1880	222		850	1879-1880	2.351	1879-1880	5.457
1881	224	190	858	1880-1881	2.314	1880-1881	6.358
1882	231		885	1881-1882	2.314	1881-1882	6.843
1883	227		907	1882-1883	2.300	1882-1883	6.962
1884	237		945	1883-1884	2.285	1883-1884	7.218
1885	263		972	1884-1885	2.266	1884-1885	8.059
1886	262		977	1885-1886	2.328	1885-1886	8.014
1887	218	231	980	1886-1887	2.205	1886-1887	9.004
1888	194		952	1888	2.238	1888	9.714
1889	185		980	1889	2.149	1889	10.440
1890	217		1009	1890	3.260	1890	10.882
1891	329		999	1891	5.601	1891	11.329
1892	407		1057	1892	6.119	1892	12.932
1893	422		1103	1893	6.889	1893	15.052
1894	485		1224	1894	7.767	1894	16.459
1895	493		1266	1895	7.382	1895	17.899
1896	540	497	1292	1896	7.767	1896	18.111

Fonte: A autora, com base em Ónory (1960, p. 22-23; p. 25; p. 27-28; p. 30-31; p. 33-34).

Gráfico 1 - Índices de avaliação inflacionária no Brasil (1874-1896)



Fonte: A autora, com base em Ónory (1960, p. 22-23; p. 25; p. 27-28; p. 30-31; p. 33-34).

Pelos motivos explanados acima, a fase final de construção da igreja do Rio de Janeiro não deve ter sido tranquila. Apesar da arrecadação de donativos junto aos alunos, padres e a comunidade circunvizinha, a construção parece ter gerado dívidas, como aponta a matéria de jornal, datada de 01 de dezembro de 1894, mostrada na Figura 4.

Figura 4 – Anúncio de *matinée* para ajuda no resgate das dívidas de construção da igreja do Rio de Janeiro

Casino Fluminense. — A *matinée* que devia realizar-se no domingo, 2, — em resgate da dívida de construção da igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Botafogo —, fica transferida para domingo, 9 de dezembro, á 1 1/2 hora da tarde.

Fonte: *Gazeta de Notícias*, ano XXI, n. 334, p. 3, 1 dez. 1894.

Quanto às diferenças de custo de mão de obra entre as construções das igrejas do Caraça e do Rio de Janeiro, podemos usar um cálculo aproximado para estimar as diferenças entre o custo de vida em 1883, ano final da construção do Caraça, e em 1890, primeiro ano para o qual estão disponíveis informações da mão de obra empregada na igreja carioca. Fazendo um ajuste linear entre dois pontos adjacentes da série de custo de vida do Gráfico 1, é possível chegar a um índice de cerca de 610 para o ano de 1883 e de 915 para 1890, o que corresponde a uma

alteração de preços de cerca de 50%. Aplicando 50% aos 1.000 réis de custo diário do servente mais bem pago na obra do Caraça, calculamos uma diária de 1.500 réis — ainda bastante inferior aos 2.100 réis do custo de um servente na obra do Rio de Janeiro, em 1890. Essas discrepâncias podem ser causadas por imprecisões na metodologia ou por diferenças entre o custo de construção na capital e no interior de Minas Gerais. Seria necessário, porém, que esses pontos fossem mais bem detalhados em um futuro estudo.

No *Quadro 3* observa-se, ainda, que houve uma significativa rotatividade da mão de obra. Apenas o encarregado, um pedreiro, um encunhador, um carpinteiro e um servente trabalharam durante os 31 períodos analisados. Oito operários trabalharam apenas um período (e um deles, um único dia). Na Tabela 3, que consolida as informações sobre mão de obra por especialidade, pode-se observar que, em média, a rotatividade é muito próxima da observada na construção da igreja do Caraça.

De forma geral, o perfil de rotatividade nas duas igrejas é semelhante, com maior rotatividade entre pedreiros e serventes do que entre os profissionais mais especializados. No caso da igreja carioca, os carpinteiros também tinham alta rotatividade: cada um trabalhou, em média, apenas cerca de um terço do período total analisado. Nessa igreja, os encunhadores, profissionais especializados, tiveram uma rotatividade muito baixa, próxima à do encarregado. No caso do maquinista, que foi o mesmo profissional durante todo o período, sua atividade parece não ter sido contínua; é possível que tenha sido chamado só quando necessário e, por isso, está atrelado a baixos índices de participação no período total analisado.

Quanto aos profissionais com alta rotatividade, como pedreiros, carpinteiros e serventes, não encontrei informações sobre a causa das saídas, se por decisão dos responsáveis pela obra ou por escolha individual do operário. O mais plausível é que tenham sido dispensados por motivos diversos, desde inabilidade para a tarefa até desentendimentos com os responsáveis ou colegas. No livro de contas do Caraça, também são raros os detalhes acerca do motivo da dispensa (apenas um operário é indicado como dispensado por insubordinação).

Tabela 3 – Rotatividade da mão de obra na construção da Igreja da Imaculada Conceição – Rio de Janeiro

ESPECIALIDADE	NÚMERO DE OPERÁRIOS	FAIXA DE VALORES DE DIÁRIA (réis)	Nº TOTAL DE PERÍODOS DE TRABALHO DISPONÍVEIS	Nº TOTAL DE PERÍODOS DE TRABALHO TRABALHADOS	% MÉDIA DE PARTICIPAÇÃO DE CADA OPÉRARIO NA OBRA
ENCARREGADO	1	6.500-9.000	31	31	100%
PEDREIRO	16	3.000-4.800	496	139	28,0%
ENCUNHADOR	2	3.600-4.500	62	61	98,4%
MAQUINISTA	1	4.000-4.500	31	20	64,5%
CARPINTEIRO	9	4.000-5.000	279	103	36,9%
SERVENTE	34	1.400-3.000	1.054	278	26,4%
SERRADOR	2	6.000 ¹³⁹	62	6	9,7%
TOTAL	65		2.015	638	31,7%

Obs.: Número de períodos com informações disponíveis: 31; número total de operários (considerando 2ª. quinz. dez. 1890-1ª. quinz. jul. 1892): 65.

A partir do conjunto de informações coletadas sobre os operários que atuaram na construção das três igrejas estudadas, podemos considerar a existência e a circulação de um certo conhecimento técnico sobre construção de templos, facilitando sua conclusão em tempo relativamente curto e, ao que parece, sem graves acidentes. Contudo, um estudo mais aprofundado se faz necessário, com a busca de novas fontes, para melhor compreender essa circulação de profissionais, as técnicas construtivas que, porventura, tenham sido aplicadas e as interações entre profissionais e contratantes destes serviços.

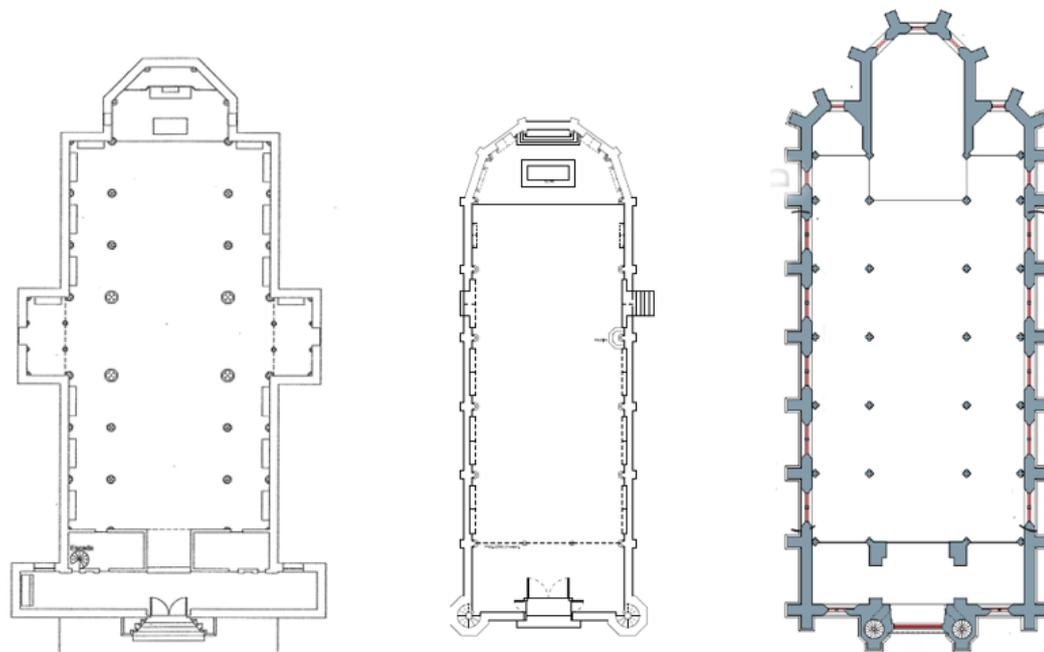
2.3 Características arquitetônicas e aspectos construtivos

Sobre as características arquitetônicas, as três igrejas seguem o mesmo padrão neogótico, mas algumas propriedades as diferenciam. Enquanto as igrejas do Caraça e do Rio de Janeiro possuem três naves, a igreja de Diamantina tem nave única, talvez em função de sua largura, menor que a das outras duas. A Figura 5 apresenta as plantas baixas das três igrejas,

¹³⁹ Consideramos que os dois serradores recebiam a mesma diária, pois está reportado apenas o valor de 12.000 réis de diária para os dois em conjunto.

mantendo as suas escalas de construção, o que permite uma comparação direta entre as proporções.

Figura 5 – Plantas baixas das três igrejas em escala



Legenda: Esq.: Santuário do Caraça; centro: Basílica de Diamantina; dir.: Basílica de Botafogo
 Fonte: Esq. e centro: Márcio Amaral, 2023; dir.: Viana, 2015, p. 80, com adaptações da autora.

A Tabela 4 traz uma comparação entre as principais características das igrejas. Elas não se diferenciam fortemente, salvo: (a) pelo fato de a igreja de Diamantina ter apenas uma nave, enquanto as outras duas possuem três e (b) por a igreja de Diamantina ter duas torres laterais na fachada principal, enquanto a do Caraça e a do Rio de Janeiro possuem apenas uma torre no centro da fachada principal.

Tabela 4 – Características básicas das construções¹⁴⁰

	IGREJA N. SRA. MÃE DOS HOMENS – CARAÇA	BASÍLICA DO SAGRADO CORAÇÃO – DIAMANTINA	BASÍLICA DA IMACULADA CONCEIÇÃO – RIO DE JANEIRO
COMPRIMENTO (m)	37,5 ¹⁴¹	33 ¹⁴²	41,5 ¹⁴³
LARGURA (m)	13,8 ¹⁴¹	18 ^{142,144} (11)	15 ¹⁴³
ALTURA DA NAVE CENTRAL (m)	12,8 ¹⁴¹	15	15 ¹⁴³
ALTURA DA NAVE LATERAL (m)	10,5	-	13,7 ¹⁴³
NÚMERO DE NAVES	3	1	3
NÚMERO DE TORRES	1 (central)	2 (laterais)	1 (central)

Além dessas três, como comentamos no item 2.2.2.2, existe uma quarta igreja, localizada em Divinolândia de Minas, cujo projeto é também atribuído ao Pe. Clavelin e que foi executada inicialmente pelo mestre de obras Antonio Luis de Figueiredo. Apenas a título comparativo, as Figura 6 e Figura 7 trazem a aparência dessa igreja, pois um estudo mais aprofundado estaria fora do escopo do presente trabalho. É interessante notar que a fachada e a nave principal se assemelham muito às da igreja do Caraça e do Rio de Janeiro, mas nem tanto à da igreja de Diamantina. Tal observação faz supor que o projeto original da igreja de Diamantina não teria sido efetivamente realizado, como foi comentado por Mourão (1971, p. 33) no item 2.1 do presente trabalho.

¹⁴⁰ Medidas internas entre as paredes mais afastadas.

¹⁴¹ Zico, 1983, p. 106.

¹⁴² Almeida, 1990, p. 8.

¹⁴³ Medidas aproximadas obtidas com trena laser.

¹⁴⁴ Largura incorreta. A largura aproximada usando trena laser é de 11 m.

Figura 6 – Vista exterior da Igreja Matriz de Divinolândia de Minas



Legenda: Esq.: fachada principal; dir.: lateral esquerda.
Fonte: Eliane Moura Martins, 2023.

Figura 7 – Vista da nave principal da Igreja Matriz de Divinolândia de Minas



Legenda: Esq.: vista a partir do altar-mor; dir.: vista a partir do fundo da nave principal.
Fonte: Eliane Moura Martins, 2023.

2.3.1 Similaridades e diferenças entre as igrejas

Na Figura 8, podemos ver as três fachadas principais das igrejas estudadas. Aqui, a igreja de Diamantina destoa bastante, comportando duas torres laterais, enquanto as duas outras, bem como a Matriz de Divinolândia de Minas, possuem apenas uma torre central.

Figura 8 – Fachadas principais das três igrejas



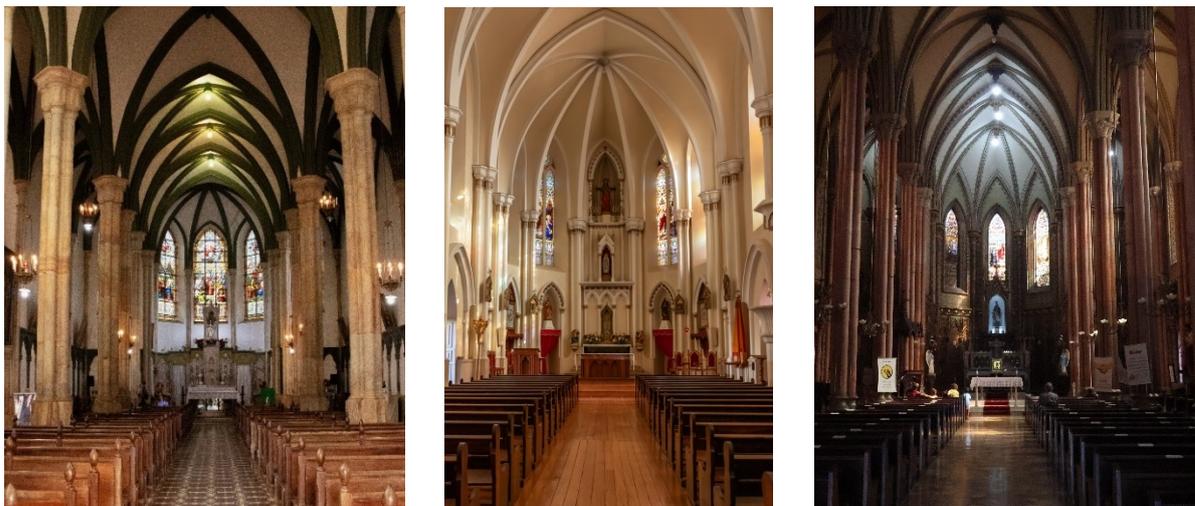
Legenda: Esq.: igreja do Caraça; centro: basílica de Diamantina; dir.: basílica de Botafogo.

Fonte: Esq. e centro: Eliane Moura Martins, 2023; dir.: Basílica Menor de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, 2024

A Figura 9 exibe as três naves, as quais, como podemos observar, assemelham-se bastante, salvo pela existência de apenas uma nave em Diamantina. Em termos de aparência geral, as igrejas do Caraça e de Diamantina tem uma aparência mais austera, enquanto a do Rio de Janeiro apresenta-se mais luxuosa, ecoando o desejo de Irmã Saugère, que afirmou que “será uma das mais belas Igrejas góticas que o Brasil terá” (Cunha, 2006b, p. 109).

Outra diferença, não muito visível nas figuras, é que a igreja do Rio de Janeiro não tem altares laterais. Existem algumas imagens, em especial a escultura do Sagrado Coração de Jesus em grande tamanho, além de algumas santas e a Virgem em tamanhos menores. Tais imagens, contudo, não estão colocadas em altares, mas nas paredes laterais, lado do evangelho e da epístola, na região quase central, na dimensão longitudinal da igreja. Tanto a igreja do Caraça quanto a de Diamantina dispõem de altares laterais, a grande maioria ilustrada por santos relevantes para os vicentinos.

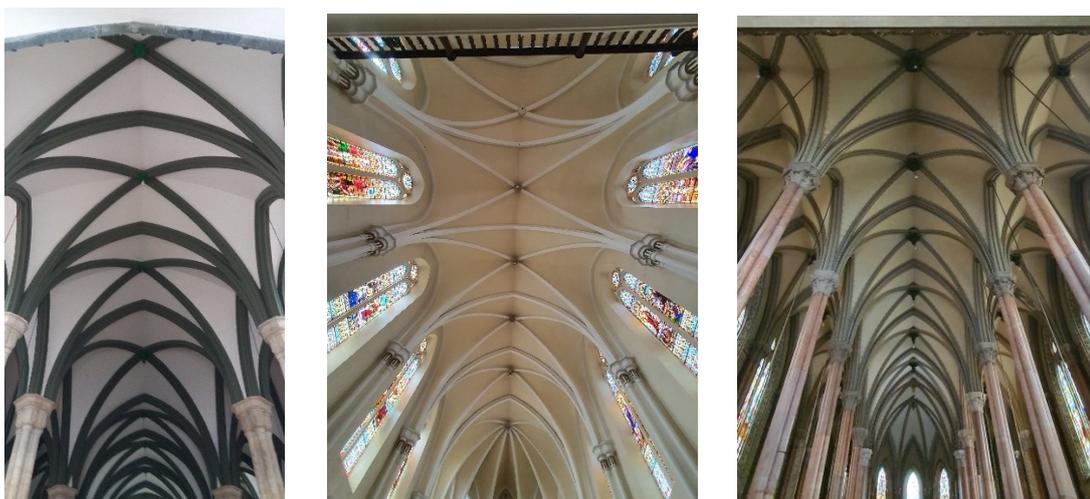
Figura 9 – Naves das três igrejas



Legenda: Esq.: igreja do Caraça; centro: basílica de Diamantina; dir.: basílica de Botafogo.
 Fonte: Esq. e centro: Eliane Moura Martins, 2023; dir.: a autora, 2024.

Na Figura 10, encontramos o conjunto de abóbadas da nave central das três igrejas. Nessa imagem, realmente, nota-se uma grande similaridade: abóbadas de cruzaria, com cada tramo contendo quatro nervuras de fecho, bem característico das construções do período gótico pleno.

Figura 10 – Abóbadas de cruzaria das três igrejas



Legenda: Esq.: igreja do Caraça; centro: basílica de Diamantina; dir.: basílica de Botafogo.
 Fonte: A autora, 2023.

Outra similaridade a ser mencionada é que as três igrejas têm ábsides com cinco lados, como mostra a Figura 11. Quanto a esse aspecto, a única diferença é que, nas igrejas do Caraça

e do Rio de Janeiro, os três lados centrais contêm vitrais, enquanto, na de Diamantina, o lado central contém esculturas religiosas e os quatro lados adjacentes, vitrais.

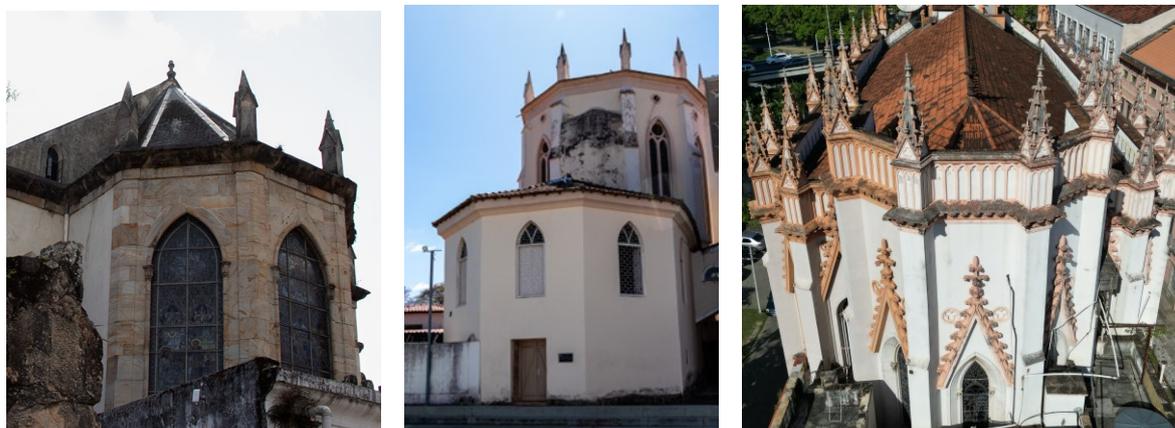
Figura 11 – Ábsides das três igrejas



Legenda: Esq.: igreja do Caraça; centro: basílica de Diamantina; dir.: basílica de Botafogo.
 Fonte: Centro: Eliane Moura Martins, 2023; esq. e dir.: a autora, 2023.

A Figura 12 apresenta a aparência externa da ábside das três igrejas, em que é possível observar novamente os cinco lados.

Figura 12 – Aparência externa das ábsides das três igrejas



Legenda: Esq.: igreja do Caraça; centro: basílica de Diamantina; dir.: basílica de Botafogo.
 Fonte: Esq. e centro: Eliane Moura Martins, 2023; dir.: Colégio da Imaculada Conceição, 2024.

2.3.2 Possíveis apropriações do exterior

Talvez seja repetitivo dizer que as igrejas estudadas, tiveram seu padrão construtivo neogótico, apropriado diretamente em igrejas europeias. Ainda que as três igrejas apresentem algumas características construtivas semelhantes, como visto no item 2.3.1, sabe-se que o gótico europeu foi marcado por variações ao longo do tempo e de acordo com a região geográfica. Pode-se, então, analisá-las buscando similaridades entre características e as possíveis origens dessas apropriações nos padrões europeus.

É válido lembrar que o Pe. Clavelin nasceu na região francesa do Jura e passou nove anos no Seminário Menor, em Nozeroy¹⁴⁵, cujas missas eram realizadas no Collégiale Saint-Antoine, uma igreja gótica que foi construída em várias etapas, sendo iniciada no século XIII e finalizada no XV (Muyard, 2005, p. 37-39). A partir dessas informações, considere que poderia haver uma apropriação do gótico do Jura nas igrejas vicentinas estudadas neste trabalho, ideia que já fora cogitada pelo biógrafo do Pe. Clavelin, o Pe. Silva (1910, p. 8):

Nozeroy, arraial, sede do districto, (...). Com uma população de 800 a 1000 habitantes, é uma cidadezinha da roça que se ufana de suas velhas tradições. Uma das mais celebres, e que ainda conserva hoje, é sua bela igreja gothica. Não seria muito inverossímil si disséssemos que foi a imagem d'essa igreja, que não poderia deixar de agradavelmente impressionar o gosto esthetico do joven Clavelin, que serviu de germen d'onde nasceu mais tarde a igreja do Caraça.

Com base nessa hipótese, visitei o Collégiale Saint-Antoine, em Nozeroy, vila cuja população, atualmente, está em cerca de 400 habitantes, metade do descrito por Silva (1910, p. 8) em seu livro. O interior e o exterior do Collégiale podem ser conferidos na Figura 13 e na Figura 14, respectivamente. A fachada principal segue o padrão neoclássico, tendo sido construída entre 1828 e 1834, após um incêndio, ocorrido em 15 de julho de 1815, que destruiu boa parte da cidade¹⁴⁶. Para efeito de comparação, reproduzo, na Tabela 5, as dimensões das três igrejas brasileiras e do Collégiale e, na

¹⁴⁵ O período cursado no Seminário Menor foi de 1846 a 1855 (Silva, 1910, p. 8-10).

¹⁴⁶ Segundo Muyard, (MUYARD, C. (org.) **Nozeroy Censeau, Mièges**: Terre des Chalon. Lons-le-Saunier: Centre Jurassien du Patrimoine, 2005. p. 37), a fachada neogótica foi reconstruída entre 1828 e 1834. Segundo informações obtidas pelo senhor Roger Martine, nos registros do arquivo do Departamento do Jura, nesse incêndio, apenas os dois sinos foram destruídos, sendo substituídos por outros. Contudo, em 5 de março de

Figura 15, as plantas baixas das quatro igrejas reunidas e em escala.

Figura 13 – Interior do Collégiale Saint-Antoine, em Nozeroy



Legenda: Esq.: vista a partir do fundo da nave principal; centro: vista a partir do altar-mor; dir.: abóbadas de cruzaria da nave central.

Fonte: A autora, 2023.

Figura 14 – Exterior do Collégiale Saint-Antoine, em Nozeroy



Legenda: Esq.: fachada principal; dir.: ábside.

Fonte: A autora, 2023.

1817, ruíram a torre sineira e parte do telhado, que também tiveram que ser reconstruídos. Há, ainda, uma citação, sem informações de planta, da reconstrução da torre sineira em 1853 e de reparos na igreja de 1861 a 1863. Portanto, no período em que Pe. Clavelin estudou no Seminário Menor, em Nozeroy, a fachada atual já existia, mas a torre sineira deveria estar sendo reconstruída.

Tabela 5 – Características básicas das construções, incluindo o Collégiale Saint-Antoine¹⁴⁷

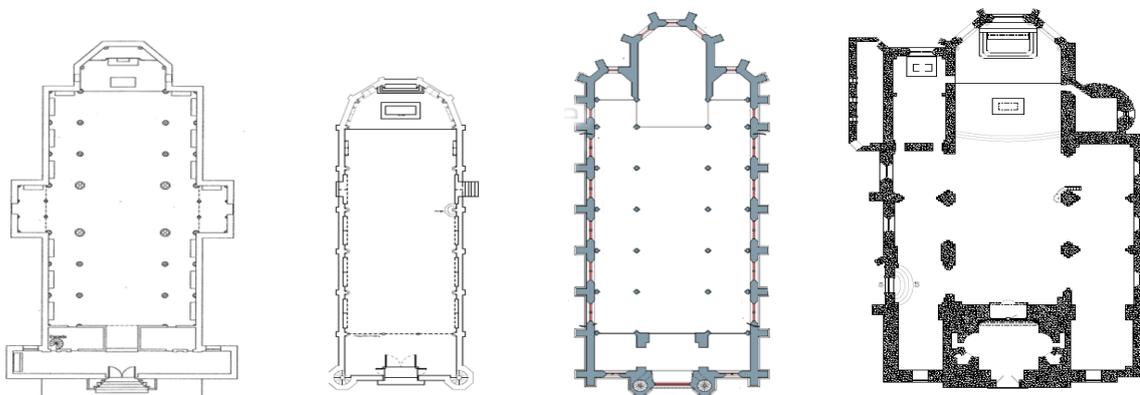
	IGREJA N. SRA. MÃE DOS HOMENS – CARAÇA	BASÍLICA DO SAGRADO CORAÇÃO – DIAMANTINA	BASÍLICA DA IMACULADA CONCEIÇÃO – RIO DE JANEIRO	COLLEGIALE SAINT- ANTOINE (NOZEROY-FR)
COMPRIMENTO (m)	37,5	33	41,5	41 e 32 ¹⁴⁸
LARGURA TOTAL (m)	13,8	11	15	23,2
LARG. NAVE CENTRAL (m)	8	11	7	10,2
LARG. NAVE LAT. ESQ. (m)	2,9	-	4	4,2
LARG. NAVE LAT. DIR. (m)	2,9	-	4	6
ALTURA DA NAVE CENTRAL (m)	12,8	15	15	10,1
ALTURA DA NAVE LATERAL (m)	10,5	-	13,7	6,3 (esq.) e 7,4 (dir.) ¹⁴⁹
NÚMERO DE NAVES	3	1	3	3

¹⁴⁷ Medidas internas entre as paredes mais afastadas.

¹⁴⁸ O comprimento total, da porta que dá para o exterior até a parede mais distante da ábside, é de 41 m. O comprimento da parede interna da nave, após o nártex até a parede mais distante da ábside, é de 32 m.

¹⁴⁹ MUYARD, C. (org.) **Nozeroy Censeau, Mièges**: Terre des Chalon. Lons-le-Saunier: Centre Jurassien du Patrimoine, 2005. p. 37. A nave lateral à esquerda de quem entra é mais baixa do que a da direita. Elas foram construídas em épocas diferentes. A nave esquerda é mais antiga (fazia parte de uma capela do século XIII), enquanto a direita e a nave central foram construídas na expansão da igreja, no século XV.

Figura 15 – Plantas baixas das quatro igrejas em escala



Legenda: Esq.: igreja do Caraça; centro-esq.: basílica de Diamantina; centro-dir.: basílica de Botafogo; dir.: Collégiale Saint-Antoine, Nozeroy.

Fonte: Esq. e centro-esq.: Márcio Amaral, 2023; centro-dir.: Viana, 2015, p. 80, com adaptações da autora; dir.: Márcio Amaral, 2024.

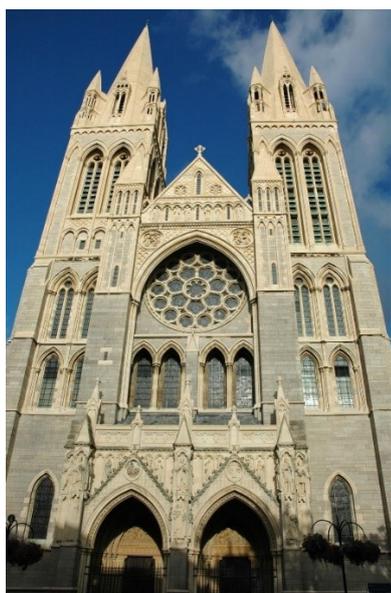
O comprimento do Collégiale Saint-Antoine é próximo ao das igrejas do Caraça e do Rio de Janeiro. Contudo, como o nártex é separado da nave central por uma parede e uma pesada porta, essa construção nos dá a sensação de ser internamente menor. Além disso, em relação às três igrejas brasileiras, sua largura total é bem superior e sua altura, menor. Tal conjunto de fatores gera uma percepção de espaço bastante diferente, retirando da igreja francesa a sensação de verticalidade esperada para o padrão gótico e eliminando a atração simultânea do observador na direção do altar-mor e do alto, bem perceptível nas três igrejas brasileiras. Segundo Zevi, são esses os fatores que geram um desequilíbrio emocional no espectador e promovem a sensação de elevação e transcendência características do gótico (2009, p. 92).

As igrejas brasileiras guardam algumas semelhanças arquitetônicas com a igreja francesa, como as abóbadas de cruzaria dotadas de quatro nervuras de fecho em cada tramo e a ábside em lados — a de três lados, existente no Collégiale, é típica do Franco-Condado do século XIII (Muyard, 2005, p. 37). A ábside de cinco lados, por sua vez, também é muito encontrada na região, como as ábsides presentes nas igrejas brasileiras estudadas. A igreja francesa tem aparência bastante austera, em função da forte influência cisterciense na região do Jura, aparência que também pode ser observada nas duas igrejas mineiras e, em especial, na igreja do Caraça. Mas a igreja francesa, em função das reconstruções ocorridas no século XV possui elementos do estilo gótico flamejante francês, que não identifiquei em nenhuma das igrejas brasileiras estudadas.

Analisando a percepção de espaço discutida acima, pode-se dizer que a inspiração arquitetônica do Pe. Clavelin para a construção das nossas igrejas não foi o gótico do Collégiale Saint-Antoine, exceto pelos aspectos similares discutidos acima. É plausível supor que a inspiração para a verticalidade gótica das nossas três igrejas teria vindo de um momento posterior de sua vida, quem sabe do tempo passado no Seminário Maior, em Paris, com sua profusão de construções góticas que causam forte percepção de verticalidade no observador.

Em relação à igreja de Diamantina, causa bastante estranheza a aparência tão diversa da fachada quando comparada às das outras duas — e à da igreja de Divinolândia de Minas, apresentada na Figura 6. A partir de alguns elementos discutidos anteriormente, podemos aventar uma hipótese, a ser verificada em futuros estudos. Mourão (1971, p. 33) comentou que, ao que parece, o projeto da igreja estampado nos “burrasquês” emitidos por D. João, não foi seguido rigorosamente, embora eu não tenha encontrado, em nenhuma referência, qual seria a efetiva diferença entre o projeto original e a construção realizada. É possível considerar a participação de John Rose na etapa de construção e que sua ascendência possa ter contribuído para a aparência da fachada da igreja mineira. Oriundo da cidade de Ladock, na Cornualha, localizada a apenas 11 km de Truro, onde se encontra uma imponente catedral gótica, cuja fachada principal está disposta na parte esquerda da Figura 16, ao lado da fachada da igreja de Diamantina (ao lado direito da mesma figura).

Figura 16 – Fachada principal (Esq.: catedral de Truro, na Cornualha; dir.: basílica de Diamantina)



Fonte: Esq.: Disponível em: <https://www.cornwalls.co.uk/photos/truro-cathedral-706.htm>. Acesso em: 28 mar. 2024.; dir.: Eliane Moura Martins, 2023.

Ressalvadas as grandes diferenças de proporções entre as duas igrejas, a aparência das fachadas se aproxima bastante, e não é impossível pensar que John Rose tenha efetivamente, auxiliando na construção, sugerido mudanças arquitetônicas na fachada, entre as quais a inclusão de uma segunda torre, o que aproximou a igreja mineira das construções de sua terra natal e trouxe um toque inglês para o neogótico brasileiro. Devemos lembrar que o Pe. Clavelin não acompanhou de perto a construção dessa igreja, pois estava na Bahia e no Rio de Janeiro à época. Contudo, uma extensa pesquisa adicional, que está fora do escopo deste trabalho, seria necessária para confirmar tal hipótese.

2.4 Elementos e materiais construtivos especiais

Dois elementos construtivos chamam atenção nas igrejas estudadas: o telhado da igreja do Caraça e a flecha da igreja do Rio de Janeiro, que foram importados da França, o que deve ter envolvido significativos custos relativos aos próprios materiais e ao seu transporte.

Em relação à igreja do Caraça, quase todos os materiais construtivos foram obtidos nas redondezas. Dos materiais construtivos originais, Penha (2022, p. 718) reportou que apenas a ardósia original do telhado é proveniente do norte dos Pireneus, na França. A dificuldade quanto aos custos de compra e transporte desse material deixa dúvida sobre o motivo para tal importação. Em trabalho anterior (Cid, 2022, p. 43-44), comento duas possíveis motivações para o uso desse material, uma estética, para aproximar a aparência externa da igreja das suas congêneres europeias, e uma prática, em função de, na época, não existir, no Brasil, cortes de ardósia com a espessura da francesa, o que reduziu muito o peso do telhado sobre a estrutura da igreja.

A flecha da igreja carioca também foi produzida na França e transportada para o Rio de Janeiro. Nesse caso, as dificuldades de transporte devem ter sido bem menores que as enfrentadas na construção do Caraça, pela facilidade de cidade marítima que tem o Rio de Janeiro. O relato encontrado na seção do noticiário do jornal *O Paiz* fala sobre a exposição dessa flecha na oficina de origem, mencionando sua dimensão e materiais, como mostrado na Figura 17. Para que tal exposição tenha acontecido, a peça devia ser especial, por seu tamanho, materiais ou aparência.

Figura 17 – Notícia da exposição da flecha da Basílica da Imaculada Conceição

Nas officinas do Sr. Doyen em Paris, esteve o mez passado em exposição a flecha que tem de ser assentada na igreja do Sagrado Coração de Jesus, que as irmãs de caridade estão construindo junto ao seu collegio da praia de Botafogo.

A flecha é de fôrma octogonal e de estylo gothico e mede 22 metros de altura. A estructura interna é toda de ferro e a externa de aço balido.

E' sustentada por um lanternim tambem de ferro com portas e janelas do mesmo estylo de toda a construcção.

Fonte: *O Paiz*, n. 1.924, p. 1, 13/01/1890.

3 ANÁLISE DOS ELEMENTOS INTEGRADOS: VITRAIS, ESTATUÁRIA EXTERIOR, ESCULTURAS RELIGIOSAS, OBJETOS DE CULTO E SERVIÇOS DECORATIVOS ESPECIALIZADOS

Apesar da arquitetura neogótica relativamente austera das igrejas estudadas, com exceção da igreja de Botafogo, que se apresenta mais luxuosa, a Congregação da Missão, na figura dos superiores de cada local, dispendeu grandes esforços para nelas dispor uma boa quantidade de obras de arte e objetos de culto, muitos dos quais foram trazidos do exterior, principalmente da França. Os objetos e imagens mais característicos desse esforço de construção, tratados no presente item, são os vitrais, a estatuária exterior, as esculturas religiosas e alguns objetos de culto e serviços decorativos especializados.

3.1 Conjuntos vitrais

Para compreender melhor a recepção de vitrais franceses no Brasil ao longo do século XIX, estudados, no presente trabalho, por meio das construções neogóticas da Congregação da Missão, deve-se analisar como a produção de vitrais franceses se tornou uma técnica importante dentro dos contextos cultural e social da época, além de compreender como surgiu, no Brasil, uma demanda por vitrais decorados.

A escolha de vitralistas franceses para a execução dos vitrais dessas igrejas deve estar, em grande parte, relacionada à origem dos religiosos da Família Vicentina, cuja sede se encontra em Paris (são, praticamente, as únicas instituições religiosas sediadas fora da Sé romana). Embora essa hipótese não possa ser confirmada por registros históricos, muitos elementos franceses existentes nessas construções indicam a proximidade dos religiosos no Brasil com suas origens francesas. A escolha de três vitralistas diferentes, um para cada igreja, pode ser resultado da decisão dos superiores de cada local no momento da construção da igreja, por questões de conhecimento pessoal ou custo — o que parece indicar que o Visitador-Geral do Brasil não interferia fortemente nas decisões de cada província específica da C.M., ao menos durante esse período histórico, seja por definição dos estatutos da Congregação, seja por suas próprias características pessoais. Contudo, tal hipótese requer maiores informações documentais, que não foram encontradas.

O aumento do interesse dos pesquisadores franceses do século XIX pelas técnicas do vitral e pela iconografia se insere em um movimento muito mais amplo, iniciado no início do século XIX e ligado ao conceito de “herança”, já existente desde o século XVII. Esse pensamento, que buscava preservar os monumentos eclesiásticos e laicos franceses, tratand-os como patrimônio nacional, teve o apoio de importantes figuras francesas, como Victor Hugo. Deu-se, em parte, como consequência da destruição de inúmeros objetos e construções religiosos e aristocráticos na esteira da Revolução Francesa, mas também em função da realização de restaurações pouco cuidadosas, que foram degradando as características dos antigos monumentos arquitetônicos.

O renovado interesse pela Idade Média e pelo gótico se estendeu a outras áreas do conhecimento correlatas, como os estudos iconográficos das representações da arte medieval. Para esses estudos, contribuíram muito os arqueólogos cristãos que começaram a realizar pesquisas a partir da metade do século XIX, grande parte dos quais pertencia às sociedades arqueológicas eruditas, cujos objetivos principais eram conservar e descrever os monumentos de arte franceses. Tais movimentos ocorreram em paralelo com o surgimento das arquiteturas “neos”, entre as quais o neogótico, que inspiraram arquitetos e restauradores franceses como Viollet-le-Duc, alinhados com os ideais do movimento romântico de retorno a um passado de glória francesa.

Os vitrais constituem um elemento essencial nas construções góticas e neogóticas, pois permitem um envolvimento “místico” do fiel, aproximando-o da Jerusalém celeste. No século XIX, a técnica de produção de vitrais estava relegada a um segundo plano, mas, com a restauração de igrejas góticas e a construção de neogóticas, vários artistas começaram a se aprofundar nas antigas técnicas de produção. Alguns até mesmo se dedicaram a recuperar as receitas medievais, mantendo, assim, a tradição original de materiais e técnicas.

Analisando a situação do Brasil na segunda metade do século XIX, Wertheimer (2011, p. 56) comenta que a primeira oficina brasileira com tradição de produção de vitrais foi a Casa Conrado, fundada em 1889, em São Paulo, por Conrado Sorgenicht, emigrado da Alemanha para o Brasil. Ainda segundo a autora, um dos obstáculos para que houvesse uma produção nacional naquele período estava na dificuldade de obtenção de algumas matérias-primas.

A importação foi adotada como solução para várias construções que demandaram decoração com vitrais no final do século XIX e início do século XX no Brasil. Segundo Viana (2015, p. 38), até o início do século XX, os vitrais eram importados especialmente da Alemanha, da França e da Inglaterra. No período de construção da igreja do Caraça e da basílica de

Diamantina, não havia nenhuma produção nacional e, durante a construção da basílica de Botafogo, essa produção ainda era incipiente, feita em outro estado do Brasil e com características culturais diferentes das da congregação francesa. Tais fatores indicam alguns dos motivos da escolha de vitrais importados da França para a decoração das igrejas.

O *Quadro 4*, a seguir, apresenta as características gerais dos conjuntos vitrais, seus autores e quantidades de peças, enquanto o *Quadro 5* traz uma panorâmica das representações presentes nas obras. Cabe comentar que todos os vitrais das janelas ogivais foram realizados por importantes vitralistas franceses da segunda metade do século XIX, assunto que será discutido mais adiante. Não encontrei a origem das rosáceas das três igrejas do presente estudo.

No *Quadro 5*, observa-se que os conjuntos de vitrais da igreja do Caraça e da basílica de Diamantina são mais homogêneos, representando praticamente apenas um tema central e o desenvolvimento de cenas relacionadas. A basílica do Rio de Janeiro possui um conjunto vitral bem maior e se apresenta mais heterogênea em relação às temáticas, consistindo em seis diferentes grupos narrativos. Especificamente em relação ao Caraça, não é possível afirmar que a temática homogênea seria mantida no conjunto completo, visto que nunca foi finalizado.

Quadro 4 - Características dos conjuntos vitrais das igrejas vicentinas do Sudeste

	N. SRA. MÃE DOS HOMENS – SANTUÁRIO DO CARAÇA	SAGRADO CORAÇÃO – DIAMANTINA	IMACULADA CONCEIÇÃO – RJ
Nº DE JANELAS OGIVAIS	13	16	19
Nº DE JANELAS COM VITRAIS FIGURATIVOS	5 (todas de lanceta única)	16 (todas de lanceta dupla)	19 (12 de lanceta dupla e 7 de lanceta única)
VITRALISTA	Claudius Lavergne (Paris)	Gustave-Pierre Dagrاند (Bordeaux)	Lucien Bégule (Lyon)
CONTRATANTE	Pe. Clavelin	Pe. Bartolomeu Sípolis ¹⁵⁰	?
DATA DE CONTRATAÇÃO	1884 ¹⁵¹	1886 ¹⁵⁰	?
DATA DE FABRICAÇÃO	1885 ¹⁵²	1886 ¹⁵⁰	1891 ¹⁵³
DATA DE ENTREGA	Início de 1886 ¹⁵¹	Anterior a 6/5/1887 ¹⁵⁴	?
CUSTO DOS VITRAIS	13.775 francos ^{151,155}	8 contos de réis	31.000 francos ^{155,156}
ROSÁCEAS	3 (fachada principal e dois transeptos)	1 (fachada principal)	1 (fachada principal)

¹⁵⁰ Contratação deve ter sido feita quando da viagem do Pe. Bartolomeu Sípolis à França, em fev. 1886, pois há uma referência ao Pe. Sípolis na carta do vitralista Dagrاند. de 6 maio de 1887, discutida na p. 136 deste trabalho. O ano de fabricação gravado nos vitrais é 1886.

¹⁵¹ ZICO, J. T. C.M. **Caraça, sua igreja e outras construções**. Belo Horizonte: FUMARC/UCMG, 1983. p. 90.

¹⁵² *Ibid.*, p. 91.

¹⁵³ VIANA, H. M. **Instrumentos e técnicas para sistema de identificação e registro de vitrais**. 2015. 157 p Dissertação (Mestrado Profissional em Projeto e Patrimônio) — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.p. 38.

¹⁵⁴ Data da carta do vitralista Dagrاند ao Pe. Sípolis comentando as correções para os vitrais que chegaram quebrados ao destino (ver p. 136 deste trabalho).

¹⁵⁵ Em carta enviada do Rio de Janeiro, em 01/09/1885, e disponível nos Anais da Congregação da Missão (DePaul University, 1887, p. 148), a irmã Bosaico comenta que o Orfanato de Santa Teresa, no Rio de Janeiro, havia recebido 40 contos de réis, que correspondiam a 100.000 francos. Como as datas das encomendas dos vitrais são relativamente próximas, podemos, em uma primeira estimativa, dizer que os vitrais da igreja do Caraça custaram cerca de 5,5 contos e os da basílica de Botafogo, cerca de 12,4 contos.

¹⁵⁶ VIANA, H. M. **Basílica Imaculada Conceição: subsídios para um registro histórico e construtivo**. Rio de Janeiro, 2010. 93 p. Monografia (Curso de Pós-graduação em Gestão e Restauro Arquitetônico) — Centro IV, Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, agosto 2010. p. 35.

	N. SRA. MÃE DOS HOMENS – SANTUÁRIO DO CARAÇA	SAGRADO CORAÇÃO – DIAMANTINA	IMACULADA CONCEIÇÃO – RJ
CONTRATANTE	Pe. Boavida ¹⁵¹	?	?
DIMENSÕES			
ALTURA	4,70 m ¹⁵⁷ (5,28 ^{157,158})	5,25 m ¹⁵⁹	4,08 ¹⁶⁰
LARGURA	1,40 m ¹⁵⁷ (1,66 ^{157,158})	1,5 m ^{159,161}	1,35 ¹⁶⁰

¹⁵⁷ Valores médios a partir dos desenhos com as medidas exatas feitas pelo Pe. Clavelin. Fonte: BR.PBCM.CAR.N.2.1.

¹⁵⁸ Janelas ogivais do altar-mor.

¹⁵⁹ Estimativas baseadas em proporções de elementos e uso de trena laser.

¹⁶⁰ Informação de Viana (2015, p. 105) para os vitrais da fachada principal, lado do Evangelho (São Sebastião e São João Perboyre).

¹⁶¹ O conjunto completo com as duas lancetas e o elemento estrutural intermediário.

Quadro 5 - Representações imagéticas nas janelas ogivais das igrejas vicentinas do Sudeste

	N. SRA. MÃE DOS HOMENS – SANTUÁRIO DO CARAÇA	SAGRADO CORAÇÃO – DIAMANTINA	IMACULADA CONCEIÇÃO – RJ
CONJUNTOS VITRAIS¹⁶²	1	2	6
TEMÁTICA PRINCIPAL	Vida de Cristo: do nascimento à vida adulta	15 mistérios do Santo Rosário	5 vitrais de lanceta dupla sobre o Evangelho de Jesus (lado do evangelho) e 5 vitrais de lanceta dupla sobre a vida de Maria (lado da epístola)
OUTRAS TEMÁTICAS		Aparição do Sagrado Coração de Jesus a Santa Margarida Maria d'Allacoque	<ol style="list-style-type: none"> 1. Altar-mor: Aparição de Nossa Senhora a Santa Catarina Labouré, Aparição do Sagrado Coração de Jesus a Santa Margarida Maria d'Allacoque e Aparição de Nossa Senhora a Santa Bernadette Soubirous em Lourdes em 3 vitrais de lanceta única. 2. Fachada principal: Quatro representações de mártires em 2 vitrais de lanceta dupla. 3. Parte frontal das naves laterais: São José e São Vicente de Paulo em 2 vitrais de lanceta única. 4. Naves laterais, posição mais próxima do altar da ábside da nave lateral: Primeira Missa no Brasil (lado do evangelho) e Proclamação do Dogma da Imaculada Conceição pelo Papa Pio IX (lado da epístola) em 2 vitrais de lanceta única.

¹⁶² Os conjuntos vitrais foram classificados em função das temáticas representadas, que serão discutidas a seguir.

3.1.1 Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens — Santuário do Caraça

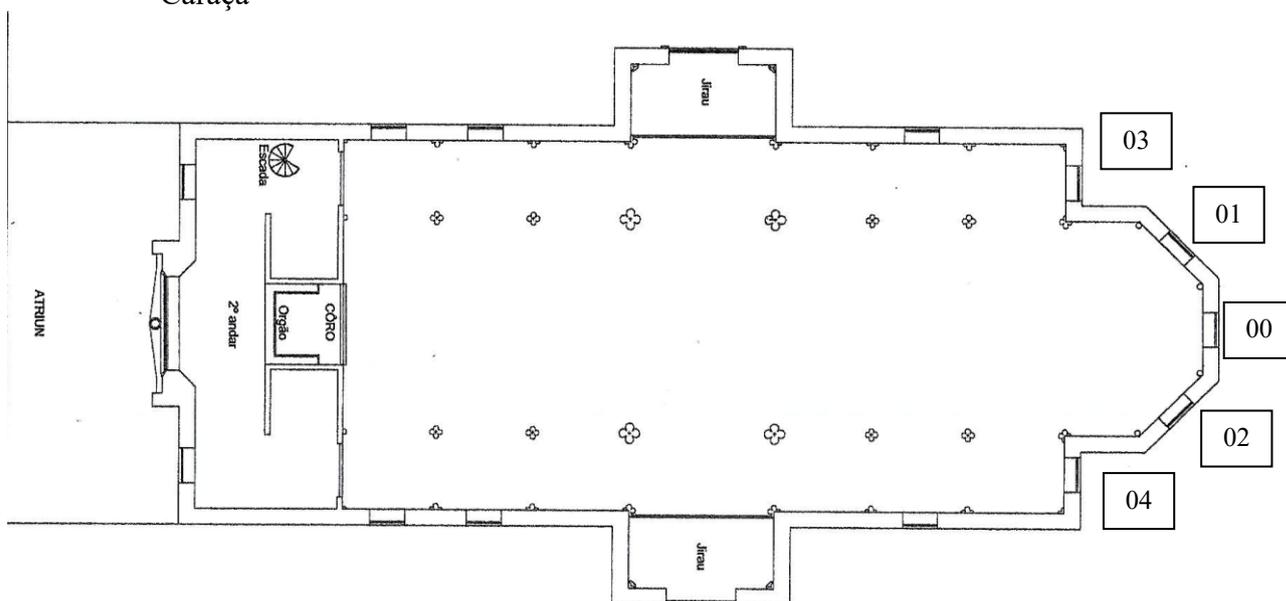
Como o conjunto vitral da igreja do Caraça já foi analisado iconograficamente em trabalho anterior (Cid, 2022, p. 47-61), aqui, trarei apenas os pontos mais relevantes, na medida em que o conjunto de objetos artísticos e de culto das igrejas levanta questões importantes para o entendimento dos valores da Congregação da Missão, de suas relações com outras instituições e dos processos histórico-culturais brasileiros no final do século XIX.

A igreja do Santuário do Caraça possui cinco vitrais decorados, os quais foram encomendados pelo Pe. Clavelin em 1884, quando de sua viagem à Europa — o arranjo no conjunto das naves da igreja pode ser visto na Figura 18. Já a reunião das imagens é apresentada na Figura 19, da esquerda para a direita, da ábside da nave lateral esquerda, lado do evangelho, até a da nave lateral direita, lado da epístola. Essa ordem de apresentação coincide com a referida no texto de Cabezas (1987), que fornece algumas chaves de leitura para os vitrais produzidos no século XIX. Analisando vários exemplos de vitrais em igrejas francesas, Cabezas (1987) identificou que o sentido de leitura mais frequente é o da esquerda para a direita, sentido de leitura das línguas indo-europeias.

Em termos formais, chama atenção a simplicidade e a luminosidade da paleta do vitralista, aspectos comentados por Denoël (2005, p. 13), que afirma que Lavergne se tornou um vitralista especializado em função de sua polivalência profissional, tendo se baseado nas receitas do monge Teófilo¹⁶³ e ressaltado as técnicas e o estilo dos vitrais do século XIII.

¹⁶³ “O *Diversarum Artium Schemata* (lista de diversas artes) é um texto sobre técnicas e materiais das artes medievais, incluindo a arte do vitral, datado do século XII. Atribui-se sua autoria ao monge beneditino, de origem germânica, Teófilo ou Rugerus (c. 1070-1125) (GUTLICH, G. R. Virtude e ofício: Apontamentos de conduta nos manuais de gravura em metal. In: MENEGUELLO, C. (org.). **Arte e patrimônio industrial**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021, p. 189-224. v. 3).

Figura 18 – Planta baixa (acima de 4 m) com o arranjo dos vitrais nas naves da igreja do Caraça



- Legenda: 00: A perda e o encontro de Jesus entre os doutores (Lc 2,41-50)
 01: Apresentação de Jesus no templo e purificação de Maria (Lc 2,22-32)
 02: São José, Nossa Senhora e o Menino Jesus na oficina de trabalho
 03: Nascimento de Jesus (Lc 2,1-7)
 04: As bodas de Caná (Jo 2,1-11)

Fonte: Márcio João Vilela Amaral, 2023, com acréscimo da numeração dos vitrais pela autora.

Figura 19 – Vitrais da igreja do Caraça, organizados em linha da esquerda para a direita



(03)

(01)

(00)

(02)

(04)

Legenda: Da esquerda para a direita, da ábside da nave lateral esquerda à ábside da nave lateral direita:

- 03: Nascimento de Jesus
 01: Apresentação de Jesus no templo e purificação de Maria
 00: A perda e o encontro de Jesus entre os doutores
 02: São José, Nossa Senhora e o Menino Jesus na oficina de trabalho
 04: As bodas de Caná

Fonte: a autora, 2021.

A escolha de Claudius Lavergne é significativa, se pensarmos na igreja como um projeto que definiria uma nova identidade para o Santuário do Caraça. Lavergne nasceu em Lyon, de uma família de pintores, e sempre esteve muito ligado à religião. Inicialmente, foi aluno de Ingres e, depois, de Victor Orsel, artista francês associado aos pintores nazarenos, que buscavam resgatar a espiritualidade e os valores originais das representações cristãs. Ele entendia que sua arte deveria seguir um caminho entre a dos pré-renascentistas (como Fra Angelico) e Rafael. Segundo seu filho, “ele sustentava que se deve conhecer anatomia, desenho e pintura como Michelangelo, mas pensar e dizer como Fra Angelico. E, de fato, ele realizou seu programa, dando a todas as suas obras uma correção perfeita, submetendo sempre o aspecto plástico à expressão da ideia” (Lavergne, p. 16, tradução nossa). Sua religiosidade e formação artística o conduziram às representações mais tradicionais da arte sacra. Ao longo de sua carreira, desenvolveu, também, a função de crítico de arte, defendendo as representações conservadoras nos textos que escrevia. Por fim, trabalhou como inspetor arqueológico de Viollet-le-Duc, atividade que o permitiria aprofundar seus conhecimentos sobre vitrais; a partir de então, começa a exercer a função de mestre vitralista, que sempre dedicou às imagens sacras.

O percurso profissional de Lavergne o havia gabaritado para a execução dos vitrais do santuário do Caraça. Além de um vitralista renomado, era muito religioso e tinha uma visão tradicional, próxima a de uma vertente conservadora da Igreja Católica, que se alinhava com os ideais ultramontanos, caros aos padres da Congregação da Missão. Assim, parece adequada sua escolha para a execução dos vitrais de uma igreja que buscava recuperar as tradições religiosas de Roma.

Uma análise iconográfica completa dos vitrais é tarefa difícil, visto que a decoração vitral está incompleta: embora a igreja tenha 13 janelas ogivais, apenas cinco dispõem de vitrais decorados. No entanto, como nos mostra a carta de Lavergne ao Pe. Clavelin, arquiteto e responsável pela construção da igreja, a ideia inicial era que todas as janelas tivessem vitrais decorados:

Estamos, pois, quites quanto à primeira encomenda. Esperamos que, ajudando Deus, a vista dos belos vitrais suscite doadores para as janelas que faltam para decorar. Adotamos com o padre Clavelin um plano iconográfico e um projeto. Foi-nos dito que “a encomenda dos demais vitrais ficou adiada, mas ela só seria feita aos senhores Lavergne”. Seremos felizes por completar em vitrais, de acordo convosco, a decoração, tal como nunca se viu no Brasil (Zico, 1983, p. 90).

A despeito dessa intenção, os vitrais das outras janelas ogivais nunca foram encomendados. O prestígio e a demanda educacional do Caraça, tanto do colégio interno quanto

do seminário, declinaram antes ainda que a construção da igreja fosse concluída. Primeiramente, com o retorno do Seminário Maior para Mariana, em 1882, e, depois, com a saída de Pe. Clavelin da direção do colégio e do seminário, em 1885. Por fim, os eventos da segunda década dos anos 1900 (Zico, 2000, p. 138) — o encerramento antecipado das aulas em 1910, devido aos casos de beribéri, e a suspensão da equiparação do colégio do Caraça ao Colégio Pedro II em 1911 — levaram o colégio interno a ser fechado em 1912, sendo substituído por um pequeno seminário menor. Em 1968, quando ocorreu um grande incêndio nas instalações dos dormitórios dos seminaristas, as atividades educacionais se encerraram definitivamente.

No conjunto de cinco vitrais decorados existente, há a representação da vida de Jesus Cristo, do nascimento até a vida adulta (ilustrada pelas bodas de Caná). Esse percurso histórico é bastante adequado para um colégio interno de meninos e para um Seminário Maior, destinado à formação eclesial, por enfatizar o estudo, a oração e o trabalho.

A igreja possui, ainda, três rosáceas encomendadas posteriormente (Figura 20). No centro da rosácea do transepto, do lado do evangelho, está um anjo, portando, na mão esquerda, uma espada, que representa a força, o poder, a coragem, mas também a justiça divina, e, na mão direita, as tábuas da lei. No outro transepto, o anjo traz, em sua mão esquerda, a pena e, na direita, uma tábua com a inscrição “IN PRINCIPIO ERAT VERBUM” (No princípio era o Verbo). A rosácea da fachada não contém, em seu centro de cor vermelha, qualquer imagem significativa. Não encontrei informações sobre o autor dessas peças, tampouco suas datas de fabricação. Em Zico (1983, p. 90), existe apenas a informação de que foram encomendadas pelo padre Boavida, sucessor do padre Clavelin, no posto de superior do colégio do Caraça. Quanto à possibilidade de serem de Lavergne, um primeiro fato que a contraria consiste na diferença entre as paletas: a utilizada difere da usada por Lavergne por ser dotada de menor luminosidade. Sabendo-se, também, que o artista francês faleceu em 1887, é pouco provável que ele tenha sido o executor dessas rosáceas.

Figura 20 – Rosáceas da igreja do Caraça



Legenda: Esq.: Transepto do lado do evangelho; centro: fachada principal; dir.: transepto do lado da epístola.

Fonte: Esq.: Eliane Moura Martins, 2023; centro e dir.: a autora, 2021.

As três rosáceas apresentam, na extremidade inferior, uma referência ao cônego João Pio, com o texto “Pe. J. Pio”, que foi o doador dessas obras¹⁶⁴. Nascido em 1860, em Ferros (MG), estudou no Caraça, provavelmente durante a administração do padre Clavelin, e ordenou-se padre em 1882, em Mariana; mais tarde, tornou-se deputado (1899-1902). Zico (1988, p. 102) comenta que, no ano do centenário do colégio (1920), o cônego João Pio era senador. Entre 1911 e 1916, dirigiu paróquias em São Caetano (Mariana), São Domingos da Prata e Muriaé. Foi uma figura eclesiástica importante no final do século XIX e no início do século XX, tendo também exercido relevante papel institucional no Império. Com essas referências, deve ter desejado imortalizar seu nome na igreja do Caraça.

A rosácea da fachada principal exibe, além da comentada acima, uma referência adicional ao padre Clavelin, apresentada em detalhe na parte inferior central da Figura 21. Tal referência pode ser entendida como uma homenagem da Congregação e dos padres sucessores ao esforço hercúleo dispendido pelo Pe. Clavelin para a construção da igreja do Caraça.

¹⁶⁴ ZICO, J. T. C.M. *Caraça, sua igreja e outras construções*. Belo Horizonte: FUMARC/UCMG, 1983. p. 92.

Figura 21 – Detalhes da rosácea da fachada principal da igreja do Caraça

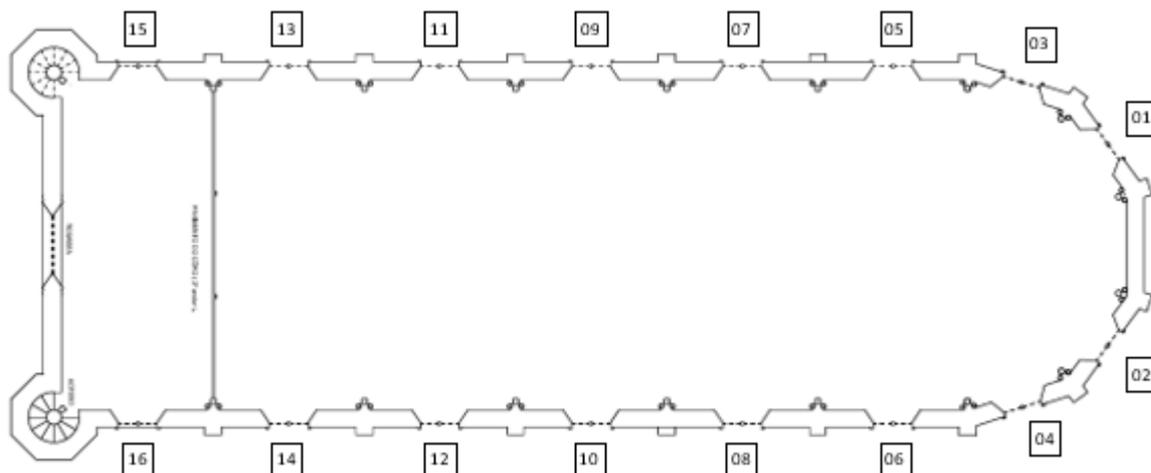


Legenda: Parte inferior: nome do Pe. Clavelin, arquiteto da igreja e do cônego João Pio, doador.
Fonte: a autora, 2021.

3.1.2 Basílica do Sagrado Coração de Jesus — Diamantina

A Basílica do Sagrado Coração de Jesus, em Diamantina, possui um conjunto vitral composto de 16 vitrais decorados, cada um formado por duas lancetas. Cada lanceta, por sua vez, representa uma parte da mesma cena; portanto, as duas lancetas de uma janela devem ser lidas em conjunto. Foram produzidos por Gustave-Pierre Dagrاند — seu arranjo na nave da igreja pode ser visto na Figura 22.

Figura 22 – Planta baixa (acima de 4 m) com o arranjo dos vitrais na nave da basílica de Diamantina



- Legenda: 01: Anunciação do Anjo à Maria (Lc 1,26-38)
 02: Aparição do Sagrado Coração de Jesus a Santa Margarida Maria d'Allacoque
 03: Visita de Maria à Isabel (Lc 1,39-56)
 04: Coroação de Maria (Ap 12,1-6)
 05: Nascimento de Jesus (Lc 2,1-7)
 06: Assunção de Maria
 07: Apresentação de Jesus no templo e purificação de Maria (Lc 2,22-32)
 08: Pentecostes: manifestação do Espírito (At 2,1-13)
 09: A perda e o encontro de Jesus entre os doutores (Lc 2,41-50)
 10: Ascensão de Jesus (Lc 24,50-53),
 11: Oração e agonia de Jesus no Jardim de Getsêmani (Lc 22,39-46)
 12: Ressurreição de Jesus (Mt 28,1-10)
 13: A flagelação de Jesus (Jo 19,1-16)
 14: Crucificação de Jesus (Lc 23,26-43)
 15: A coroação de espinhos (Mt 27,27-30)
 16: Jesus com a Cruz a caminho do calvário (Mt 27,32-34)

Fonte: Márcio João Vilela Amaral, 2023 (acréscimo da numeração dos vitrais pela autora).

De forma similar ao conjunto da igreja do Caraça, o vitralista escolhido para a Basílica de Diamantina também foi um conhecido artista francês. Gustave-Pierre Dagrاند nasceu em 1839, em Bordéus, e estudou na Escola de Belas Artes de Bayona. Ao fim dos estudos, retornou a Bordéus, onde começou a trabalhar como pintor em vidro. Tendo trabalhado por alguns anos em Biarritz, por fim, estabeleceu-se definitivamente em Bordéus, montando uma oficina que, ao se expandir, tornou-se uma indústria dedicada tanto a obras de arte religiosa como laica. Desenvolveu trabalhos em vários locais, em especial na Itália, e, segundo Bakaikoa e Barrios (2022, p. 49), sua maestria na arte vitral era tal que, em 1883, o Papa Leão XIII outorgou-lhe a

cruz de São Silvestre; além disso, em 1888, foi nomeado pintor de vidro da Basílica de São Pedro¹⁶⁵.

O conjunto de imagens da Basílica de Diamantina é bastante homogêneo e representa os 15 Mistérios do Rosário: Gozosos, Dolorosos e Gloriosos. A décima sexta imagem, colocada na janela centro-direita do altar-mor (vitrail 02), não está relacionada aos Mistérios do Rosário, mas ilustra a aparição do Sagrado Coração de Jesus a Santa Margarida Maria d'Allacoque. Essa representação, que pode ser entendida como a primeira ou a última para a leitura iconográfica do conjunto vitral, talvez seja a mais relevante entre elas, em função de ser a igreja consagrada ao Sagrado Coração de Jesus.

Quanto à representação dos Mistérios, é possível lê-los em ordem cronológica, iniciando pela janela 01, situada a centro-esquerda do altar-mor, e circulando-se a Basílica no sentido anti-horário, passando primeiramente pelo lado do evangelho e, a seguir, pelo lado da epístola até a janela centro-direita do altar-mor, em que está a imagem do Sagrado Coração de Jesus. Os três conjuntos de Mistérios estão expostos, respectivamente, nas Figura 23, 24 e 25, enquanto a Figura 26 tem, no vitral, a representação do Sagrado Coração de Jesus.

O sentido de leitura dos vitrais é oposto ao mencionado por Cabezas (1987) em seu trabalho sobre leitura iconográfica de vitrais do século XIX — diferença que pode indicar que a orientação mais frequente, observada pelo autor, não era conhecida ou considerada relevante para os responsáveis pela instalação dos vitrais na igreja.

¹⁶⁵ BAKAIKOA, A. B. S.; BARRIOS, V. R. De la restauración a la conservación. Colaboración transversal en las vidrieras de San Pedro de Olite (Navarra). *La Revista Arcove*, n. 4, p. 49, out. 2022. Disponível em: https://www.academia.edu/88505114/ARCOVE_La_Revista_N4_octubre_2022. Acesso em: 18 jun. 2023.

Figura 23 – Vitrais da basílica de Diamantina – Os Mistérios Gozosos



Legenda: Da esquerda para a direita: 01 – Anunciação do Anjo a Maria; 03 – Visita de Maria a Isabel; 05 – Nascimento de Jesus; 07 – Apresentação de Jesus no templo e purificação de Maria; 09 – A perda e o encontro de Jesus entre os doutores.

Fonte: (01), (05), (07), (09): Eliane Moura Martins, 2023; (03): a autora, 2023.

Figura 24 – Vitrais da basílica de Diamantina – Os Mistérios Dolorosos



Legenda: Da esquerda para a direita: 11 – Oração e agonia de Jesus no Jardim de Getsêmani; 13 – A flagelação de Jesus; 15 – A coroação de espinhos; 16 – Jesus com a Cruz a caminho do calvário; 14 – Crucificação de Jesus.

Fonte: (11), (16): Eliane Moura Martins, 2023; (13), (14), (15): a autora, 2023.

Figura 25 – Vitrais da basílica de Diamantina – Os Mistérios Gloriosos



Legenda: Da esquerda para a direita: 12 – Ressurreição de Jesus; 10 – Ascensão de Jesus; 08 – Pentecostes: manifestação do Espírito; 06 – Assunção de Maria; 04 – Coroação de Maria.
 Fonte: (06): Eliane Moura Martins, 2023; (04), (08), (10), (12): a autora, 2023.

Figura 26 – Vitral da aparição do Sagrado Coração de Jesus a Santa Margarida Maria d’Allacoque – basílica de Diamantina



Fonte: a autora, 2023.

O contratante do conjunto de vitrais deve ter sido o Pe. Bartolomeu Sípolis, pois Neves ([19--], p. 115), no Caderno de Anotações 15, comenta uma notícia do jornal *O Jequitinhonha*, a respeito da viagem de Pe. Sípolis à Europa: “A 15-2-1886 partiu p^a. Europa o Pe. Sípolis; vai angariar recursos para a construção da Igreja S Mct. Coração de Jesus. Consta que leva partida de ouro e brilhantes pertencentes aos Felici(ilegível) dos Stos p^a. experimentar a praça da Europa.” Como 1886 é o ano de fabricação registrado em vários dos vitrais, ao que parece, foi nessa viagem que o Pe. Sípolis conseguiu uma parte dos recursos para as obras da igreja, o que pode incluir os vitrais.

No conjunto vitral de Diamantina, o nome do vitralista autor das obras não aparece em nenhuma das imagens. Contudo, cada imagem contém o nome da instituição, família ou pessoa que ofereceu os recursos para a sua realização — e alguns aspectos nos chamaram a atenção. Primeiramente, a maior parte dos vitrais foi doada por instituições religiosas francesas, em geral instituições femininas, o que pode estar relacionado ao fato de a igreja ser consagrada ao Sagrado Coração de Jesus, aspecto religioso que é muito forte entre essas instituições, possivelmente, em função das orientações do Papa Pio IX. Esse aspecto, porém, precisaria ser mais aprofundado para comprovar tal hipótese.

Em segundo lugar, em termos de frequência, aparecem os vitrais doados por famílias e colaboradores. Nesse conjunto, destacam-se as famílias dos religiosos, tais como a de Pe. Sípolis, superior do seminário na época da construção da igreja, e de diretores e colaboradores do seminário de Diamantina. Almeida (1990, p. 7-8) lista os doadores de todos os vitrais e a autora realiza uma separação por tipo (estrangeiro ou nacional, institucional ou individual):

a. Instituições estrangeiras:

- i. AMIENS MONTDIDIER: Nascimento de Jesus (05)
- ii. LILLE LOOS BERGUES: Apresentação de Jesus no Templo e Purificação de Maria (07)
- iii. MONTOLIEU - SÆURS, MISSIONNAIRES: A perda e o encontro de Jesus entre os doutores (09)
- iv. Mme. LE PRIEUR – FILLES de la CHARITE DE SULLY: A Coroação de Espinhos (15)
- v. FILLES de la CHARITE DE BERGUES: Jesus com a Cruz a caminho do Calvário (16)
- vi. FILLES de la CHARITE DE FRANCE: Ressurreição de Jesus (12)
- vii. DEMAN ARMENTIERES – St. OMER: Pentecostes: manifestação do Espírito (08)
- viii. CHANTILLY – SÆURS; PRINCESSE DE JOINVILLE¹⁶⁶: Assunção de Maria (06)

¹⁶⁶ É preciso conhecer melhor esses doadores para saber se são estrangeiros ou nacionais.

ix.MMrs. CELARIER BOULET – Victor FRANQUE et sa FAMILLE¹⁶⁶: Ascensão de Jesus (10)

x.MAISON MERE DES FILLES de la CHARITE : Coroação de Maria (04)

b.Famílias e colaboradores locais:

i.FAMILLES SIPOLIS, MANTEL, BABILEE: Anunciação do Anjo à Maria (01)

ii.FAMILLE DELEMASURE: Visita de Maria à Isabel (03)

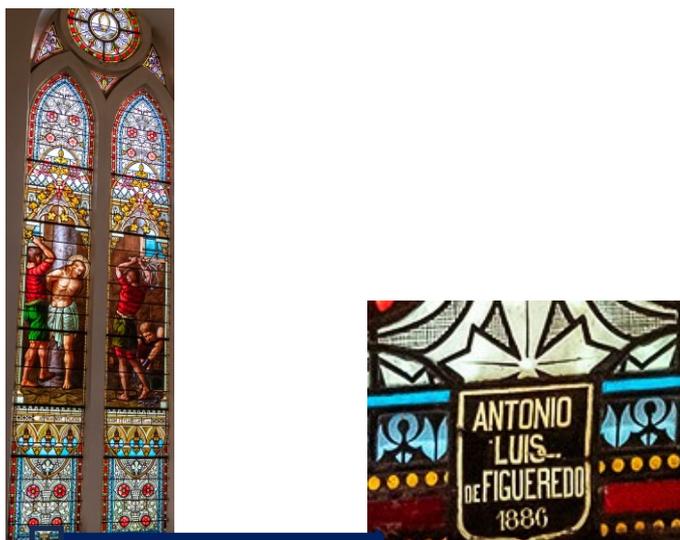
iii.Irmãs de Caridade do Brasil¹⁶⁷: Oração e agonia de Jesus no Jardim de Getsêmani (11)

iv.DIRECTEURS et COLLABORATEURS du SEMINAIRE DIAMANTINA: Crucificação de Jesus (14)

v.M^r. DELEMASURE et la PROVINCE du BRESIL: Aparição do Sagrado Coração de Jesus a Santa Margarida Maria d’Allacoque (02)

Além das doações institucionais e familiares, chama atenção a doação individual do vitral 13 (Figura 27), que representa “A flagelação de Jesus”, cujo doador foi Antonio Luis de Figueiredo, mestre de obras da igreja.

Figura 27 – Vitral da flagelação de Jesus, doado por Antonio Luis de Figueiredo.



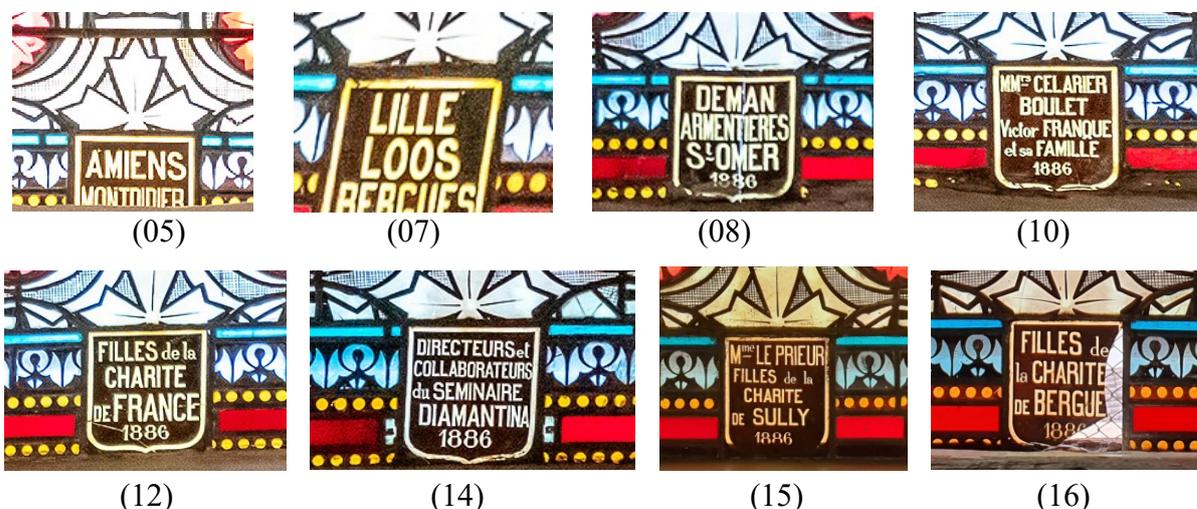
Legenda: Esq.: conjunto do vitral; dir.: detalhe da parte inferior esquerda, com o nome do doador.

Fonte: Eliane Moura Martins, 2023.

Alguns dos registros de doadores existentes na base dos vitrais estão apresentados na Figura 28.

¹⁶⁷ Atualmente, na Basílica, a referência ao doador do vitral encontra-se quebrada. A informação de doação pelas Irmãs de Caridade do Brasil encontra-se em Almeida (ALMEIDA, W. (Mons.). Palestra do Monsenhor Walter de Almeida. In: **Comemoração centenária da Basílica do Sagrado Coração de Jesus**: Seminário Arquidiocesano. Diamantina: Acervo do Seminário de Diamantina, 1990. p. 8.)

Figura 28 – Registros das doações de instituições religiosas estrangeiras encontrados nos vitrais – basílica de Diamantina

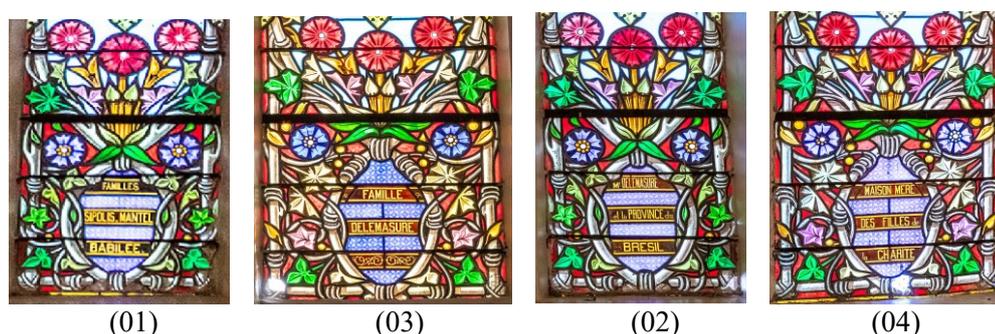


Legenda: (05) Nascimento de Jesus; (07) Apresentação de Jesus no templo e purificação de Maria; (08) Pentecostes; (10) Ascensão de Jesus; (12) Ressurreição de Jesus; (14) Crucificação de Jesus; (15) A coroação de espinhos; (16) Jesus com a cruz a caminho do calvário.

Fonte: (05), (07), (08), (10), (12), (14): Eliane Moura Martins, 2023; (15) e (16): a autora, 2023.

Nos vitrais do altar-mor, os nomes dos doadores recebem maior destaque, porque aparecem repetidos na parte inferior das duas lancetas de cada vitral. A Figura 29 apresenta, da esquerda para a direita, a ordem de apresentação dos doadores nos quatro vitrais do altar-mor. Aqui, sobressai a participação, como doadores, dos gestores brasileiros da Congregação, do Seminário de Diamantina e da Casa Mãe das Filhas da Caridade.

Figura 29 – Registros dos doadores nos vitrais do altar-mor – basílica de Diamantina



Legenda: Esq.: 01 – Anunciação do Anjo a Maria; centro-esq.: 03 – visita de Maria a Isabel; centro-dir.: 02 – aparição do Sagrado Coração de Jesus a Santa Margarida Maria d'Allacoque; dir.: 04 – coroação de Maria.

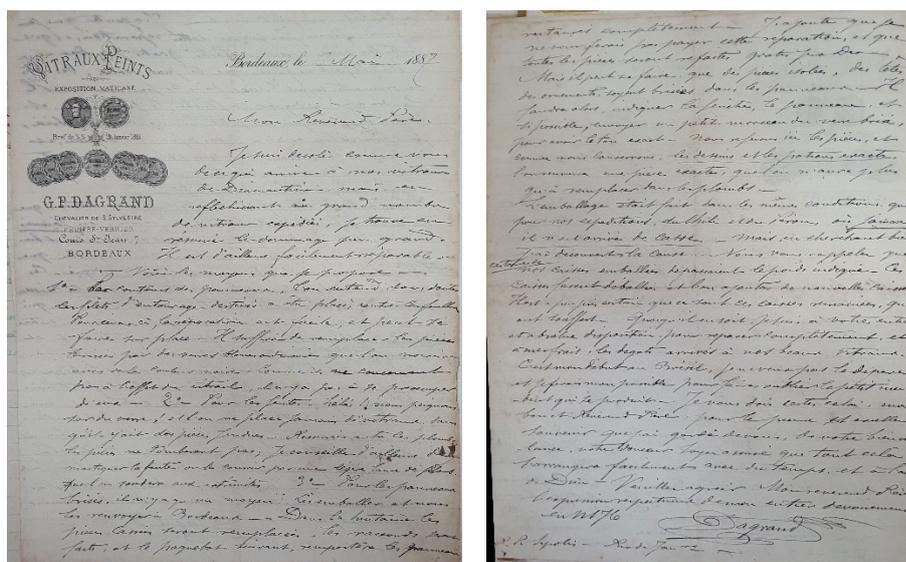
Fonte: Eliane Moura Martins, 2023.

O conjunto vitral mostra, então, uma relevante contribuição da Congregação da Missão como um todo, podendo indicar o empenho da instituição na construção da Basílica. É possível que a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, que era muito forte por parte do bispo de

Diamantina, D. João Antônio dos Santos (Almeida, 1990, p. 5), além de importante para a Congregação, em função das orientações papais (como discutido no item 1.3) tenha influenciado essa decisão.

Sobre os vitrais de Diamantina, é importante mencionar a dificuldade logística para trazê-los de Bordéus, onde foram produzidos, até o local de sua instalação, em Diamantina. Segundo Almeida (1990, p. 7), de Três Rios até Diamantina, eles foram transportados por carro de boi e, antes, do local de produção ao porto de embarque, na França, por terra. Do porto, seguiram em viagem marítima até o Rio de Janeiro, de onde foram transportados, por terra, até Três Rios. Ainda de acordo com o autor, os vitrais chegaram ao destino intactos, o que difere de outros relatos. O vitralista Dagrând, em carta ao Pe. Sípolis, de 6 de maio de 1887, escreve como resposta a uma carta, enviada pelo padre, em que eram relatados os danos ocorridos nos vitrais. Nessa correspondência, o vitralista apresenta algumas soluções, que dependem do grau de dano em cada caso, colocando-se à disposição para consertar os vitrais imprestáveis, serviço pelo qual cobraria apenas o frete de retorno das peças quebradas à França — para que o vitralista pudesse saber exatamente as colorações — e o frete de retorno das novas peças ao Brasil. Cartas posteriores indicam que, conforme a orientação de Dagrând, realmente ocorreu o retorno de algumas peças à França e o envio ao Brasil de novas peças, cujas originais haviam ficado seriamente danificadas. A Figura 30 apresenta uma cópia dessa primeira carta, seguida pela sua tradução.

Figura 30 – Carta do vitralista Dagrând ao Pe. Sípolis sobre os danos aos vitrais



Fonte: Arquivo do Seminário de Diamantina, 2023.

Bordéus, 6 de maio de 1887

Meu Reverendo Padre

Eu estou desolado como o senhor com o que aconteceu a nossos vitrais de Diamantina, mas considerando o grande número de vitrais enviados eu acho que o estrago foi pequeno. E, além do mais, facilmente reparável...

Aqui estão as maneiras que eu sugiro –

1º. Por contornos de painéis, entende-se sem dúvida os encaixes destinados à colocação das figuras. Para estes, o reparo é fácil, e pode ser feito no local. Basta substituir as peças quebradas por vidros brancos comuns que serão escurecidos com a cor preta. Como eles não contribuem para o efeito do vitral, não há necessidade de se preocupar com eles. 2º. – Para as rachaduras – infelizmente! Nós pintamos em vidro, e nunca colocamos vitrais sem que haja peças rachadas – Presas entre os filetes de chumbo as peças não irão cair; eu também recomendo cobrir a rachadura com uma fina lâmina de chumbo que será soldado nas extremidades. 3º. – Para os painéis quebrados, há apenas um recurso: embalá-los e nos enviar de volta a Bordéus – Em uma semana as peças quebradas serão substituídas, as conexões serão feitas e o próximo navio vai reenviar os painéis completamente restaurados. Eu acrescento que eu não vos farei pagar este reparo, e que todas as peças serão refeitas grátis pro Deo. Mas pode acontecer que partes isoladas, cabeças de ornamento, estejam quebradas nos painéis. Então será necessário indicar qual é a janela, o painel, e se possível, enviar um pequeno pedaço do vidro quebrado, para ter o tom exato – Nós refaremos aqui as peças, e como nós conservamos, os desenhos e os modelos exatos, nós enviaremos de volta uma peça exata, que só teremos que substituir nos encaixes de chumbo.

A embalagem foi feita nas mesmas condições que para as que nós expedimos para o Chile e o Peru, onde nenhuma quebra aconteceu – mas, procurando melhor, eu descobri a causa... Nós nos lembramos que algumas das caixas embaladas ultrapassavam o peso indicado. Essas caixas foram desempacotadas e nós adicionamos uma nova caixa. É quase certo que são estas caixas reembaladas, que sofreram. O que quer que tenha sido, eu estou à vossa inteira e absoluta disposição para reparar completamente, às minhas custas, os danos ocorridos a nossos belos vitrais. Essa é minha estreia no Brasil, eu não quero estragá-la, e eu farei o possível para que esse incidente seja esquecido. Eu faço isso, meu bom e Reverendo Padre, pela excelente lembrança que guardei de vós, de vossa benevolência, vossa amabilidade. Posso assegurar que tudo isto se arranjará facilmente com o tempo e a ajuda de Deus – Queira aceitar, Meu reverendo Padre, a expressão respeitosa de minha inteira gratidão em N S J C

Dagrand

R. P. Sypolis – Rio de Janeiro (Arquivo do Seminário de Diamantina, 2023, tradução nossa).

A rosácea da fachada principal contém uma representação central de Jesus, com os dedos indicador e médio da mão direita em posição de bênção e segurando uma Bíblia Sagrada na mão esquerda. Ao seu redor, estão dez de seus discípulos (Pedro, Bartolomeu, Filipe, Judas Tadeu, Tiago Menor, Mateus, Tiago Maior, Tomé, Simão e André), junto com São Paulo e São Barnabé, muito próximos entre si e dos primeiros cristãos. Quanto a essa rosácea, apresentada na Figura 31 (esq.), não consegui identificar a autoria, pois, no conjunto de informações trocadas entre o vitralista e o seminário de Diamantina, não foi encontrada referência a esse vitral. Contudo, diferentemente do Caraça, os elementos decorativos que compõem essa rosácea são semelhantes aos dos vitrais das janelas ogivais, o que indica, possivelmente, que sejam obras do mesmo vitralista. De forma similar ao vitral da fachada principal do Santuário do

Caraça, a face externa do vitral apresenta uma invocação ao santo ao qual a igreja fora consagrada, como mostra a imagem à direita da Figura 31.

Figura 31 – Rosácea da fachada principal da basílica de Diamantina



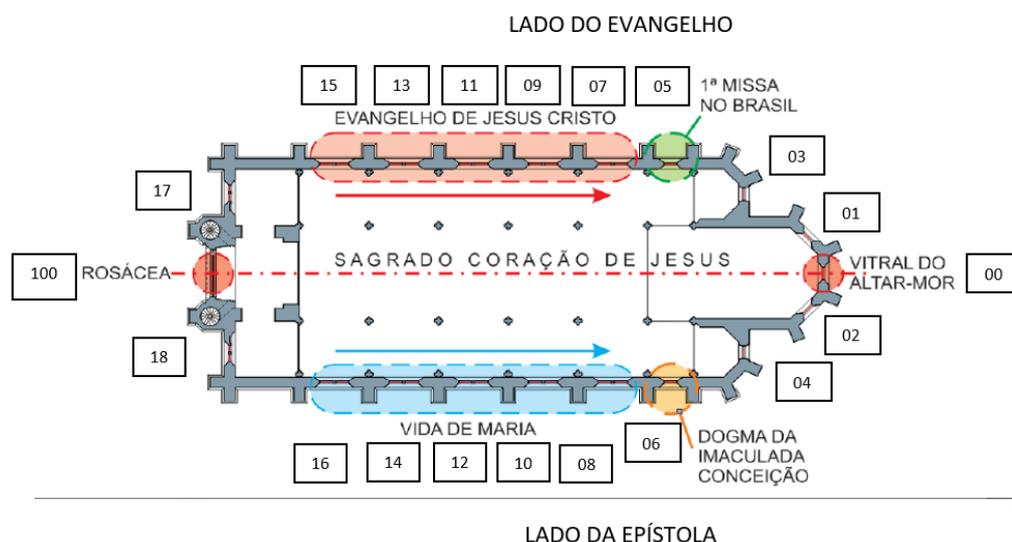
Legenda: Esq.: vista do interior; dir.: vista do exterior
 Fonte: Eliane Moura Martins, 2023.

3.1.3 Basílica da Imaculada Conceição — Rio de Janeiro

O conjunto vitral da Basílica da Imaculada Conceição, no Rio de Janeiro, é um pouco mais recente e o maior dos três conjuntos estudados. O fabricante também foi um importante vitralista lionês, Lucien Bégule, cuja trajetória se aproxima, em alguns aspectos, da de Dagrand; ambos se diferenciam, porém, de Claudius Lavergne, pois não se envolveram tão profundamente na produção de obras religiosas. Como Dagrand, Bégule dedicou-se desde cedo à arte do vitral e, mais tarde, tornou-se um entusiasta da fotografia, realizando atividades de registro para preservação do patrimônio, sobretudo em sua região natal, Lyon. Dedicou-se à arte vitral de vários tipos, para construções religiosas e laicas, e esteve próximo do movimento de *Art Nouveau* (Locatelli; Wagner, 2018, p. 9-19). Essa característica aparece na decoração rebuscada e permeada de motivos florais que está presente nos ornamentos de enquadramento das imagens dos vitrais da basílica de Botafogo.

O conjunto vitral da basílica carioca, que pode ser consultado na Figura 32, consiste em 19 janelas e uma rosácea (Viana, 2015, p. 38), entre as quais 12 janelas são de lanceta dupla e sete, de lanceta única. Destoando da basílica de Diamantina, cada uma das lancetas, em cada janela, representa uma cena independente.

Figura 32 – Planta baixa com o arranjo do conjunto vitral – basílica de Botafogo



Legenda: A descrição das cenas nos vitrais de lanceta dupla é da esquerda para a direita.

00: Santa Margarida Maria d'Allacoque, vidente do Sagrado Coração de Jesus, em Paray-le-Monial (França)

01: Aparição de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa a Santa Catarina Labouré, em Paris (França)

02: Aparição de Nossa Senhora a Santa Bernadette Soubirous, em Lourdes (França)

03: São José

04: São Vicente de Paulo

05: A Primeira Missa no Brasil

06: Proclamação do dogma da Imaculada Conceição pelo Papa Pio IX

07: Crucificação de Jesus e ascensão de Jesus

08: Assunção de Maria e coroação de Maria

09: A última ceia (Mt 26,20-25) e oração e agonia de Jesus no Jardim de Getsêmani (Lc 22,39-46)

10: A perda e o encontro de Jesus entre os doutores (Lc 2,41-50) e a fuga para o Egito (Mt 2,13-15)

11: Jesus e a mulher samaritana (Jo 4,1-15) e Jesus dá a Pedro a missão de chefe da Igreja

12: Apresentação de Jesus no templo (Lc 2,22-32) e os magos do Oriente (Mt 2,1-12)

13: Marta e Maria (Lc 10,38-42) e o pai misericordioso e os dois filhos (Lc 15,11-32)

14: Nascimento de Jesus (Lc 2,1-7) e visita de Maria a Isabel (Lc 1,39-56)

15: O batismo de Jesus por João (Mt 3,13-17) e Jesus abençoa as crianças (Mt 19,13-15)

16: Anunciação do Anjo a Maria (Lc 1,26-38) e Santana Mestreira com a bambina

17: São Sebastião e Pe. Perboyre

18: Santa Cecília e Santa Filomena

100: Sagrado Coração de Jesus

Fonte: Viana, 2015, p. 83 (acréscimo da numeração dos vitrais pela autora).

A análise iconográfica do conjunto vitral da basílica de Botafogo revela-se mais complexa do que as anteriores, dada a existência de várias narrativas, que devem ser consideradas em blocos. O conjunto principal conta com cinco vitrais em cada lado, que começam nas paredes laterais, próximas à entrada principal; ele se refere a representações clássicas da vida de Jesus e de Maria, dispostas nas janelas das naves laterais. Para tal conjunto,

a leitura iconográfica deve ser feita da porta principal para o altar; portanto, apenas o lado do evangelho seguiria a direção de leitura identificada por Cabezas (1987). É possível identificar um segundo conjunto formado pelas três imagens do altar-mor. A seguir, uma dupla de imagens na ábside das naves laterais: S. José, no lado do evangelho, e S. Vicente de Paulo, no lado da epístola. Os dois primeiros vitrais das naves laterais, mais próximos do altar, constituem um outro conjunto, havendo, no lado do evangelho, uma representação da Primeira Missa no Brasil e, no lado da epístola, uma cena do dogma da Imaculada Conceição. Por fim, um último conjunto de quatro mártires está disposto nos dois vitrais duplos da fachada principal.

Quando analisamos os vitrais, o primeiro fato que nos chama a atenção é o posicionamento da representação do Sagrado Coração de Jesus, sempre em locais importantes do templo: no vitral central do altar-mor (vitral 00 da figura anterior) e na rosácea da fachada principal (vitral 100), como mostra a Figura 33. Esse fato se deve a uma alteração realizada após a construção da igreja, que seria consagrada ao Sagrado Coração de Jesus, como comenta Pe. Freitas (4/7/1892, p. 2). Um evento imprevisto, comentado por Cunha (2006b, p. 126), no entanto, alteraria a nomeação da igreja:

A imagem do Sagrado Coração de Jesus de rara beleza e tamanho natural não coube no nicho que para ela havia sido preparado e, por isso ficou num pedestal, no corpo da igreja, do lado direito. No nicho que encima o altar-mór, foi colocada a imagem de Nossa Senhora das Graças e passou assim a igreja a ser conhecida por Igreja da Imaculada Conceição.

Figura 33 – Tema do Sagrado Coração de Jesus – basílica de Botafogo



Legenda: Esq.: vitral central do altar-mor; dir.: centro da rosácea da fachada principal.
Fonte: Esq.: Colégio da Imaculada Conceição, 2024; dir.: a autora, 2024.

Os vitrais do altar-mor (Figura 34) representam imagens de Jesus e da Virgem, além de religiosas que tiveram experiências místicas de visões de Jesus ou da Virgem. Na representação da esquerda, vemos a aparição de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa a Santa Catarina Labouré, em Paris; no centro do altar-mor, Santa Margarida Maria d'Allacoque, vidente do Sagrado Coração de Jesus, em Paray-le-Monial, na França; e, por fim, à direita, a aparição de Nossa Senhora a Santa Bernadette Soubirous, em Lourdes, também na França. É interessante notar que as três religiosas nasceram na França e que uma delas, Santa Catarina Labouré, pertenceu às Filhas da Caridade, o que simboliza a importância da fé e da religiosidade das figuras femininas francesas em geral e, em particular, das Filhas da Caridade, que desempenharam papel central na construção e decoração da igreja. Cabe lembrar que o templo foi construído para atender aos serviços religiosos do Colégio da Imaculada Conceição, de educação feminina, fator que também pode ter sido relevante para a seleção de figuras religiosas femininas para os vitrais.

Figura 34 – Vitrais do altar-mor - basílica de Botafogo

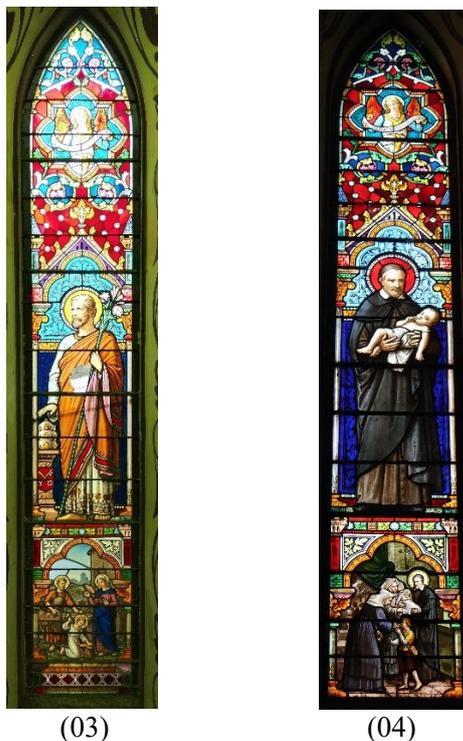


(01) (00) (02)
 Legenda: Esq.: 01 – aparição de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa a Santa Catarina Labouré; centro: 00 – Santa Margarida Maria d'Allacoque e o Sagrado Coração de Jesus; dir.: 02 – aparição de Nossa Senhora a Santa Bernadette Soubirous.

Fonte: Colégio da Imaculada Conceição, 2024.

Na ábside da nave lateral esquerda está instalado um vitral de São José, mostrado na Figura 35 (esq.). Na posição correspondente da ábside da nave lateral direita, vê-se uma representação de São Vicente de Paulo (Figura 35 (dir.)). É interessante notar que, nos dois casos, São José não carrega o Menino Jesus; por outro lado, São Vicente de Paulo leva uma criança, que pode ser o próprio Menino ou uma outra criança, representando a missão de doação aos pobres e às crianças que o santo francês empreendeu durante toda a vida. Esses vitrais, localizados nas ábsides das naves laterais, devem ser interpretados em conjunto com a escultura correspondente, pois as figuras centrais de destaque, no conjunto escultórico, são, novamente, São José, no lado do evangelho, e São Vicente de Paulo, no lado da epístola.

Figura 35 – Vitrais das ábsides das naves laterais esquerda e direita – basílica de Botafogo



(03)

(04)

Legenda: Esq.: 03 – São José; dir.: 04 – São Vicente de Paulo.

Fonte: Esq.: Colégio da Imaculada Conceição, 2024; dir.: a autora, 2024.

A dupla de vitrais adjacentes (vitrais 05 e 06 da Figura 36) representam, respectivamente, a Primeira Missa no Brasil e a Proclamação do Dogma da Imaculada Conceição pelo Papa Pio IX.

Figura 36 – Vitrais nas naves laterais, adjacentes às ábsides das naves laterais – basílica de Botafogo



(05)



(06)

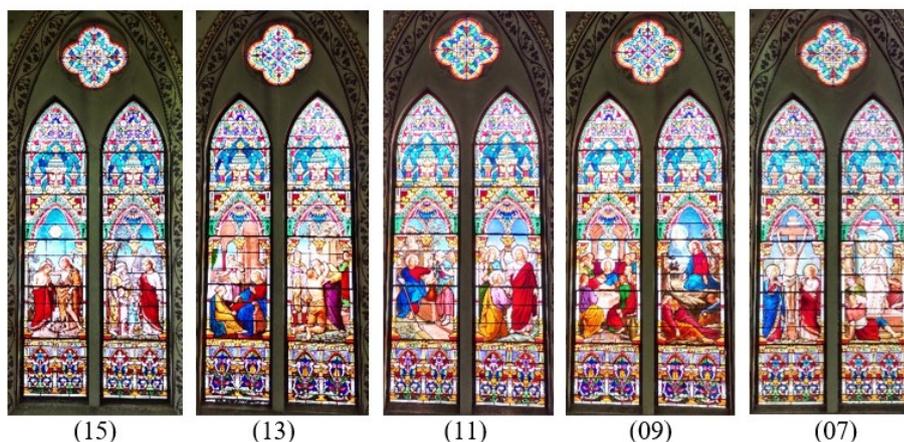
Legenda: Esq.: 05 - Primeira Missa no Brasil

Dir.: 06 - Proclamação do dogma da Imaculada Conceição pelo Papa Pio IX

Fonte: Esq.: Colégio da Imaculada Conceição, 2024; dir.: a autora, 2024.

Na Figura 37, podemos ver os vitrais duplos do lado do evangelho, ordenados do portão principal para o altar-mor, dedicados ao evangelho de Jesus; na Figura 38, encontramos os vitrais do lado da epístola, também na mesma progressão, que narram a vida de Maria. Nesse segundo conjunto, da forma como os vitrais foram montados, todo o conjunto deve ser lido da direita para a esquerda a partir do portão principal da igreja; além disso, cada lanceta precisa ser analisada de maneira independente e na ordem em que vai se apresentando ao espectador. Portanto, para melhor leitura cronológica das imagens, a Figura 38 foi disposta tal qual aparece a um espectador que se desloca do portão principal até o altar-mor, devendo, assim, também ser lida da direita para a esquerda.

Figura 37 – Vitrais do evangelho de Jesus (lado do evangelho) – basílica de Botafogo



Legenda: A descrição das cenas nos vitrais de lanceta dupla é da esquerda para a direita.

15: O batismo de Jesus por João (Mt 3,13-17) e Jesus abençoa as crianças (Mt 19,13-15)

13: Marta e Maria (Lc 10,38-42) e o pai misericordioso e os dois filhos (Lc 15,11-32)

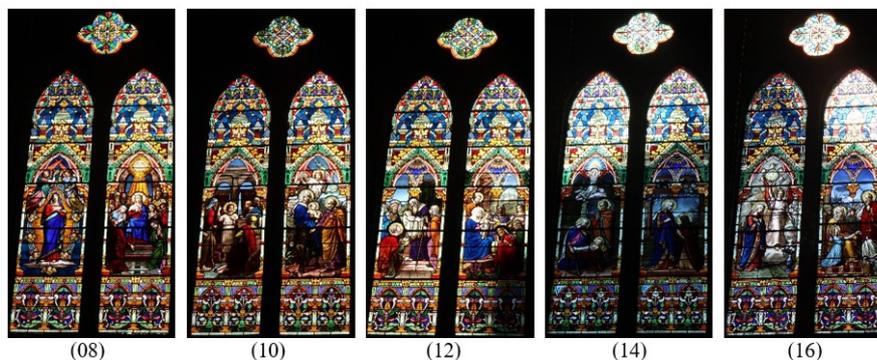
11: Jesus e a mulher samaritana (Jo 4,1-15) e Jesus dá a Pedro a missão de chefe da Igreja

09: A última ceia (Mt 26,20-25) e oração e agonia de Jesus no Jardim de Getsêmani (Lc 22,39-46)

07: Crucificação de Jesus e ascensão de Jesus

Fonte: Colégio Imaculada Conceição, 2024.

Figura 38 – Vitrais da vida de Maria (lado da epístola) – basílica de Botafogo



Legenda: A descrição das cenas nos vitrais de lanceta dupla é da esquerda para a direita.

08: Assunção de Maria e coroação de Maria

10: A perda e o encontro de Jesus entre os doutores (Lc 2,41-50) e a fuga para o Egito (Mt 2,13-15)

12: Apresentação de Jesus no templo (Lc 2,22-32) e os magos do Oriente (Mt 2,1-12)

14: Nascimento de Jesus (Lc 2,1-7) e visita de Maria a Isabel (Lc 1,39-56)

16: Anunciação do Anjo a Maria (Lc 1,26-38) e Santana Mestre com a bambina

Fonte: a autora, 2024.

Na fachada principal, outro conjunto apresenta uma narrativa independente. Do lado do evangelho, um vitral com duas lancetas representa os mártires São Sebastião e Pe. João Perboyre; do lado da epístola, são ilustradas duas mártires, Santa Cecília e Santa Filomena

(Figura 39). As iconografias e atributos das imagens confirmam os nomes dos santos colocados na parte inferior de cada uma.

Figura 39 – Vitrais da fachada principal – basílica de Botafogo



(17a)

(17b)

(18a)

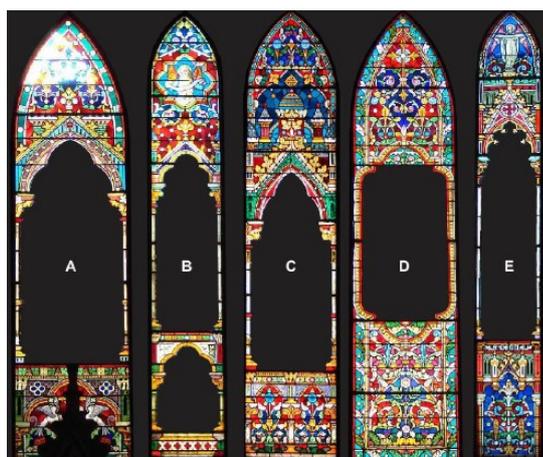
(18b)

Legenda: Esq.: os mártires São Sebastião (17a) e Pe. Perboyre (17b); dir.: as mártires Santa Cecília (18a) e Santa Filomena (18b).

Fonte: Colégio da Imaculada Conceição, 2024.

Em relação aos aspectos decorativos do conjunto vitral, conforme pontuado por Viana (2015, p. 81), existem cinco diferentes padrões de molduras, como ilustra a Figura 40.

Figura 40 – Padrões decorativos dos vitrais – basílica de Botafogo

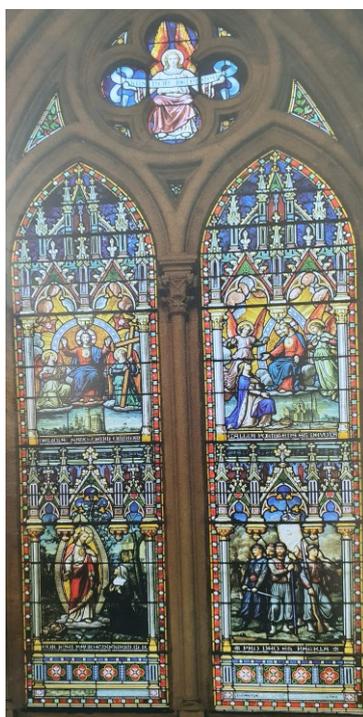


Fonte: Viana, 2015, p. 81

Observam-se elaborados padrões, predominantemente florais, alguns contendo elementos semelhantes a flores de lis. Cabe reforçar que Lucien Bégule participou do

movimento de *Art Nouveau* e que rebuscados motivos florais também podem ser observados em outras obras do artista, como mostrado no vitral do Sagrado Coração da Igreja da Redenção, em Lyon — obra executada por Bégule em 1889, data próxima da execução dos vitrais cariocas (Figura 41). Em tal obra, além da decoração floral rebuscada das molduras, há, na parte inferior da lanceta esquerda, uma representação do Sagrado Coração com Santa Margarida Maria d'Allacoque cujas características são semelhantes às do vitral do altar-mor da basílica carioca.

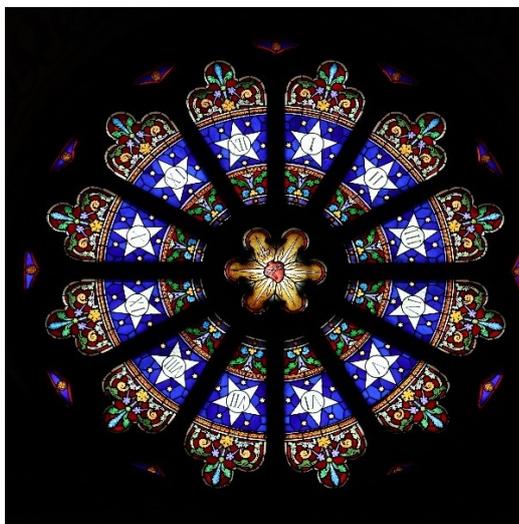
Figura 41 – Vitral do Sagrado Coração - Igreja da Redenção, Lyon



Legenda: Obra de Lucien Bégule 1889.
Fonte: Wagner e Villelongue, 2005, p. 39.

Por fim, na fachada principal, encontra-se uma rosácea que faz referência ao Sagrado Coração de Jesus. Ela está cercada de estrelas numeradas de I a XII, as quais representam as horas, uma simbologia da Arquiconfraria da Guarda de Honra do Sagrado Coração de Jesus, como mostra a Figura 42.

Figura 42 – Rosácea do Sagrado Coração de Jesus - basílica de Botafogo



Legenda: Fachada principal.
Fonte: a autora, 2024.

3.2 Estatuária externa e esculturas religiosas

Neste item, apresento as representações estatuárias externas e esculturas religiosas internas das igrejas estudadas, buscando fazer uma análise iconográfica básica a respeito. Observa-se que, na basílica do Rio de Janeiro, a estatuária e esculturas mantêm uma relação próxima com as imagens dos vitrais, havendo também alguma redundância entre a estatuária da fachada principal e as esculturas internas. A basílica de Diamantina, por seu turno, possui uma pequena quantidade de esculturas religiosas. Por fim, quanto à Igreja de N. Sra. Mãe dos Homens, no Caraça, não podemos comparar suas representações vitrais e esculturas religiosas, porque os vitrais decorados não foram concluídos e porque não conhecemos o plano iconográfico completo dessas obras. Em alguns aspectos, observa-se que as esculturas religiosas internas das três igrejas exibem, entre si, significativas repetições. O Quadro 6 e o Quadro 7 apresentam, respectivamente, uma visão geral dos conjuntos externo e interno das igrejas estudadas.

Quadro 6 - Estatuária externa da Basílica da Imaculada Conceição^{168, 169}

LOCAL	ESTATUÁRIA DA BASÍLICA DA IMACULADA CONCEIÇÃO					
Torre	Sagrado Coração de Jesus e dois anjos adoradores					
	ESQ.			DIR.		
Torreão	FACE ESQ.	FACE CEN.	FACE DIR.	FACE ESQ.	FACE CEN.	FACE DIR.
	São João Batista	Santo Antônio	São Luiz Gonzaga	São Francisco de Sales	São Vicente de Paulo	São Sebastião
Pináculo	Santa Filomena	Santa Cecília	Maria, irmã de Santa Marta	Santa Marta	Santa Inês	Santa Teresa d'Ávila
Portadas laterais	São Pedro			São Paulo		
Nível do chão	Anjo tocheiro			Anjo tocheiro		

Fonte: a autora, 2024.

¹⁶⁸ A igreja do Caraça tem apenas a imagem de N. Sra. das Graças na fachada principal, acima da arcada ogival da entrada principal. A basílica de Diamantina não possui nenhuma imagem estatuária na parte exterior.

¹⁶⁹ ESQ.: refere-se à localização sudeste, ou seja, lado esquerdo de quem olha a fachada principal da Basílica; DIR.: refere-se à localização nordeste, ou seja, lado direito de quem olha a fachada principal da Basílica; FACE ESQ.: refere-se à face esquerda de quem olha de frente o pináculo onde se encontram as três imagens; FACE CEN.: refere-se à face central de quem olha de frente o pináculo; FACE DIR.: refere-se à face direita de quem olha de frente o pináculo.

Quadro 7 - Esculturas religiosas internas das igrejas vicentinas do Sudeste¹⁷⁰

LOCAL	IGREJA DO CARAÇA		SEMINÁRIO DE DIAMANTINA			BASÍLICA DO RIO DE JANEIRO							
Nº TOTAL DE IMAGENS	11		9			21							
ALTAR-MOR	N. Sra. Mãe dos Homens		SUP.	INT.	INF.	INT.			INF.				
			Sagrado Coração de Jesus	Imaculada Conceição	Crucifixo e baixo relevo Sagrado Coração de Jesus	N. Sra. das Graças			Cristo crucificado e dois anjos tocheiros				
LATERAL DO ALTAR-MOR	-		ESQ.	DIR.		ESQ.			DIR.				
			São Pedro	São Paulo		Anjo tocheiro			Anjo tocheiro				
ÁBSIDE DAS NAVES LATERAIS	ESQ.	DIR.	-				ESQ. ALTAR	CEN. ALTAR	DIR. ALTAR		ESQ. ALTAR	CEN. ALTAR	DIR. ALTAR
	Sagrado Coração de Jesus	São José				SUP. ALTAR	Sant'Anna		São Joaquim	SUP. ALTAR	Pe. João Perboyre		Santa Luísa de Marillac
						INT. ALTAR		São José		INT. ALTAR	São Vicente de Paulo		
						INF. ALTAR	São Sebastião		Santa Rosa de Lima	INF. ALTAR	Beato Ghebre Michael		Santa Catarina Labouré
						RELÍQUIA ALTAR		Santa Marta e Maria		RELÍQUIA ALTAR		Santa Filomena	
ALTAR DO TRANSEPTO	ESQ.	DIR.	-			-							
	São Vicente de Paulo	São Francisco de Assis											
	ESQ.	DIR.	ESQ.	DIR.	ESQ.			DIR.					
	São Pedro	São Paulo	N. Sra. das Graças		São José								

¹⁷⁰ ESQ.: refere-se à parte da nave do lado do evangelho; DIR.: refere-se à parte da nave do lado da epístola; INF.: refere-se à parte mais baixa da nave, até cerca de 2 m de cota; INT.: refere-se à parte intermediária da nave, cerca de 2 a 4 m; SUP.: refere-se à parte superior da nave, acima de cerca de 4 m; ESQ. ALTAR: refere-se à parte esquerda do altar (se olhado de frente); CEN. ALTAR: refere-se à parte central do altar; DIR. ALTAR: refere-se à parte direita do altar (se olhado de frente); INF. ALTAR: refere-se à parte mais baixa do altar; INT. ALTAR: refere-se à parte intermediária do altar; SUP. ALTAR: refere-se à parte superior do altar.

LOCAL	IGREJA DO CARAÇA		SEMINÁRIO DE DIAMANTINA		BASÍLICA DO RIO DE JANEIRO	
ALTARES NAVES LATERAIS ¹⁷¹	São Luiz Gonzaga	Santo Antônio de Pádua	São Vicente de Paulo	São João Batista	Santa Rosa de Lima N. Sra. Aparecida	N. Sra. Fátima S. Coração de Jesus N. Sra. Imaculada Conceição
	São João Batista	São Francisco Sales				

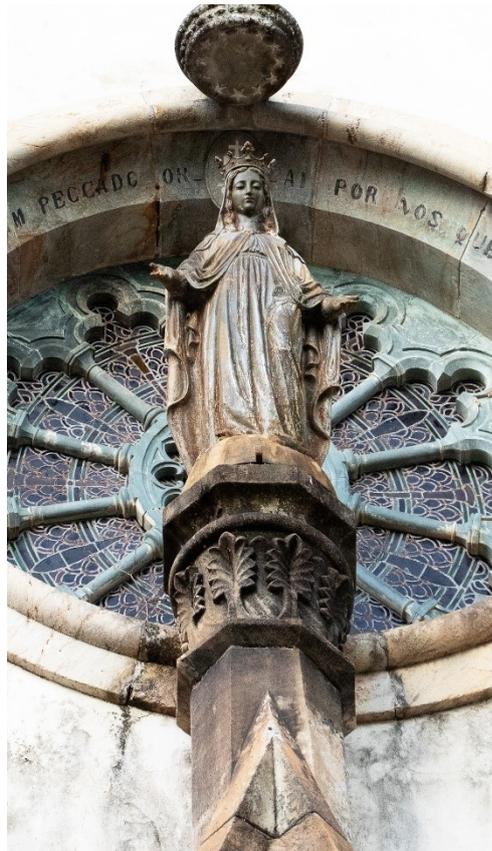
Fonte: a autora, 2024.

¹⁷¹ Os altares laterais estão apresentados do altar-mor para a porta da fachada principal.

3.2.1 Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens — Santuário do Caraça

O único exemplar de estatuária externa da igreja do Santuário do Caraça é a imagem de Nossa Senhora das Graças, que fica acima da arcada ogival da entrada principal (Figura 43).

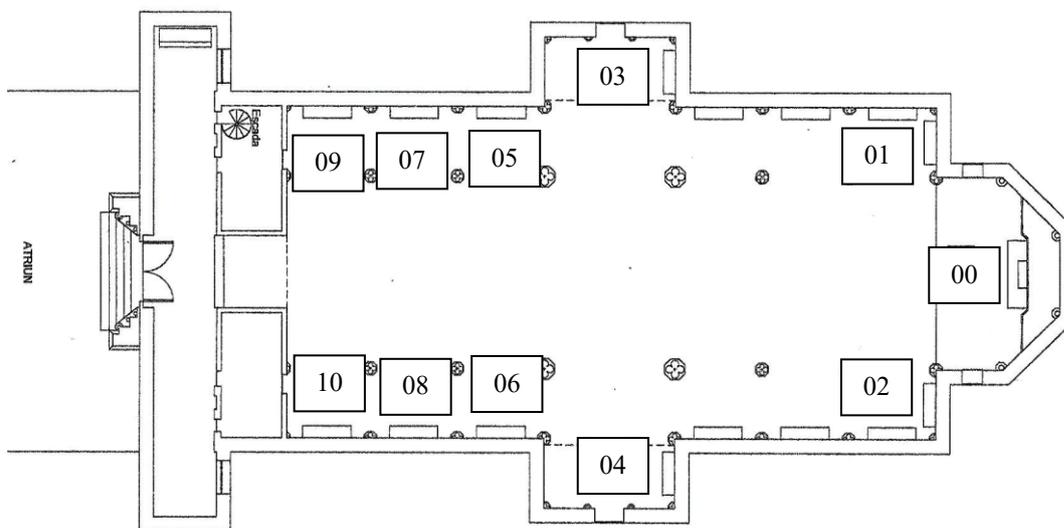
Figura 43 – Estátua de N. Sra. das Graças – Fachada principal da Igreja do Caraça



Fonte: Eliane Moura Martins, 2023.

Em relação às esculturas religiosas internas da igreja, a Figura 44 mostra o seu arranjo atual. Deve-se observar que, embora possa ter ocorrido alguma alteração do arranjo original, isso não compromete a análise iconográfica que será realizada.

Figura 44 – Planta baixa (abaixo de 4 m) com o arranjo das esculturas religiosas nas naves da igreja do Caraça



Legenda: Altar-mor: 00: Nossa Senhora Mãe dos Homens

01: Sagrado Coração de Jesus

02: São José

03: São Vicente de Paulo

04: São Francisco de Assis

05: São Pedro

06: São Paulo

07: São Luiz Gonzaga

08: Santo Antônio de Pádua

09: São João Batista

10: São Francisco de Sales

Fonte: Márcio João Vilela Amaral, 2023 (com acréscimo da numeração das esculturas pela autora).

O altar-mor contém uma imagem em madeira de N. Sra. Mãe dos Homens (Figura 45), de procedência portuguesa, que foi abençoada pelo vigário de Catas Altas, Pe. Manuel Coelho dos Reis, em 27 de maio de 1784 (Zico, 1983, p. 80). Uma característica singular da igreja do Caraça em relação às outras duas é que ela foi construída sobre uma capela anterior, barroca, já consagrada à N. Sra. Mãe dos Homens desde a época do Irmão Lourenço, fundador do eremitério do Caraça. Como já se tratava de um local de peregrinação e culto, a reconstrução da igreja não alterou essas características essenciais. Da mesma forma, deve ter sido um dos fatores considerados para que se decidisse manter os altares laterais próximos à entrada do templo, já comentado em trabalho anterior (Cid, 2022, p. 39).

Figura 45 – Escultura de N. Sra. das Graças – Altar-mor da igreja do Caraça



Fonte: Eliane Moura Martins, 2023.

Em relação aos altares laterais, pode-se pensar em um diálogo entre os pares de figuras de cada lateral do templo, apresentadas da Figura 46 à Figura 50.

Figura 46 – Esculturas na ábside das naves laterais – igreja do Caraça

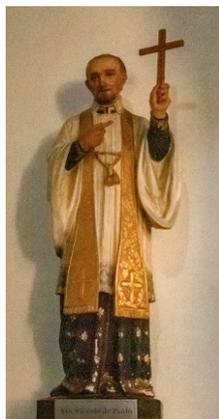


(01)

(02)

Legenda: Esq.: (01) – Sagrado Coração de Jesus; dir.: (02) – São José.
Fonte: Eliane Moura Martins, 2023.

Figura 47 – Esculturas próximas às portas laterais – igreja do Caraça



(03)



(04)

Legenda: Esq.: (03): lado do evangelho – São Vicente de Paulo; dir.: (04): lado da epístola – São Francisco de Assis.

Fonte: Eliane Moura Martins, 2023.

Figura 48 – Esculturas de São Pedro e São Paulo – igreja do Caraça



(05)



(06)

Legenda: Altares laterais. Esq.: (05): lado do evangelho – São Pedro; dir.: (06): lado da epístola – São Paulo.

Fonte: Eliane Moura Martins, 2023.

Figura 49 – Esculturas de São Luiz Gonzaga e Santo Antônio de Pádua – igreja do Caraça



(07)



(08)

Legenda: Altares laterais. Esq.: (07): lado do evangelho – São Luiz Gonzaga; dir.: (08): lado da epístola – Santo Antônio de Pádua.

Fonte: Eliane Moura Martins, 2023.

Figura 50 – Esculturas de São João Batista e São Francisco de Sales – igreja do Caraça



(09)



(10)

Legenda: Altares laterais. Esq.: (09): lado do evangelho – São João Batista; dir.: (10): lado da epístola – São Francisco de Sales

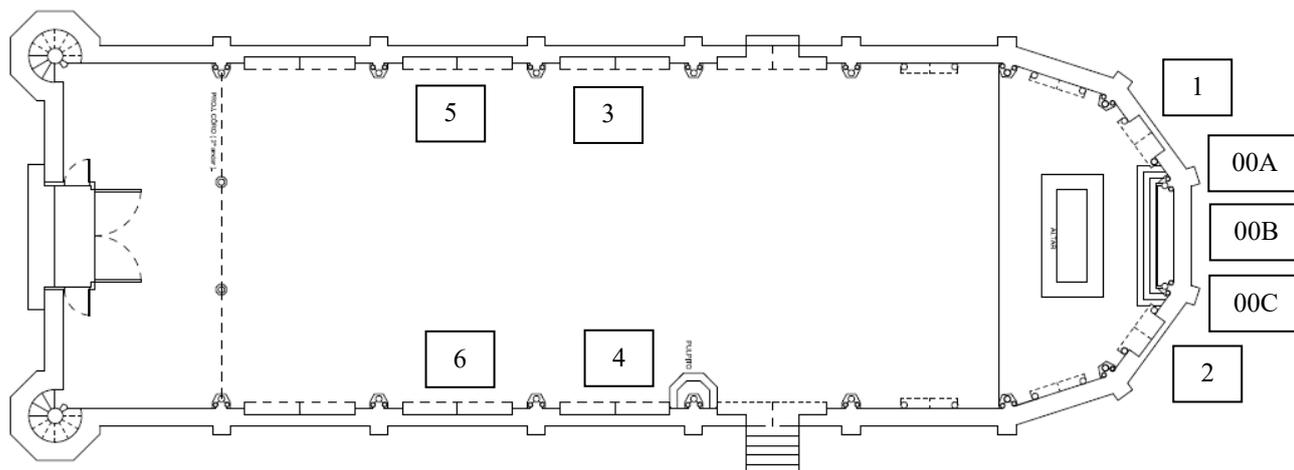
Fonte: Eliane Moura Martins, 2023.

3.2.2 Basílica do Sagrado Coração de Jesus — Diamantina

Na Figura 51, podemos ver o arranjo das esculturas na nave da Basílica do Sagrado Coração de Jesus, em Diamantina. É possível notar que a disposição dos altares laterais é bastante similar à da igreja do Caraça: na parte inferior da nave, embaixo de cada arco ogival que compõe uma abóbada ogival, foi disposto um altar, embora, no caso da basílica de

Diamantina, nem todos contenham esculturas. Comparado ao seu grandioso conjunto vitral, as esculturas dessa igreja não podem ser consideradas tão expressivas. A presença do Sagrado Coração de Jesus é bem-delimitada em duas obras contidas no altar-mor (00A e 00C) — a segunda delas, de grandes proporções, como mostra a visão geral à esquerda na Figura 52.

Figura 51 – Planta baixa (abaixo de 4 m) com o arranjo das esculturas religiosas na nave da basílica de Diamantina

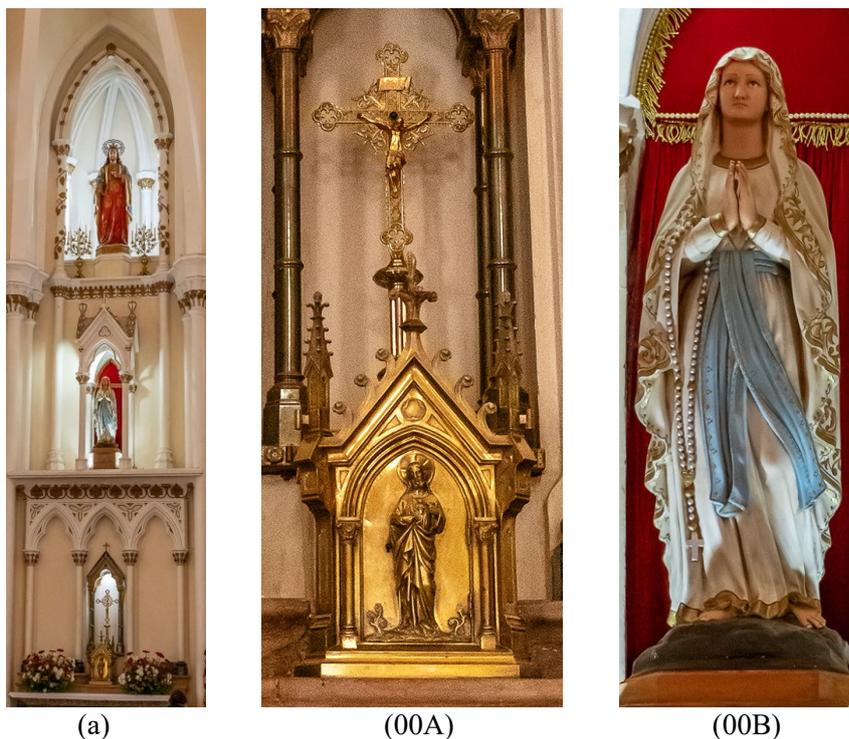


Legenda: Altar-mor parte baixa (00A): Crucifixo e baixo relevo do Sagrado Coração de Jesus
 Altar-mor parte intermediária (00B): Imaculada Conceição
 Altar-mor parte superior (00C): Sagrado Coração de Jesus
 01: São Pedro
 02: São Paulo
 03: N. Sra. das Graças
 04: São José
 05: São Vicente de Paulo
 06: São João Batista

Fonte: Márcio João Vilela Amaral, 2023 (com acréscimo da numeração das esculturas pela autora).

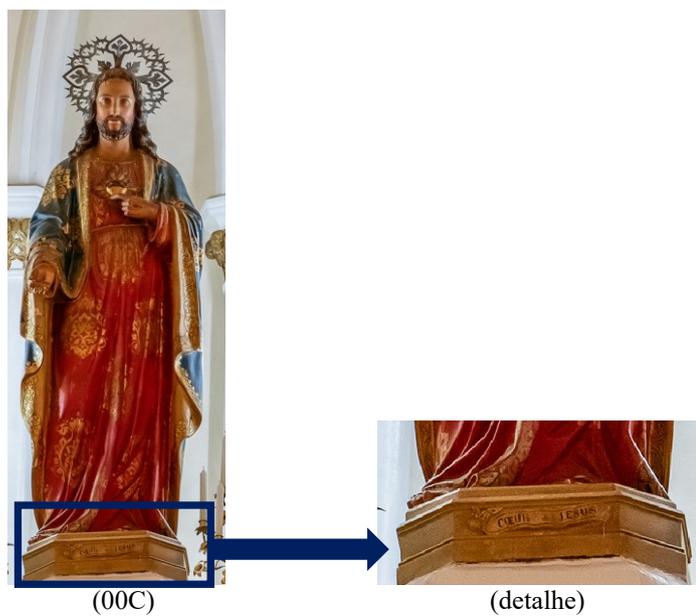
Nas Figuras 52 e 53, a seguir, encontramos as imagens organizadas de acordo com o arranjo em que estão dispostas na igreja. A primeira delas apresenta o conjunto do altar-mor e as representações nas partes inferior e intermediária, e a segunda exibe a imagem do Sagrado Coração de Jesus — cujas grandes dimensões, segundo Almeida (1990, p. 7), alcançam 1,70 m de altura. A inscrição, em francês, na base da escultura (*Cœur de Jesus*) indica procedência francesa, ainda que a obra não seja mencionada na lista de objetos preparada pelo Pe. Sípolis, que será discutida no item 3.3.2.

Figura 52 – Esculturas no altar-mor da basílica de Diamantina



Legenda: Esq.: (a) – conjunto; centro: (00A) – crucifixo e baixo relevo do Sagrado Coração de Jesus; dir.: (00B) – Imaculada Conceição.
Fonte: Eliane Moura Martins, 2023.

Figura 53 – Imagem do Sagrado Coração de Jesus - basílica de Diamantina



Legenda: Esq.: (00C) – Sagrado Coração de Jesus; dir.: detalhe da base da estátua.
Fonte: Eliane Moura Martins, 2023.

As outras imagens estão dispostas na parte lateral do altar-mor e na lateral da nave, de forma que é possível interpretá-las como duplas posicionadas em locais simétricos, no lado do

evangelho e no lado da epístola (Figura 54, 55 e 56). São Pedro e São Paulo estão colocados nos altares laterais próximos ao altar-mor (esculturas 01 e 02 da Figura 51).

Figura 54 – Esculturas nos altares laterais da ábside -basílica de Diamantina



(01)



(02)

Legenda: Esq.: (01): lado do evangelho – São Pedro; dir.: (02): lado da epístola – São Paulo.
Fonte: Eliane Moura Martins, 2023.

O conjunto seguinte, colocado em posições simétricas e opostas, próximo da posição central da dimensão longitudinal da nave, é formado pelas imagens de N. Sra. das Graças, no lado do evangelho, e S. José, no lado da epístola. Esse e o conjunto anterior podem ser interpretados como uma representação da profunda fé católica dos vicentinos e da perfeita sintonia dos propósitos da Congregação da Missão com a Sé romana.

Figura 55 – Esculturas de N. Sra. das Graças e São José - basílica de Diamantina



(03)



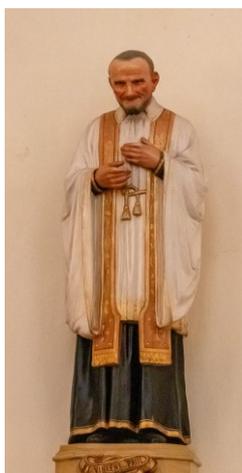
(04)

Legenda: Altares laterais. Esq.: (03): lado do evangelho – N. Sra. das Graças; dir. (04): lado da epístola – São José.

Fonte: Eliane Moura Martins, 2023.

Por fim, a interpretação do último conjunto, disposto em posições simétricas no altar lateral mais próximo da entrada principal da igreja, parece-nos mais difícil, pois apresenta, do lado do evangelho, a figura de São Vicente de Paulo, e, do lado da Epístola, São João Batista. Nesse caso, talvez, seja possível aventar a busca de proximidade da congregação vicentina com a essência do espírito católico, representada por um contemporâneo de Cristo.

Figura 56 – Esculturas de São Vicente de Paulo e São João Batista - basílica de Diamantina



(05)



(06)

Legenda: Altares laterais. Esq.: (05): lado do evangelho – São Vicente de Paulo; dir.: (06): lado da epístola – São João Batista.

Fonte: Eliane Moura Martins, 2023.

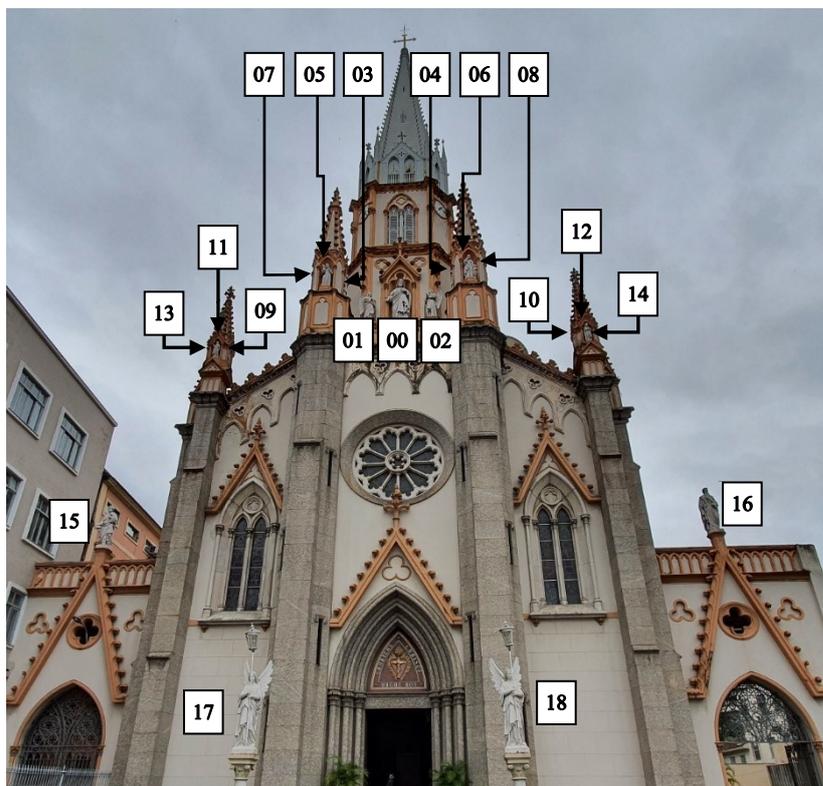
3.2.3 Basílica da Imaculada Conceição — Rio de Janeiro

3.2.3.1 Estatuária exterior

Uma primeira característica distintiva, que mostra os aspectos mais luxuosos da basílica do Rio de Janeiro quando comparada às outras duas igrejas, refere-se ao expressivo conjunto estatuário encontrado na parte exterior. Diferentemente da igreja do Caraça, que possui apenas a imagem de N. Sra. das Graças, e da basílica de Diamantina, que não conta com estatuária na parte exterior, a basílica do Rio de Janeiro apresenta um conjunto estatuário de 17 imagens, confeccionadas em ferro fundido e distribuídas em nichos e pedestais (Viana, 2010, p. 31) — cujo arranjo pode ser visto na Figura 57, em uma visão frontal da fachada. Além disso, chama a atenção a presença de figuras femininas.

Segundo Viana (2010, p. 31), após a limpeza da pintura, foi possível identificar, na base de um dos anjos adoradores, a autoria da manufatura: “DELIN FRERES – 64, rue Bonaparte, Paris – RAFFL VERREBOULT”. O autor (2010, p. 31; p. 49) nos informa, ainda, que, em foto datada de aproximadamente 1900, podem ser vistas duas estátuas de anjos tocheiros nas laterais da porta principal, que não estavam na foto de 1890 — sua autoria é de “BRUNET, Rue de Grenelle, Paris”, também fornecedor de objetos metálicos para a basílica de Diamantina. Essa gravação ainda se encontra visível, como mostra o detalhe na Figura 64.

Figura 57 – Arranjo da estatuária da fachada principal - basílica de Botafogo



Fonte: a autora, 2023.

Como os conjuntos vitrais discutidos anteriormente, tais imagens podem ser agrupadas em grupos menores, que trazem narrativas mais específicas (as Figura 58 a Figura 64 mostram as estátuas exteriores organizadas de acordo com esses grupos). Inicialmente, o conjunto central e de maiores proporções representa o Sagrado Coração de Jesus ladeado por dois anjos adoradores; trata-se de mais uma referência ao santo inicial de consagração da igreja.

Figura 58 – Estatuária na parte central da torre - basílica de Botafogo



Legenda: Esq.: (01) – anjo adorador; centro: (00) – Sagrado Coração de Jesus; dir.: (02) – anjo adorador.

Fonte: Colégio da Imaculada Conceição, 2024.

Dos lados esquerdo e direito, nos torreões mais altos, estão santos representativos dos valores vicentinos de ajuda aos pobres, nas figuras de Santo Antônio e São Luiz Gonzaga. A terceira figura, de São João Batista, recorda-nos que os vicentinos estão próximos dos valores originais da Igreja Católica. No torreão à direita, podem ser vistos dois santos missionários; no centro, São Vicente de Paulo, ladeado, à esquerda, por Santo Ignácio de Loyola. Completando o conjunto, à direita, está mais uma referência ao padroeiro da cidade, São Sebastião, lembrando a atuação vicentina na cidade.

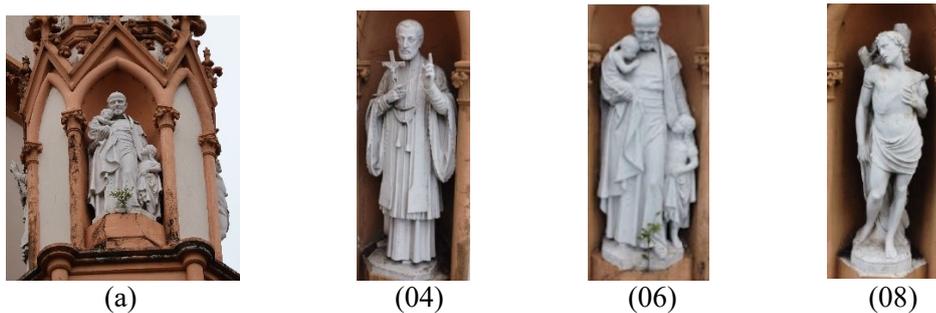
Figura 59 – Estatuária no torreão sudeste - basílica de Botafogo



Legenda: Esq.: (a) – Conjunto do torreão; Centro-esq.: (07) – São João Batista; centro-dir.: (05) – Santo Antônio; dir.: (03) – São Luiz Gonzaga.

Fonte: (a): a autora, 2024; (03), (05) e (07): Colégio da Imaculada Conceição, 2024.

Figura 60 – Estatuária no torreão nordeste - basílica de Botafogo



Legenda: Esq.: (a) – Conjunto do torreão; centro-esq.: (04) – São Francisco de Sales; centro-dir.: (06) – São Vicente de Paulo; dir.: (08) – São Sebastião.

Fonte: (a): a autora, 2024; (04), (06) e (08): Colégio da Imaculada Conceição, 2024.

Nos pináculos mais baixos, estão representadas seis imagens de santas. Cabe comentar que, embora a representação de santas, além da Virgem, seja muito maior na basílica do Rio do que nas outras duas igrejas, nas representações da fachada, elas foram colocadas em posições de menor evidência. Ao que nos parece, as Filhas da Caridade quiseram trazer uma maior representação feminina para a estatuária da igreja construída por elas, mas acabaram por

confirmar a supremacia masculina da Congregação quando as dispuseram em uma posição de menor destaque. No pináculo sudeste, encontramos Santa Filomena, Santa Cecília e Maria, irmã de Santa Marta; no torreão nordeste, respectivamente, Santa Marta, Santa Inês e Santa Teresa d'Ávila.

Figura 61 – Estatuária no pináculo sudeste - basílica de Botafogo



Legenda: Esq.: (a) – conjunto do pináculo; centro-esq.: (13) – Santa Filomena; centro-dir.: (11) – Santa Cecília; dir.: (09) – Maria, irmã de Santa Marta.
 Fonte: (a): a autora, 2024; (09), (11) e (13): Colégio da Imaculada Conceição, 2024.

Figura 62 – Estatuária no pináculo nordeste - basílica de Botafogo



Legenda: Esq.: (a) – conjunto do pináculo; centro-esq.: (10) – Santa Marta; centro-dir.: (12) – Santa Inês; dir.: (14) – Santa Teresa d'Ávila.
 Fonte: (a): a autora, 2024; (10), (12) e (14): Colégio da Imaculada Conceição, 2024.

Por fim, encontramos o par de estátuas de São Pedro e São Paulo, organizados em posições simétricas, cada um no pináculo de uma das portadas laterais à igreja. Há, ainda, os anjos tocheiros, colocados ao nível do chão, em cada um dos lados da entrada principal da Basílica.

Figura 63 – Estatuária nas portadas laterais - basílica de Botafogo



(15)



(16)

Legenda: Esq.: (15) – São Pedro; dir.: (16) – São Paulo.
Fonte: Colégio da Imaculada Conceição, 2024.

Figura 64 – Estatuária nas laterais do portão principal (ao nível do chão) - Basílica de Botafogo



(17)



(18)



(18) detalhe

Legenda: Esq.: (17) – anjo tocheiro sudeste; centro: (18) – anjo tocheiro nordeste; dir.: (18) detalhe – detalhe na parte lateral da base do anjo tocheiro nordeste.

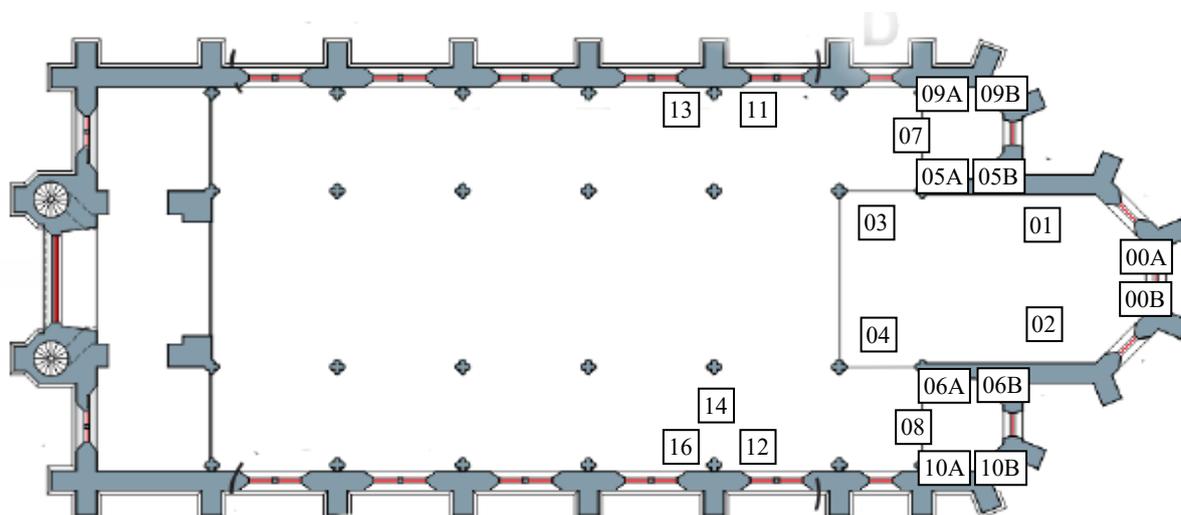
Fonte: a autora, 2023.

3.2.3.2 Conjunto escultórico interior

Por não ter altares laterais, a igreja carioca difere das demais quanto ao arranjo das esculturas no interior. Na nave lateral direita, sobressai apenas a grande imagem do Sagrado Coração de Jesus (Figura 76), ao qual seria consagrada a igreja, mas que não pôde ficar no altar-mor por suas grandes dimensões. Em posição correspondente, na nave lateral esquerda, estão colocadas duas imagens de santas. Uma observação inicial em relação às esculturas da basílica é a ênfase muito maior dada às figuras femininas, como já foi comentado também sobre as imagens vitrais e a estatuária da fachada principal.

O conjunto escultórico interno da Basílica da Imaculada Conceição está concentrado em cinco localizações: o altar-mor, a ábside das naves laterais e um local na parede a cerca de um terço da dimensão longitudinal das naves laterais. O arranjo do conjunto encontra-se na Figura 65, enquanto os altares individuais podem ser vistos nas Figura 66 a Figura 77.

Figura 65 – Planta baixa com o arranjo das esculturas religiosas nas naves - basílica de Botafogo



- Legenda:
- Altar-mor parte baixa (00A): Cristo crucificado
 - Altar-mor parte intermediária (00B): N. Sra. das Graças
 - 01: Anjo adorador no altar-mor, lado do evangelho
 - 02: Anjo adorador no altar-mor, lado da epístola
 - 03: Anjo tocheiro na extremidade do altar, lado do evangelho
 - 04: Anjo tocheiro na extremidade do altar, lado da epístola
 - 05A (parte inferior): Santa Rosa de Lima
 - 05B (parte superior): São Joaquim
 - 06A (parte inferior): Beato Ghebre Michael
 - 06B (parte superior): Pe. João Perboyre
 - 07: São José
 - 08: São Vicente de Paulo

- 09A (parte inferior): São Sebastião
- 09B (parte superior): Sant'Anna
- 10A (parte inferior): Santa Catarina Labouré
- 10B (parte superior): Santa Luísa de Marillac
- 11: Nossa Senhora Aparecida
- 12: Nossa Senhora de Fátima
- 13: Santa Rosa de Lima
- 14: Sagrado Coração de Jesus
- 16: Nossa Senhora da Imaculada Conceição

Fonte: Viana, 2015, p. 80 (com acréscimo da numeração das esculturas pela autora).

Na Figura 66, vemos o conjunto escultórico da ábside do altar-mor; e na Figura 67, cada imagem em detalhe. Nessa ábside, encontra-se apenas a imagem de N. Sra. das Graças¹⁷², uma pequena imagem do Cristo crucificado e anjos adoradores e tocheiros.

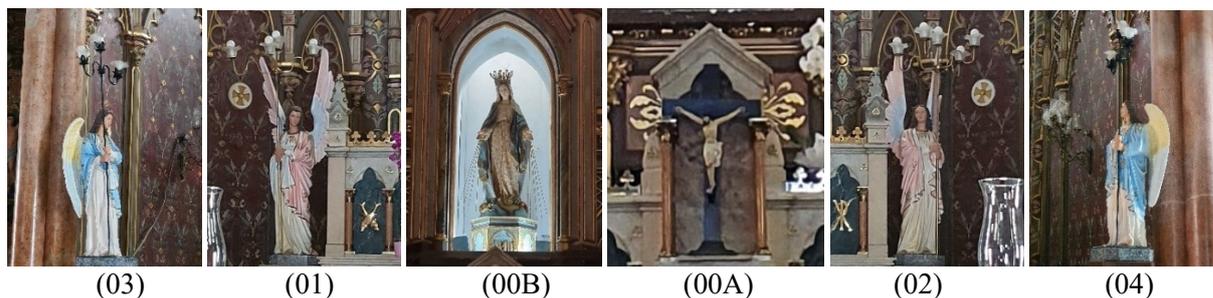
Figura 66 – Vista geral da ábside do altar-mor – basílica de Botafogo



Fonte: a autora, 2023.

¹⁷² A imagem de Nossa Senhora das Graças já estava na igreja desde a sua consagração em 1915, tendo sido colocada no altar-mor porque a imagem do Sagrado Coração de Jesus, por ser muito grande, não coube no espaço para ela reservado. (CUNHA, L. Ir. O Colégio Imaculada Conceição. *In*: SOUZA, R. R. Ir. (org.). **História das Filhas da Caridade da Província do Rio de Janeiro: Brasil 1849-2003**. Petrópolis: Vozes, 2006b. p. 126).

Figura 67 – Esculturas da ábside do altar-mor – Detalhes – basílica de Botafogo



Legenda: (03) – anjo tocheiro na extremidade do altar, lado do evangelho; (01) – anjo adorador no altar-mor, lado do evangelho; (00B) – N. Sra. das Graças; (00A) – Cristo crucificado; (02) – anjo adorador no altar-mor, lado da Epístola; (04) – anjo tocheiro na extremidade do altar, lado da epístola.

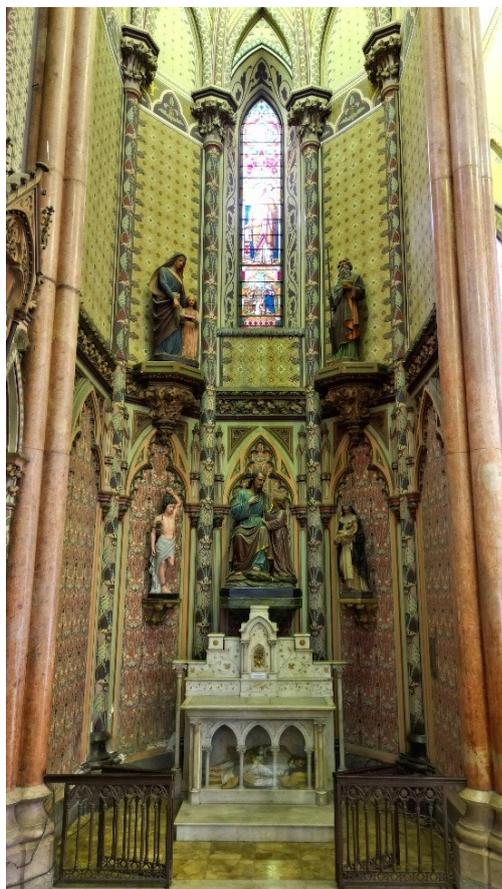
Fonte: a autora, 2023.

As Figura 68 e Figura 69 nos trazem as esculturas da ábside da nave lateral do lado do evangelho, respectivamente, em conjunto e em detalhe. Reafirmando a narrativa dos vitrais, o conjunto de estátuas representa parcialmente o grupo familiar de Jesus Cristo; essa unidade de representação, porém, não foi totalmente concretizada — foram incluídas representações não associadas especificamente a esse tema. No centro do conjunto, encontra-se São José, ladeado por Sant’Anna com a Bambina e São Joaquim na parte superior, assim como por São Sebastião e Santa Rosa de Lima. É significativo que o elemento externo à narrativa da Sagrada Família seja São Sebastião, padroeiro da cidade do Rio, trazendo um elo entre a basílica e a cidade. Devemos, ainda, considerar que Sant’Anna, além de mãe da Virgem, também foi, durante um período, a padroeira da cidade do Rio de Janeiro¹⁷³ e continua sendo a co-padroeira — mais uma ligação entre a Sagrada Família e essa cidade. Uma outra imagem, não diretamente ligada à Sagrada Família, é a de Santa Rosa de Lima, que foi doada posteriormente por Irmã Blanchot à Igreja da Imaculada Conceição¹⁷⁴.

¹⁷³ Sant’Anna foi padroeira da cidade do Rio de Janeiro de 1759, ano da expulsão dos jesuítas de Portugal, até a retomada do culto de São Sebastião como padroeiro, o que aconteceu com a chegada dos capuchinhos no século XIX (Knauss, 2019, p. 21).

¹⁷⁴ Irmã Marie Antoinette Clemence Blanchot foi Visitadora das Filhas da Caridade de 1928 a 1946 (SOUZA, R. R. Ir. 6ª. Visitadora: Irmã Marie Antoinette Clémence Blanchot (1º Mandato). *In*: SOUZA, R. R. Ir. (org.). **História das Filhas da Caridade da Província do Rio de Janeiro: Brasil 1849-2003**. Petrópolis: Vozes, 2006i. p. 250 e 256) e, posteriormente, de 1953 a 1965 (SOUZA, R. R. Ir. 8ª. Visitadora: Irmã Marie Antoinette Clémence Blanchot (1953-1965). *In*: SOUZA, R. R. Ir. (org.). **História das Filhas da Caridade da Província do Rio de Janeiro: Brasil 1849-2003**. Petrópolis: Vozes, 2006j. p. 266).

Figura 68 – Vista geral da ábside da nave lateral esquerda –
basílica de Botafogo



Fonte: Colégio da Imaculada Conceição, 2024.

Figura 69 – Esculturas da ábside da nave lateral esquerda – Detalhes – basílica de Botafogo



(09B)

(05B)

(07)

(09A)

(05A)

Legenda: Esq. alto: (09B) – Sant' Anna; dir. alto: (05B) – São Joaquim; centro: (07) – São José; esq. baixo: (09A) – São Sebastião; dir. baixo: (05A) – Santa Rosa de Lima.

Fonte: Colégio da Imaculada Conceição, 2024.

A Figura 70, a seguir, mostra o altar desta ábside, com a relíquia de Santa Filomena.

Figura 70 – Altar da ábside da nave lateral esquerda, com a relíquia de Santa Filomena – basílica de Botafogo



Fonte: a autora, 2023.

Nas Figura 71 e Figura 72 encontram-se, em conjunto e em detalhe, respectivamente, o conjunto da representação escultórica da ábside lateral direita. Ao seu centro, é possível observar o fundador da Congregação, São Vicente de Paulo, rodeado de outros importantes vicentinos. Ele está vestido com tabarro e solidéu pretos, e, sobre o tabarro, vemos a alva e a estola em tons claros. Segura, no braço esquerdo, um bebê, tendo o braço direito estendido lateralmente e a mão espalmada sobre o dorso de uma criança; ambas as crianças têm um semblante tranquilo. Segundo informações da Companhia das Filhas da Caridade (Colégio da Imaculada Conceição, 2024), trata-se de uma representação de São Vicente Missionário, um símbolo iconográfico tradicional do carisma vicentino dos padres lazaristas da Congregação da Missão.

As santas representadas, Santa Luísa de Marillac e Santa Catarina Labouré, são francesas e pertencem à Companhia das Filhas da Caridade. Quanto aos homens, o francês São João Perboyre foi missionário da Congregação e martirizado na China, enquanto o Beato Ghebre Michael é nascido na Etiópia¹⁷⁵. É importante notar que nem todas as esculturas são

¹⁷⁵ Beato Ghebre Michael nasceu em 1791 e se devotou à ciência, tendo sido grande estudioso de temas eclesiásticos e laicos. Após o término dos estudos, buscou um ideal de vida mais perfeito, o que o fez entrar para um mosteiro, praticando a castidade na busca da Verdade, impressionado pela pregação do bispo católico da Abissínia, Dom Justino de Jacobis — que se tornaria seu mestre espiritual e por quem, mais tarde, seria ordenado padre. Foi para a Abissínia, onde se dedicou à atividade apostólica do professor, auxiliando na

originais do período de construção da igreja; Ghebre Michael, por exemplo, foi beatificado apenas em 1926, logo sua imagem deve ser posterior a esse ano. Quanto a São João Perboyre, embora já tivesse sido beatificado no momento da construção da igreja, sua imagem foi doada ao templo em meados do século XX, por Irmã Duarte¹⁷⁶. De acordo com o arranjo atual, o conjunto de imagens contém legítimos representantes do papel missionário, de evangelização e formação de clero da Congregação ao redor do mundo.

Figura 71 – Vista geral da ábside da nave lateral direita – basílica de Botafogo



Fonte: Colégio da Imaculada Conceição, 2024.

formação de um clero nativo. Na época, o Imperador Theodoros iniciou uma perseguição contra os católicos, motivo pelo qual encarcerou o Beato Ghebre Michael. Ele foi, então, recebido na Congregação da Missão pouco antes de morrer em função dos maus tratos do período de prisão. Foi beatificado por Pio XI em 3 de outubro de 1926. Disponível em: <http://coisasdesantos.blogspot.com/2018/07/14-de-julho-beato-michel-ghebre.html>. Acesso em: 22 fev. 2024.

¹⁷⁶ “Irmã Eugênia Henriques Duarte, (...) Chegou ao Colégio da Imaculada Conceição a 30 de janeiro de 1943, como Irmã Servente e Diretora, aqui permanecendo até fevereiro de 1952 (...). A bela imagem de João Gabriel Perboyre foi doação de Ir. Duarte à Igreja do CIC”. (CUNHA, L. Ir. O Colégio Imaculada Conceição. In: SOUZA, R. R. Ir. (org.). **História das Filhas da Caridade da Província do Rio de Janeiro: Brasil 1849-2003**. Petrópolis: Vozes, 2006b. p. 115-116).

Figura 72 – Esculturas da ábside da nave lateral direita – Detalhes – basílica de Botafogo



(06B)

(10B)

(08)

(06A)

(10A)

Legenda: Esq. alto: (06B) – Pe. João Perboyre; dir. Alto: (10B) – Santa Luísa de Marillac; centro: (08) – São Vicente de Paulo; esq. baixo: (06A) – Beato Ghebre Michael; dir. baixo (10A) – Santa Catarina Labouré.

Fonte: Colégio da Imaculada Conceição, 2024.

A Figura 73 mostra o altar da ábside da nave lateral direita, com as relíquias de Santa Marta e Maria, sua irmã.

Figura 73 – Altar da ábside da nave lateral direita, com a relíquia de Santa Marta e Maria – basílica de Botafogo

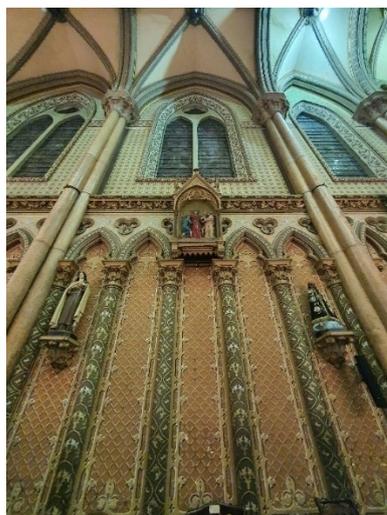


Fonte: Colégio da Imaculada Conceição, 2024.

Na nave lateral do lado do evangelho, mostrada em conjunto na Figura 74, encontram-se mais duas representações femininas: a da esquerda, novamente, uma imagem de Santa Rosa de Lima, carregando rosas, e a da direita, uma representação de N. Senhora Aparecida; cada uma pode ser vista em detalhes na Figura 75. É possível que essas imagens não ocupem esses

locais desde a missa de inauguração da igreja; na realidade, é mais provável que tenham sido ali dispostas quando da colocação da imagem do Sagrado Coração de Jesus na nave (ou mesmo posteriormente).

Figura 74 – Vista geral das esculturas da nave lateral (lado do evangelho) – Conjunto – basílica de Botafogo



Fonte: a autora, 2023.

Figura 75 – Esculturas da nave lateral (lado do evangelho) – Detalhes – basílica de Botafogo



(13)



(11)

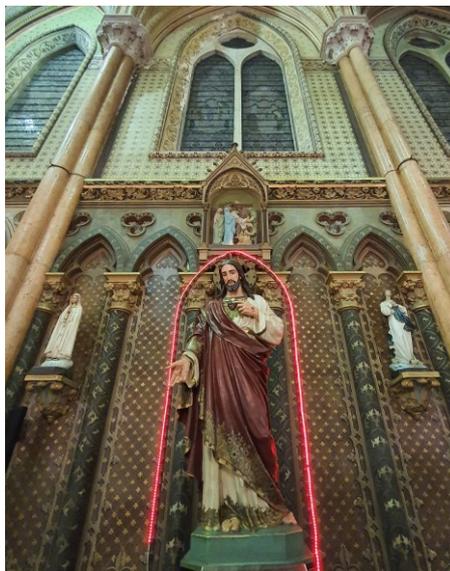
Legenda: Esq.: (13) – Santa Rosa de Lima; dir.: (11) – Nossa Senhora Aparecida.
Fonte: a autora, 2023.

Por fim, na Figura 76, temos uma visão do conjunto da nave lateral do lado da epístola, onde se localiza a imponente estátua do Sagrado Coração de Jesus¹⁷⁷, ladeado por mais duas

¹⁷⁷ Esta imagem do Sagrado Coração de Jesus estava na igreja no ano de sua consagração. Segundo Cunha (2006b, p. 126) em comentário sobre a igreja: “Em 1915, foi consagrada pelo Bispo do Maranhão Dom

imagens femininas, uma de N. Senhora de Fátima e outra de N. Senhora da Imaculada Conceição. Na Figura 77, podemos conferir as imagens em detalhe.

Figura 76 – Vista geral das esculturas da nave lateral (lado da epístola) – Conjunto – basílica de Botafogo



Fonte: a autora, 2023.

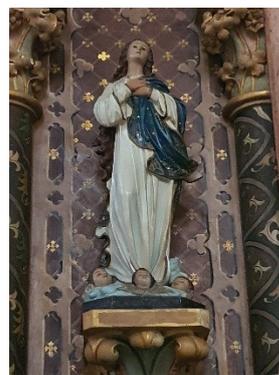
Figura 77 – Esculturas da nave lateral (lado da epístola) – Detalhes – basílica de Botafogo



(12)



(14)



(16)

Legenda: Esq.: (12) – Nossa Senhora de Fátima; centro: (14) – Sagrado Coração de Jesus; dir.: (16) – Nossa Senhora da Imaculada Conceição.

Fonte: Esq. e dir.: a autora, 2023; centro: Colégio da Imaculada Conceição, 2024.

Francisco de Paula e Silva, da Congregação da Missão. A imagem do Sagrado Coração de Jesus, de rara beleza e tamanho natural, não coube no nicho que para ele havia sido preparado e, por isso ficou num pedestal, no corpo da igreja do lado direito”. Segundo a base de informações do MUSEU DAS FILHAS DA CARIDADE DE SÃO VICENTE DE PAULO. **Colégio da Imaculada Conceição**. 2024, ela tem procedência francesa e foi incorporada em 1898.

3.3 Objetos de culto

Além dos vitrais, estatuária e esculturas, alguns objetos de culto merecem destaque por suas características singulares, o que enseja discuti-los a seguir. Trata-se de objetos importados da França ou que contêm referências diretas ao país. Entendo que esses elementos contribuem para a construção de uma cultura francesa, que ajudava a marcar a presença e a importância da Congregação da Missão e das Filhas da Caridade nos projetos educacional, missionário e religioso brasileiro.

3.3.1 Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens — Santuário do Caraça

Uma peça emblemática, nesse templo, é a mesa do altar-mor, a qual, segundo Zico (1983, p. 80), é feita de mármore arroxeadado, além de conter relevos esculpidos por um professor caracence, o Pe. Arcádio Dorne. Como observado por Penha (2022, p. 722; p. 728), a borda inferior do altar é ornada com oito pequenas flores de lis em baixo relevo, cada uma medindo cerca de 6 cm de largura, conforme mostra a Figura 78. Esse pequeno detalhe ornamental guarda uma associação muito presente com a nacionalidade francesa, o que será discutido mais profundamente adiante. É curioso que tal detalhe significativo não tenha sido comentado pelo Pe. Zico quando elaborou a descrição da mesa do altar em seu livro.

Figura 78 – Flores de lis na mesa do altar-mor – igreja do Caraça

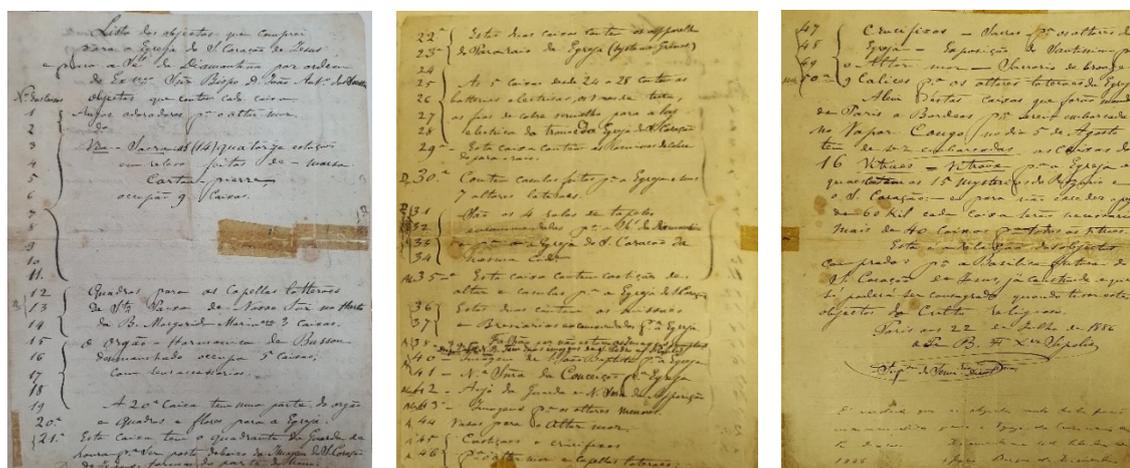


Fonte: Esq.: Eliane Moura Martins, 2023; dir.: A autora, 2023.

3.3.2 Basílica do Sagrado Coração de Jesus — Diamantina

Algumas informações obtidas no seminário de Diamantina indicam que muitos objetos de culto, inclusive peças de vestuário litúrgico, sejam franceses. Todas as notas de compra datam de 1886, ano em que o Pe. Bartolomeu Sípolis foi à França, tendo, ele próprio, preparado uma lista dos objetos comprados nesse país (Figura 79). No início dessa lista, há o comentário de que as compras haviam sido realizadas por ordem do bispo D. João Antônio dos Santos.

Figura 79 – Lista dos objetos comprados na França pelo Pe. Sípolis – basílica de Diamantina



Fonte: Arquivo do Seminário de Diamantina, 22/07/1886 (foto cedida pelo Seminário em 2023).

3.4 Serviços decorativos especializados

Em relação à Basílica da Imaculada Conceição, cabe mencionar que a pintura do interior ficou sob a responsabilidade de uma equipe de pintores, encabeçada por H. Rabés, e contou com detalhes em folha de ouro em todo o conjunto interior. Sua autoria pode ser vista em uma assinatura no nártex, próximo ao teto (Figura 80).

Figura 80 – Teto do nártex com o nome do pintor francês - basílica de Botafogo



Fonte: a autora, 2024.

A reconstituição da equipe completa se deu a partir das folhas de gastos com materiais e com os operários (Colégio da Imaculada Conceição) que trabalharam entre março de 1891 e julho de 1892 e estão consolidadas no Quadro 8. Um exemplo dessas folhas pode ser consultado na Figura 81.

Quadro 8 - Pintores do interior da Igreja da Imaculada Conceição

	NOME DO OPERÁRIO	VALOR DA DIÁRIA (réis)	PERÍODO DE TRABALHO	Nº DE PERÍODOS TRABALHADOS
1	BOMBAERTS	4.000/4.500(2ª qz. mar 1891) / 5.000(2ª qz. abr. 1891)	1ª qz. mar 1891 - 2ª qz. mai 1891	6
2	ROLAN	4.000	1ª qz. mar 1891 - 1ª qz. mai 1891	5
3	REMI	4.000	1ª qz. mar 1891	1
4	MARLET	4.000/4.500(1ª qz. mai 1891)/4.000(2ª qz. mai 1891)	1ª qz. mar 1891 - 2ª qz. mai 1891	6
5	RABÉS	6.000/8.000(1ª qz. jun. 1891)	1ª qz. mar 1891 - 1ª qz. jul 1892	24
6	ZEGHERS	5.000	1ª qz. mar 1891 - 2ª qz. jun 1891	8
7	DERAIYSER(1)/DERUYSER(1)/DERNYSER(1)/DERAZYER?(1)/DEREUYSER(1)/DEMYER?(1)	4.500/5.000(2ª qz. abr. 1891)	2ª qz. mar 1891 - 2ª qz. jun 1891	6
8	FAULONNEAU(1)/FOULONEAU(1)	3.500	2ª qz. mar 1891 - 1ª qz. abr 1891	2

	NOME DO OPERÁRIO	VALOR DA DIÁRIA (réis)	PERÍODO DE TRABALHO	Nº DE PERÍODOS TRABALHADOS
9	POPPE	3.500/4.000(2ª qz. jun. 1891)	2ª qz. mar 1891 - 2ª qz. jun 1891	6
10	VANDERELTS(1)/VANDERELST(1)	3.500	2ª qz. mar 1891 - 1ª qz. abr 1891	2
11	DELNEGRE	4.500	1ª qz. abr 1891 - 2ª qz. abr 1891	2
12	VANPEGRNBRSEHL	4.000	1ª qz. abr 1891	1
13	SALAS	5.000	2ª qz. abr 1891 - 2ª qz. out 1891	8
14	MARNARI(1)/MARIORI(1)/MORNARI(2)/MARRORI(1)	4.500	2ª qz. abr 1891 - 2ª qz. nov 1891	4
15	SCHURDIT(1)/SCHURDERT(1)	4.500	2ª qz. abr 1891 - 1ª qz. mai 1891	2
16	CERRAIN	3.500/4.000(2ª qz. jun. 1891)	2ª qz. abr 1891 - 2ª qz. jun 1891	4
17	VANVUGBREBY	3.500	2ª qz. abr 1891	1
18	COULONNEAU	3.500	2ª qz. abr 1891	1
19	VANPEYUBERT(1)/VANPUYNRBRANLS(1)	3.500	1ª qz. mai 1891 - 2ª qz. mai 1891	2
20	LEMERMER(1)/LEMERNER(2)	4.500	1ª qz. mai 1891 - 2ª qz. mai 1891	2
21	GUILHERMAIN(2)/GUILLERMIN(3)	5.000/4.500(2ª qz. mai 1891)/5.000(1ª qz. jul 1891)	1ª qz. mai 1891 - 1ª qz. jul 1891	4
22	GACISSONS	4.500	2ª qz. mai 1891	1
23	RICO	4.500/5.000(1ª qz. jul. 1891) / 5.500(1ª qz. nov. 1891)	2ª qz. mai 1891 - 2ª qz. nov 1891	8
24	CARVANSOLA(1)/CRAVANZOLA(2)	4.500	2ª qz. mai 1891 - 2ª qz. jun 1891	2
25	CASRETS(?)	4.500	2ª qz. mai 1891	1
26	GOESSENS(1)/GOERSENS(1)	4.500	1ª qz. jun 1891 - 2ª qz. jun 1891	2
27	MAURE(3)/HAUSEALBERT(1)	4.500	1ª qz. jun 1891 - 2ª qz. ago 1891	5

	NOME DO OPERÁRIO	VALOR DA DIÁRIA (réis)	PERÍODO DE TRABALHO	Nº DE PERÍODOS TRABALHADOS
28	COUREAU(3)/COUREAU CHARLES(1)	4.500	1ª qz. jun 1891 - 2ª qz. ago 1891	5
29	VANPUYBRUKS	3.500	1ª qz. jun 1891	1
30	LANCAURIER	4.500	2ª qz. jun 1891	1
31	DÉSIRÉ	4.000/3.500(1ª qz. jul 1891)/4.000(1ª qz. ago 1891)	2ª qz. jun 1891 - 2ª qz. ago 1891	4
32	PASSAT FERNAND	4.500	2ª qz. jun 1891	1
33	LACOMBE PAUL(1)/LACOMBE(2)	4.500	2ª qz. jun 1891 - 2ª qz. ago 1891	4
34	PAROT	4.500	1ª qz. jul 1891	1
35	MASSART	4.500/5.000(1ª qz. jan 1892)	1ª qz. jul 1891 - 1ª qz. jul 1892	17
36	CHAMAY	4.500	1ª qz. jul 1891	1
37	BLACHE(1)/BLANCHER(1)	5.000	1ª qz. ago 1891 - 2ª qz. ago 1891	2
38	HERISSON(11)/HERISSONS(1)/HERRISSONT(1)	5.000/5.500(1ª qz. jan 1892)/5.000(2ª qz. jan 1892)/5.500(fev 1892)	2ª qz. out 1891 - 1ª qz. jul 1892	14
39	FERNANDES	5.000	2ª qz. out 1891	1
40	PERIANO(1)/CERIAM(1)	4.500	2ª qz. out 1891 - 1ª qz. nov 1891	2
41	NEUMANN(10)/NEUMANT(2)	5.000/5.500(1ª qz. abr. 1892)	2ª qz. out 1891 - 1ª qz. jul 1892	13
42	ROVEY	5.000	2ª qz. out 1891	1
43	BODY JEUNE	5.000	2ª qz. out 1891 - 1ª qz. nov 1891	2
44	HAGEG	5.000	2ª qz. out 1891	1
45	BECCAMES	5.000	2ª qz. out 1891	1
46	BODRY	5.000	1ª qz. nov 1891	1
47	BRINELLY	5.000	1ª qz. nov 1891	1
48	BERTINI	5.000	1ª qz. nov 1891 - 2ª qz. nov 1891	2
49	CASSE	5.000	1ª qz. nov 1891	1
50	DULFAN(1)/DOFFON(1)	5.000	1ª qz. nov 1891 - 2ª qz. nov 1891	2

	NOME DO OPERÁRIO	VALOR DA DIÁRIA (réis)	PERÍODO DE TRABALHO	Nº DE PERÍODOS TRABALHADOS
51	AERIANO	4.500	2ª qz. nov 1891	1
52	PORINELLE(1)/PERINELLI(5)/PENNELLI(1)/PERNELLI(1)	5.000/5.500(2ª qz. abr. 1892)	2ª qz. nov 1891 - 2ª qz. abr 1892	8
53	O HINASM(?)	5.000	2ª qz. nov 1891	1
54	CERNEN	5.000	2ª qz. jan 1892	1
55	VEYSER(1)/VUYSSÉ(1)/VERYSER(1)/VERYEN(1)	5.500	2ª qz. jan 1892 - 2ª qz. abr 1892	4
56	CHRISTOFARO(3)/PRISTOFFARO(1)/CHRISTOFFAN(1)/CRESTOFFEN(1)	4.500	2ª qz. jan 1892 - 2ª qz. abr 1892	6
57	VAUREN	5.500	fev 1892	1
58	STEFFEN	4.500/5.000(2ª qz. abr. 1892)	fev 1892 - 2ª qz. abr 1892	5
59	CORRÊA	4.500	fev 1892	1
60	PELOSSÉ	5.500	fev 1892 - 1ª qz. mar 1892	2
61	AREILLANS(1)/OREILLANS(1)/OREILLANE(1)/OREILLEM(1)	4.500	fev 1892 - 1ª qz. abr 1892	4
62	RAMMANES	5.500	fev 1892 - 1ª qz. mar 1892	2
63	OGLOS	5.000	fev 1892 - 1ª qz. mar 1892	2
64	LUVEN(2)/LUVAN(1)/LOUVEN(1)	5.500	1ª qz. mar 1892 - 2ª qz. abr 1892	4
65	VINPER	5.500	1ª qz. mar 1892	1
66	GULTART(1)/GUITARD(1)	5.000	2ª qz. mar 1892 - 1ª qz. abr 1892	2
67	GUILLOIN	5.500/5.000(1ª qz. abr. 1892)	2ª qz. mar 1892 - 2ª qz. abr 1892	3
68	KARLET	5.500	2ª qz. mar 1892	1
69	BENJOER	5.500	1ª qz. abr 1892	1

	NOME DO OPERÁRIO	VALOR DA DIÁRIA (réis)	PERÍODO DE TRABALHO	Nº DE PERÍODOS TRABALHADOS
70	HENGERT	5.500	1ª qz. abr 1892 - 2ª qz. abr 1892	2
71	LUFFON	5.500	2ª qz. abr 1892	1
72	HOUGUEL	5.500	1ª qz. mai 1892	1
73	GRISMAN	5.500	1ª qz. mai 1892	1
74	MIRAVAL	5.000	1ª qz. mai 1892	1
75	JUIELLENE	5.500	1ª qz. mai 1892	1
76	FIRMINO(2)/FIRMIN(2)	5.500	1ª qz. mai 1892 - 1ª qz. jul 1892	4
77	VEULLAN	5.000	1ª qz. mai 1892	1
78	AUGUT(1)/AUGUET(1)/AUGERT(1)	5.500	1ª qz. jun 1892 - 1ª qz. jul 1892	3
79	GUILLEME(1)/GUILLEME PREDENE(1)	5.500	1ª qz. jun 1892 - 2ª qz. jun 1892	2
80	LAUFART	5.500	1ª qz. jun 1892	1
81	WERTER	5.500	1ª qz. jun 1892	1
82	LEOMI	5.500	1ª qz. jun 1892	1
83	FIRMIN VELATRE	5.500	2ª qz. jun 1892	1
84	LEUBES	5.500	2ª qz. jun 1892	1
85	FREDERIC	5.500	1ª qz. jul 1892	1
86	PELATEE	5.500	1ª qz. jul 1892	1
87	BODEY	5.500	1ª qz. jul 1892	1
88	PELUC	5.500	1ª qz. jul 1892	1

Fonte: elaborada pela autora (2024) a partir de Colégio da Imaculada Conceição, 2024.

Figura 81 – Lista de alguns pintores do interior da igreja – basílica de Botafogo

Janeiro dos pintores 15 de Março 1891.			
Bombacete	12 dias	4000	48.000
Bolan	12	4000	48.000
Bonni	12	4000	48.000
Martel	12	4000	48.000
Babes	12	6000	72.000
Reghes	12	5000	60.000
			324.000
Janeiro dos pintores 31 de Março 1891			
Bombacete	12 dias	4500	54.000
Drauzim	12 dias	4500	54.000
Martel	12 d.	4000	48.000
Faulommeau	12 d.	3500	42.000
Pappe	12 d.	3500	42.000
Bolan	12 d.	4000	48.000
Vandericht	10 di	3500	35.000
Babes	12 dias	6000	72.000
Reghes	12 d.	6000	60.000
			455.000
Rio de Janeiro 3 de Abril de 1891.			
Pelo trabalho de estique dos meses de Janeiro Fevereiro e Março 4.514,295.			

Legenda: Folha de gastos de 15 de março de 1891.

Fonte: Colégio da Imaculada Conceição, 2024.

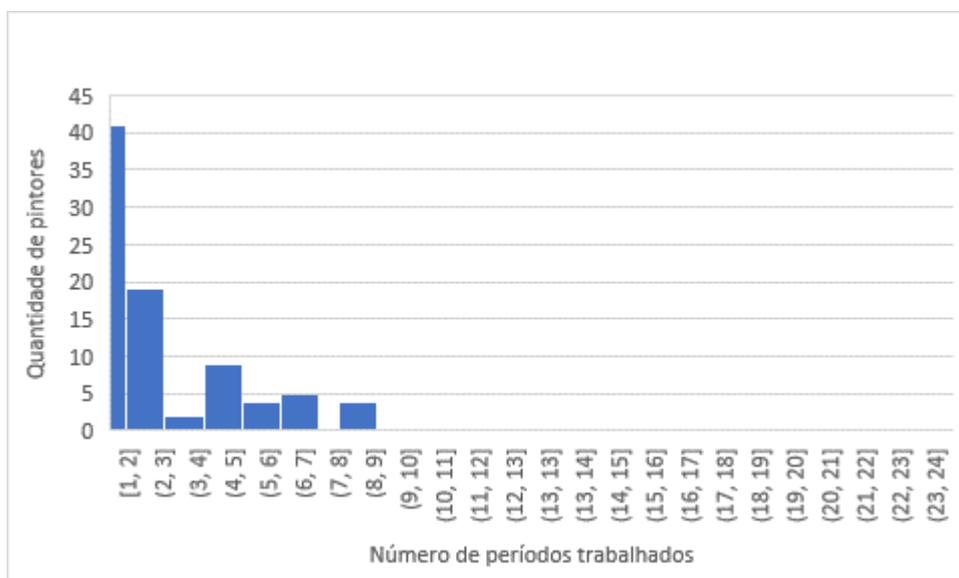
Na figura acima, podemos verificar que a diária do principal responsável naquele mês foi de 6.000 réis, enquanto os outros profissionais recebiam entre 3.500 e 5.000 réis. O trabalho de pintura deve ter começado em março de 1891, quando aparece a primeira referência de gastos com pintores, estendendo-se até o último período para o qual há informações disponíveis (primeira quinzena de julho de 1892). Esse deve ter sido, também, o final dos serviços, já que a missa de inauguração da igreja seria realizada em 25 de junho de 1892, como já mencionado anteriormente. Nas folhas de gastos, foram identificados 88 profissionais durante todo o período descrito acima; contudo, não é impossível que esse número seja um pouco diferente do real, em função da dificuldade da grafia dos nomes dos profissionais e do entendimento da grafia do responsável pelo lançamento dos gastos nas folhas.

Analisando a tabela, observa-se que esses profissionais, ao contrário dos operários da obra naquele momento, deviam ter nacionalidades muito diversas — ou, então, ascendências de origens muito distintas. Aparentemente, encontramos nomes de profissionais franceses, quase todos no início do trabalho, mas também originários do norte da Europa, alguns italianos

e espanhóis; porém, de todos, apenas o de H. Rabés está registrado no interior da igreja (Figura 80). Um fato que chama a atenção é a redução das diárias de alguns desses profissionais ao longo do período de trabalho, o que não ocorreu com nenhum outro tipo de operário do Caraça ou do Rio de Janeiro. O valor da diária, quando reduzido, está marcado em negrito na coluna **VALOR DA DIÁRIA** da Tabela 14. Como os registros de pagamentos não fornecem qualquer informação além dos dias trabalhados e do valor da diária, não foi possível identificar a causa dessas eventuais reduções.

Também merece destaque a rotatividade muito maior quando comparados aos outros operários da obra daquele período. No Gráfico 2 apresentamos um histograma em que se representa a quantidade de pintores pelo número de períodos trabalhados. Observa-se que cerca de 68% dos profissionais atuaram até dois períodos e 47%, por um único período de uma quinzena. Em valores médios, cada profissional trabalhou apenas 11,8% do período total do qual dispomos de informações. Aqui, também não encontrei registros que indiquem a causa da grande rotatividade de mão de obra.

Gráfico 2 - Número de pintores vs. quantidade de períodos trabalhados - basílica de Botafogo



Fonte: a autora, com base no Quadro 8.

Infelizmente, em uma reforma de meados do século XX, as paredes da nave foram inteiramente pintadas de rosa-claro, recobertas com desenhos semelhantes a flores de lis, o que escondeu grande parte da obra original. No final do século XX, uma restauração parcial

retornou o altar-mor à sua original pintura vermelho-escuro com detalhes florais em folha de ouro, como mostrado nas Figura 66 e Figura 82, respectivamente, no conjunto e em um detalhe.

Figura 82 – Detalhe do altar-mor – basílica de Botafogo



Legenda: Restaurado para a aparência da pintura original da basílica.
Fonte: a autora, 2022.

3.5 Comparação entre as igrejas quanto aos aspectos decorativos integrados

As imagens e objetos destas três igrejas mostram a grande quantidade de obras de arte, objetos e serviços trazidos da França pela Congregação da Missão e pelas Filhas da Caridade. Cabe comentar que, em termos de consistência discursiva, a basílica de Diamantina mostra uma maior unicidade, já que a grande maioria das suas imagens foi referenciada aos mistérios do Rosário, ao Sagrado Coração de Jesus, à Virgem e a alguns poucos santos mais tradicionais da Igreja Católica. A igreja do Caraça, por ter sido construída no local em que havia uma igreja anterior, apresenta um pouco dessa herança, por exemplo, na imagem do altar-mor. Das três igrejas, a basílica carioca é a mais luxuosa, seja na sua pintura interna, feita em folha de ouro sob a supervisão de um especialista francês, seja no maior conjunto vitral, seja na expressiva quantidade de estátuas no interior e, principalmente, no exterior. Apesar de representações recorrentes, ela apresenta uma diversidade de narrativas e representações de mais difícil interpretação — e alguns desses aspectos serão discutidos a seguir, no Capítulo 4.

4 ASPECTOS HISTÓRICO-CULTURAIS, DO AMBIENTE CONSTRUÍDO E PROGRAMA ARTÍSTICO INTEGRADO

4.1 Análise histórico-cultural dos objetos e das imagens

Além da iconografia básica, discutida no capítulo anterior, as obras presentes nas igrejas estudadas permitem um segundo nível de interpretação, de caráter histórico-cultural. Essa abordagem se justifica em função da escassa documentação disponível sobre sua construção e decoração. Segundo a classificação proposta por Maquet (1993, p. 36-37), os objetos analisados no presente trabalho são, quase em sua totalidade, imagens associadas a seus significados por relações de similaridade, mas há também exemplos de representações simbólicas.

O conjunto de objetos discutidos neste trabalho tem, sobretudo, função significante, ainda que os religiosos e os de culto guardem, adicionalmente, uma função utilitária dentro dos rituais cristãos. Não obstante, todos podem ter significados adicionais atribuídos culturalmente pela coletividade. Como pontuado por Maquet (1993, p. 31), o significado de um objeto pode ser considerado do tipo cultural quando reconhecido como parte de uma realidade construída por um grupo de pessoas. O autor pontua, ainda, que:

os significados não são inerentes aos objetos (...) ou atribuídos pelo construtor. Eles são dados pelo grupo de pessoas para as quais o objeto é relevante. É por isto que os significados podem mudar, e em geral mudam, quando a audiência muda (1993, p. 35).

No caso das três igrejas estudadas, em especial o da igreja do Rio de Janeiro, observa-se que, além de um conjunto de iconografias comuns entre elas, algumas imagens são singulares e chamam atenção para aspectos possivelmente específicos daquele sítio.

As igrejas apresentam uma evidente repetição de elementos iconográficos, focados, principalmente, no Cristo, na Virgem, na Sagrada Família e em um pequeno grupo de santos católicos, o que pode indicar a intenção de transmitir algumas mensagens para os fiéis. Deve-se ressaltar que a Família Vicentina, construtora dos três templos, deve ter realizado um detalhado projeto imagético e iconográfico, como foi reportado na carta de Claudius Lavergne, autor dos vitrais do Caraça, para o Padre Clavelin (p. 124 do presente trabalho).

A partir dessas considerações, podemos analisar o conjunto de imagens e de objetos de culto como significantes representativos para a coletividade que participou da vida dessas igrejas no final do século XIX, o que engloba as instituições que as construíram (a Congregação da Missão e a Companhia das Filhas da Caridade), bem como seus construtores, os religiosos que nelas circularam e os fiéis e alunos que as frequentaram. Devemos lembrar que, no período de construção das igrejas, o Império declinava e a República surgia — e esses locais eram espaços cristãos destinados a colégios de meninos ou meninas e a seminários de formação religiosa.

Analisando o conjunto de objetos, podemos pensar em quatro eixos de interpretação, embora algumas narrativas possam estar relacionadas a mais de um dos eixos:

- a. Valores da Sé católica em geral;
- b. Valores da Família Vicentina e questões religiosas do século XIX;
- c. Referências a instituições nacionais ou locais;
- d. Narrativas voltadas a públicos específicos.

4.1.1 Valores da Sé católica em geral

O exemplo de imagem mais recorrente é o Sagrado Coração de Jesus, ao qual as basílicas de Diamantina e do Rio de Janeiro foram consagradas. No Rio de Janeiro, a igreja foi inicialmente consagrada ao Sagrado Coração e, em um segundo momento, passou a ser consagrada à Imaculada Conceição, nome do colégio ao qual atende, como já discutido no item 1.4.3. No caso da igreja do Caraça, a consagração ao Sagrado Coração, por ser mais difícil, provavelmente não chegou a ser considerada, já que se trata de uma igreja construída no local de uma anterior — de peregrinação e já consagrada à Nossa Senhora Mãe dos Homens.

As três igrejas exibem imagens do Sagrado Coração de Jesus, seja em vitrais, seja na estatuária ou nas esculturas. Na basílica de Diamantina, podemos encontrá-las nos vitrais do altar-mor (Figura 26) e no centro da rosácea da fachada, em que se vê Cristo abençoando a humanidade (Figura 31 (esq.)). Nessa rosácea, ele está cercado por dez apóstolos, além de São Paulo e São Barnabé, figuras muito próximas de Cristo segundo os relatos bíblicos. No Rio de Janeiro, a imagem do Sagrado Coração está no vitral central do altar-mor (Figura 33 (esq.)), e seu coração, no centro da rosácea da fachada (Figura 33 (dir.)).

Quanto às representações escultóricas, a imagem pode ser encontrada na igreja do Caraça (Figura 46 (01)), em uma grande escultura do altar-mor da basílica de Diamantina (Figura 53) e, ainda, na basílica do Rio de Janeiro, onde pode ser vista em dois locais: na estátua exterior do centro da fachada e na grande escultura localizada na nave lateral do lado da epístola (Figura 58 e Figura 76, respectivamente). O motivo de as duas basílicas terem sido consagradas ao Sagrado Coração diz respeito a um tema muito relevante para as práticas cristãs do século XIX, a recomendação da devoção ao Sagrado Coração de Jesus, pelo papa Pio IX em 1875. Ao que parece, tal orientação foi seguida criteriosamente pelos vicentinos ao consagrarem a ele duas de suas igrejas construídas no século XIX no Sudeste do Brasil.

Um segundo tema muito presente nas três igrejas é a Sagrada Família. Ela aparece em quatro dos cinco vitrais da igreja do Caraça (Figura 19, vitrais (01), (02), (03) e (04)). Nas bodas de Caná (Figura 19 (04)), Zico (1983, p. 91) reporta a presença de São José, comentando que ela não está descrita na narração evangélica, o que fortalece a importância da família dentro dos valores cristãos representados nessas imagens. O conjunto vitral da basílica de Diamantina, dedicado aos mistérios do rosário, enfatiza a vida de Cristo e a Sagrada Família, em especial a Virgem Maria (Figura 23 a Figura 25). Quanto à basílica carioca, o conjunto vitral das naves laterais é quase totalmente dedicado à vida de Jesus, do lado do evangelho (Figura 37), e à de Maria, do lado da epístola (Figura 38). Como cada lanceta de um vitral dessa igreja representa uma cena diferente, temos, nesse caso, a representação de um conjunto maior de passagens da Bíblia do que na basílica de Diamantina.

As referências à Virgem são muito frequentes nas imagens dessas igrejas, em muitas delas, junto com Jesus, em passagens da vida de Cristo, dela própria ou como parte da Sagrada Família. Entre os conjuntos vitrais, a imagem da Virgem ganha maior destaque na basílica do Rio, onde está representada na aparição de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa a Santa Catarina Labouré (Figura 34 (01)) e na aparição de Nossa Senhora a Santa Bernadette Soubirous (Figura 34 (02)). Na mesma igreja, além do conjunto vitral dedicado à sua vida, na nave lateral do lado da epístola (Figura 38), a Virgem aparece, ainda, no vitral mais próximo à ábside da nave direita, em uma representação do dogma da Imaculada Conceição pelo Papa Pio IX (Figura 36 (06)).

Quanto à representação escultórica, no Caraça, a Virgem está presente apenas no altar-mor, na imagem de N. Sra. Mãe dos Homens, a mesma que já existia na anterior capela barroca (Figura 45). Todo o restante das esculturas é composto de santos ou figuras masculinas, como o Sagrado Coração de Jesus (Figura 46 (01)) ou São José (Figura 46 (02)). Na basílica de

Diamantina, encontramos N. Sra. das Graças em um dos altares laterais do lado do evangelho (Figura 55 (03)), na posição oposta a São José; e na basílica do Rio, como N. Sra. das Graças, disposta no altar-mor (Figura 67 (00B)), como N. Sra. Aparecida, na nave lateral esquerda (Figura 75 (11)), e como N. Sra. de Fátima e N. Sra. da Imaculada Conceição na nave lateral direita (lado da epístola) (Figura 77 (12) e (16), respectivamente). Contudo, é muito provável que — exceto pela imagem que, hoje, encontra-se no altar-mor, que parece ser de época próxima à da construção — todas essas representações tenham sido colocadas ao longo do século XX, o que torna mais prudente não incluí-las na análise do conjunto iconográfico original. De qualquer forma, é consistente que a basílica do Rio tenha uma maior proximidade com a devoção Mariana pela própria denominação do colégio, bem como pela construção e gestão realizadas pelas Filhas da Caridade.

São José também é representado com frequência nas três igrejas. Na basílica carioca, pode ser visto no vitral da ábside da nave lateral esquerda (lado do evangelho), carregando o lírio, seu atributo (Figura 35 (03)). Considerando-se o conjunto escultórico, está representado na igreja do Caraça (Figura 46 (02)), na basílica de Diamantina (Figura 55 (04)) e no centro da ábside da nave lateral esquerda, abaixo de seu vitral, na basílica carioca (Figura 69 (07)). Nas duas igrejas mineiras, São José está com o Menino nos braços; na igreja do Caraça está colocado em posição oposta à da imagem do Sagrado Coração de Jesus, enquanto na basílica de Diamantina, oposto à imagem de N. Sra. das Graças. Essas disposições reforçam as ligações entre a Sagrada Família. Na basílica do Rio de Janeiro, o Menino Jesus está de pé, ao seu lado direito, em um altar destinado à Sagrada Família e sua extensão, havendo, ainda, imagens de Sant'Anna com a Bambina e de São Joaquim (respectivamente, Figura 69 (09B) e (05B)).

O valor do trabalho pode ser encontrado nas imagens da Sagrada Família na oficina de trabalho de São José, representada em um vitral da igreja do Caraça e na parte inferior de um vitral da basílica do Rio (Figura 19 vitral (02) e Figura 35 vitral (03), respectivamente). No vitral carioca, a representação está colocada no vitral dedicado ao próprio São José, o que tece uma associação entre o tema do trabalho e a figura do santo.

São João Batista, figura também central na história de Jesus e próximo à Sagrada Família, aparece em esculturas da igreja do Caraça e da basílica de Diamantina (Figura 50 (09) e Figura 56 (06), respectivamente). Na basílica carioca, ele está presente em uma estátua externa (Figura 59 (07)) e na representação do evangelho de Jesus, na lanceta da esquerda do vitral 15 (Figura 37).

Outras referências frequentemente repetidas são as imagens de São Pedro e São Paulo, expostas em esculturas das três igrejas: no Caraça (Figura 48 (05) e (06)), em Diamantina (Figura 54 (01) e (02)) e na estatuária externa da basílica carioca (Figura 63 (15) e (16)). Nesta última, há, ainda, uma segunda referência a São Pedro na lanceta da direita do vitral 11 (Figura 37), que representa Jesus dando a Pedro a missão de chefe da Igreja. Em quase todas estas representações estatuárias ou escultóricas, os dois santos estão dispostos em posições simétricas, o que permite a leitura em conjunto. Na igreja do Caraça, encontram-se na nave lateral; na de Diamantina, nos altares mais laterais do altar-mor (São Pedro do lado do evangelho e São Paulo do lado da epístola); e, por fim, na basílica carioca, cada um está colocado no pináculo de uma das portadas laterais à igreja (São Pedro à esquerda e São Paulo à direita de quem olha a fachada principal).

4.1.2 Valores da Família Vicentina e questões religiosas do século XIX

O primeiro ponto relevante para este eixo de análise reside na abundância de imagens sobre o fundador da Congregação, São Vicente de Paulo: ele aparece em um vitral da basílica do Rio (Figura 35 (04)) e em, pelo menos, uma escultura de cada uma das três igrejas: na igreja do Caraça (Figura 47 (03)), na basílica de Diamantina (Figura 56 (05)) e na basílica do Rio — em que está presente em uma estátua exterior (Figura 60 (06)) e em uma escultura interior (Figura 72 (08)).

No caso da basílica carioca, encontramos, também, a figura de Santa Luísa de Marillac, fundadora da Companhia das Filhas da Caridade (Figura 72 (10B)); nela, os dois santos (São Vicente e Santa Luísa) aparecem com crianças nos braços, enfatizando os aspectos de cuidado com os pequenos, embora as vestes do santo, o tabarro e o solidéu pretos, a alva e a estola claras simbolizem, também, seu aspecto missionário¹⁷⁸. Na escultura da igreja do Caraça, São Vicente mostra a cruz, o que pode ser interpretado, novamente, como forma de reforçar os objetivos missionários que norteiam a missão vicentina, mensagem importante para o Seminário Maior e para o colégio interno do local; já na basílica de Diamantina, o santo não carrega nenhum atributo.

¹⁷⁸ MUSEU DAS FILHAS DA CARIDADE DE SÃO VICENTE DE PAULO. **São Vicente de Paulo**. Disponível em: <https://museu.filhasdacaridaderj.org.br/acervo/288>. Acesso em: 20 abr. 2024.

É possível pensar que, na igreja do Caraça e na basílica de Diamantina, o cuidado com as crianças seja menos enfatizado por se tratarem, principalmente, de Seminários Maiores, que não tinham como missão a educação de crianças e adolescentes, embora, em vários períodos, o seminário do Caraça tenha recebido estudantes externos e as duas instituições tenham abrigado, também, Seminários Menores (no Caraça, isso ocorreu apenas no início da instituição do colégio, ainda na primeira metade do século XIX, antes da construção da igreja neogótica).

Na basílica carioca, encontram-se imagens de santos e beatos ligados à Congregação e às Filhas de Caridade. Uma lanceta do vitral da fachada do lado do evangelho é dedicada a São João Gabriel Perboyre (Figura 39 (17b)), beatificado em 1889, imediatamente antes do período de execução dos vitrais, que são de 1891. Na ábside da nave lateral direita, estão as imagens do Beato Ghebre Michael (Figura 72 (06A)), São João Gabriel Perboyre (Figura 72 (06B)) e Santa Catarina de Labouré (Figura 72 (10A)), além de Santa Luísa de Marillac, comentada anteriormente. Neste momento, por cautela, é necessário pontuar que algumas dessas imagens não pertencem à decoração original da igreja, tendo sido colocadas posteriormente, o que é o caso do Beato Ghebre Michael e de São João Gabriel Perboyre, como discutido no item 3.2.3.2. De qualquer forma, ainda que o arranjo original tenha sido um pouco diferente, a mensagem central não foi modificada, já que o vitral de São Vicente de Paulo e a estátua central do altar, também de São Vicente de Paulo, são originais da igreja.

Quanto às ábsides das naves laterais, a basílica carioca apresenta, ainda, uma característica relevante na sua composição imagética: do lado esquerdo, o lado do coração e do evangelho, estão São José, como imagem central, e a Sagrada Família; do lado direito, vemos São Vicente de Paulo como imagem central, além de vários santos e beatos da Congregação da Missão e da Companhia das Filhas da Caridade. Esses dois altares encontram-se simetricamente colocados em relação ao altar-mor e correspondem ao conjunto escultórico mais importante da basílica, suplantado apenas pela grande imagem do Sagrado Coração de Jesus, disposta na parede da nave lateral direita. Observa-se, também, uma perfeita concordância entre a representação vitral contida na lanceta da janela ogival, localizada em cada um desses altares, e a figura central do conjunto escultórico. Do lado do evangelho, a figura é São José, centro masculino da Sagrada Família, e do lado da epístola, São Vicente de Paulo, fundador dos vicentinos — ambos são centros de irradiação dos valores cristãos de amor, caridade e piedade. Acima, vê-se um vitral de São José portando o lírio, seu atributo, enquanto, do lado da epístola, São Vicente carrega nos braços uma criança. Esse arranjo espacial parece indicar duas grandes prioridades das Filhas da Caridade: primeiramente, a devoção incondicional a Cristo e aos

preceitos cristãos e, em segundo lugar, os valores missionários, assistenciais e educacionais do fundador da Congregação da Missão.

Também chama atenção a presença constante de alguns outros santos, cujos valores eram próximos aos dos vicentinos: São Francisco de Assis pode ser encontrado na igreja do Caraça (Figura 47 (04)); São Luiz Gonzaga, na igreja do Caraça (Figura 49 (07)) e na fachada da basílica carioca (Figura 59 (03)); Santo Antônio de Pádua, na igreja do Caraça (Figura 49 (08)); e São Francisco de Sales, na igreja do Caraça (Figura 50 (10)) e na fachada da basílica do Rio de Janeiro (Figura 60 (04)). Todos esses santos devotaram suas vidas ao amor incondicional a Cristo e aos serviços de caridade. Além disso, São Francisco de Sales foi muito próximo de São Vicente de Paulo, tendo sido um de seus mentores espirituais, como discutido no item 1.1.1. Já São Luiz Gonzaga, que está representado no Caraça e no Rio de Janeiro, cujos colégios ministravam educação laica, pode ter sido escolhido pelo fato de ser o padroeiro dos jovens estudantes.

Quanto à representação de santas na basílica carioca, quase todas, com exceção de Santa Teresa d'Ávila, são mártires. Esse assunto será discutido em pormenores no item 4.1.4, mas cabe, aqui, comentar sobre as várias representações de Santa Marta e de sua irmã, Maria, que aparecem em uma passagem da Bíblia descrita a seguir:

³⁸ Enquanto estavam a caminho, Jesus entrou num povoado, e uma mulher, de nome Marta, recebeu-o em casa. ³⁹ Ela tinha uma irmã, Maria, que sentada aos pés do Senhor, ouvia sua palavra. ⁴⁰ Marta, porém, estava ocupada com muito serviço. Aproximou-se e disse: “Senhor, não te importas que minha irmã me deixe sozinha a servir? Dize-lhe que me ajude!” ⁴¹ O Senhor, porém, lhe respondeu: “Marta, Marta! Tu andas preocupada e agitada por muitas coisas. ⁴² No entanto, uma só coisa é necessária. Maria escolheu a melhor parte, e esta não lhe será tirada (BÍBLIA, Lucas, 10, 38-42).

As imagens de Santa Marta e Maria estão presentes em uma das lancetas de um vitral na nave lateral esquerda do lado do evangelho (Figura 37 (13), lanceta esquerda), na fachada principal (Figura 62 (10) e Figura 61 (9), respectivamente) e na relíquia abaixo do altar de São Vicente de Paulo (Figura 73). Parece-nos significativo que elas sejam tantas vezes representadas na basílica carioca e estejam presentes no altar da Família Vicentina; é possível imaginar que tais imagens busquem ressaltar a importância de uma vida ativa e meditativa, mencionada na passagem bíblica — uma questão relevante para a Família Vicentina como um

todo e, em especial, para as Filhas da Caridade¹⁷⁹. No texto de São Vicente de Paulo para as Filhas da Caridade (p. 38 do presente trabalho), fica claro o compromisso entre a vida ativa junto aos pobres e a vida de oração na igreja.

Santa Teresa d'Ávila aparece na fachada principal da basílica carioca (Figura 62 (14)), onde se destaca das outras imagens femininas por não ser uma contemporânea de Jesus nem uma mártir dos primeiros séculos do catolicismo. Na verdade, ela morreu um ano após o nascimento de São Vicente de Paulo e talvez tenha sido escolhida para a imagem na fachada pelo exemplo de fé e perfeição cristã, assim como pela divulgação da mensagem cristã em seus escritos. Como ela, São Vicente de Paulo e Santa Luísa de Marillac sentiram o impulso de espalhar a caridade para muito além dos seus locais de nascimento.

Uma questão também muito presente na basílica carioca é o martírio, tema caro ao fundador da Congregação da Missão, como mostra a passagem a seguir:

Praza a Deus, meus Padres e Irmãos, que todos aqueles que vierem a pertencer à Companhia, venham com o pensamento do martírio, com o desejo de sofrer o martírio e de consagrar-se inteiramente ao serviço de Deus, seja nos países longínquos, seja por aqui ou em qualquer lugar onde agrade a Deus servir-se da pobre pequena Companhia! Sim, com o pensamento do martírio. Oh! Como devemos pedir essa graça e essa disposição a Nosso Senhor: estar prontos a expor nossas vidas por sua glória e pelo bem do próximo, todos quantos somos, Irmãos, Clérigos, Padres; em suma, toda a Companhia (SV, XI, 371 *apud* Teixeira, 2010, p. 63-64).

Na referida basílica, há várias imagens de mártires, entre as quais, talvez, o mais conhecido seja São Sebastião, que está presente em uma lanceta do vitral da fachada principal (Figura 39 (17a)), em uma estátua nessa mesma fachada (Figura 60 (08)) e em uma escultura do altar de São José (Figura 69 (09A)) — lembrando que é possível que a última não seja da época da construção da igreja. No caso dessa igreja, São Sebastião funciona como uma referência ao padroeiro da cidade, juntamente com Sant'Anna, que também se encontra no altar de São José e que foi a padroeira durante um certo período e continua sendo a co-padroeira, como comentado no item 3.2.3.2. Cabe lembrar que foi na baía de Guanabara, entre o Flamengo e a Glória (logo, próximo à Basílica da Imaculada Conceição) que ocorreu, em 9 de julho de 1556, a batalha das Canoas, em que tamoios e franceses foram derrotados pelos portugueses —

¹⁷⁹ MUSEU DAS FILHAS DA CARIDADE DE SÃO VICENTE DE PAULO. **Maria: irmã de Marta.** Disponível em: <https://museu.filhasdacaridadederj.org.br/acervo/302>. Acesso em: 20 abr. 2024.

segundo o que se diz, com a ajuda de São Sebastião, que teria aparecido para os lusitanos (De Oliveira, 2021, p. 103-105).

Uma outra questão religiosa do século XIX ligada ao assunto e importante para a Família Vicentina foi o martírio do Pe. João Gabriel Perboyre¹⁸⁰ — ele está representado em uma lanceta do vitral da fachada principal (Figura 39 (17b)), ao lado de São Sebastião. Ao aproximarem as duas imagens, as religiosas podem ter buscado associar um santo relevante para a hagiografia brasileira e, em especial, para a carioca, com os sofrimentos de um congregado de um local distante (mártir cuja beatificação se deu em período próximo ao da execução dos vitrais). O Pe. Perboyre foi simbolizado, também, em uma escultura da ábside da nave lateral direita, junto com outros santos e beatos da Congregação (Figura 72 (06B)), e em uma escultura do museu do Caraça, como mostra a Figura 83. No inventário de bens da biblioteca do Caraça, documentou-se que a imagem é datada da segunda metade do século XIX e tem origem na França. Sua representação recorrente reforça a mensagem missionária e de mártir associada à Congregação.

Figura 83 – Imagem de Pe. João Perboyre – Museu do Santuário do Caraça



Fonte: Eliane Moura Martins, 2023.

¹⁸⁰ Pe. Perboyre viveu no século XIX, foi ordenado padre lazarista em 1826 e enviado para a vida missionária na China, onde foi martirizado (amarrado a uma cruz e estrangulado), sendo executado em 11 de setembro de 1840. Foi beatificado em 1889 por Leão XIII e proclamado santo em 1996 por João Paulo II. MUSEU DAS FILHAS DA CARIDADE DE SÃO VICENTE DE PAULO. **São Sebastião (lanceta A) São João Gabriel Perbyre (lanceta B): Vitral / 1891**. Disponível em: <https://museu.filhasdacaridadeterj.org.br/acervo/249>. Acesso em: 20 abr. 2024.

É interessante notar, em relação aos quatro mártires dos vitrais da fachada principal da basílica carioca, que a imagem da direita em cada uma das duplas se refere a um mártir ou a uma mártir cuja beatificação ou canonização havia acontecido há relativamente pouco tempo. No caso de São Perboyre, muito pouco antes da construção da igreja; no caso de Santa Filomena (cf. Glossário para mais detalhes), na primeira metade do século XIX — tratam-se, portanto, de narrativas que remontam à época da construção da Basílica.

O altar-mor da basílica do Rio guarda três vitrais de religiosas que tiveram visões da Virgem ou do Sagrado Coração (Figura 34). São representações femininas associadas, em geral, à França e, em particular, à Companhia das Filhas da Caridade, já que Santa Catarina Labouré pertencia à Companhia. Essa profusão de imagens femininas parece também apontar para um desejo de visibilidade do trabalho missionário feminino e da importância da Virgem nas narrativas católicas.

Ainda no escopo das questões religiosas do século XIX, há, na basílica carioca, o vitral da proclamação do dogma da Imaculada Conceição (Figura 36 (06)). Mascia (2009, p. 1087) comenta que o dogma da Imaculada Conceição foi proclamado por Pio IX em 8 de dezembro de 1854, pela bula *Ineffabilis Deus*. Embora seja uma questão teológica complexa, que não será detalhada neste trabalho, é importante lembrar que o colégio da Imaculada Conceição foi criado neste mesmo ano, 1854. A representação no vitral, portanto, dialoga diretamente com as questões da Sé romana no século XIX e com a própria identidade do colégio para cujo serviço religioso a basílica fora construída.

Por fim, alguns elementos parecem relacionados a uma certa exaltação da nacionalidade francesa. É preciso lembrar que, no período de construção das igrejas estudadas, a esmagadora maioria dos religiosos que geria e trabalhava nessas instituições era composta de europeus, majoritariamente franceses — e talvez essa seja a origem histórica desses elementos. Um dos mais emblemáticos são as oito pequenas flores de lis, símbolo icônico da França, em baixo relevo na mesa do altar-mor da igreja do Caraça, mostradas na Figura 78. Mesmo que isoladamente já tenha um peso simbólico, esse elemento é ainda mais acentuado quando observamos uma ampliação do padrão de fundo dos vitrais, apresentado na Figura 84. Apesar de padrões diferentes, aparecem, nos dois casos, motivos florais, que se assemelham muito a flores de lis. Cabe perguntar se esse fundo, colocado de forma discreta, mas presente, não será uma homenagem ao Estado-sede da Congregação da Missão e uma marca da presença francesa no interior do Brasil, diferenciando-se do projeto português anteriormente implantado no Caraça.

Figura 84 – Detalhes ampliados do fundo dos vitrais – igreja do Caraça



Legenda: Esq.: vitrais das naves laterais; dir.: vitrais da capela-mor.
Fonte: a autora, 2021.

4.1.3 Referências a instituições nacionais ou locais

Algumas imagens ou detalhes de imagens, embora tenham, no conjunto, um caráter religioso, não parecem ter como foco principal a representação religiosa. Os exemplos mais significativos são os detalhes do vitral central da igreja do Caraça, a imagem de São Sebastião e o vitral da Primeira Missa no Brasil da basílica carioca.

O vitral central da capela-mor da igreja do Caraça possui, em sua parte inferior, uma representação da coroa e do escudo imperiais, mostrados na Figura 85. Essa homenagem ao Segundo Império parece ter decorrido de uma contribuição de 500 mil réis (500\$000) do Imperador para a obra da nova igreja, mais especificamente para os vitrais, quando lá esteve entre 11 e 13 de abril de 1881 (Zico, 1988, p. 86). O vitral teria sido uma doação do Imperador, segundo comenta De Castro (1936, p. 41)¹⁸¹: “No dia 13, partiram para Mariana, deixando uma esmola para as obras da Igreja, dando além disto o rico vitral da janela que se ergue atrás do altar-mór.”

¹⁸¹ DEPAUL UNIVERSITY. Via Sapientiae, Annales de la Congregation de la Mission, v. 52, 1887, p. 148. Disponível em: <https://via.library.depaul.edu/annales/53/>. Acesso em: 24 fev. 2024. O conjunto dos cinco vitrais da igreja do Caraça custou 13.775 francos. Em uma carta enviada do Rio de Janeiro, em 01 de setembro de 1885, a irmã Bosaico comenta que o Orfanato de Santa Teresa, no Rio de Janeiro, havia recebido 40 contos de réis, que correspondiam a 100.000 francos. Como as datas são próximas, podemos, em uma primeira estimativa, dizer que o Imperador doou cerca de 1.250 francos, o que, considerando o custo de todos os vitrais iguais, corresponde a cerca de 45% de um dos vitrais.

Figura 85 – Coroa e escudo imperiais no vitral central da capela-mor – igreja do Caraça



Fonte: Zico, 1991, p. 46.

Essa pequena inserção no vitral representa, em termos práticos, as relações entre a Congregação e o Império, cujos vínculos passavam por interesses mútuos de caráter simbólico, religioso e material. Por um lado, além da forte devoção católica da família imperial, o Império necessitava do apoio dos religiosos — em função da carência de instituições laicas — para prestar auxílio aos órfãos e doentes e fornecer educação às crianças, o que desobrigava o Império de tais atribuições sociais, que deveriam ser suas. Por outro, as instituições religiosas recebiam do Império ajuda financeira e vários outros tipos de apoio. No entanto, essas relações estavam sujeitas a tensões devido aos interesses divergentes de Igreja e Estado, já discutidas no item 1.4.

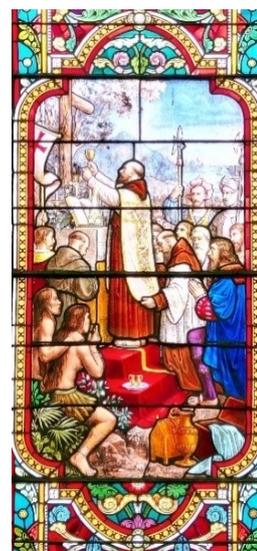
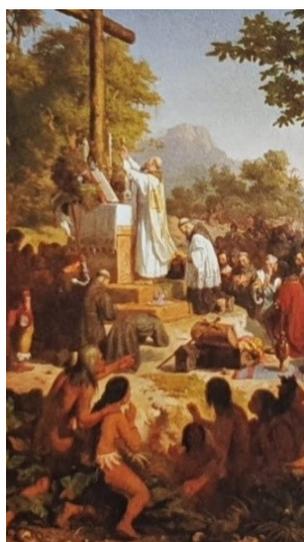
A representação dos mártires nos vitrais da fachada principal da basílica carioca também parece estar relacionada a alguma forma de ligação entre o Brasil, mais especificamente o Rio de Janeiro, e a Congregação da Missão. São Sebastião, padroeiro da cidade do Rio de Janeiro, e o Pe. Perboyre, da Congregação da Missão (Figura 39 (17a) e (17b)), foram martirizados em função de sua fé católica. Sua proximidade nos vitrais da basílica pode, por extensão, indicar uma aproximação entre as Filhas da Caridade, da França, e o local em que desempenhavam sua tarefa missionária, o Rio de Janeiro. Dessa forma, reúne instituições e países, ultrapassando as questões específicas da Congregação, ao mesmo tempo que reforça a existência de mártires, também, entre a Congregação.

Por fim, um exemplo de representação, na basílica do Rio, que, talvez, seja mais institucional do que religiosa é a apresentada no vitral 05 de uma cena da Primeira Missa no

Brasil (Figura 36 (05)). Viana (2015, p. 84) comenta a semelhança entre a imagem e a parte central da tela “Primeira Missa no Brasil”, de 1860, cujo autor é Victor Meirelles, como mostra a Figura 86. Embora a representação no vitral seja um pouco mais compactada, além de representar menos figurantes e detalhes, de acordo com a orientação da imagem, as vestes e a disposição dos figurantes, é muito provável que Bégule tenha tido acesso à obra do pintor brasileiro e dela se apropriado. Esta aparência semelhante pode mesmo ter sido uma demanda das contratantes, a Companhia das Filhas da Caridade. O quadro, talvez a pintura histórica mais conhecida no Brasil, é um ícone da construção simbólica idealizada da nação brasileira, como afirma Nascimento Junior (2008, p. 9): “A paisagem é idealizada, a cena é idealizada, mas tudo é apresentado como se fosse a verdade histórica, como se a pintura fosse uma revelação divina e por isso está ali para dar exemplo, para aconselhar, para narrar a nação, para ensinar a amar o altar e o trono”.

Cabe ressaltar que, apesar da semelhança visual, o contexto do contratante, em cada caso, é bem diferente. Enquanto a tela de Meirelles foi encomendada pela Academia Imperial de Belas Artes, com o objetivo de construir uma imagem que representasse a identidade nacional, no vitral da basílica carioca, construído em 1891, a representação pode ter sido uma tentativa de aproximação com os fiéis — ou mesmo com a nascente instituição da República brasileira, durante uma transição de poder, de forma que a obra seria dedicada a ressaltar a importância do papel da Igreja e do clero na construção da nação.

Figura 86 – Primeira Missa no Brasil – Pintura e vitral



Legenda: Esq.: “Primeira Missa no Brasil”, Victor Meirelles (1860), 270 x 357 cm, Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro (detalhe central); dir.: “Primeira Missa no Brasil”, vitral de Lucien Bégule (1891), basílica de Botafogo (imagem central do vitral)

Fonte: Esq.: Xexéo, 2008, p. 1; dir.: Colégio da Imaculada Conceição, 2024.

4.1.4 Narrativas voltadas a públicos específicos

Algumas representações não parecem se associar às questões discutidas acima, e sim constituir uma mensagem para públicos específicos. A Basílica da Imaculada Conceição traz uma inequívoca marca feminina tanto nos temas dos vitrais quanto na estatuária e conjunto escultórico, em que são encontradas várias imagens de santas e de Nossa Senhora. Nas outras duas igrejas, as únicas representações femininas são da Virgem Maria, como N. Sra. Mãe dos Homens, no altar-mor da igreja do Caraça, e como Imaculada Conceição, na basílica de Diamantina. Nessa última igreja, há, também, a imagem de Santa Margarida Maria d'Allacoque em um dos vitrais do altar, mas em função do foco da imagem, que é a representação do Sagrado Coração de Jesus.

A grande quantidade de imagens femininas na basílica do Rio, em especial mártires, talvez requeira uma interpretação mais específica, ligada ao público feminino composto das alunas que frequentavam a igreja logo que foi construída — em contraste com as duas outras, que foram construídas para os serviços religiosos de colégios de meninos ou de seminários de formação religiosa. Os vitrais localizados do lado da epístola contêm exclusivamente imagens femininas, da Virgem e de outras santas mártires. Nessa igreja, é indiscutível a importância da Virgem Maria, pois, como visto no item 1.1.2, Santa Luísa de Marillac havia professado uma fervorosa devoção mariana, inspirando, como fundadora, as Filhas da Caridade.

Quanto às mártires, Santa Cecília (cf. Glossário para mais detalhes) e Santa Filomena estão representadas no vitral da fachada principal (Figura 39 (18a) e (18b), respectivamente), mas também em estátuas nesse mesmo sítio (Figura 61 (11) e (13), respectivamente). Santa Filomena se encontra, ainda na relíquia abaixo do altar da ábside da nave lateral esquerda (Figura 70). Além delas, vemos a imagem de Santa Inês (cf. Glossário para mais detalhes) em uma estátua da fachada principal (Figura 62 (12)).

As três santas não têm relação direta com o Brasil nem com a Congregação da Missão, como ocorre com os mártires masculinos analisados anteriormente. Santa Cecília, Santa Filomena e Santa Inês são mártires do início da fé católica, anteriores ao século V d.C., cujas histórias de vida são bastante similares. Todas nasceram em famílias nobres e foram martirizadas por se recusarem a casar para que pudessem se dedicar de forma pura ao Senhor Cristo e pregar a fé católica. Ainda em comum, há o fato de que as três foram decapitadas após

sofrerem inúmeras torturas, das quais sobreviveram milagrosamente, segundo os relatos. A localização do vitral de Santa Cecília no coro pode nos recordar que ela é a protetora da música sacra, enquanto Santa Filomena poderia ser importante para as Filhas da Caridade por ter nomeado o externato fundado por elas em 1871 para atender crianças pobres¹⁸². Mas a repetição dessas imagens em vários locais da basílica carioca e as coincidências entre as histórias de vida das três santas convidam a uma reflexão mais ampla. Sobre isso, Conti (1983, p. 519; p. 521) comenta:

Hoje, a Igreja celebra a festa de Santa Cecília que foi uma das santas mais veneradas durante a Idade Média. O bispo Adelino, em seu livro *A virgindade*, diz que Cecília é a segunda, entre as virgens, depois de Nossa Senhora, porque ela guardou a virgindade, mesmo sendo desposada, e a sublimou com seu glorioso martírio. É, de fato, uma das poucas virgens que teve o privilégio de ter o próprio nome incluído no cânon da santa missa e é a santa que conta com o maior número de igrejas dedicadas a seu nome, em Roma.

Esse aspecto, que se repete na história das outras duas santas, pode indicar uma mensagem específica para alunas e para outras mulheres que frequentavam o espaço religioso. Santa Filomena é a protetora dos aflitos, dos jovens esposos e das mães estéreis que desejam a maternidade, enquanto Santa Inês é a padroeira da pureza, da castidade e, também, dos noivos. Suas histórias de vida apontam para uma ênfase em orientações morais, além de trazerem mensagens de conforto às mulheres, em particular, e à população, em geral, com exaltação da virgindade, do casamento e da maternidade.

Em trabalhos recentes, que discutem a participação feminina na produção e na recepção de arte, Pollock (2019, p. 128) utilizou a abordagem de investigar os espaços enquanto espaços sociais a partir dos quais se produz a representação e que afetam o ponto de vista do espectador na ocasião do consumo. Segundo essa visão, pode-se pensar que a basílica carioca seja um local de consumo de imagens histórica e socialmente construídas. Ainda segundo a autora (2019, p. 128):

Os espaços da feminilidade são aqueles a partir dos quais a feminilidade é vivida como posicionalidade no discurso e na prática social. Eles são o produto de um senso vivenciado de localização, mobilidade e visibilidade inerentes às relações sociais do olhar e ser olhado. Configuradas no contexto das políticas sociais do olhar, eles demarcam uma determinada organização social do olhar que, em contrapartida, garante uma determinada ordenação social da diferença sexual. A feminilidade é ao mesmo tempo a condição e o efeito.

¹⁸² Ver Apêndice A.

Considerando essas imagens como obras cuja recepção seria feita por um público majoritariamente feminino, cabe lembrar que, no momento histórico da construção da basílica carioca, os costumes familiares ainda eram extremamente rígidos em relação às mulheres. Vale recordar, ainda, como já comentado, que os religiosos da Congregação e das Filhas da Caridade adotavam uma visão conservadora e moralizante nesse sentido. Em relação à Santa Filomena, a sua descoberta e canonização, no século XIX, trouxe uma mensagem mais recente sobre pureza e castidade na adolescência, que dialoga diretamente com as alunas do colégio. É possível pensar, portanto, que essas imagens objetivavam uma recepção diferenciada pelo público feminino da basílica — lembrando que a maior parte das alunas do colégio pertencia à elite carioca do final do século XIX. Uma parcela menor do público era formada por meninas pobres, que, por meio da educação e do aprendizado de alguns trabalhos manuais ou intelectuais mais simples, conseguiriam entrar para o rol das “moças honestas e trabalhadoras”, para as quais os mesmos valores sociais eram válidos.

Analisando-se, então, a sociedade carioca da segunda metade do século XIX, embora as mulheres tivessem acesso a uma maior educação e circulação nas rodas sociais, podemos sustentar que o contexto social trazia características que limitavam muito a ação feminina (d’Incao, 1997, p. 230):

Considerada a base moral da sociedade, a mulher de elite, a esposa e mãe da família burguesa deveria adotar regras castas no encontro sexual com o marido, vigiar a castidade das filhas, constituir uma descendência saudável e cuidar do comportamento da prole.

Esse rigor tinha motivos bastante profundos, segundo a autora (1997, p. 235):

(...) os relatos dos cronistas, viajantes e historiadores do período nos exibem um quadro em que a menina ou a mulher candidata ao casamento é extremamente bem cuidada, é trancafiada nas casas etc. Não há como negar ou interpretar de outra maneira fatos tão conhecidos. Todavia, essa rigidez pode ser vista como o único mecanismo existente para a manutenção do sistema de casamento, que envolvia a um só tempo aliança política e econômica. Em outras palavras, nos casamentos das classes altas, a respeito dos quais temos documentos e informações, a virgindade feminina era um requisito fundamental. Independentemente de ter sido ou não praticada como um valor ético propriamente dito, a virgindade funcionava como um dispositivo para manter o status da noiva como objeto de valor econômico e político, sobre o qual se assentaria o sistema de herança de propriedade que garantia linhagem da parentela.

Outro ponto central e essencial para as mulheres da época consiste na questão da maternidade. Segundo d’Incao (1997, p. 229):

O casamento entre famílias ricas e burguesas era usado como um degrau de ascensão social ou uma forma de manutenção do status (...). Mulheres casadas ganhavam uma nova função: contribuir para o projeto familiar de mobilidade social através de sua postura nos salões como anfitriãs e na vida cotidiana, em geral, como esposas modelares e boas mães. Cada vez mais é reforçada a ideia de que ser mulher é ser quase integralmente mãe dedicada e atenciosa, um ideal que só pode ser plenamente atingido dentro da esfera da família “burguesa e higienizada”. Os cuidados e a supervisão da mãe passam a ser muito valorizados nessa época, ganha força a ideia de que é muito importante que as próprias mães cuidem da primeira educação dos filhos e não os deixem simplesmente soltos sob influência de amas, negras ou “estranhos” “moleques” da rua.

Em seu ensaio sobre a educação das mulheres no Rio de Janeiro do final do século XIX e o papel de uma nascente imprensa feminina, Bicalho (1989, p. 90-91) faz constatação semelhante, mostrando como esse cenário, simultaneamente, libertava e acorrentava as mulheres:

Sobre a importância da mulher para a família e conseqüentemente para a sociedade, abundam as considerações da imprensa feminina. No entanto, esse poder atribuído à mulher pela opinião pública da época é uma faca de dois gumes. A mulher torna-se fonte não só de ordem como também de desordem. De seu comportamento, ou melhor, de sua virtude passam a depender a integridade da família e a felicidade do marido e dos filhos. Esse discurso, se por um lado tem como objetivo a elevação moral da mulher e um maior respeito pelos seus direitos na família e na sociedade, por outro visa a normatização do comportamento feminino. À sua conduta são atribuídos os destinos de cada um dos membros da família.

As freiras representam um contraponto paradoxal à essa visão da mulher na sociedade burguesa carioca do final do século XIX. Apesar da estrutura hierárquica da Igreja Católica, em que as freiras estão submetidas aos padres¹⁸³, Nunes (1997, p. 482-483) ressalta uma ambigüidade no papel dessas mulheres:

Nem por isso as religiosas podem ser tomadas por passivas receptoras do discurso masculino e seguidoras fiéis de práticas determinadas por eles. Tampouco constituem um grupo totalmente homogêneo, respondendo de maneira unívoca às exortações eclesiais. As reações das congregações e das religiosas mesmas foram variadas no decorrer do tempo e mostram bem as margens de ação dos sujeitos implicados no jogo das relações sociais (...) A história da vida religiosa feminina no Brasil é marcada por submissão e transgressões, passividade e criatividade.

¹⁸³ Este fato foi um pouco modificado no Concílio Vaticano II, realizado de 1962 a 1965 (Nunes, 1997, p. 482).

Em termos práticos, elas tinham funções sociais públicas nas áreas da educação, saúde e assistência social. Nunes (1997, p. 494) comenta que, na segunda metade do século XIX, apesar da forte rejeição dos liberais, opositores ferozes do conservadorismo católico, as congregações fundaram seus colégios e conquistaram espaços sociais cada vez maiores, com o apoio do governo e motivadas pelo interesse da Igreja no campo da educação. Ainda nessa época, religiosas e religiosos detinham praticamente o monopólio da educação no Brasil: das 4.600 escolas secundárias existentes, 60% pertenciam à Igreja e gozavam de enorme prestígio.

Além da educação dos filhos, as religiosas mobilizaram um contingente de mulheres para associações femininas de piedade. Consequentemente, pode ser observado um quadro social contraditório: por meio dessas entidades, as mulheres acabavam alcançando uma maior presença e um certo reconhecimento no espaço religioso. A criação de instituições de assistência aos doentes, crianças e velhos possibilitou que muitas mulheres alargassem seu campo de atividades. Era um dos poucos lugares que uma “mulher de família” podia frequentar, o que fez com que se tornassem um ponto de encontro para elas. De uma forma paradoxal, comenta Nunes (1997, p. 494):

Assim, consciente ou inconscientemente, as religiosas prepararam outras mulheres para contestarem o lugar que lhes era tradicionalmente atribuído na sociedade, ainda que continuassem a veicular em seu discurso religioso uma visão tradicional do papel social feminino.

A autora (1997, p. 494) defende, ainda, que essas religiosas, ao atuarem na direção de colégios, hospitais e “obras de caridade”, criaram uma certa autonomia e a possibilidade do exercício de alguma forma de poder, já que administravam recursos financeiros, direcionavam atividades com relativa independência, desenvolviam capacidade de liderança e exerciam cargos de chefia. Por outro lado, no espaço conservador da Igreja Católica, não podia surgir um poder feminino realmente independente da Igreja ou da família. Essa mulher piedosa, valorizada nesse ambiente, torna-se uma peça importante para a reforma institucional da Igreja na época, mas permanece restrita às atividades religiosas cotidianas, o que limita as possibilidades de que poderiam desfrutar nesses espaços de sociabilidade feminina, em termos de sua inserção na sociedade e da mudança de seu estatuto social.

Os colégios religiosos fornecem uma educação de caráter fortemente conservador, centrada na manutenção do modelo familiar cristão tradicional, que, enfatizando a castidade, reafirma os valores morais da sociedade da época. Ao mesmo tempo, esse discurso traz outro ponto paradoxal, como comenta Nunes (1997, p. 495):

As devoções difundidas a partir das escolas e das novas associações religiosas, das quais as mulheres são as maiores divulgadoras, têm na supervalorização da figura da Virgem Maria uma de suas principais características. O simbolismo da figura de Maria, virgem e mãe, é marcante para as mulheres; concentra uma ambiguidade extrema pela valorização concomitante da virgindade e da maternidade. Erigindo a virgindade em culto, é o controle da sexualidade feminina e a normatização dos comportamentos sexuais que a Igreja visa.

As características das sociedades religiosas descritas por Nunes (1997) se alinham perfeitamente ao papel exercido pela Companhia das Filhas da Caridade. Assim, as imagens representadas na basílica de Botafogo devem ser analisadas dentro de tal contexto histórico e sociocultural. O Rio de Janeiro culto e abastado, que podia colocar suas filhas em um colégio prestigiado como o da Imaculada Conceição, o fazia porque, além de uma boa educação, o colégio seguiria esses mesmos padrões morais, conservadores e rígidos, necessários à manutenção do *status quo* social da época.

Dito isso, podemos analisar algumas imagens da basílica carioca no contexto histórico e social apresentado acima. A castidade, valor fundamental para as mulheres do início da fé católica, foi transposto para as meninas de um colégio do final do século XIX no Rio de Janeiro. Naturalmente, a mensagem da castidade, bastante adequada à sociedade carioca da época, também é uma característica fundante da instituição católica válida para todos, mas, em especial, às mulheres, vistas como esposas de Cristo.

No que tange a Santa Filomena, seu culto e canonização ocorreram no século XIX; tratava-se, assim, de uma santa presente nas discussões eclesiais no período da construção da basílica. Essa nova figura de santa trouxe para as frequentadoras do local, principalmente para as alunas do colégio, uma mensagem mais recente sobre pureza e castidade na adolescência. A interseção milagrosa da santa em relação a aflitos e a jovens esposos, bem como a concessão da maternidade a mulheres estérteis que desejavam filhos, está em consonância com a colocação de d'Incao (1997) sobre a grande importância da maternidade e do cuidado com os filhos pelas mulheres da elite carioca do final do século XIX. A outra mártir representada na fachada principal da basílica, Santa Inês, reafirma essa mensagem por ser a padroeira da pureza, da castidade e dos noivos.

O paradoxo entre maternidade e virgindade pode ser identificado na devoção à Imaculada Conceição e no próprio nome do colégio. Tal ideia é reforçada pela imagem do vitral dedicado à proclamação do dogma da Imaculada Conceição pelo Papa Pio IX — dogma

estabelecido em 1854 por uma promulgação do Papa Pio IX, sendo um tema muito contemporâneo da criação do colégio e ainda importante durante a construção da basílica.

Em relação à estatuária externa, a localização das imagens femininas nos pináculos mais baixos da fachada, em comparação com os santos masculinos, colocados em posição mais alta e próximos do Sagrado Coração de Jesus, pode indicar uma posição inferior das Filhas da Caridade em relação aos padres, dentro da hierarquia religiosa da Congregação. Ao mesmo tempo, tal posição hierárquica inferior parece ser contestada pelas Filhas da Caridade, numa vontade de independência. Como comentou Nunes (1997), as freiras se diferenciavam das mulheres da elite, no final do século XIX, pois, enquanto estas permaneciam no espaço doméstico, aquelas tinham um intenso trabalho social, que podia ser educacional, de cuidados de saúde ou de atendimento a idosos, crianças e pessoas desvalidas. Eram elas quem geriam os espaços institucionais de cuidados. Talvez esse desejo de independência e valor esteja simbolizado pela quantidade de freiras e religiosas representadas na basílica carioca — algumas delas pertencentes à própria Companhia das Filhas da Caridade.

4.2 **Análise do ambiente construído**

Neste item, faço um pequeno ensaio sobre a percepção de dois sujeitos em relação às três igrejas, usando, para tanto, algum ferramental da disciplina de ambiente construído. Essa vertente me permitiu ampliar a análise das igrejas para além dos aspectos construtivos e decorativos estudados anteriormente. A forma como os sujeitos percebem os espaços do ponto de vista vivencial agrega à análise os elementos perceptivos, cognitivos e emocionais, não considerados nas abordagens anteriores.

4.2.1 Alguns aspectos teóricos

O conceito de ambiente construído ou ambiente vivenciado tem se consolidado teoricamente desde o final do século passado, em uma complexa interface interdisciplinar que envolve, sobretudo, a arquitetura, a psicologia e a ergonomia. Aliata, Rosenfeld e Sessa (1999, p. 75) trouxeram essa discussão, atentando para a ampliação e para a complexificação da

atividade do profissional da arquitetura. Os autores abordam a questão de como ciência e arte, anteriormente vistos como opostos — uma precisa, rigorosa e definida, e outra, intuitiva e sensorial —, articulam-se e se complementam nessa nova abordagem dos ambientes construídos, levando a uma discussão conceitual dentro do campo da arquitetura (1999, p. 76).

As primeiras discussões teóricas evoluíram para abordagens que reúnem o pragmatismo científico usual da tradição arquitetônica a áreas do conhecimento mais voltadas ao homem e às ciências humanas, como a psicologia. Metodologias baseadas nessa abordagem teórica têm gerado resultados práticos na intervenção em ambientes já existentes ou na construção de novos (Niemeyer, 2018; Niemeyer e Niemeyer, 2020). Essa corrente de pensamento também está presente na discussão sobre espaços de religiosidade (Oliveira, 2012), em que a ênfase principal recai na geografia cultural, outra vertente do conhecimento científico que se beneficiou do conceito de ambiente construído e de seu ferramental teórico.

A semente da ideia do que, hoje, conhecemos como ambiente construído é, porém, bem mais antiga e pode ser encontrada, na arquitetura, em paralelo com o próprio pragmático movimento modernista. Zevi (2009) já criticava o erro na postura filosófica dos estudos sobre arquitetura, que se dividiam entre uma visão arqueológica-histórica sem vitalidade, própria da arquitetura tradicional, e uma visão funcionalista e racionalista da arquitetura contemporânea do pós-Segunda Guerra. Em seu livro *Saber ver a arquitetura* (2009), escrito em 1948, o autor aponta para uma abordagem menos estética e visual e mais vivencial, enfatizando que a essência da arquitetura é o espaço, e não a decoração desse espaço. Segundo ele, os críticos e historiadores da arte usavam, para a análise da arquitetura, incorretamente, os mesmos critérios adotados para a pintura e para a escultura. Além disso, o espaço arquitetônico deveria ser vivido, o que requer tempo para percorrer a obra arquitetônica.

Zevi (2009) entende, ainda, a história da arquitetura como a história das concepções espaciais. Assim, o julgamento sobre uma boa ou má arquitetura deve recair na avaliação positiva ou negativa do espaço interior, podendo ser considerada ruim mesmo que seus elementos decorativos sejam dados como bons trabalhos de pintura ou escultura. A apreciação estética de uma construção deveria então considerar o seu valor arquitetônico acrescido de fatores acessórios, como quadros, mosaicos, afrescos ou esculturas. A este conjunto de variáveis, devemos acrescentar os processos históricos daquela sociedade, tais como condições sociais, capacidade técnica, aspirações, crenças religiosas e outras.

Pouco mais de duas décadas depois, um outro trabalho, *Topofilia*, do geógrafo sino-americano Tuan (1980) — cujo original, em inglês, data de 1974 —, trouxe importantes

contribuições para esse campo de estudo. Enquanto geógrafo, estava interessado na percepção dos homens sobre o meio ambiente, bem como em compreender como o homem é afetado por ele. Segundo o autor, essa relação é baseada em aspectos perceptivos e afetivos individuais e em fatores sociais e culturais, o que expande muito a visão arquitetônica tradicional sobre os espaços, ainda que se considere uma abordagem um pouco mais ampla, como a de Zevi. Em seu livro, Tuan analisou em detalhes os fatores que poderiam levar um humano a sentir afinidade ou repulsa por um ambiente, entre os quais as características gerais de percepção da espécie, limitadas por nossos aparelhos de visão, audição, olfato, paladar e tato. Menciona, ainda, características individuais que nos diferenciam de outro ser humano, como idade e gênero, e, por fim, analisa como os condicionantes culturais são capazes de afetar a percepção de um ambiente. O autor conclui, então, que o ser humano é um organismo biológico, um ser social e um indivíduo único e que a percepção, atitude e valor refletem esses três níveis. A cultura e o meio ambiente privilegiam alguns sentidos em detrimento de outros — e nossa cultura ocidental dá grande ênfase à visão, o sentido mais rápido. O olfato e o tato, relegados a um plano menos importante, têm ritmo mais lento e se caracterizam, basicamente, pelo despertar de emoções. Finaliza dizendo que todos os seres humanos compartilham atitudes e perspectivas comuns, mas que cada pessoa carrega uma visão única do mundo. Segundo Niemeyer e Niemeyer (2020, p. 2):

Tuan (1980), ao estudar a relação entre pessoas e os lugares, perpassando pela percepção e representação espacial, descreve e nomeia essa vivência perceptiva como “sentimento de topofilia” fundamentado em elementos que despertam percepções cognitivas, sejam elas negativas ou positivas em relação ao lugar. Estudo esse que contribuiu para com o entendimento que temos hoje da dicotomia entre “lugar”, entendido como recinto carregado de afetividade e “espaço”, recinto indiferenciado e vago, gerando distinções opostas pela capacidade de prover experiências sensoriais distintas personificadas em sentidos de pertencimento, atratividade, proteção, segurança, privacidade, preservação e outros.

Não foi difícil transpor alguns desses conceitos dos ambientes naturais para os arquitetônicos. Conseqüentemente, tal área do conhecimento, além da ergonomia, beneficiou-se da ampliação desse escopo na análise de ambientes de trabalho (Niemeyer e Niemeyer, 2020) e de outros ambientes criados pelo homem.

Cerca de duas décadas após o trabalho de Tuan, em 1996, Pallasmaa, importante arquiteto finlandês, escreveu uma outra obra que se tornaria um clássico para o ensino atual da arquitetura, *Os olhos da pele* (2012), que também faz uma séria crítica à arquitetura modernista, preocupada apenas com o visual em detrimento dos outros sentidos. Nesse texto essencial,

Pallasmaa retoma parcialmente o que Zevi já havia comentado meio século antes, aprofundando ainda mais a importância dos sentidos na apreciação da arquitetura ao afirmar que um ambiente deve ser vivenciado de forma completa, pela utilização de todos os sentidos (1996, p. 60):

Uma edificação não é um fim por si só; ela emoldura, articula, estrutura, dá importância, relaciona, separa e une, facilita e proíbe. Assim, experiências autênticas de arquitetura consistem, por exemplo, em abordar ou confrontar uma edificação, em vez de se apropriar formalmente de uma fachada; em olhar para dentro ou para fora de uma janela, em vez de olhar a janela em si como um objeto material; ou de se ocupar o espaço aquecido, em vez de olhar a lareira como um objeto de projeto visual. O espaço arquitetônico é um espaço vivenciado, e não um mero espaço físico, e espaços vivenciados sempre transcendem a geometria e a mensurabilidade.

Como conclusão, Pallasmaa reflete sobre o papel da arquitetura na vivência humana, incluindo o humano no processo arquitetônico quando afirma (2012, p. 67-68):

A função atemporal da arquitetura é criar metáforas existenciais para o corpo e para a vida que concretizem e estruturem nossa existência no mundo. A arquitetura reflete, materializa e torna eternas as ideias e imagens da vida ideal. As edificações e cidades nos permitem estruturar, entender e lembrar o fluxo amorfo da realidade e, em última análise, reconhecer e nos lembrar de quem somos. A arquitetura permite-nos perceber e entender a dialética da permanência e da mudança, nos inserir no mundo e nos colocar no *continuum* da cultura e do tempo.

(...) Qualquer experiência implica atos de recordação, memória e comparação. Uma memória incorporada tem um papel fundamental como base da lembrança de um espaço ou um lugar. Transferimos todas as cidades e vilas que já visitamos, todos os lugares que reconhecemos, para a memória encarnada de nossos corpos.

(...) Em experiências memoráveis de arquitetura, espaço, matéria e tempo se fundem em uma dimensão única, na substância básica da vida, que penetra em nossas consciências. Identificamo-nos com esse espaço, esse lugar, esse momento, e essas dimensões se tornam ingredientes de nossa própria existência. A arquitetura é a arte de nos reconciliar com o mundo, e esta mediação se dá por meio dos sentidos.

A utilização da abordagem do ambiente, construído nos estudos arquitetônicos, requer a inclusão de uma outra área do conhecimento, a psicologia, historicamente envolvida com os estudos da percepção humana — o que ocorreu pela ascensão de uma área específica, denominada psicologia ambiental. O objeto de pesquisa desse ramo da psicologia, segundo Corral-Verdugo, é investigar como se dá “a mútua influência de fatores ambientais e comportamentais no enfoque de problemas específicos e de suas soluções” (2005, p. 71-72). Assim, trata-se de:

uma área aplicada da ciência psicológica à análise do ambiente construído cujo objetivo é entender aspectos relacionais entre o sujeito e seu ambiente e como isso pode impactar nosso comportamento face as respostas sensoriais e emocionais geradas por esta interface (Niemeyer, 2018, p. 45).

A forma de levantar a percepção do sujeito sobre o ambiente construído é bastante variada, tendo sido abordada em muitos trabalhos, entre os quais o de Pinheiro e Günther (2008), que traz uma extensa compilação sobre o tema.

Comento, a partir de agora, o trabalho de Oliveira, Rangel e Mont'Alvão (2013), que realizaram uma panorâmica das metodologias aplicadas à ergonomia a partir dos métodos identificados em artigos publicados entre 2008 e 2012 como fruto dos dois principais eventos científicos da área no Brasil. Os autores observaram que o:

uso maior dos métodos e técnicas nas intervenções no ambiente construído está pautado em multimétodos e referem-se ao uso de observações (assistêmicas e sistemáticas), inquirições (questionário e/ou entrevista), registros fotográficos¹⁸⁴, além de uma ou duas técnicas que se adéquem ao objeto pesquisado (Oliveira, Rangel e Mont'Alvão, 2013, p. 11).

Do trabalho de Oliveira, Rangel e Mont'Alvão (2013), o ponto relevante para o presente estudo são as ferramentas para a percepção dos sujeitos sobre o ambiente, que é, também, o ponto de partida para os estudos em arquitetura e ergonomia que se destinam, por exemplo, à criação ou à adaptação de ambientes. A *constelação de atributos* tem sido, segundo os autores, a ferramenta mais utilizada nessa etapa do trabalho, que eles consideram bastante útil para a investigação da percepção do sujeito “pois busca pelo conhecimento da consciência psicológica dos usuários em relação ao espaço” (Oliveira, Rangel e Mont'Alvão, 2013, p. 13). A primeira etapa da aplicação desse método envolve duas perguntas: “quais as imagens ou ideias que lhe vem à cabeça quando você pensa em... (objeto ou tema real)?”, cujo objetivo está em captar as impressões sobre o ambiente real em estudo. Segundo Niemeyer (2018, p. 47), essa indagação pode captar uma opinião concreta, filtrada de idealizações impessoais que permeiam a pergunta sobre o ambiente idealizado. A segunda questão seria “quais as imagens ou ideias que lhe vem à cabeça quando você pensa no(a)... (objeto imaginário)?” (Oliveira, Rangel e Mont'Alvão, 2013, p. 13), a qual remete ao campo imaginário e pretende compreender os desejos e os anseios, em relação ao objeto questionado, que, do ponto de vista do sujeito, sejam muito agradáveis. É interessante notar que a aplicação do método por Niemeyer (2018) trata as duas

¹⁸⁴ Cavalcante e Maciel (2008) propõem que, se não for possível que todos os sujeitos experimentem fisicamente o ambiente, é possível usar imagens coletadas nos próprios ambientes, criteriosamente selecionadas, para que sejam apresentadas aos sujeitos que participarão do experimento de percepção. CAVALCANTE, M.; MACIEL, R. H. Métodos de avaliação da percepção ambiental. In: PINHEIRO, J. Q. (org.); **Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. p. 149-180.

perguntas em ordem inversa à apresentada por Oliveira, Rangel e Mont'Alvão (2013), de tal forma que, primeiro, pergunta-se sobre uma percepção a respeito de um objeto idealizado e, depois, sobre o objeto real.

A segunda parte do método consiste em um tratamento estatístico das respostas dadas pelos sujeitos que participaram da pesquisa. Oliveira, Rangel e Mont'Alvão (2013) comentam algumas vantagens do método, como sua facilidade de aplicação e a riqueza de informações obtidas em função da forma como as perguntas são formuladas para os sujeitos. Por outro lado, como desvantagens, elencam a impossibilidade de separar as questões afetivas ligadas ao objeto de pesquisa e de isolar o ambiente estereotipado do ambiente objetivo. Além disso, o método deve ser aplicado com um número de sujeitos grande o suficiente para assegurar representatividade estatística aos resultados das respostas coletadas.

Niemeyer (2018) e Niemeyer e Niemeyer (2020) utilizaram o método da *constelação de atributos* ou *qualificativos associados*, a partir de uma massa estatisticamente significativa de pessoas, para obter as percepções mais frequentes dos sujeitos sobre os ambientes em estudo. Tomando como base o trabalho desses pesquisadores, propus um pequeno ensaio, no qual também apliquei a parte inicial do método da *constelação de atributos* para o levantamento da percepção dos sujeitos sobre os ambientes, optando por utilizar a ordem das perguntas adotada por esses autores, isto é, partindo das percepções idealizadas para as percepções dos ambientes reais.

Por fim, um aspecto muito relevante no presente estudo diz respeito ao tipo de espaço estudado. Aqui, são colocadas em cena variáveis essenciais, pois não se trata apenas da percepção de um espaço sobre o ponto de vista do gosto pessoal, conforto ambiental ou aspecto utilitário, mas de um espaço carregado de aspectos simbólicos, ligados à cultura do catolicismo e que, portanto, devem ser tratados de forma ainda mais singular. Para tornar mais clara a grande diferença entre os espaços religiosos e o de outros tipos de construções, podemos utilizar os conceitos do historiador e filósofo das religiões Mircea Eliade, que estudou as diferenças entre o sagrado e o profano, tratados nas dimensões do tempo e do espaço:

Ora, a primeira definição que se pode dar ao sagrado é que ele se opõe ao profano. (...) O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano. A fim de indicarmos o ato da manifestação do sagrado, propusemos o termo hierofania. Este termo é cômodo, pois não implica nenhuma precisão suplementar: exprime apenas o que está implicado no seu conteúdo etimológico, a saber, que algo de sagrado se nos revela. (...) A partir da mais elementar hierofania – por exemplo, a manifestação do sagrado num objeto qualquer, uma pedra ou uma árvore – e até a hierofania suprema, que é, para um cristão, a encarnação de Deus em Jesus Cristo, não existe solução de continuidade.

Encontramo-nos diante do mesmo ato misterioso: a manifestação de algo “de ordem diferente” – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo “natural”, “profano” (Eliade, 1992, p. 12-13).

Especificando um pouco melhor, Rosendahl (2002 *apud* Oliveira, 2012, p. 149) afirma que o espaço sagrado seria:

(...) um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência. É por meio dos símbolos, dos mitos e dos ritos que o sagrado exerce sua função de mediação entre o homem e a divindade. E é o espaço sagrado, enquanto expressão do sagrado, que possibilita ao homem entrar em contato com a realidade transcendente chamada deuses, nas religiões politeístas, e Deus, nas monoteístas.

Eliade (1992, p. 59) comenta, ainda, como a Natureza é impregnada do sagrado para o homem religioso:

Para o homem religioso, a Natureza nunca é exclusivamente “natural”: está sempre carregada de um valor religioso. Isto é facilmente compreensível, pois o Cosmos é uma criação divina: saindo das mãos dos deuses, o Mundo fica impregnado de sacralidade. Não se trata somente de uma sacralidade comunicada pelos deuses, como é o caso, por exemplo, de um lugar ou um objeto consagrado por uma presença divina. Os deuses fizeram mais: manifestaram as diferentes modalidades do sagrado na própria estrutura do Mundo e dos fenômenos cósmicos.

Ainda segundo o autor, outra característica do espaço sagrado é o fato de não ser homogêneo, mas uma porção de espaço qualitativamente diferente de outras, por ter um “ponto fixo”: “Quando o sagrado se manifesta por uma hierofania qualquer, não só há rotura na homogeneidade do espaço, como também revelação de uma realidade absoluta, que se opõe à não realidade da imensa extensão envolvente” (Eliade, 1992, p. 17). Uma igreja seria, então, um exemplo dessa não homogeneidade do espaço sagrado:

Para um crente, essa igreja faz parte de um espaço diferente da rua onde ela se encontra. A porta que se abre para o interior da igreja significa, de fato, uma solução de continuidade. O limiar que separa os dois espaços indica ao mesmo tempo o limite, a baliza, a fronteira que distinguem e opõem dois mundos – e o lugar paradoxal onde esses dois mundos se comunicam, onde se pode efetuar a passagem do mundo profano para o mundo sagrado (Eliade, 1992, p. 19).

Eliade discute, também, alguns simbolismos sobre o espaço sagrado na religião católica (1992, p. 35):

A Jerusalém celeste foi criada por Deus ao mesmo tempo que o Paraíso, portanto *in aeternum*. A cidade de Jerusalém não era senão a reprodução aproximativa do modelo transcendente: podia ser maculada pelo homem, mas seu modelo era incorruptível, porque não estava implicado no Tempo.

E, por extensão, tais características simbólicas são estendidas aos espaços religiosos católicos em geral:

A basílica cristã, e mais tarde a catedral, retoma e prolonga todos esses simbolismos. Por um lado, a igreja é concebida como imitação da Jerusalém celeste, e isto desde a antiguidade cristã; por outro lado, reproduz igualmente o Paraíso ou o mundo celeste (Eliade, 1992, p. 35).

Embora a abordagem teórica do ambiente construído seja muito posterior às construções estudadas neste trabalho, os conceitos discutidos parecem possantes para ampliar o entendimento histórico-cultural sobre os estudos de caso tratados: a arquitetura neogótica realizada pela Família Vicentina no Sudeste brasileiro do século XIX. A experiência vivencial nessas igrejas, ainda que tão distante do momento de suas construções, pode indicar intenções até inconscientemente buscadas quando da construção de cada uma delas, considerando que se tratam de espaços de manifestação do sagrado. Tal abordagem permite aprofundar a discussão em torno desses espaços religiosos para além das questões puramente formais de padrão arquitetônico e dos aspectos decorativos do ambiente, abarcando nuances pouco consideradas, como a luminosidade ou os aspectos afetivos desencadeados pela vivência.

4.2.2 Experimento sobre o ambiente construído das três igrejas

O ferramental teórico discutido no item anterior pode ser aplicado a uma análise conjunta das três igrejas estudadas, mas, por se tratar de um vasto ramo do conhecimento, o presente trabalho irá se limitar a uma brevíssima incursão no tema — o que será feito por meio de um pequeno ensaio, que pode, contudo, ajudar a compreender algumas informações discutidas anteriormente.

Também, de forma diferente dos profissionais e pesquisadores da área de arquitetura e ergonomia, que utilizam tais ferramentas no projeto ou para a adequação de ambientes já construídos a seus propósitos funcionais, o objetivo deste estudo consiste em apenas marcar

semelhanças ou diferenças perceptivas entre as três igrejas da Família Vicentina, construídas em períodos históricos e conforme projetos de arquitetura bastante próximos.

A realização de um experimento completo de percepção do ambiente, de acordo com as metodologias da psicologia ambiental, apresentadas no item 4.2.1, seria inviável no presente trabalho em função de alguns fatores:

- Como as três igrejas estudadas se encontram em diferentes cidades, os sujeitos que as frequentam habitualmente não são os mesmos. Um experimento com tais pessoas mostraria apenas a percepção ambiental dos espaços frequentados, mas não permitiria compará-los;
- A realização do experimento com um conjunto estatisticamente significativo de sujeitos (pelo menos trinta), que visitariam as três igrejas, é inviável por questões de custo, praticidade e logística para mobilização do grupo;
- Os testes envolvendo a apresentação de fotografias, proposto por Cavalcante (2008), seriam simulações que, na minha avaliação, não conduziram a uma ideia completa desses espaços. Por se tratar de espaços religiosos, cujas percepções se relacionam a crenças e sentimentos para além da ocupação funcional, acredito que os resultados seriam muito empobrecidos.

Por outro lado, a minha percepção pessoal, como visitante eventual das três igrejas, pareceu-me muito enviesada para que fizesse parte de uma proposição acadêmica. Optei, então, por analisar comparativamente esses espaços religiosos a partir de minha observação pessoal e da de uma segunda pessoa, que também os visitou. Esse segundo sujeito apresenta características pessoais próximas às minhas: nacionalidade brasileira, idade entre 60 e 70 anos, gênero feminino, cor branca, formação católica, nível de escolaridade superior e classe social média. Utilizei a primeira parte da ferramenta da constelação de atributos, realizando as duas perguntas na ordem preconizada por Niemeyer (2018) — primeiro, a pergunta sobre a igreja ideal e, depois, sobre as igrejas reais.

Com base nas colocações críticas do artigo de Oliveira, Rangel e Mont’Alvão (2013, p. 14), cabe a ressalva de que o número extremamente reduzido de sujeitos respondentes no presente ensaio é capaz de levar a resultados enganosos. No entanto, como a frequência das observações é relevante, as coincidências de respostas podem apontar para percepções menos enviesadas pela subjetividade do entrevistado, ao menos para um grupo de sujeitos com

características pessoais semelhantes às dos dois sujeitos respondentes. Outras críticas levantadas nesse mesmo artigo indicam que a ferramenta não é capaz de afastar o objeto pesquisado da ideia de afetividade — o que não chega a ser um problema se considerarmos que, para os estudos de caso do presente trabalho, as três igrejas da Família Vicentina, é quase impossível afastar a afetividade, por serem locais de fé e crenças católicas. Outro ponto frágil do teste está no fato de as duas pessoas serem visitantes ocasionais, e não efetivas frequentadoras dos espaços, que participam de missas ou o utilizam para fazer orações. Contudo, acredito que, mesmo este ensaio bastante limitado, pode trazer informações sobre como cada uma das três igrejas afeta perceptivamente seus visitantes e frequentadores.

As perguntas formuladas, na ordem de apresentação foram:

- Pergunta 1: Que imagens ou ideias lhe vêm à cabeça quando você pensa em uma igreja católica?
- Pergunta 2: Que imagens ou ideias lhe vêm à cabeça quando você pensa nesta igreja católica (pensar em cada uma das igrejas visitadas separadamente)?

Para não contaminar as minhas respostas, respondi as questões antes de ter acesso às respostas do outro sujeito. Apesar de não ter sido possível realizar o tratamento estatístico prescrito pela ferramenta, algumas observações interessantes foram levantadas e estão consolidadas no Quadro 9. Nas primeiras duas colunas, estão apresentados os atributos de uma igreja católica ideal e, nas outras colunas, os atributos percebidos em cada uma das igrejas estudadas.

Quadro 9 - Percepção ambiental dos dois sujeitos em relação às três igrejas estudadas¹⁸⁵

	IGREJA IDEAL		N. SRA. MÃE DOS HOMENS – SANTUÁRIO DO CARAÇA		SAGRADO CORAÇÃO – DIAMANTINA		IMACULADA CONCEIÇÃO – RIO DE JANEIRO	
	SUJEITO 1	SUJEITO 2	SUJEITO 1	SUJEITO 2 ¹⁸⁶	SUJEITO 1	SUJEITO 2	SUJEITO 1	SUJEITO 2
CARACTERÍSTICAS	<ul style="list-style-type: none"> - Simplicidade - Despojamento - Detalhes de bom gosto (meu critério) - Tranquilidade (para elevar o pensamento e até meditar sem se perder observando detalhes) - Claridade - Homogeneidade de padrão 	<ul style="list-style-type: none"> - Tranquilidade - Silêncio - Claridade - Simplicidade 	<ul style="list-style-type: none"> - Introspecção - Peso do sofrimento - Rigor - Austeridade - Reflexão interna - Busca do Divino dentro de cada um 	<ul style="list-style-type: none"> - Austeridade (A) - Frieza (construção em pedra) - Silêncio (A) - Escuridão relativa (D) - Verticalidade (A) - Ordem e controle (pela organização regular de altares e janelas) 	<ul style="list-style-type: none"> - Leveza - Paz - Alegria - Deslumbramento ante a presença divina 	<ul style="list-style-type: none"> - Claridade (A) - Movimento de pessoas (barulho) (D) - Verticalidade (A) - Regularidade e ordenação dos elementos - Austeridade com luminosidade (conjunto vitral) (A) 	<ul style="list-style-type: none"> - Requite - Austeridade - Sobriedade - Excesso (no meu entender) - Reflexão - Estupenda (a mais próxima das igrejas góticas europeias que eu visitei, externamente e algumas também internamente) 	<ul style="list-style-type: none"> - Escuridão (D) - Suntuosidade (decoração luxuosa e carregada de detalhes) (D) - Silêncio (A) - Excesso de narrativas iconográficas e iconografia confusa nos altares (D) - Verticalidade (A)

¹⁸⁵ A relação das impressões segue a mesma ordem apresentada pelos dois sujeitos que responderam às perguntas.

¹⁸⁶ O sujeito 2 classificou algumas das percepções sobre cada igreja como agradável (A) ou desagradável (D).

Como seria esperado, por serem ambientes católicos avaliados por dois sujeitos também católicos, suas percepções estão muito impregnadas das questões simbólicas do catolicismo. Quanto aos atributos da igreja católica ideal, o primeiro ponto que chama a atenção é o fato de os dois sujeitos terem elencado três iguais: simplicidade, tranquilidade e clareza. Em relação aos demais aspectos, um sujeito privilegiou mais as características sonoras, e o outro, as visuais. Esse foco maior em um sentido perceptivo se estendeu, ainda, à análise dos ambientes reais.

O sujeito 1 iniciou suas respostas, sobre o que seria a igreja ideal, com uma colocação bastante ampla: “A igreja ideal é a lembrança de todos os templos que já visitei, de todos os estilos”. Aqui fica clara a colocação de Pallasmaa (2012, p. 67-68) sobre a importância da memória e do corpo nas experiências com espaços vivenciados:

Qualquer experiência implica atos de recordação, memória e comparação. Uma memória incorporada tem um papel fundamental como base da lembrança de um espaço ou um lugar. Transferimos todas as cidades e vilas que já visitamos, todos os lugares que reconhecemos, para a memória encarnada de nossos corpos.

No que se refere às igrejas reais, os dois sujeitos tiveram percepções relativamente similares: a igreja do Caraça foi percebida como austera, “fria”, “pesada”, ligada ao sofrimento, mas adequada a uma reflexão interna. A principal característica comentada sobre a basílica de Diamantina diz respeito à sua luminosidade, tendo, de forma contrária à do Caraça, inspirado sentimentos de alegria e leveza no sujeito 1. Já o aspecto mais marcante da basílica do Rio de Janeiro foi a sua suntuosidade, associada pelos sujeitos a um excesso decorativo de qualificação negativa — muito embora tenha sido reconhecida como a mais bonita e mais próxima das catedrais góticas europeias tradicionais.

Partindo da discussão sobre o sagrado e o profano, presente no item 4.2.1, pode-se dizer que, talvez em função da formação religiosa dos dois sujeitos que realizaram o experimento, a questão do sagrado esteve fortemente vinculada às igrejas visitadas. Além disso, os aspectos simbólicos, como a associação da luz com o divino, ficaram evidentes nos comentários, que enfatizam a luminosidade:

Sujeito 1:

- Sobre as igrejas estudadas: “Cada uma delas mostra um aspecto considerado necessário para se chegar à iluminação, ao DIVINO!”

- Sobre a Basílica de Diamantina: “Ao entrar na igreja, e eu fui lá em diversas ocasiões para fotografar a luminosidade, fui impactada por uma leveza, luz que entrava pelos vitrais como uma ode à alegria, um perpétuo arco-íris, honrando o Deus que está em todo lugar.”

Sujeito 2:

- Sobre a igreja do Caraça: “Não muito iluminada: paredes brancas clareiam, mas chão escuro e pilares em pedra marrom e verde escura fecham o ambiente; escura também por só ser iluminada no horário da missa.”
- Sobre a basílica de Diamantina: “Clareza (boa ambientação para a oração). Maior área de vitrais por superfície vertical total da igreja. Pintura em tom de pêssego-claro com pilares e outros elementos também pintados de branco, havendo apenas pequenos detalhes em dourado-escuro, que ajudam a aumentar a luminosidade da igreja. Muitos efeitos luminosos e coloridos feitos nos altares e no ambiente central da igreja pela luz exterior atravessando os vitrais.”
- Sobre a basílica do Rio de Janeiro: “Escura (apesar do maior conjunto vitral, suas dimensões são menores que em Diamantina); pilares em mármore rosa, pintura muito elaborada em rosa e no altar-mor em vermelho e dourado escurecem o ambiente”.

A porta de entrada da igreja — entendida, segundo Eliade (1992, p. 19), como marco separador entre o interior sagrado e o exterior profano — não foi tão bem-caracterizado para a igreja do Caraça, a única das três localizada fora de um centro urbano. Para o sujeito 1, tanto o interior da igreja quanto o ambiente de natureza bastante intocada ao redor foram vistos como sagrados. Aqui, aparece o aspecto sagrado da Natureza, que já havia sido pontuado por Eliade (1992, p. 59): “Única igreja não urbana das três, encantou profundamente como parte da natureza, as criações de Deus! Impressão reforçada pela orientação mais usual dos templos católicos (porta da entrada voltada para o poente, por onde entra a maior parte da claridade da nave).”

Na análise das igrejas reais, as percepções dos dois sujeitos também se diferenciaram quanto ao órgão dos sentidos mais mobilizado: o sujeito 1 foi mais impactado pelos aspectos visuais, e o sujeito 2, pelos aspectos auditivos dos ambientes, embora tenha reparado também nas características visuais relacionadas à claridade, já comentadas acima. Em cada caso, as

percepções visuais ou auditivas levaram a desdobramentos emocionais e ligados à espiritualidade:

Sujeito 1:

- Sobre a igreja do Caraça: “Interior: igreja fica em forte penumbra em vários horários, como as igrejas medievais. Poucos, mas belíssimos vitrais no altar e na nave transversa. Muito mármore transmite a intenção da elevação do pensamento a Deus de maneira mais introspectiva, sofrida, o que foi confirmado pelo predomínio de cores vermelho-forte e verde-abacate, que, apesar de serem cores complementares, intensificaram a sensação de rigor.”
- Sobre a basílica do Rio de Janeiro: “Gostaria de tê-la visto com as luzes acesas, pois os detalhes, as pinturas, realmente impressionavam.”
- Sobre a basílica de Diamantina:
 - “Apesar das características neogóticas, a primeira impressão que tive foi de uma igreja de construção relativamente recente, impressão esta que atribuo principalmente à claridade.”
 - “Suas cores eram suaves e harmônicas, com pitadas de vermelho e verde-musgo que não ultrapassavam o limite da elegância.”
 - “A claridade estava presente, mesmo nos horários em que o sol não incidia diretamente na nave, ou seja, formava uma atmosfera de penumbra fresca e agradável, aconchegante.”
 - “A orientação da igreja, a confirmar, me pareceu algo em torno de Sul (altar)-Norte (porta de entrada), já que o Sol caminhou, ao longo dos dias, da esquerda para a direita (onde se punha), iluminando lindamente os passos da Paixão de Cristo. Depois, seus raios passaram para as capelas à esquerda, até chegarem à imagem do Santo, colocada no centro da capela, de onde subia até desaparecer, enquanto o Sol se punha. Durante o alvorecer, deve ocorrer o contrário: os raios devem vir dos vitrais esquerdos, no topo das capelas, até chegar no Passo da Paixão à direita da capela e no lado direito da nave.”
 - “As colunas, capelas e outros detalhes eram adornados de forma delicada, sem excessos.”

A Figura 87 apresenta alguns dos detalhes de luminosidade comentados pelo sujeito 1, percebidos ao longo de uma tarde.

Figura 87 – Efeito da luz solar na nave - basílica de Diamantina



Legenda: Esq.: visão geral da nave iluminada do lado do evangelho; centro e dir.: efeito da mudança da posição da luz na imagem de N. Sra. das Graças.

Fonte: Eliane Moura Martins, 2023.

Sujeito 2:

- Sobre a igreja do Caraça: “Silêncio (convida à oração).”
- Sobre a basílica de Diamantina: “Grande movimento de pessoas (fica em área urbana movimentada de Diamantina, mas pessoas circulam em silêncio e não atrapalham a oração).”
- Sobre a basílica do Rio de Janeiro: “Silêncio (exceto nos horários de missa).”

Os dois sujeitos privilegiaram a simplicidade, de maneira que, nesse sentido, a basílica do Rio de Janeiro foi penalizada, apesar de ser reconhecida como muito bonita:

Sujeito 1:

- Sobre a basílica do Rio de Janeiro: “Foi a igreja neogótica mais requintada de todas as que visitamos para este trabalho.”

Sujeito 2:

- Sobre a igreja ideal: “Simplicidade (um lugar menos luxuoso atrai mais, pois o local trata questões do espírito e não da matéria).”

- Sobre a basílica do Rio de Janeiro: “Decoração luxuosa e carregada de detalhes, que fascina o observador, mas se afasta do caráter religioso e espiritual do local.”

Os aspectos da regularidade, homogeneidade e clareza dos elementos construtivos e figurativos integrados, acrescidos da simplicidade, também foram pontos ressaltados pelos dois sujeitos — e, em geral, a tais atributos foram associados qualificadores positivos:

Sujeito 1:

- Sobre a igreja ideal: “Homogeneidade de padrão (todo o ambiente em um único estilo, desde o exterior): me incomodam muito igrejas construídas num estilo e as quais, com o tempo, foram adicionadas capelas e outros elementos, como contribuição de famílias ou governos, em outro estilo — em geral, mais rebuscado e rico em ouro, como se fosse uma competição de quem merecia mais as graças divinas. Porém, entendo os contextos histórico e, principalmente, cultural envolvidos.”
- Sobre a igreja do Caraça: “Complexo em estilo barroco ao redor da igreja não brigava com o estilo neogótico em pedra da igreja, muito pelo contrário; talvez em vista da simplicidade dos seus detalhes, complementava o templo”.
- Sobre a basílica do Rio de Janeiro: “Imponente igreja que impressiona fortemente, desde a entrada exterior, por suas inúmeras estátuas próximas ao telhado; os dois anjos com lampiões antes da escada fazem com que a igreja se pareça mais fortemente com algumas construções de origem francesa. Teto altíssimo na nave, inúmeros vitrais e imponentes portas no nártex me lembraram igrejas neogóticas mais antigas, o que me pareceu com a intenção de “forçar” a elevação do espírito pela quase escuridão (muitos prédios em volta, viaduto e a orientação da nave impediam uma maior luminosidade), tocando no alto com introspecção. A tumba da menina Odette, na entrada à esquerda, reforçava a sensação de estar em outro país. Todos os detalhes perfeitamente trabalhados em ouro talvez fossem, na época, a maneira de mostrar suas devoções e o louvor a Deus.”

Sujeito 2:

- Sobre a igreja do Caraça: “Ordem e controle (pela regularidade de organização dos altares e janelas).”

- Sobre a basílica do Rio de Janeiro:
 - “Excesso de narrativas iconográficas e iconografia confusa nos altares.”
 - “Decoração luxuosa e carregada de detalhes, que fascina o observador, mas se afasta do caráter religioso e espiritual do local.”

Por fim, o sujeito 2 foi impactado pela verticalidade das três igrejas, o que pode ser explicado pela proximidade entre os projetos arquitetônicos e as dimensões, também próximas.

4.3 Programa artístico integrado das igrejas

A partir da história da Família Vicentina e do Sagrado Coração de Jesus, apresentadas no Capítulo 1, dos elementos arquitetônicos e figurativos integrados discutidos nos Capítulos 2 e 3 respectivamente e do conjunto de aspectos histórico-culturais e do ambiente construído das igrejas realizado nos itens 4.1 e 4.2, é possível, agora, realizar uma análise um pouco mais sistêmica das três construções. Quanto aos aspectos iconográficos das decorações, a repetição frequente dos temas aponta para um planejamento iconográfico detalhado, tarefa possível pelo fato de as três igrejas terem sido construídas pela Família Vicentina, variando apenas os objetivos de construção específicos de cada local (discutidos no item 1.4).

As representações recorrentes do Sagrado Coração de Jesus, da Sagrada Família e dos santos e apóstolos, apresentadas no item 4.1.1, podem indicar um alinhamento da instituição com os valores tridentinos, o que faz sentido dentro do movimento ultramontano de retorno à Sé romana como centro da espiritualidade cristã. A Família Vicentina, no Brasil, engajou-se em tal movimento, que se tornou mais forte entre as décadas de 1860 a 1880 — período próximo ao de construção das três igrejas estudadas — com as tensões entre o bispado conservador e o Segundo Império, como mostram os trabalhos de Santirocchi (2011; 2016). O autor sumariza a visão de Bastide sobre o tema (2016, p. 407):

Roger Bastide usa a expressão “Igreja romanizada”, que seria a afirmação da autoridade de uma Igreja institucional e hierárquica estendendo-se sobre todas as variações populares do catolicismo. Na opinião desse autor, no Brasil ela vem através do movimento reformista do episcopado, em meados do século XIX, para controlar a doutrina, a fé, as instituições e a educação do clero e do laicato, levando a uma dependência cada vez maior, por parte da Igreja brasileira, de padres estrangeiros, principalmente das congregações e ordens missionárias, para realizar uma transição do catolicismo colonial a um catolicismo universalista, com maior rigidez doutrinária e

moral. Na busca desses objetivos, o episcopado agiu independentemente e mesmo contra os interesses políticos locais, que se baseavam no regalismo¹⁸⁷ de tradição lusitana.

O conjunto dessas imagens, vitrais, conjunto estatuário e escultórico parece buscar exatamente o retorno à Sé romana, na medida em que enseja a unificação de crenças e pretende afastar o catolicismo popular. Esse objetivo fica bastante evidente a partir da história da construção da igreja de Diamantina, como vimos no item 1.4.2. Citando, ainda, Della Cava, Santirocchi afirma (2016, p. 408):

Na concepção de Della Cava, a romanização já não traz a conotação de identidade e universalidade da Igreja, num movimento que buscava a restauração do seu prestígio e a adequação das práticas e crenças religiosas tradicionais” com a fé católica. Ele coloca o movimento reformista como algo que há de se opor ao “catolicismo popular”. Della Cava tende a privilegiar o devocionismo, as crenças populares e, até mesmo, a indisciplina hierárquica.

Quanto às representações mais específicas da Família Vicentina e do século XIX, trabalhadas no item 4.1.2, elas reforçam a visão de Camello, citada em Fernandes e Teixeira (2015, p. 669-670), de que esses conjuntos iconográficos também estão de acordo com a essência da pregação vicentina, com ênfase em temas evangélicos que pretendiam exortar os fiéis a buscarem o amor incondicional e a perfeição cristã. No momento da fundação da Congregação, a Igreja Católica já tinha sofrido uma importante mudança, deixando os locais monásticos e se dedicando às obras missionárias e de caridade, foco da Congregação criada por São Vicente de Paulo, revestido de um caráter fortemente moralizante. Segundo Fernandes e Teixeira (2015, p. 670):

(...) foi entre os séculos XV e XVII (momento da criação da Congregação da Missão e do estabelecimento de suas normas), que ocorreu o auge dessa pregação culpabilizadora e moralizante na Igreja Católica Apostólica Romana. Portanto, é compreensível que o tema da moralização e da perfeição cristã ocupe um lugar de destaque na pregação da Congregação da Missão, uma vez que o primeiro dos três de seus objetivos é o de “aplicar-se a própria perfeição; esforçando-se segundo suas forças a exercitar as virtudes, que aquele o Grande Mestre se dignou ensinar-nos com palavras e exemplos”.

Em relação à basílica do Rio de Janeiro, sua decoração escultórica interior sofreu alterações ao longo do século XX, com o acréscimo de iconografias de outras santas,

¹⁸⁷ Cf. Glossário para mais detalhes.

possivelmente da devoção de importantes Filhas da Caridade que geriram o colégio. Apesar disso, o eixo central de devoção à Sagrada Família e à Família Vicentina, ainda é o ponto central da basílica, sobretudo no altar-mor, na ábside das naves laterais e na grande imagem do Sagrado Coração de Jesus, localizado na nave lateral. Além dessa mensagem central, o conjunto de imagens evoca, mais acentuadamente na basílica do Rio, a caridade e a piedade, enquanto os mártires simbolizam o sacrifício para seguir no caminho da fé, como pregado por São Vicente de Paulo.

Quanto à percepção do ambiente, o pequeno ensaio exposto no item 4.2.2 indica impressões bastante diferentes das obtidas com a análise iconográfica das imagens. Apesar das igrejas estudadas terem sido projetadas pelo Pe. Clavelin, compartilhando similaridades arquitetônicas e de dimensões e baseadas em um projeto decorativo integrado, que espelhava os valores tridentinos da Família Vicentina, a percepção dos dois sujeitos sobre o ambiente construído é muito diferente para as três construções.

De forma geral, os dois sujeitos perceberam a basílica de Diamantina como mais agradável e aconchegante do que as outras duas: a igreja do Caraça foi considerada “fria” e rigorosa, e a basílica do Rio de Janeiro, suntuosa e ostentatória. Nesse sentido, a austeridade das igrejas mineiras lembra mais o gótico cisterciense francês, local de origem do Pe. Clavelin, mas também pode estar relacionada a uma maior dificuldade para a chegada de materiais e mão de obra a esses locais — e, talvez, à escassez de recursos. As paredes pintadas em cores claras e sem efeitos decorativos ajudam a clarear todo o ambiente, permitindo que os efeitos luminosos e coloridos dos vitrais percorram a igreja e acentuem as naves laterais, dependendo do período do dia. Esse efeito é muito mais intenso na basílica de Diamantina, como já discutido no item 4.2.2, em função, sobretudo, da grande superfície do conjunto, composto de 16 vitrais duplos, colocado nas janelas ogivais. Na igreja do Caraça, onde apenas as cinco janelas frontais (três no altar-mor e um em cada janela frontal das naves laterais) possuem vitrais decorados, esse efeito é menos perceptível, ficando mais concentrado na parte frontal da igreja.

Na igreja do Caraça, sobressai o aspecto do recolhimento, enfatizado, em especial, pelo sujeito 1 no experimento perceptivo. Segundo as palavras de Zico (1983, p. 75):

Tudo convida ao recolhimento. Os altares que se estadeiam; as paredes em uniformidade estudada; as colunas esbeltas que olham para o céu; a luz mortíça coando-se pelos vitrais e projetando-se em feixes de cores; o silêncio que se desprende das arcadas; a lâmpada que bruxuleia a medo; os bancos solitários que se enfileiram, como eterna lembrança das gerações que por ali passaram, tudo, tudo, enfim, fala à alma e convida à oração.

Uma atenção especial será dada à basílica do Rio de Janeiro em função das grandes alterações por que passou desde sua construção. Foram realizadas intervenções na segunda metade do século XX e início do século XXI que afetaram bastante sua disposição interna e aparência, possivelmente modificando, também, a percepção ambiental dos observadores. A primeira, realizada no início da década de 1970, segundo Viana (2010, p. 60), foi feita para adequá-la às orientações da reforma litúrgica de 1969 e não deve ter afetado muito a percepção sobre o ambiente — as principais alterações foram a retirada do gradil do altar e a inserção de uma nova mesa de mármore para que o celebrante pudesse ficar voltado para o público, e não para o altar, como anteriormente (Viana, 2010, p. 60). As aparências original e atual do altar-mor são apresentadas na Figura 88.

Figura 88 – Altar-mor (1890 e 2023) - basílica de Botafogo



Legenda: Esq.: original, c. 1890; dir.: atual (2023).

Fonte: Esq.: Ferrez, M. com recorte da área do altar-mor pela autora. Disponível em: <https://acervos.ims.com.br/CIP/preview/thumbnail/portals-general-access/16668?showtransparencygrid=true&cachecontrol=clientdefault>. Acesso em: 26 maio 2024; dir.: MUSEU DAS FILHAS DA CARIDADE. Disponível em: <http://museu.filhasdacaridaderj.org.br/>. Acesso em: 26 maio 2024.

Ainda no final da década de 1970, o piso da nave, anteriormente hidráulico padrão com tamanho 20x20 cm, foi substituído por revestimento tipo “marcopiso”, de placas pré-fabricadas com cimento de alta resistência e pedaços de pedra no tamanho padrão de 40x40 cm (Viana, 2010, p 61). Não tenho, porém, informações suficientes para avaliar o impacto dessa alteração na percepção do ambiente.

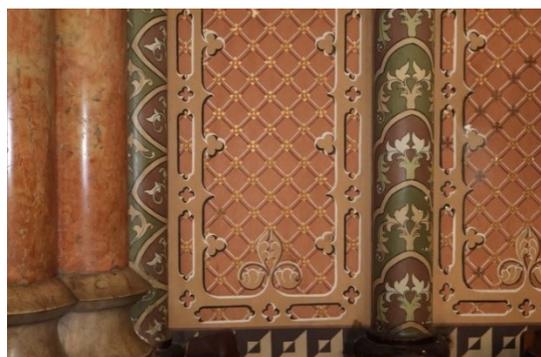
O aspecto mais suntuoso deve-se a vários fatores, entre os quais os pináculos e a decoração mais luxuosos, embora a pintura da nave também desempenhe papel muito importante — além de a diferenciar sobremaneira das outras duas igrejas, foi um marco desde sua

inauguração. No comentário de Freitas (4/7/1892, p. 2), quando a primeira missa foi nela realizada, percebe-se o surpreendente efeito causado: “Assim as columnetas incrustadas, como os intervalos, estão cobertos de bellos arabescos polychromos, que lembram os adamascados das nossas antigas colchas de seda”. Neste ponto, cabe comentar o aspecto tátil do comentário do jornalista, que enfatiza a importância dos sentidos na percepção global do espaço, como discutido no item 4.2, em especial por Pallasmaa. Devia ser, portanto, uma característica muito evidente ao se entrar na igreja, que lhe conferia uma pesada aparência, talvez de luxo e ostentação. Não admira que essa pintura tenha demandado tantos operários durante um período de quase um ano e meio, como visto no *Quadro 8*. É possível pensar, ainda, que tal objetivo tenha sido cuidadosamente planejado, pelo comentário de Irmã Saugère quando da colocação da pedra inaugural da igreja, de que ela seria uma das mais belas igrejas góticas do país (p. 66 do presente trabalho). Também contribuem para o aspecto luxuoso as colunas e os altares laterais em mármore cor-de-rosa (Souza, 2006, p. 126), além da pintura em verde quase escuro do nártex, acompanhada da decoração de estuque pintada em dourado, como visto na Figura 80.

Apesar de, hoje, parecer menos luminosa do que as outras duas, a basílica do Rio de Janeiro sofreu, na década de 1980, uma ampla repintura artística do seu interior, que durou cerca de dois anos e que deve ter tornado o ambiente bem mais claro do que antes. Segundo Viana (2010, p. 61), a partir de relatos de entrevistas, o serviço procurou seguir o desenho original, contornando trechos com douramento e clareando o tom anterior¹⁸⁸. Ainda de acordo com o autor (2010, p. 61-62), Irmã Inês, responsável pela tesouraria do colégio, que conhecia o local desde a década de 1950, disse que as paredes “eram no tom de vinho-tinto, ficaram como o Moscatel, e a igreja ficou mais clara”. Não por acaso, é possível que essa reforma tenha buscado retirar um pouco o peso e o caráter opressivo da igreja, utilizando, para tanto, uma carga decorativa semelhante em um padrão suavizado. Também foram incluídos muitos detalhes semelhantes a flores de lis, que remetem à origem francesa das Filhas da Caridade, como mostrado na Figura 89.

¹⁸⁸ Este autor comenta que, por uma prospecção no nível do coro, observou-se a alteração do padrão original em pelo menos um trecho (Viana, 2010, p. 62).

Figura 89 – Detalhes da pintura da nave - basílica de Botafogo



Legenda: Esq.: parede esquerda do altar de São Vicente de Paulo; dir.: detalhe da parte inferior da nave lateral esquerda.

Fonte: a autora (esq.: 2022; dir.: 2024).

Durante a última grande intervenção feita na basílica carioca, após 2009, o altar-mor foi restaurado à aparência original, com a pintura em vinho e dourado. Viana (2010) exhibe uma foto de antes da restauração (lado esquerdo da Figura 90), que, comparada ao estado presente (lado direito da mesma figura), pode dar uma ideia de como a igreja como um todo deve ter ficado mais clara após a pintura da década de 1980. A pintura original provavelmente deixava o ambiente ainda mais suntuoso e escuro do que o percebido pelos dois sujeitos que participaram do experimento de percepção. Também é interessante notar que o altar existente no centro do altar-mor no arranjo atual (lado direito da Figura 90) não existia antes dessa última reforma.

Figura 90 – Altar-mor - final do século XX e após última reforma - basílica de Botafogo

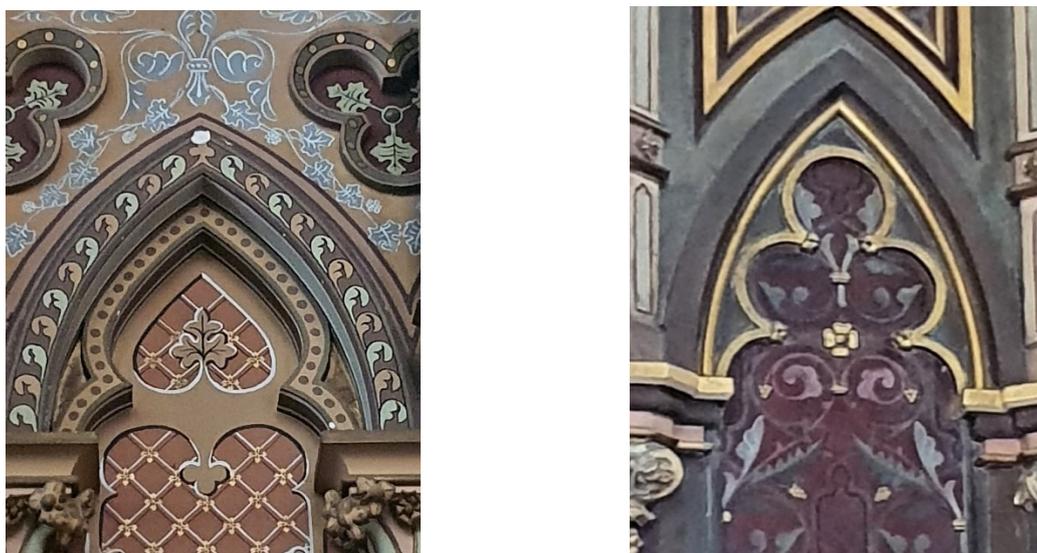


Legenda: Esq.: entre a década de 1980 e antes da última reforma; dir.: estado atual.

Fonte: Esq.: Viana, 2010, p. 60; dir.: a autora, 2024.

Ainda para efeito comparativo, a Figura 91 mostra o detalhe da parte superior de uma pintura da nave comparada com detalhe similar do altar-mor, este restaurado para a pintura original, o que também evidencia o aumento da claridade do ambiente, que deve ter acontecido após a repintura da década de 1980.

Figura 91 – Detalhes da pintura atual – nave lateral e altar-mor - basílica de Botafogo



Legenda: Esq.: nave; dir.: detalhe similar no altar-mor, com a pintura restaurada para a aparência original.
Fonte: a autora, 2021.

A partir da Figura 92, podemos comparar a nave original, de cerca de 1890, e atual, em foto de 2023. Trata-se de uma comparação complexa, mesmo com o tratamento aplicado à foto atual, graças à diferença de iluminação entre as fotos, seja pela luminosidade do dia, seja pelo horário em que a foto foi tirada ou por outro efeito ambiental. Contudo, a contraposição das imagens indica uma tonalidade mais clara das paredes laterais na segunda foto.

Figura 92 – Vista geral da nave central (1890 e 2023) - basílica de Botafogo



Legenda: Esq.: original, c. 1890; dir.: atual (2023).

Fonte: Esq.: Ferrez, M. Disponível em: <https://acervos.ims.com.br/CIP/preview/thumbnail/portals-general-access/16668?showtransparencygrid=true&cachecontrol=clientdefault>. Acesso em: 26 maio 2024; dir.: MUSEU DAS FILHAS DA CARIDADE. Disponível em: <http://museu.filhasdacaridadederj.org.br/>. Acesso em: 26 de maio 2024. Tratamento de imagem por Eliane Moura Martins, 2024.¹⁸⁹

Finalizando, a partir da história individual dessas construções (discutida no item 1.4), é razoável supor algumas questões locais específicas, que podem ter feito com que cada uma fosse projetada tendo em vista uma determinada percepção do ambiente, como comentamos acima.

A igreja do Caraça foi construída para o público interno do colégio e do Seminário Maior, que era masculino, bem como para os peregrinos que afluíam ao local. Sua aparência de austeridade e rigor, de recolhimento para a oração e uma decoração voltada para Cristo e para os valores tridentinos da Sé católica podem ter sido as mensagens mais relevantes para esse público naquele momento histórico.

Já a basílica de Diamantina lidava com questões locais diferentes das da igreja do Caraça, pois o bispo Dom João estava envolvido com a tarefa de reunir as diversas associações religiosas leigas em um projeto unificado e alinhado aos valores ultramontanos e tridentinos. Nesse caso, o aspecto mais acolhedor e luminoso pode ter tido por finalidade reunir os fiéis em torno dessa visão católica comum. Para tal, além da claridade “acolhedora” do ambiente, a iconografia dos

¹⁸⁹ O tratamento da imagem consistiu em um pré-tratamento da foto original, aumentando a exposição, reduzindo realces e iluminando sombras, de modo a deixar a foto mais clara, com possibilidade de se notar melhor a cor rósea das paredes com o objetivo de facilitar a comparação com a foto de Marc Ferrez. Um tratamento final foi aplicado à foto atual, com sépia suave e amarelo e modificações de brilho nas colunas e na foto de maneira geral.

vitrais da igreja, totalmente voltada para os mistérios do rosário e para o Sagrado Coração de Jesus, também atende ao mesmo propósito. Além das cores claras usadas na pintura das paredes e pilares, o fato de ser a única das três igrejas que tem apenas uma nave facilita a circulação da luz, que atravessa os vitrais por toda a nave.

Alguns pontos podem ser aventados como possíveis motivações para a basílica do Rio de Janeiro ser tão mais luxuosa do que as outras duas igrejas. O primeiro deles consiste em ela estar na capital do Império e, quando este se encerrou, da jovem República, dispondo de uma elite munida de mais recursos financeiros. Além disso, por ser uma cidade portuária marítima, era muito mais fácil realizar trocas comerciais com a Europa a partir do Rio de Janeiro — as cidades do interior de Minas, na época, ainda contavam com sistemas viários bastante precários. Outro ponto relevante deve ter sido o fato de essa igreja ser, também, uma resposta aos anseios de uma elite, pois Botafogo, no final do século XIX, era um dos bairros da elite carioca, em que estavam as mansões dos barões do café e outras figuras importantes da sociedade da época¹⁹⁰, que colocavam suas filhas no colégio. Dispor de uma igreja que atendesse às necessidades dessa camada da população, que morava no bairro, parecia ser um motivo de orgulho, como mostra a nota do jornal *O Apóstolo*, publicada em 6 de fevereiro de 1887 (p. 69 do presente trabalho). Um objetivo importante da construção da igreja deve ter sido atender fiéis próximos e famílias das alunas do colégio.

Analisando, agora, o aspecto religioso, ambos os sujeitos que participaram do experimento de percepção comentaram sobre uma característica ambígua da basílica do Rio de Janeiro: sua suntuosidade, embora encante, faz com que a igreja se afaste do caráter religioso, sendo considerada, pelos dois sujeitos, como um aspecto negativo em uma igreja católica. Contudo, é possível imaginar que a basílica carioca tivesse, originalmente, uma grande unidade perceptiva: em uma igreja consagrada ao Sagrado Coração de Jesus, a decoração “pesada” relembra o sofrimento de Cristo em seu coração diante da injustiça dos homens e do desprezo em relação ao Filho de Deus, exortando à caridade cristã. Na fachada, a representação vitral dos quatro mártires, um deles da própria Congregação da Missão, pode ajudar a tornar a questão do sofrimento ainda mais presente e o ambiente, mais opressivo. É razoável que a decoração e a pintura tenham sido intencionalmente escolhidas para trazer essa carga adicional, enquanto, por

¹⁹⁰ Até cerca de 1900, Botafogo era um bairro nobre, onde, na Rua São Clemente, viviam todos os barões do café; já na Rua Voluntários da Pátria, instalavam-se os pequenos nobres e comerciantes (Chiaradia, R. **História do bairro**. Disponível em: <https://www.amabotafogo.org.br/historia-do-bairro>. Acesso em: 27 maio 2024.)

outro lado, encantam o espectador pela suntuosidade. No altar-mor e na rosácea da fachada, surge a esperança para os sofrimentos humanos: o coração de Jesus, símbolo da infinita caridade de Deus com o homem e um convite à piedade cristã. Já nas ábsides das naves laterais, a Sagrada Família está a redimir o mundo, enquanto a Família Vicentina, retratada em sua missão de ajudar os pobres, formar para o apostolado e educar as meninas, ajuda a minorar os sofrimentos humanos.

A basílica sofreu, inicialmente, uma mudança em sua consagração, passando do Sagrado Coração de Jesus para a Imaculada Conceição; em seguida, na década de 1980, houve a alteração da pintura interna do vinho e dourado para um tom rosado; e, finalmente, a reforma do altar-mor após 2009, retornando à pintura original vinho e dourada. Como resultado, o discurso visual perceptivo, hoje, apresenta uma certa dissonância, que pode ser a causa do estranhamento observado pelos sujeitos do experimento perceptivo: a basílica consagrada à Imaculada Conceição, que traz sua imagem no altar-mor, guarda, nesse local, uma carga densa de cor e peso, que não condiz com a devoção à Virgem. Por outro lado, essa carga densa é um pouco suavizada nas paredes da nave, que mantém a cor rosa da intervenção da década de 1980.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção de igrejas neogóticas pela Família Vicentina foi importante para a disseminação da arquitetura neogótica no país a partir do último quartil do século XIX. Alinhadas aos propósitos da Congregação da Missão e da Companhia das Filhas da Caridade, essas igrejas foram fundadas para atender às necessidades de espaços religiosos dos seminários de formação religiosa, um dos pilares vicentinos, bem como às missões e aos colégios — estes, um foco importante para as Filhas da Caridade desde os tempos de sua fundadora, Santa Luísa de Marillac.

No Brasil do século XIX, a necessidade de que essas instituições participassem do projeto educacional foi ainda mais acentuada pela não disponibilidade, em quantidade suficiente, de uma infraestrutura fornecida pelo Estado. Por serem obras que demandam recursos vultosos, só foram possíveis mediante formas de financiamento variadas, envolvendo a aprovação e o apoio financeiro da comunidade eclesiástica e leiga do entorno e de instituições religiosas estrangeiras (ligadas à Família Vicentina), além de alguma ajuda do Estado brasileiro. Este trabalho, embora explore pouco esse tema, abre caminho para que sejam realizados outros estudos, por exemplo, a partir do exame do levantamento de recursos por meio de rifas, quermesses e festas religiosas promovidas pela Família Vicentina. O estudo de tais festividades religiosas e de seus respectivos públicos, bem como de outros documentos de financiamento porventura existentes, pode esclarecer melhor a real participação da população local nos empreendimentos.

A partir da comparação com outras igrejas góticas localizadas na região francesa do Jura, terra natal do arquiteto das igrejas brasileiras, Pe. Clavelin, foi possível considerar uma certa apropriação daquelas características nas igrejas estudadas. Não obstante, a igreja do Seminário Menor Collégiale Saint-Antoine, em Nozeroy, onde Pe. Clavelin passou toda a juventude — apesar da austeridade característica da região, influenciada pelos padres cistercienses —, não apresenta a verticalidade das nossas três construções. A basílica do Rio de Janeiro se diferencia ainda mais das igrejas francesas do Jura e das outras duas igrejas brasileiras, pois é dotada de uma decoração suntuosa, uma de suas características mais marcantes. Ainda em relação às influências externas sobre o padrão arquitetônico, permanece em aberto um melhor entendimento de por que a basílica de Diamantina exhibe dois aspectos arquitetônicos tão diferentes das outras: a existência de apenas uma nave (e não três) e de duas torres laterais na fachada principal (e não uma torre central). O primeiro pode ter resultado de uma definição do projeto, em função

de a largura total dessa igreja ser inferior à das outras duas. Sobre o segundo aspecto, embora também possa estar relacionado a uma definição do projeto do Pe. Clavelin, não encontrei uma explicação plausível para essa alteração. Somadas, tais evidências parecem fortalecer a hipótese de ter ocorrido uma alteração na fase de construção; porém, para que fosse confirmada, seria necessário encontrar algum documento do projeto ou, ao menos, algum "burrasquês" emitido pelo bispo Dom João com o objetivo de angariar fundos para a construção da igreja. Segundo Mourão (1971, p. 33), a imagem do projeto da igreja, existente nesses vales, mostra um projeto diferente da construção atual. Uma hipótese plausível é que esta alteração pode ter sido proposta por John Rose, que é mencionado em livro da sua família como tendo participado da construção da igreja. Um indício que aponta nesta direção é a similaridade da fachada mineira com a da catedral de Truro na região da Cornualha, terra natal de John Rose. Esta suposição requer comprovação documental futura, iniciando com a confirmação da participação de John Rose como construtor da igreja.

O presente trabalho trouxe, a partir de fontes primárias, informações relevantes sobre o canteiro de obras das igrejas do Caraça e do Rio de Janeiro, e sobre o mestre de obras das igrejas do Caraça e de Diamantina. Este é apenas um primeiro passo de um possível aprofundamento em estudos futuros. Ficaram em aberto mais informações sobre a circulação destes operários, e como pode ter-se estabelecido uma possível rede de trabalho entre eles e os contratantes das obras das igrejas, em especial, as neogóticas. Da mesma forma, a troca de conhecimentos técnicos e experiências entre os construtores dessas igrejas talvez possa agora ser melhor estudada, a partir dos nomes de mestres e operários que delas participaram.

Em relação aos aspectos arquitetônicos, estudos mais aprofundados sobre a razão entre as áreas cobertas por vitrais e a superfície vertical total em contato com a parte externa precisariam ser feitos para entender melhor a grande diferença na percepção dos sujeitos da luminosidade das três igrejas. Além disto, o número de naves diferente em Diamantina, a orientação do sol em relação a elas com os períodos de incidência de luz e sombra seriam pontos de análise desejáveis em cada caso, além da disposição de outras construções no entorno, na época de construção e no momento atual.

A análise iconográfica do conjunto de vitrais, estatuária, conjunto escultórico, objetos de culto e serviços especializados aponta para algumas características do cenário histórico-cultural do final do séc. XIX no Sudeste do Brasil. A recorrência de algumas figuras religiosas indica uma ênfase em temas relevantes para a Sé católica, que buscava centralizar seu poder através do

movimento ultramontano, que foi apoiado fortemente pela Família Vicentina. Valores culturais da Congregação da Missão e da Companhia das Filhas da Caridade também surgem no projeto iconográfico, sendo os mais recorrentes a obediência aos preceitos da Sé romana e às normas da Congregação, amor incondicional ao Cristo, uma visão piedosa, a busca da perfeição e a importância do martírio. Esta recorrência de temas e mensagens indica um planejamento detalhado do projeto iconográfico, alinhado com os valores da Sé católica e valores da Família Vicentina. Alguns elementos iconográficos sugerem interações com o contexto cultural brasileiro, seja nas relações com as instituições políticas ou com os fiéis e alunos que frequentavam estas igrejas. E algumas inserções remetem à nação francesa, origem da Família Vicentina. Este conjunto de obras pode ajudar a compreender melhor a cultura vicentina e como ela se desenvolveu no Brasil no final do séc. XIX.

A Basílica do Rio de Janeiro apresenta um conjunto iconográfico bastante diverso das outras duas igrejas. A representação imagética em vitrais e obras estatuárias e escultóricas de figuras femininas, da Virgem e de santas, é muito maior do que nas outras duas. Fica evidenciada uma certa exaltação às religiosas francesas e também surge a hipótese destas figuras representarem mensagens de valor moral, importantes para a educação feminina na sociedade carioca do final do séc. XIX. Dois aspectos importantes e paradoxais do papel feminino na época, a virgem e a mãe zelosa, se refletem no diálogo destas imagens em que a importância da castidade se mescla com a valorização da Virgem Maria e a representação do dogma da Imaculada Conceição. Estas representações reúnem os rígidos dogmas religiosos da Igreja Católica com a rigidez social em relação às meninas e mulheres na sociedade carioca da época.

A análise integrada do espaço arquitetônico e aspectos decorativos foi um primeiro passo, numa abordagem acadêmica, do entendimento sobre a vivência destes espaços religiosos. Um pequeno ensaio feito com dois sujeitos mostrou que os valores genéricos atribuídos a um templo católico apareceram na análise destes espaços, em especial a importância da luminosidade do ambiente como um atributo associado a Deus. Este ensaio mostrou também que, apesar das características arquitetônicas serem similares e da iconografia das imagens se mostrar bastante consistente e recorrente nas três igrejas, a percepção vivencial em cada uma é muito diferente: a igreja do Caraça foi percebida como austera, a de Diamantina como luminosa e a do Rio de Janeiro como suntuosa. Essa diferença de percepção pode estar associada com aspectos locais específicos relevantes para a Família Vicentina e para o público que frequentou estas igrejas na época da sua construção.

A Igreja do Caraça, voltada para seu público interno masculino do colégio e do Seminário Maior e para os peregrinos que afluíam ao local, manteve sua austeridade e rigor e uma decoração voltada para Cristo e para os valores tridentinos da Sé católica naquele momento. Também foi a única das três construções acompanhada de perto por Pe. Clavelin, que pode ter buscado trazer a austeridade das igrejas de sua terra natal para o Caraça. E por se encontrar fora de um centro urbano é também a mais silenciosa das três.

No caso da Basílica de Diamantina, os padres da Congregação da Missão e, em especial, o bispo Dom João, tiveram grande empenho para, com o auxílio da construção da Basílica, reduzir as devoções aos santos padroeiros das ordens terceiras, substituindo-as pela devoção ao Sagrado Coração de Jesus, alinhada aos valores ultramontanos e tridentinos. Para tal, o aspecto mais acolhedor e luminoso e o discurso decorativo dos vitrais, voltado para os mistérios do rosário e o Sagrado Coração de Jesus se reforçam nesta tarefa de reunir todos neste objetivo comum. E também a participação de todos os fiéis na Arquiconfraria da Guarda de Honra do Sagrado Coração de Jesus, que permanece ativa no local até os dias atuais.

A Basílica do Rio, primeira igreja de uma localidade que na época era um dos principais bairros da elite carioca, apresenta-se muito mais luxuosa. Aqui, atender os fiéis próximos e as famílias das alunas do colégio deve ter sido um objetivo importante. As mensagens também se repetem nos mesmos temas das outras duas igrejas, mas aqui, os discursos são mais variados. O surgimento de várias figuras femininas atende à demanda tanto da Companhia das Filhas da Caridade quanto das alunas do colégio. Por fim, esta igreja mais luxuosa também pode estar associada ao Rio de Janeiro como capital do Império e da República, com muito mais recursos que o interior de Minas, local de construção das outras duas igrejas.

Concluindo, no presente trabalho tem-se dois pontos centrais a comentar: o conjunto de informações primárias obtidas sobre a construção de igrejas neogóticas da família vicentina no Sudeste brasileiro do século XIX; e a realização de uma pequena avaliação do ambiente construído nestas igrejas, envolvendo a percepção pelo observador do espaço e das obras de artes decorativas nele existentes.

REFERÊNCIAS

ACERVO HISTÓRICO DA PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA GLÓRIA DA CIDADE DE DIVINOLÂNDIA DE MINAS. **Carta sobre o mestre Figueiredo**. Diocese de Guanhães-MG, 30 de nov. de 1989. 1 p.

ALCÂNTARA, P. de. Diário da viagem do Imperador a Minas 1881. **Anuário do Museu Imperial**, Petrópolis, v. 18, 118 p., 1957.

ALIATA, F., ROSENFELD, E., SESSA, E. Arte, ciência y ambiente construído: Preciones y propuestas. **Estudios del Hábitat**, La Plata, n. 6, set. 1999. Disponível em: <https://sedici.unlp.edu.ar/handle/10915/40670>. Acesso em: 15 maio 2024.

ALMEIDA, W. Palestra do Monsenhor Walter de Almeida. *In*: COMEMORAÇÃO centenária da Basílica do Sagrado Coração de Jesus: Seminário Arquidiocesano. Diamantina: Acervo do Seminário de Diamantina, 1990. p. 3-10.

ANDRADE JÚNIOR, N. V. de. Rediscutindo a arquitetura brasileira do século XIX: os preconceitos da historiografia moderna e o processo de revalorização recente. *In*: CAVALCANTI, A. M. T; DAZZI, C.; VALLE, A. **Oitocentos: Arte Brasileira do Império à Primeira República**. Rio de Janeiro: EBA-UFRJ, 2008.

ANDRADE, M. G. de. **A educação exilada: Colégio do Caraça**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ARQUIVO DO SEMINÁRIO DE DIAMANTINA. **Carta do vitralista Dagrand ao Pe. Sípolis sobre os danos aos vitrais**. 6 maio 1887. 2 p.

ARQUIVO DO SEMINÁRIO DE DIAMANTINA. **Lista de objetos comprados pelo Pe. Sípolis na França**. 22 jul. 1886. 3 p.

ARQUIVO DO SEMINÁRIO DE DIAMANTINA. **Livreto de custo das obras de construção da Igreja**. s.d. 9 p.

ARQUIVO DO SEMINÁRIO DE DIAMANTINA. **Resumo histórico da Guarda de Honra**. s.d. 12 p.

ARQUIVOS DA CÚRIA PROVINCIAL. Fechamento das casas e saída das Irmãs. *In*: SOUZA, R. R. Ir. (org.). **História das Filhas da Caridade da Província do Rio de Janeiro: Brasil 1849-2003**. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 441-442.

ÁVILA, C. Fritz Teixeira de Salles, desbravador de caminhos. *In*: SALLES, F. T. **Associações religiosas no ciclo do ouro: introdução ao estudo do comportamento social das irmandades de Minas no século XVIII**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 32-39.

AZZI, R. As Filhas da Caridade e o movimento brasileiro de reforma católica no século XIX. **Convergência**, n. 81, p. 232-249, 1975. Disponível em: https://crbnacional.org.br/wp-content/uploads/1975/05/CONVERGENCIA_-81.pdf. Acesso em: 17 jun. 2024.

BASÍLICA MENOR DE NOSSA SENHORA DA IMACULADA CONCEIÇÃO. Disponível em: <https://www.patrimoniohistoricoarqrio.org/product-page/bas%C3%ADlica-menor-de-nossa-senhora-da-imaculada-concei%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 02 jul. 2024.

BAKAIKOA, A. B. S.; BARRIOS, V. R. De la restauración a la conservación. Colaboración transversal en las vidrieras de San Pedro de Olite (Navarra). **La Revista Arcove**, n. 4, p. 46-63, out. 2022. Disponível em: https://www.academia.edu/88505114/ARCOVE_La_Revista_N4_octubre_2022. Acesso em: 18 jun. 2023.

BEATO Ghebre Michael. **Coisas de santos**. Disponível em: <http://coisasdesantos.blogspot.com/2018/07/14-de-julho-beato-michel-ghebre.html>. Acesso em: 22 fev. 2024.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. 4. ed. Brasília: Edições CNBB, 2020.

BIBLIOTECA DO CARAÇA. **Dossiê de reconstrução da igreja (1876-1883)**, cx. 31, BR.PBCM.CAR.N 2.1.

BIBLIOTECA DO CARAÇA. **Contas do Mestre e operários das obras da S^{ta} Igreja ela principio em 15 de outubro de 1878**, cx. 49, notação T.1.3.4., 1878-1885. 206 p. escritas e 11 folhas soltas com anotações.

BICALHO, M.F.B. O bello sexo: imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do século XX. In: COSTA, A.O.; BRISCHINI, C. (org.). **Rebeldia e submissão**: estudos sobre a condição feminina. São Paulo: Vértice; Editora Revista dos Tribunais; Fundação Carlos Chagas, 1989. p. 79-99.

BRANDÃO, I. L.; DIESENDRUCK, A. **Luz no êxtase**: vitrais e vitralistas no Brasil. São Paulo: Doréa Books and Art, 1994. 96 p.

BRASIL Escola. **Encilhamento**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/encilhamento.htm>. Acesso em: 25 mar. 2024.

BURTON, R. F., Sir. **Viagem de canoa de Sabará ao Oceano Atlântico**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1977. 359 p.

CABEZAS, H. Sens de lecture des vitraux. **Revue d'Archéologie moderne et d'Archéologie Générale**, Paris, n. 7, p. 64-76, 1987.

CARRATO, J. F. **As Minas Gerais e os primórdios do Caraça**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1963.

CARVALHO, O. J. Igreja Matriz Basílica da Paróquia Imaculada Conceição. *In: Templos Católicos do Rio de Janeiro – Manual*. Rio de Janeiro: Ed. 2000, 2000. p. 597-599.

CAVALCANTE, M.; MACIEL, R. H. Métodos de avaliação da percepção ambiental. *In: PINHEIRO, J. Q. (org.); Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. p. 149-180.

CID, E. A. **Entre o divino e o terreno**: primórdios da arquitetura neogótica religiosa no Brasil — Igreja Nossa Senhora Mãe dos Homens, Santuário do Caraça. 2022. 104 p. Monografia (Bacharelado em História da Arte) — Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

COELHO, T. **A reforma católica em Mariana e o discurso ultramontano de D. Viçoso (1844-1875)**. 2010. 145 p. Dissertação (Mestrado em História) — Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

COELHO, T. **Discursos ultramontanos no Brasil do século XIX**: os bispados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. 2016. 286 p. Tese (Doutorado em História) — Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

COMISSÃO DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DA ARQUIDIOCESE DO RIO DE JANEIRO E DE SEU INTERESSE. **Basílica Menor de Nossa Senhora da Imaculada Conceição**. Rio de Janeiro: Comissão de Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural da Arquidiocese do Rio de Janeiro e de seu interesse. Disponível em <https://www.patrimoniohistoricoarqrio.org/product-page/bas%C3%ADlica-menor-de-nossa-senhora-da-imaculada-concei%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 17 jun. 2024.

CONCEIÇÃO, W. **Desafinado**: das cinzas da Acayaca à bossa-nova. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2022. p. 98-157.

CONTI, D. S., I. M. C. Santa Cecília. *In: CONTI, D. S., I. M. C. O Santo do Dia*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1983. p. 519-522.

COOKE, J. R. E. S. **Global objects**: toward a connected Art History. Princeton: Princeton University Press, 2022. p. 100-147.

CORRAL-VERDUGO, V. Psicologia Ambiental: objeto, “realidades” sócio-físicas e visões culturais de interações ambiente-comportamento. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 16, n. 1/2, p. 71-87, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/41838/45506>. Acesso em: 19 abr. 2024.

CUNHA, L. Ir. As primeiras Filhas da Caridade no Brasil. *In: SOUZA, R. R. Ir. (org.). História das Filhas da Caridade da Província do Rio de Janeiro*: Brasil 1849-2003. Petrópolis: Vozes, 2006a. p. 58-72.

CUNHA, L. Ir. O Colégio Imaculada Conceição. *In: SOUZA, R. R. Ir. (org.). História das Filhas da Caridade da Província do Rio de Janeiro*: Brasil 1849-2003. Petrópolis: Vozes, 2006b. p. 104-129.

DE CASTRO, J. P. C. M. **Memória do padre Henrique Lacoste e dos grandes missionários lazaristas no Brasil**. Mariana: [s.n.], 1936.

DE OLIVEIRA, M. V. Os tupinambá: tensões, controvérsias e início do racismo religioso. *In*: BARBOSA, F. C. **História: a ciência do passado no presente**. 1. ed. Piracanjuba: Editora Conhecimento Livre, 2021. p. 94-109. Disponível em: https://www.academia.edu/76264231/Livro2_361. Acesso em: 29 jul. 2023.

DEPARTAMENTO DO JURA. **Registro civil do nascimento de Joseph Julles Clavelin**.

DEPAUL UNIVERSITY. Via Sapientiae. **Annales de la Congregation de la Mission**, v. 28, 1863, p. 227-228. Disponível em: <https://via.library.depaul.edu/annales/29/>. Acesso em: 24 fev. 2024.

DEPAUL UNIVERSITY. Via Sapientiae. **Annales de la Congregation de la Mission**, v. 38, 1873, p. 135-138. Disponível em: <https://via.library.depaul.edu/annales/73/>. Acesso em: 24 fev. 2024.

DEPAUL UNIVERSITY. Via Sapientiae. **Annales de la Congregation de la Mission**, v. 49, 1884, p. 478-487. Disponível em: <https://via.library.depaul.edu/annales/45/>. Acesso em: 24 fev. 2024.

DEPAUL UNIVERSITY. Via Sapientiae. **Annales de la Congregation de la Mission**, v. 51, 1886. Disponível em: <https://via.library.depaul.edu/annales/50/>. Acesso em: 24 fev. 2024.

DEPAUL UNIVERSITY. Via Sapientiae. **Annales de la Congregation de la Mission**, v. 52, 1887, p. 148. Disponível em: <https://via.library.depaul.edu/annales/53/>. Acesso em: 24 fev. 2024.

DEPAUL UNIVERSITY. Via Sapientiae. **Annales de la Congregation de la Mission**, v. 57, 1892, p. 307-308. Disponível em: <https://via.library.depaul.edu/annales/57/>. Acesso em: 24 fev. 2024.

DENOËL, C. La naissance de l'iconographie religieuse au XIXe siècle. Le milieu des archéologues et des sociétés savantes. **Bulletin archéologique du CTHS**, n. 31-32, p. 195-205, 2005. Disponível em: https://www.academia.edu/2525549/La_naissance_de_l'iconographie_religieuse_au_XIXe_si%C3%A8cle_Le_milieu_des_arch%C3%A9ologues_et_des_soci%C3%A9t%C3%A9s_savantes_Bulletin_arch%C3%A9ologique_du_CTHS_31_32_2005_p_195_205. Acesso em: 10 set. 2020.

D'INCAO, M. A. Mulher e família burguesa. *In*: DEL PRIORE, M. (org.); BASSANEZI, C. (coord.). **História das mulheres no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997. p. 223-240.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. 109 p.

FERNANDES, T. C. As missões lazaristas na diocese de Mariana e os limites da reforma católica (1820-1880). **Sacrilegens – Interfaces entre Literatura, Religião e História**, Juiz de

Fora, v. 15, n. 2, p. 223-243, jul./dez. 2018. Disponível em:
https://www.academia.edu/48266756/Interfaces_entre_Literatura_Religi%C3%A3o_e_Hist%C3%B3ria. Acesso em: 07 jun. 2021.

FERNANDES, T. C.; TEIXEIRA, F. A. de F. A Congregação da Missão de São Vicente de Paulo e o processo de reforma da Igreja Católica nas Minas oitocentistas. **Temporalidades** – Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG, Belo Horizonte, v. 7, p. 667-675, 2015.

FERREZ, M. **Interior da Igreja Imaculada Conceição – Botafogo – Rio de Janeiro – RJ – Brasil. c. 1890**. Disponível em: <https://acervos.ims.com.br/CIP/preview/thumbail/portals-general-access/16668?showtransparencygrid=true&cachecontrol=clientdefault>. Acesso em: 26 maio 2024.

FREITAS, S. Mais um templo a Jesus Christo. **O Paiz**. Rio de Janeiro, ed. 3.716, p. 2, 4 jul. 1892. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_02&pagfis=5573. Acesso em: 26 fev. 2024.

GAZETA DE NOTÍCIAS. **Cassino Fluminense**, Rio de Janeiro, ano 21, n. 334, p. 3, 1 dez. 1894. Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_03&pasta=ano%20189&pesq=%22igreja%20do%20sagrado%20cora%C3%A7%C3%A3o%20de%20jesus,%20em%20botafogo%22&pagfis=10917. Acesso em: 12 jun. 2024.

GONÇALVES, M. E. C.M. A Família Vicentina. In: SOUZA, R. R. Ir. (org.). **História das Filhas da Caridade da Província do Rio de Janeiro: Brasil 1849-2003**. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 18-37.

GUTLICH, G. R. Virtude e ofício: Apontamentos de conduta nos manuais de gravura em metal. In: MENEGUELLO, C. (org.). **Arte e patrimônio industrial**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021. p. 189-224. v. 3.

HISTÓRIA do Caraça, desde 1820 a 1865. **Revista do Archivo Publico Mineiro**, [S. l., 18--]. p. 493-538.

HISTÓRIA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. Disponível em:
<https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-sagrado-coracao-de-jesus/56/102/>. Acesso em: 25 fev. 2024.

JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, ano 65, n. 36, p. 1, 5 fev. 1887. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_07&pesq=%22igreja%20do%20sagrado%20cora%C3%A7%C3%A3o%20de%20jesus%22&pasta=ano%20188&hf=memoria.bn.br&pagfis=17156. Acesso em: 25 mar. 2024.

KNAUSS, P. Imagem de São Sebastião. In: KNAUSS, P., LENZI, I., MALTA, M. (org.) **História do Rio de Janeiro em 45 objetos**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2019. p. 14-21.

LAVERGNE, G. C. **Peintre d'Histoire et peintre verrier, critique d'art**. Paris: Blou et C. libraires-éditeurs. Disponível em: Acesso em: 10 mar. 2024.

LOCATELLI, M.; WAGNER, T. Lucien Bégule: itinéraire d'un artiste entrepreneur. **Le bulletin, Sauvegarde et Embellissement de Lyon**, n. 114, p. 9-19, jun. 2018. Disponível em: <https://fr.calameo.com/read/00197529064fb24a1ce62>. Acesso em: 21 jan. 2023.

MAQUET, J. Objects as Instruments, Objects as Signs. *In*: LUBAR, S.; KINGERY, W.D. **History from things**: essays on material culture. Washington/Londres: Smithsonian Institution Press, 1993. p. 30-40.

MASCIA, A. L'Immacolata Conceziona: l'invenzione di un'immagine. *In*: SERTOLI, G., MARENGO, C. V., LOMBARDI, C. *et al.* (ed.). **Miscellanea in onore di Franco Marengo**. Alessandria: Edizioni dell'Orso, 2009. p. 1087-1100. Disponível em: https://www.academia.edu/7009787/L_Immacolata_Concezione_l_invenzione_di_un_immagine_e_G_Sertoli_C_Vaglio_Marengo_C_Lombardi_et_al_ed_Miscellanea_in_onore_di_Franco_Marengo_Alessandria_Edizioni_dellOrso_2009_pp_1087_1100. Acesso em: 28 jul. 2023.

MOURÃO, P. K. C. **Sementeira de valores**: O Seminário de Diamantina de 1867 a 1930. Belo Horizonte: Tipografia Marília Editora, 1971. 61 p.

MUSEU DAS FILHAS DA CARIDADE DE SÃO VICENTE DE PAULO. **Colégio da Imaculada Conceição**. 2024. Disponível em: <https://museu.filhasdacaridaderj.org.br/?q=colegio%20da%20imaculada%20conceicao&for=LI VRE>. Acesso em: 25 jan. 2024.

MUSEU DAS FILHAS DA CARIDADE DE SÃO VICENTE DE PAULO. **Folhas de gastos com materiais e operários para a construção da Igreja da Imaculada Conceição (1891-1892)**. [19--], 67 p. Disponível em: <http://museu.filhasdacaridaderj.org.br/>. Acesso em: 10 mar. 2024.

MUSEU DAS FILHAS DA CARIDADE DE SÃO VICENTE DE PAULO. **Lucien Bégule**. Colégio da Imaculada Conceição: Patrimônio Arquitetônico – Vitrais da Basílica da Imaculada Conceição, 1891. Disponível em: http://museu.filhasdacaridaderj.org.br/pesquisa_geral?q=Lucien%20B%C3%A9gule&for=AUTOR. Acesso em: 10 mar. 2024.

MUSEU DAS FILHAS DA CARIDADE DE SÃO VICENTE DE PAULO. **Maria: irmã de Marta**. Disponível em: <https://museu.filhasdacaridaderj.org.br/acervo/302>. Acesso em: 20 abr. 2024.

MUSEU DAS FILHAS DA CARIDADE DE SÃO VICENTE DE PAULO. **São Sebastião (lanceta A) São João Gabriel Perbyre (lanceta B): Vitral / 1891**. Disponível em: <https://museu.filhasdacaridaderj.org.br/acervo/249>. Acesso em: 20 abr. 2024.

MUSEU DAS FILHAS DA CARIDADE DE SÃO VICENTE DE PAULO. **São Vicente de Paulo**. Disponível em: <https://museu.filhasdacaridaderj.org.br/acervo/288>. Acesso em; 20 abr. 2024.

MUYARD, C. (org.) **Nozeroy Censeau, Mièges**: Terre des Chalon. Lons-le-Saunier: Centre Jurassien du Patrimoine, 2005. 64 p.

NASCIMENTO JR., J. Primeira Missa no Brasil: a construção de um mito fundador. *In*: XEXÉO, P. M. C. *et al.* **Primeira Missa no Brasil**: o Renascimento de uma pintura. Rio de Janeiro: MNBA, 2008, p. 9.

NEVES, J. T. **Caderno de anotações**, n. 15, maço 02, p. 115, [18--]. Diamantina: Biblioteca Antônio Torres, [18--].

NICIOLI, Dom D. J. *et al.* (org.). Fé, História e Missão: Arquidiocese de Diamantina Polianteia, 100-150 anos. Aparecida: Gráfica Santuário. 169 p.

NIEMEYER, C. A. da C. Percepção ambiental como estratégia de investigação em arquitetura: um estudo de caso. **Projetar, Projeto e Percepção do Ambiente**, v. 3, n. 1, abr. 2018.

Disponível em:

https://www.academia.edu/105307411/Percep%C3%A7%C3%A3o_Ambiental_Como_Estrat%C3%A9gia_De_Investiga%C3%A7%C3%A3o_Em_Arquitetura_Um_Estudo_De_Caso?email_work_card=title. Acesso em: 16 abr. 2024.

NIEMEYER, M. C. NIEMEYER, C. A. da C. Percepção ambiental como estratégia de investigação do ambiente construído: Estudo de caso em ambiente de trabalho. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, ano 5, 3. ed., v. 3, p. 69-80, mar. 2020. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/estrategia-de-investigacao>. Acesso em: 16 abr. 2024.

NUNES, L. A. (coord.). **Guia do arquivo histórico do Caraça**. Minas Gerais: Lastro, 2008.

NUNES, M. J. R. Freiras no Brasil. *In*: DEL PRIORE, M. (org.); BASSANEZI, C. (coord.). **História das mulheres no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1997. p. 482-509.

O APÓSTOLO. Rio de Janeiro, n. 13, p. 2, 1887. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=343951&pesq=%22igreja%20do%20sagrado%20cora%C3%A7%C3%A3o%20de%20jesus%22&pasta=ano%20188&hf=memoria.bn.br&pagfis=10476>. Acesso em: 12 mar. 2024.

O PAIZ. Rio de Janeiro, ano 6, n. 1924, p. 1, 13 jan. 1890. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_02&pesq=%22igreja%20do%20sagrado%20cora%C3%A7%C3%A3o%20de%20jesus%22&pasta=ano%20189&hf=memoria.bn.br&pagfis=66. Acesso em: 25 mar. 2024.

OLIVEIRA, G. de S. **Entre o rígido e o flexível**: D. Antônio Ferreira Viçoso e a reforma do clero mineiro (1844-1875). 2010. 133 p. Tese (Mestrado em História Cultural) — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

OLIVEIRA, G. de S. **Aspectos do ultramontanismo oitocentista**: Antônio Ferreira Viçoso e a Congregação da Missão em Portugal e no Brasil (1811-1875). 2015. 254 p. Tese (Doutorado

em História Cultural) — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

OLIVEIRA, G.; RANGEL, M.; MONT'ALVÃO, C. Uma visão crítica sobre as metodologias utilizadas nas pesquisas de ergonomia do ambiente construído – A constelação de atributos. **Ergodesign & HCI**, ano 1, v. 1, n. 2, p. 10-17, 2013. Disponível em: <https://periodicos.puc-rio.br/index.php/revistaergodesign-hci/article/view/36/388>. Acesso em: 20 maio 2024.

OLIVEIRA, H. C. M. Espaço e religião, sagrado e profano: uma contribuição para a geografia da religião do movimento pentecostal. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v. 2, n. 34, p. 135-161, ago./dez. 2012. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/2036/2291>. Acesso em: 19 maio 2024.

ÓNODY, O. A inflação brasileira (1820-1958). Rio de Janeiro: [s.n.], 1960. 419 p. Disponível em: <http://memoria.org.br/pub/meb000000204/inflabras1960oliv/inflabras1960oliv.pdf>. Acesso em: 21/03/2024.

PADRE DA CONGREGAÇÃO DA MISSÃO. **O centenário do Caraça (1820-1920)**. Rio de Janeiro: Typ. Besnard Frères, 1920.

PALLASMAA, J. **Os olhos da pele**. Porto Alegre: Artmed, 2012. 76 p. *E-book*.

PALÚ, L. O paisagismo barroco no Santuário do Caraça. In: ÁVILA C. (org.). **BARROCO 19** – Comemorativa dos 35 anos de sua fundação. Belo Horizonte: Centro de Pesquisas do Barroco Mineiro, 2005. p. 325-350.

PASQUIER, E. C. M. **Os primórdios da Congregação da Missão no Brasil e a Companhia das Filhas da Caridade (1819-1849)**. Petrópolis: Vozes, [19--]. 283 p.

PENHA, U. C. *et al.* As rochas como elementos edificantes e decorativos na Igreja do Caraça, Quadrilátero Ferrífero, Minas Gerais. **Caderno de Geografia**, v. 32, n. 69, p. 710-738, 2022. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/view/28342/19667>. Acesso em: 12 mar. 2024.

PINHEIRO, M. L. B. Algumas Considerações sobre o Neogótico no Brasil. In: VALLE, A.; DAZZI, C. **Oitocentos: Arte Brasileira do Império à República**. Rio de Janeiro: EDUR-UFRRJ, 2010. t. 2, p. 437-451.

PINTO, J. de A. Os lazaristas e a política imperial: a escola, a assistência e a família. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 32, 2016.

POLLOCK, G. A modernidade e os espaços da feminilidade. **História das mulheres: Histórias feministas**, Antologia MASP, v. 2, p. 121-150, 2019.

PREFEITURA MUNICIPAL DE DIAMANTINA. **Dossiê de tombamento do Seminário Provincial do Sagrado Coração de Jesus**. Diamantina, MG: A Prefeitura, 2004. 161 p.

SACRED HEART DEVOTION. Disponível em:

<http://www.catholicreference.net/index.cfm?id=36209>. Acesso em: 25 fev. 2024.

SANTA FILOMENA. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/santo-dodia/08/13/santa-filomena.html#:~:text=Santa%20Filomena%20%C3%A9%20considerada%20protetora,da%20maternidade%20a%20m%C3%A3es%20est%C3%A9reis>. Acesso em: 09/07/2023.

SANTIROCCHI, I. D. Afastemos o padre da Política! A despolitização do clero brasileiro durante o Segundo Império. **Mneme** – Revista de Humanidades, v. 12, n. 29, p. 187-207, jan./jul. 2011.

SANTIROCCHI, I. D. A Igreja e a construção do Estado no Brasil imperial. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal. **Anais [...]**. Natal: ANPUH, 2013. p. 1-17.

Disponível em:

https://www.academia.edu/38524586/A_Igreja_a_e_constru%C3%A7%C3%A3o_do_Estado_no_Brasil_imperial. Acesso em: 11 jun. 2024.

SANTIROCCHI, I. D. Uma questão de revisão de conceitos: Romanização – Ultramontanismo – Reforma. **Temporalidades** – Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG, v. 2, n. 2, p. 24-33, ago./dez. 2010. Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5387/pdf>. Acesso em: 27 jul. 2021.

SANTIROCCHI, I. D. O ultramontanismo no Brasil imperial e a reforma clerical (1840-1889). *In*: AYROLO, V.; OLIVEIRA, A. J. M. de (coord.). **Historia de clérigos y religiosas en las Américas: conexiones entre Argentina y Brasil, siglos XVIII y XIX**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Teseo, 2016. p. 393-436. Disponível em: <https://bit.ly/4edzilj>. Acesso em: 11 jun. 2024.

SANTIROCCHI, I. D.; SANTIROCCHI, P. C. R. Os desafios para a universalização da Congregação da Missão no superiorato do padre Jean-Baptiste Étienne (1843-1874).

Almanack, Guarulhos, n. 26, p. 1-52, 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/alm/a/St4fxYhm8kqh3gd93GLCkTH/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 16 fev. 2024.

SANTIROCCHI, P. C. R. O caminho que leva a Deus: a trajetória do padre lazarista Pierre Auguste Chevalier (Ceará, 1831-1901). *In*: SANTIROCCHI, I. D.; FERREIRA, M. M. G.; NERIS, W. S. (org.) **Religiões e religiosidades no Brasil: História, Historiografia e Ensino**. São Luís: Editora UEMA, 2018. p. 281-307.

SANTOS, A. R. Ir. Histórico do Hospital Geral (Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro). *In*: SOUZA, R. R. Ir. (org.). **História das Filhas da Caridade da Província do Rio de Janeiro: Brasil 1849-2003**. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 73-86.

SANTOS, E. C. C. M. **Congregação da Missão: 200 anos no Brasil**. Rio de Janeiro: Província Brasileira da Congregação da Missão, 2020. 208 p.

SARNELIUS. **Guia sentimental do Caraça**. 2. ed. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 2005. 352 p.

SILVA, C. de A. Neogótico no Brasil: Arquitetura, Religião e Espaço, na obra do missionário lazarista Julio José Clavelin, 1834 e 1909. **Temporalidades** – Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG, v. 6, p. 391-400, 2014.

SILVA, C. de A. O Caraça de padre Julio Clavelin e sua nova política de ensino e de educação religiosa: influência neogótica nas Minas do Oitocentos. **Temporalidades** – Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG, v. 7, p. 624-635, 2016.

SILVA, F. de P. C. M. **Um sacerdote modelo ou biographia do Pe. Julio José Clavelin da Congregação da Missão**. Petrópolis: Typ. da Escola Gratuita São José, 1910.

SILVA, J. B. Ir. Apresentação. *In*: SOUZA, R. R. Ir. (org.). **História das Filhas da Caridade da Província do Rio de Janeiro: Brasil 1849-2003**. Petrópolis: Vozes, 2006. p. iii-iv.

SOARES, O. O. Ir. Colégio da Providência (1º. Período). *In*: SOUZA, R. R. Ir. (org.). **História das Filhas da Caridade da Província do Rio de Janeiro: Brasil 1849-2003**. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 100-103.

SOUZA, R. R. Ir. (org.). **História das Filhas da Caridade da Província do Rio de Janeiro: Brasil 1849-2003**. Petrópolis: Editora Vozes, 2006. 446 p.

SOUZA, R. R. Ir. Como era o Rio de Janeiro. *In*: SOUZA, R. R. Ir. (org.). **História das Filhas da Caridade da Província do Rio de Janeiro: Brasil 1849-2003**. Petrópolis: Vozes, 2006a. p. 51-56.

SOUZA, R. R. Ir. Asilo Francês (Hoje Instituto São Vicente de Paulo, no Matoso). *In*: SOUZA, R. R. Ir. (org.) **História das Filhas da Caridade da Província do Rio de Janeiro: Brasil 1849-2003**. Petrópolis: Vozes, 2006b. p. 87-99.

SOUZA, R. R. Ir. Padre João Monteil, C.M. e a organização da Companhia no Brasil de 1849 a 1859. *In*: SOUZA, R. R. Ir. (org.). **História das Filhas da Caridade da Província do Rio de Janeiro: Brasil 1849-2003**. Petrópolis: Vozes, 2006c. p. 136-139.

SOUZA, R. R. Ir. Instalação da Província Brasileira das Filhas da Caridade do Rio de Janeiro. *In*: SOUZA, R. R. Ir. (org.). **História das Filhas da Caridade da Província do Rio de Janeiro: Brasil 1849-2003**. Petrópolis: Vozes, 2006d. p. 160-161.

SOUZA, R. R. Ir. Desenvolvimento da Companhia no Brasil (1849 a 1860). *In*: SOUZA, R. R. Ir. (org.). **História das Filhas da Caridade da Província do Rio de Janeiro: Brasil 1849-2003**. Petrópolis: Vozes, 2006e. p. 162-163.

SOUZA, R. R. Ir. Marcos importantes no mandato da 1ª. Visitadora Irmã Marie Athalie Rouy (1860-1866). *In*: SOUZA, R. R. Ir. (org.). **História das Filhas da Caridade da Província do Rio de Janeiro: Brasil 1849-2003**. Petrópolis: Vozes, 2006f. p. 164-166.

SOUZA, R. R. Ir. 2ª. Visitadora da Província Brasileira das Filhas da Caridade: Irmã Virginia Marguerite Dubost / 1866-1886). *In*: SOUZA, R. R. Ir. (org.). **História das Filhas da Caridade da Província do Rio de Janeiro**: Brasil 1849-2003. Petrópolis: Vozes, 2006g. p. 173-185.

SOUZA, R. R. Ir. 3ª. Visitadora: Irmã Louise Josephine Dorothée Chantrel. Cujo mandato foi de 1886 a 1909. *In*: SOUZA, R. R. Ir. (org.). **História das Filhas da Caridade da Província do Rio de Janeiro**: Brasil 1849-2003. Petrópolis: Vozes, 2006h. p. 186-200.

SOUZA, R. R. Ir. 6ª. Visitadora: Irmã Marie Antoinette Clémence Blanchot (1º Mandato). *In*: SOUZA, R. R. Ir. (org.). **História das Filhas da Caridade da Província do Rio de Janeiro**: Brasil 1849-2003. Petrópolis: Vozes, 2006i. p. 249-256.

SOUZA, R. R. Ir. 8ª. Visitadora: Irmã Marie Antoinette Clémence Blanchot (1953-1965). *In*: SOUZA, R. R. Ir. (org.). **História das Filhas da Caridade da Província do Rio de Janeiro**: Brasil 1849-2003. Petrópolis: Vozes, 2006j. p. 266-287.

SOUZA, R. R. Ir.; SOARES, O. O. Ir. Fundação da Província Brasileira das Filhas da Caridade. *In*: SOUZA, R. R. Ir. (org.) **História das Filhas da Caridade da Província do Rio de Janeiro**: Brasil 1849-2003. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 154-156.

SOUZA, V. L.; de FREITAS, W. L. **Matriz Nossa Senhora da Conceição de Carrancas**: história e participação na formação cultural de Carrancas. Encontro Internacional ArquiMemória 5 sobre preservação do patrimônio edificado. Salvador, Bahia, 27 nov. a 1 dez. 2017, p. 1-24. Disponível em: https://www.academia.edu/106699234/MATRIZ_NOSSA_SENHORA_DA_CONCEI%C3%87%C3%83O_DE_CARRANCAS_HIST%C3%93RIA_E_PARTICIPA%C3%87%C3%83O_NA_FORMA%C3%87%C3%83O_CULTURAL_DE_CARRANCAS?sm=a. Acesso em: 19 maio 2024.

TEIXEIRA, F. A. de F. **O processo de reforma da Igreja Católica em Minas Gerais e a irradiação do modelo educacional caracense no século XIX**, 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Flavio_Teixeira2/publication/256440048_O_PROCESSO_DE_REFORMA_DA_IGREJA_CATOLICA_EM_MINAS_GERAIS_E_A_IRRADIACAO_DO_MODELO_EDUCACIONAL_CARACENSE_NO_SECULO_XIX/links/0c9605228f153c537a000000/O-PROCESSO-DE-REFORMA-DA-IGREJA-CATOLICA-EM-MINAS-GERAIS-E-A-IRRADIACAO-DO-MODELO-EDUCACIONAL-CARACENSE-NO-SECULO-XIX.pdf. Acesso em: 26 mar. 2024.

TEIXEIRA, V. A. R. C. M. **Impelidos pela caridade, peregrinos na missão**: perfis biográfico-espirituais de São Vicente de Paulo, Santa Luísa de Marillac e padre Antônio Portail. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2010. 172 p.

TIBÃES, M. da C. D. **John Rose, um inglês em Diamantina**: do Biribiri aos casarões. Diamantina: UFVJM, 2018. 133 p. Disponível em: http://acervo.ufvjm.edu.br/jspui/bitstream/1/1977/1/john_rose_ingles_diamantina_biribiri_casares.pdf. Acesso em: 28 mar. 2024.

TUAN, Y.-F. **Topofilia**. São Paulo: Difusão Editorial, 1980. 288 p.

VALLE, A. Relações entre pintura decorativa e decoração de interiores na arte brasileira da Primeira República. In: VALLE, A.; DAZZI, C. **Oitocentos: Arte Brasileira do Império à República**. Tomo 2. Rio de Janeiro: EDUR-UFRRJ, 2010.

VERMEERSCH, P. F. Aspectos ornamentais de igrejas católicas neogóticas brasileiras (c.1860-c.1960). **19&20**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, jan./jun. 2017. 7 p.

VIANA, H. M. **Basílica Imaculada Conceição: subsídios para um registro histórico e construtivo**. Rio de Janeiro, 2010. 93 p. Monografia (Curso de Pós-graduação em Gestão e Restauro Arquitetônico) — Centro IV, Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, agosto 2010.

VIANA, H. M. **Instrumentos e técnicas para sistema de identificação e registro de vitrais**. 2015. 157 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Projeto e Patrimônio) — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

WAGNER, T.; VILLELONGUE, M. **Lucien Bégule: maître verrier lyonnais**. Paris: La Taillanderie, 2005. 64 p.

WERTHEIMER, M. G. **A arte vitral do século XX em Pelotas, RS**. 2011. 234 p. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) — Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, julho 2011.

XEXÉO, P. M. C. *et al.* **Primeira Missa no Brasil: o Renascimento de uma pintura**. Rio de Janeiro: MNBA, 2008, 96 p.

ZEVI, B. **Saber ver a arquitetura**. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. p. 1-100.

ZICO, J. T. C.M. **Caraça e a família imperial**. Belo Horizonte: O Lutador, 1991.

ZICO, J. T. C.M. **Caraça, peregrinação, cultura, turismo**. 5. ed. Belo Horizonte: Littera Maciel, 1988.

ZICO, J. T. C.M. **Caraça, sua igreja e outras construções**. Belo Horizonte: FUMARC/UCMG, 1983.

ZICO, J. T. C.M. **Congregação da Missão no Brasil: resumo histórico (1820-2000)**. Belo Horizonte: Editora Santa Clara, 2000. 336 p.

GLOSSÁRIO

Padroado (ou patronato) O direito do padroado ou patronato consistiu na delegação de poderes pelos Papas às monarquias europeias a partir do século XIII. Essa delegação ocorreu por meio de diversas bulas papais, que firmavam alianças dos governos laicos com a Santa Sé. No caso de Portugal, uma bula de 30 de dezembro de 1551 uniu perpetuamente a Coroa Portuguesa à Ordem de Cristo. A partir de então, no reino português, o rei passou a ser, também, patrono e protetor da Igreja, invocando à Coroa sua qualidade de protetora das missões eclesiásticas na África, na Ásia e no Brasil. Suas obrigações e seus deveres eram: a) zelar pelas leis da Igreja; b) enviar missionários evangelizadores às terras descobertas; e c) sustentar a Igreja nessas terras. O rei tinha, também, direitos do padroado: a) arrecadar dízimos (poder econômico); b) apresentar os candidatos aos postos eclesiásticos, sobretudo bispos, o que lhe dava um poder político muito grande, pois, nesse caso, os bispos ficavam submetidos a ele. Para a Igreja, o equilíbrio a esse poder real era exercido pela *Propaganda fide*, diretamente ligada à Santa Sé. Assim, muitos religiosos vinham para a Colônia por intermédio da *Propaganda fide* (cf. **Glossário** para mais detalhes).

CASIMIRO, A. P. B. S. **Padroado 3**: História, Sociedade e Educação no Brasil. Disponível em: <https://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/padroado-3>. Acesso em: 20 fev. 2024.

LAGE, A. C. P. **Padroado 1**: História, Sociedade e Educação no Brasil. Disponível em: <https://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/padroado-1>. Acesso em: 20 fev. 2024.

TOLEDO, C. de A. A. de.; MAS, F. **Padroado 2**: História, Sociedade e Educação no Brasil. Disponível em: <https://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/padroado-2>. Acesso em: 20 fev. 2024.

Placet

O beneplácito real ou *placet* era o direito de aceitar ou não, no próprio território, as bulas, breves, encíclicas e leis canônicas promulgadas pelos Papas e até mesmo pelos Concílios Ecumênicos. O *Recurso à Coroa* era usado quando os beneficiados se sentiam usurpados em seus direitos ou devido ao cancelamento dos seus cargos pelas autoridades religiosas, pois a Coroa julgava que à hierarquia católica cabia somente confirmar as apresentações régias.

SANTIROCCHI, I. D. O ultramontanismo no Brasil imperial e a reforma clerical (1840-1889). In: AYROLO, V.; OLIVEIRA, A. J. M. de (coord.). **Historia de clérigos y religiosas en las Américas: conexiones entre Argentina y Brasil, siglos XVIII y XIX**. Buenos Aires: Teseo, 2016. p. 393-436.

Propaganda fide ou

Sagrada Congregação

para a Propagação da Fé:

Congregação criada pela Santa Sé, em 22 de junho de 1622, pela bula *Inscrutabili Divinae*, do papa Gregório XV. Foi a última das grandes congregações criadas entre a segunda metade do século XVI e o primeiro quartil do século XVII, completando as mudanças realizadas na Igreja Católica pela Contrarreforma e tornando-se de grande poder e extensão de atuação. Seus principais objetivos consistiam em recuperar os fiéis em todas as partes por onde o protestantismo havia se instituído e propagar a fé católica. Isso foi realizado por meio da formação de muitos missionários e de sua organização nos vários empreendimentos de disseminação da fé nos locais pagãos que estavam sendo descobertos e conquistados.

GUILDAY, P. The Sacred Congregation de *Propaganda fide* (1622-1922). **The Catholic Historical Review**, v. 6, n. 4, p. 478-494, jan. 1921.

Regalismo

Segundo Castro (2002), entende-se por regalismo “a supremacia do poder civil sobre o poder eclesiástico, decorrente da alteração de uma prática jurisdicional comumente seguida ou de princípios geralmente aceitos, sem que haja uma uniformidade na argumentação com que se pretende legitimá-lo”. Assim, caracteriza-se por uma modificação unilateral, por parte do Estado, das leis ou dos costumes que definem os limites e respectivas funções dos poderes civis e espirituais. As justificativas para tais atos se modificaram conforme as diferentes sociedades e épocas. Padroado não é o mesmo que regalismo, pois é um direito reconhecido por ambos os poderes; o mesmo não se pode afirmar sobre o beneplácito (*placet*) e o recurso à coroa, que nunca foram aceitos pela Santa Sé — sendo, portanto, exemplos típicos de regalismo.

SANTIROCCHI, I. A Igreja e a construção do Estado no Brasil imperial. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal. **Anais** [...]. Natal: ANPUH, 2013. p. 1-16.

Disponível em:

https://www.academia.edu/38524586/A_Igreja_a_e_constru%C3%A7%C3%A3o_do_Estado_no_Brasil_imperial. Acesso em: 20 mar. 2024.

Santa Cecília:

A popularidade da devoção para com a virgem e mártir romana fez com que o novo calendário litúrgico conservasse sua memória, embora faltem testemunhos anteriores ao século VI. Essa devoção, somada ao patrocínio de Santa Cecília sobre a música sagrada, deve-se, de fato, à sua *Paixão*, que é posterior a 486 d.C. Nesse relato, Cecília é identificada com uma santa homônima, sepultada nas catacumbas de São Calisto, que teria sofrido o martírio durante o império de Alexandre Severo, pelo ano de 230 d.C. Lê-se na Liturgia das Horas, a oração pública e comunitária oficial da Igreja Católica: “O culto de santa Cecília, em honra da qual, no século V, foi construída em Roma uma basílica, difundiu-se por causa de sua *Paixão*. Nela, Cecília é

exaltada como o modelo mais perfeito de mulher cristã, que por amor de Cristo professou a virgindade e sofreu o martírio. Cecília, nobre e rica, ia diariamente assistir à missa celebrada pelo papa Urbano nas catacumbas da via Ápia, aguardada por multidão de pobres, que conheciam a sua generosidade. Noiva de Valeriano, no dia das núpcias, “enquanto os órgãos tocavam, ela cantava em seu coração somente para o Senhor” (deste trecho da sua *Paixão*, teve origem o patrocínio de Cecília sobre a música sagrada); depois, quando chegou a noite, a jovem disse a Valeriano: “Nenhuma mão humana pode me tocar, pois sou protegida por um anjo. Se tu me respeitares, ele amará a ti, como me ama.”

O esposo, decepcionado, não teve alternativa: seguiu o conselho de Cecília. Fez-se instruir e batizar pelo papa Urbano e, depois, participou do mesmo ideal de pureza da esposa, recebendo em recompensa a mesma sorte gloriosa: a palma do martírio, ao qual, pela graça de Deus, foi associado também o irmão de Valeriano, Tibúrcio. Apesar dessa narrativa parecer fruto de piedosa fantasia, os mártires Valeriano e Tibúrcio, sepultados nas catacumbas de Pretestato, são historicamente certos. Após o processo, referido com abundância de detalhes pelo autor da *Paixão*, Cecília, condenada à decapitação, recebeu três golpes do algoz sem que sua cabeça caísse: ela pedira e obtivera a graça de rever o papa Urbano antes de morrer.

Aguardando essa visita, ela continuou ainda três dias professando a fé. Não podendo proferir palavras, expressou com os dedos seu credo em Deus Uno e Trino. É nesta atitude que Maderno a esculpiu na célebre estátua.

Santa Filomena:

O culto de Santa Filomena, acompanhado por todos os interrogativos sobre a sua identidade, teve origem em Roma, em 25 de maio de 1802, durante as escavações na Catacumba de Santa Priscila, na Via Salaria. Na época, foram descobertos os ossos de uma jovem, de 13 ou 14 anos de idade, e uma ampola contendo um líquido, que, se pensava, fosse o sangue da Santa. O lóculo estava fechado por três lajes de terracota, sobre a qual estava escrito: “LUMENA PAZ TE CUM FI”. Pensava-se que, por negligência, tivesse sido invertida a ordem dos três fragmentos, que remontavam a algo entre os séculos III e IV d.C. e que deveriam ser lidos assim: “PAX TE / CUM FI / LUMENA”, isto é, “A paz esteja contigo, Filomena”.

Além do mais, os diversos sinais decorativos em volta do nome — sobretudo a palma e as lanças — levaram a atribuir os ossos a uma mártir cristã dos primeiros séculos. Na época, de fato, achava-se que a maior parte dos corpos presentes nas Catacumbas remontava às perseguições do período apostólico.

A seguir, a pedido do sacerdote de Nola, Padre Francisco de Lucia, essas relíquias foram transferidas para Mugnano del Cardinale, na província de Avelino, para a igreja dedicada à Nossa Senhora das Graças, onde se encontram até hoje. Foi exatamente esse sacerdote quem narrou os primeiros milagres realizados ali pela Santa. Atingido por tais acontecimentos, o Papa Leão XII concedeu ao santuário a lápide original, que Pio VII havia mandado transferir para o lapidário Vaticano.

Nesse contexto, em 1833, inseriu-se a “revelação” da Irmã Maria Luísa de Jesus, que contribuiu para difundir o culto de Santa Filomena pela Europa e pelo continente americano. Personagens famosos — como Paulina Jaricot, fundadora da Obra de Propagação da Fé e do Rosário, e o Santo Cura D’Ars, — receberam a cura completa dos seus males por intercessão de Santa Filomena, da qual se tornaram devotos fervorosos.

Foi precisamente a narração da Irmã Maria Luísa que revelou a história da Santa. A freira afirmou que a vida de Filomena lhe teria sido transmitida pela “revelação” da própria Santa.

Filomena teria sido filha de um rei da Grécia, que se converteu ao cristianismo e, por isso, tornou-se pai. Aos 13 anos, ela se consagrou a Deus com o voto de castidade virginal. Ao mesmo tempo, o imperador Diocleciano declara guerra ao seu pai: a família foi obrigada a transferir-se para Roma para entabular um tratado de paz. O imperador apaixonou-se pela donzela, que, ao rejeitar seu pedido, foi submetida a uma série de tormentos, dos quais sempre foi salva, até a decapitação definitiva. Duas âncoras, três flechas, uma palma e uma flor eram os símbolos representados nas lajes de terracota do cemitério de Priscila, que foram interpretados como símbolos do seu martírio. No entanto, um estudo mais aprofundado dos achados arqueológicos constatou a ausência da escrita *martyr*, fazendo decair a possibilidade da sua morte por martírio. Sobre a ampola, encontrada ao lado dos restos mortais, foi comprovado, outrossim, que o líquido contido não era sangue, mas perfumes típicos das sepulturas dos primeiros cristãos. Enfim, o corpo era de uma donzela, morta no século IV, sobre cujo sepulcro foram colocadas lajes com inscrições de um sepulcro antecedente.

A Sagrada Congregação dos Ritos, por ocasião da Reforma Litúrgica dos anos 1960, eliminou o nome de Filomena do calendário. No entanto, seu culto permaneceu.

A “Santinha” de Cura D’Ars, como muitos chamavam Santa Filomena, foi venerada, de modo particular, por São Pio de Pietrelcina, desde criança. Ele a chamava “princesinha do Paraíso” e, a quem ousava colocar em discussão a sua existência, ele respondia que suas dúvidas eram fruto do demônio, repetindo: “Pode ser que não se chamava Filomena!

Mas esta Santa fez muitos milagres e não foi seu nome a realizá-los.” Ainda hoje, Filomena intercede por muitas almas e numerosos fiéis vão rezar diante dos seus restos mortais.

Santa Filomena é considerada protetora dos aflitos e dos jovens esposos; muitas vezes, proporcionou a alegria da maternidade a mães estéreis.

VATICAN NEWS. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/santo-do-dia/08/13/santa-filomena.html#:~:text=Santa%20Filomena%20%C3%A9%20considerada%20protetora,da%20maternidade%20a%20m%C3%A3es%20est%C3%A9reis>. Acesso em: 09 jul. 2023.

Santa Inês:

A existência desta mártir de 12 anos, que viveu no início do século IV e foi vítima de feroz perseguição de Dioclesiano, é bem-documentada. Sua popularidade e devoção se estenderam por toda a cristandade desde o início até agora. Acreditando em uma tradição grega, o papa Dâmaso diz que Inês foi martirizada numa fogueira. Já o poeta Prudêncio e toda a tradição latina afirmam que, por não querer se sacrificar à deusa Vesta, ela teria sido decapitada — o que é verossímil.

O fato foi comentado por Santo Ambrósio com estas palavras: “Em um corpo tão pequeno, havia lugar onde ferir? As meninas da sua idade não resistem ao olhar repreensivo dos pais e a picada de uma agulha as faz chorar. Inês, porém, oferece o corpo inteiro ao fio da espada que o carrasco vibra com todo o furor sobre ela.”

Em torno de sua pessoa, quiseram tecer as mesmas vicissitudes das outras virgens romanas, também inscritas no cânon da missa. Segundo essa lenda, até o filho do prefeito de Roma foi tentar contra a pureza de Inês; uma vez desprezado, delatou-a como cristã. O prefeito ordenou-lhe prestar homenagem à deusa Vesta. Levaram-na a um lugar infame. O primeiro homem que

se aproximou dela caiu morto a seus pés. Então, decapitaram-na.

A obstinação do prefeito não lhe permitiu avaliar o prodígio do testemunho dado a Cristo por essa vida tenra e pura: ele não se rendeu. Um rito antigo perpetua a lembrança desse exemplo de pureza. Na manhã de 21 de janeiro, são benzidos dois cordeiros e, depois, oferecidas ao papa suas lãs, para que sirvam de pálio aos arcebispos. Essa antiquíssima cerimônia se desenvolvia na basílica de Santa Inês, construída na via Nomentana por Constantina, filha do imperador Constantino, mais ou menos pelos anos de 345 d.C.

SGARBOSSA, M.; GIOVANNINI, L. **Um santo para cada dia**. São Paulo: Paulus, 1996. p. 26-27.

O pálio dos bispos: Todos os anos, os padres da Basílica de Santa Inês levam dois cordeiros para o Papa abençoar. Os cordeiros são, em seguida, tosquiados, e sua lã é levada para fazer os pálios, duas tiras de lã branca que são usadas na liturgia pelos arcebispos da Igreja Católica. O pálio é um símbolo que lhes confere o poder da jurisdição. Santa Inês é cantada na ladainha de Todos os Santos. Além de padroeira da Pureza e da castidade, ela é também a padroeira dos noivos.

SANTA INÊS. Disponível em: <https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-santa-ines/86/102/>. Acesso em: 16 fev. 2024.

Ultramontano:

Adjetivo vindo de “ultramontanismo”, palavra derivada do latim *ultramontes*, que significa “para além dos montes”, isto é, dos Alpes. A verdadeira origem do termo se encontra na linguagem eclesiástica medieval, que denominava de “ultramontanos” todos os Papas não italianos eleitos. A palavra

foi novamente empregada depois da Reforma Protestante, entre os governos e os povos do Norte europeu, onde se desenvolveu uma tendência a considerar o Papado uma potência estrangeira, especialmente quando o Papa interferia em questões temporais. O termo “ultramontanos” também foi utilizado na França, para identificar os defensores da autoridade pontifícia em contraposição às “liberdades da igreja galicana”. No século XVII, o ultramontanismo foi associado àqueles que defendiam a superioridade dos Papas sobre os reis, mesmo em questões temporais. Na Alemanha do século XVIII, o conceito se ampliou e passou a ser usado para identificar os defensores da Igreja em qualquer conflito entre poderes temporais e espirituais (Igreja-Estado).

No século XIX, o ultramontanismo se caracterizou por uma série de atitudes da Igreja Católica, em um movimento de reação a algumas correntes teológicas e eclesiásticas, ao regalismo dos estados católicos, às novas tendências políticas desenvolvidas após a Revolução Francesa e à secularização da sociedade moderna. Pode-se resumi-lo como: o fortalecimento da autoridade pontifícia sobre as igrejas locais; a reafirmação da escolástica; o restabelecimento da Companhia de Jesus (1814); a definição dos “perigos” que assolavam a Igreja (galicanismo, jansenismo, regalismo, todos os tipos de liberalismo, protestantismo, maçonaria, deísmo, racionalismo, socialismo, casamento civil, liberdade de imprensa etc.), culminando na condenação desses riscos por meio da encíclica *Quanta cura* e do *Silabo dos Erros*, anexo à encíclica, publicados em 1864. O fortalecimento da autoridade pontifícia, consolidado com a definição da infalibilidade papal nos pronunciamentos *ex-cathedra* durante o Concílio Vaticano I (1869-1870), foi um dos momentos culminantes da vitória ultramontana em âmbito eclesiástico, mas não em suas relações com os Estados do século

XIX. O processo de separação entre os dois poderes, o indiferentismo estatal, o anticlericalismo e o regalismo exacerbado, tolhendo a liberdade da instituição eclesiástica e a autoridade de sua hierarquia, tiveram como contrapartida a busca de um “centro” que apresentasse melhores condições e maior interesse em proteger os membros da comunidade clerical; tal centro seria o Papa, o mais tradicional chefe da Igreja Católica. Difundiou-se, então, uma eclesiologia que fortalecia a função e as prerrogativas do Sumo Pontífice, considerando-o, praticamente, a fonte dos ensinamentos da Igreja e a autoridade da qual emanavam, de modo indiscutível, todas as decisões. Essa centralização, na prática, levou a uma intervenção mais sentida das congregações romanas na vida de cada diocese e a uma maior uniformização da disciplina eclesiástica.

É difícil estabelecer, com exatidão, a data em que entrou no Brasil a corrente de pensamento do ultramontanismo do século XIX. No entanto, é certo que, entre os primeiros ultramontanos desse período, estavam os religiosos da Congregação da Missão ou os lazaristas, de carisma vicentino, que se estabeleceram em 1820 na província de Minas Gerais. O ultramontanismo não encontrou, nesse período, um clima muito favorável no país, já que, desde os dias de Pombal e da expulsão dos jesuítas do reino português, as ideias jansenistas e um forte regalismo político tinham dominado o cenário brasileiro, desaparecendo, quase que por completo, do currículo das escolas brasileiras, o escolasticismo. Apesar disso, o movimento cresceria vagarosamente e, em menos de um século, alcançaria o controle da Igreja do país.

Os ultramontanos brasileiros durante o Segundo Império atuaram principalmente por meio do episcopado, que logo formou um grupo de padres reformados que coadjuvavam com

muitos leigos. Eles não atuaram sozinhos, pois tiveram grande ajuda dos representantes pontifícios e das ordens religiosas reformadas, como lazaristas, capuchinhos e jesuítas, bem como de congregações femininas, como as Filhas da Caridade e as Irmãs de São José. A partir do final do Primeiro Império, presenciou-se, no Brasil, um esforço contínuo, por parte dos ultramontanos, para reformar a Igreja brasileira e levá-la à plena ortodoxia, de acordo com a Igreja Católica Apostólica Romana, à qual pertenciam.

SANTIROCCHI, I. D. Uma questão de revisão de conceitos: Romanização – Ultramontanismo – Reforma. **Temporalidades** – Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG, v. 2, n. 2, p. 24-33, ago./dez. 2010.

APÊNDICE A - Locais de atuação da C.M. e da Companhia das Filhas da Caridade no Brasil (século XIX)

INÍCIO	TIPO DE ATIVIDADE	RESPONSÁVEL	LOCAL	CONTEXTO DE CRIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO	OBSERVAÇÕES	ANO E CONTEXTO DE ENCERRAMENTO
janeiro 1821	IMPLANTAÇÃO	Pe. Leandro e Pe. Viçoso	MG – Catas Altas – Santuário do Caraça	D. João VI doa terras e bens para a C.M. de Portugal. Iniciado o colégio interno para meninos. Em 1824 (Zico, 2000, p. 25), tem início o Noviciado para formação de padres ¹⁹¹ . Em 5/08/1821, começa o Noviciado no Caraça, com a chegada do primeiro noviço, já sacerdote: Pe. João Moreira Garcês. Em 1824, chegam os irmãos Antônio Affonso e José Affonso de Morais Torres (Zico, 2000, p. 52). Até 1828, 22 locais haviam recebido missões (Zico, 2000, p. 26), mas os candidatos perseveravam pouco (Zico, 2000, p. 53). Reaberto o Seminário Maior em 4/04/1854 (Zico, 2000, p. 65). Em novembro de 1856, a pedido das famílias mineiras, é reaberto o Colégio do Caraça (Zico, 2000, p. 68). Em 1885, o Pe. Boavida abre a primeira escola apostólica, a Escola Apostólica Nossa Senhora Mãe dos Homens (Zico, 2000, p. 106-107), que forneceu sacerdotes à Congregação para missões e para os seminários (Zico, 2000, p. 76).		Em 1834, o Seminário Interno foi fechado por ordem do Governo, em função das severas leis do Império contra a Igreja, as Congregações estrangeiras e a formação religiosa (Zico, 2000, p. 37 e 59). Em 1842, o colégio foi fechado em função das revoltas liberais e de dívidas; as pessoas e os bens móveis foram levados para Campo Belo (Zico, 2000, p. 36). Em 1882, o bispo de Mariana, D. Antônio de Sá e Benevides, retorna o Seminário Maior do Caraça para Mariana (Zico, 2000, p. 104). Em 1895, o novo superior francês encerra a Escola Apostólica, que foi transferida para Petrópolis (Zico, 2000, p. 76).
julho 1822	APOIO	Pe. Viçoso	RJ – Angra dos Reis – Jacuecanga	Imperador D. Pedro I nomeia o Pe. Viçoso reitor do Seminário de Jacuecanga (Zico, 2000, p. 21 e Pasquier, [19--], p. 69).		

¹⁹¹ O noviciado ou seminário interno visava à formação de candidatos à vida religiosa na Família Vicentina (Zico, 2000, p. 52).

INÍCIO	TIPO DE ATIVIDADE	RESPONSÁVEL	LOCAL	CONTEXTO DE CRIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO	OBSERVAÇÕES	ANO E CONTEXTO DE ENCERRAMENTO
28/08/1827	APOIO	Pe. Leandro	MG – Congonhas do Campo – Santuário do Bom Jesus de Congonhas	Carta do Imperador de 9/6/1827 ordena tomar a direção do santuário e abrir um colégio, semelhante ao do Caraça, mas independente (Colégio de Matozinhos) (Zico, 2000, p. 59), ou seja, cuidar do santuário, da irmandade e do colégio (Zico, 2000, p. 28). Colégio começou em 1828, com 68 alunos (Pasquier, [19--], p. 103 e 119).		Em 1856, é fechado o colégio (Zico, 2000, p. 66). Em 1860, a direção do santuário é devolvida aos mesários e juizes (Zico, 2000, p. 29). Falta de irmãos preparados, intromissão da antiga irmandade e dificuldades financeiras; necessidade de reforçar o Colégio do Caraça e as missões.
14/07/1827	RECEBIMENTO DE BENS	-	MG – Campo Belo da Farinha Podre (atual Campina Verde)	Em 1826, o fazendeiro João Batista Siqueira fez a primeira oferta de doação de terras e animais (Pasquier, [19--], p. 74-81). Em 14/07/1827, dá-se a assinatura do acordo de doação da Fazenda Paraíso (Zico, 2000, p. 23). Em 15/07/1827, carta do Imperador aceita a doação do fazendeiro (Zico, 2000, p. 24).	Fazendeiro João Batista Siqueira oferece à C.M., em 1826, terras no Campo Belo, Triângulo Mineiro (Zico, 2000, p. 23).	
29/10/1830	RECEBIMENTO DE BENS	-	MG – Campo Belo da Farinha Podre	Pe. Macedo (médico) cura o fazendeiro Siqueira, que doa à C.M. três fazendas: Fazenda Paraíso, Campo Belo e Fortaleza (Zico, 2000, p. 31).	A C.M. se obriga a construir uma capela, a dar assistência religiosa aos domingos e dias santos e, na medida do possível, a manter uma escola de primeiras letras e aulas de latim (Zico, 2000, p. 31). Em 1834, os missionários tomaram posse da fazenda (Santos, 2020, p. 32). O colégio foi aberto	

INÍCIO	TIPO DE ATIVIDADE	RESPONSÁVEL	LOCAL	CONTEXTO DE CRIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO	OBSERVAÇÕES	ANO E CONTEXTO DE ENCERRAMENTO
					em 1835 (Zico, 2000, p. 63). Em 1850, tinha 130 alunos, sendo fechado em 1856; os padres passam a se dedicar apenas às paróquias e às missões (Zico, 2000, p. 66).	
1834	IMPLANTAÇÃO	Pe. Macedo, Pe. Antônio Morais e Pe. José Tomás de Sousa (Zico, 2000, p. 35)	MG – Campo Belo da Farinha Podre	Início da administração da Fazenda de Campo Belo.	História do colégio foi muito irregular, mas as missões continuam até ao menos a publicação do livro (Zico, 2000, p. 37).	
1838	APOIO	Pe. Leandro	RJ – Rio de Janeiro – Colégio Pedro II	Ministro Bernardo Pereira de Vasconcelos solicita Pe. Leandro para Vice-Reitor do colégio (Zico, 2000, p. 39).		
1840	IMPLANTAÇÃO	Pe. Leandro	MG – Ouro Preto	Presidente da Província, Bernardo Jacinto da Veiga, convida Pe. Leandro para fundar a primeira escola de ensino médio do Governo em Minas, o Colégio Assunção (Zico, 2000, p. 43 e 45).		
03/04/1849	IMPLANTAÇÃO	Fundado pelo Pe. Antônio Morais como Visitador	MG – Seminário de Mariana		Seminários Maior e Menor funcionaram de 1853 a 1965 (Santos, 2020, p. 55).	
1850	IMPLANTAÇÃO	Filhas da Caridade	MG –Mariana – Colégio da Providência	Aberto, na Casa da Providência, pequeno pensionato para formação de moças (Zico, 2000, p. 63), chamado Colégio da Providência, nas modalidades de externato e		

INÍCIO	TIPO DE ATIVIDADE	RESPONSÁVEL	LOCAL	CONTEXTO DE CRIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO	OBSERVAÇÕES	ANO E CONTEXTO DE ENCERRAMENTO
				internato (Cunha, 2006a, p. 69-70). Mais tarde foi aberto o Hospital para os pobres (Cunha, 2006a, p. 71).		
setembro 1852	APOIO	Fundado pelo Pe. Antônio Morais como Visitador	RJ – Rio de Janeiro – Santa Casa	Imperador mandou o Pe. Pedro Monteil a Paris para pedir ao Superior-Geral, Pe. Étienne, que enviasse religiosas para a Santa Casa e para o Asilo dos Alienados (Zico, 2000, p. 63). Pe. Monteil partiu do Havre em 31 de julho de 1852, trazendo trinta Irmãs, quatro padres e dois irmãos coadjutores no navio <i>Ville de Paris</i> . Chegam ao Brasil em 26 de setembro de 1852 (Souza, 2006c, p. 139). As Irmãs ficaram na Santa Casa (Zico, 2000, p. 63) — segundo Santos (2006, p. 74-76), sua chegada se deu em 20 de setembro de 1852, no total de 33 Irmãs, entre as quais trinta ficaram na Santa Casa. Em 31 de julho de 1852, foi fundada a Comunidade das Irmãs na Santa Casa de Misericórdia (Souza, 2006c, p. 138).		
1852	IMPLANTAÇÃO		RJ – Rio de Janeiro – Orfanato Santa Maria	Informação em Souza (2006e, p. 162).		
fevereiro 1853	APOIO	Pe. Miguel Maria Sípolis	MG – Mariana – Seminário Maior de Mariana	A direção do Seminário Maior ficou com os Congregados, e a do Seminário Menor continuou com os padres diocesanos (Zico, 2000, p. 64).	Aprovação de Roma em 26 de setembro de 1853 e do Cabido de Mariana em 16 de maio de 1857 (Zico, 2000, p. 64).	
1853	IMPLANTAÇÃO		RJ – Rio de Janeiro – N. Sra. da Saúde	Informação em Souza (2006e, p. 162).		

INÍCIO	TIPO DE ATIVIDADE	RESPONSÁVEL	LOCAL	CONTEXTO DE CRIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO	OBSERVAÇÕES	ANO E CONTEXTO DE ENCERRAMENTO
1853	IMPLANTAÇÃO	Ir. Darmagnac (Primeira Superiora)	RJ – Rio de Janeiro – Asilo Francês	Fundado pela Sociedade Francesa de Beneficência, inicialmente recebia idosos e meninos de 7 a 11 anos da colônia francesa, em regime de internato, na Rua dos Bourbons, perto dos Arcos da Lapa. Quando a Sociedade Francesa se extinguiu, o asilo começou a receber crianças brasileiras de ambos os sexos (Souza, 2006b, p. 87). Foi, depois, transferido para São Cristóvão, onde funcionava o Orfanato. Em 1871, o governo arrenda o local e, a partir de 1873, o colégio passa a funcionar na Colina do Matoso, com o nome de Colégio São Vicente de Paulo (Souza, 2006b, p. 88 e 94). Em 1915, o colégio foi fechado, e, em junho de 1916, foram instaladas a Casa Central e o Seminário (Souza, 2006b, p. 95).		
19/07/1853	IMPLANTAÇÃO	Ir. Sophie Claudine Rommers (Primeira Superiora)	RJ – Rio de Janeiro – Colégio da Providência	Fundação do Colégio da Providência na Rua Conselheiro Pereira da Silva, 19. Nesse local, chamado Casa da Providência, patrimônio doado à Associação, funcionava um colégio, um orfanato para meninas, um patronato para moças e um dispensário para pobres. Tais atividades foram iniciadas por vinte Filhas da Caridade, que chegaram ao Rio em 1853. Lá, também funcionou a Casa Central até junho de 1916 (Souza, 2006b, p. 95), (Soares, p. 100-101 e 103).		

INÍCIO	TIPO DE ATIVIDADE	RESPONSÁVEL	LOCAL	CONTEXTO DE CRIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO	OBSERVAÇÕES	ANO E CONTEXTO DE ENCERRAMENTO
1853	IMPLANTAÇÃO	Filhas da Caridade	Bahia – Colégio Nossa Senhora dos Anjos	Fundado pela Confraria São Vicente de Paulo, é aberto em 1853. Foi a origem das outras casas na Bahia, mas encerrou suas atividades em 1862, pela dissolução da Ilustre Confraria São Vicente de Paulo.	Recebidas 11 Irmãs vindas da França, a pedido do Arcebispo D. Romualdo Seixas. Saíram do Havre, em 30 de junho de 1853 e chegaram à Bahia em 7 de agosto de 1853. (Azzi, 1975, p. 236).	
1854	IMPLANTAÇÃO	Filhas da Caridade	Bahia – Casa da Providência	Obra das Damas da Caridade para visitas em domicílio e assistência aos pobres, educação das meninas pobres e formação das pobres órfãs (Azzi, 1975, p. 236).		
1854	IMPLANTAÇÃO	Filhas da Caridade	Rio de Janeiro – Colégio da Imaculada Conceição	Informação em Souza (2006e, p. 162).		
1855	APOIO	Pe. José Basílio Lamant	Bahia – Seminário Santa Teresa	Arcebispo D. Romualdo Seixas pede ao Pe. Lamant para lecionar grego e francês (Zico, 2000, p. 66).		
fevereiro 1856	APOIO	Pe. João Batista Cornagliotto	Mariana – Seminário Menor de Nossa Senhora da Boa Morte	Bispo D. Antônio Viçoso pede aos Congregados que dirijam o Seminário Menor de Mariana (Zico, 2000, p. 66).		
fevereiro 1856	APOIO	Direção da Congregação da Missão	Bahia – Seminário Maior e Seminário Menor de Santa Teresa	D. Romualdo Seixas solicita aos Congregados a direção dos dois seminários, Maior e Menor (Zico, 2000, p. 66).		Após a morte de D. Romualdo, os lazaristas sofreram forte oposição e deixaram os seminários em 1862. Em 1888, o novo bispo chamou os congregados para a direção do mesmo Seminário de Santa Teresa (Zico, 2000, p. 79). Em

INÍCIO	TIPO DE ATIVIDADE	RESPONSÁVEL	LOCAL	CONTEXTO DE CRIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO	OBSERVAÇÕES	ANO E CONTEXTO DE ENCERRAMENTO
						janeiro de 1948, o Primaz D. Augusto Alves da Silva não aprovou o novo contrato apresentado pela Congregação, e os congregados se retiraram do Seminário Santa Teresa (Zico, 2000, p. 107).
agosto 1856	APOIO	Pe. João Batista Laurent (superior) e Pe. Bernardo Pader	Santa Catarina – Casa da Ilha do Desterro (Florianópolis) (Zico, 2000, p. 68)	Os padres cuidariam da parte espiritual, e seis ficariam encarregadas do Hospital Nossa Senhora do Desterro.	Dois padres da Missão e seis Filhas da Caridade, vindos da França, passam a tomar conta do Hospital Nossa Senhora do Desterro e de uma escola anexa (Souza, 2006f, p. 164).	Deixaram o trabalho em Santa Catarina em 1864, por vários problemas, inclusive falta de recursos para subsistência (Zico, 2000, p. 68).
abril 1857	APOIO	Pe. Basílio Jeanteur (Zico, 2000, p. 68) e 15 Irmãs da Caridade (Zico, 2000, p. 70; Azzi, 1975, p. 237-238)	Pernambuco – Hospital da Caridade, depois Hospital Pedro II	Pedido do Presidente da Província e S. M. D. Pedro II (Zico, 2000, p. 70). Segundo Sarneel (s.d. <i>apud</i> Azzi, 1975, p. 237), obra foi fundada em abril de 1857, quando o Visitador era o Pe. Mallet.	Pe. Jeanteur morreu em 1858 de febre amarela (Zico, 2000, p. 68).	
abril 1857	APOIO	Filhas da Caridade	Bahia – Colégio do S. Coração de Jesus	Colégio de órfãs fundado por Pe. Francisco Gomes em 1827 e entregue às Irmãs por contrato (Azzi, 1975, p. 237).		
dezembro 1857	APOIO	Filhas da Caridade	Bahia – Asilo da Misericórdia	Fundado a partir do Recolhimento, que já existia antes e no qual as moças não tinham atividade, vendiam suas rações de comida e conversavam com os homens nas janelas. A chegada das Irmãs provocou revolta nessas jovens, e o Asilo foi fechado em 28 de fevereiro de 1858. Foi reaberto novamente		

INÍCIO	TIPO DE ATIVIDADE	RESPONSÁVEL	LOCAL	CONTEXTO DE CRIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO	OBSERVAÇÕES	ANO E CONTEXTO DE ENCERRAMENTO
				em 1862, no Caminho da Pólvora (Souza, 2006e, p. 162-163).		
1858	IMPLANTAÇÃO	Filhas da Caridade	Rio de Janeiro – Recolhimento Santa Teresa	Informação em Souza (2006e, p. 162).		Fechado em 1985 (Arquivos da Cúria Provincial, 2006, p. 441).
1858	IMPLANTAÇÃO	-	Bahia – Casa das missões (Zico, 2000, p. 79)			Missões na Bahia encerradas em 1920, após terem sido realizadas 745 delas (Zico, 2000, p. 79).
21/05/1858	IMPLANTAÇÃO	Filhas da Caridade	Pernambuco – Casa de Santa Teresa ou de Nossa Senhora da Esperança	Casa destinada a órfãos de pai. Iniciou as atividades no centro e, depois, mudou-se para o Convento das Carmelitas, em Olinda (Azzi, 1975, p. 238).		
24/06/1858	APOIO	Filhas da Caridade	Pernambuco – Casa dos Expostos	Acordo assinado em 24 de junho de 1858 entre o Exmo. Sr. Ministro em Paris e os superiores das Filhas da Caridade. Iniciaram com cinco Irmãs (Azzi, 1975, p. 238).		
1858	IMPLANTAÇÃO	Filhas da Caridade	Pernambuco – Recife – Colégio da Estância	Informação em Souza (2006e, p. 162).		
1859	APOIO	Padres vicentinos	Mariana – Seminários Menor e Maior	O bispo D. Antônio Viçoso entregou aos padres vicentinos o Seminário Menor Nossa Senhora da Boa Morte e o Seminário Maior São José (Conceição, 2022, p. 123).		
1864	IMPLANTAÇÃO	Pe. Pedro Augusto Chevalier	Ceará – Seminários Maior e Menor da Prainha	Chamado para ser Primeiro Reitor do seminário, onde ficou por 27 anos (Zico, 2000, p. 69 e p. 81).		Direção dos dois seminários foi devolvida pelos congregados em 1964 (Zico, 2000, p. 81).
1864	IMPLANTAÇÃO	Filhas da Caridade	Bahia – Hospital da Misericórdia	Convênio assinado com a mesa da Santa Casa de Misericórdia. (Souza, 2006f, p. 165)		

INÍCIO	TIPO DE ATIVIDADE	RESPONSÁVEL	LOCAL	CONTEXTO DE CRIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO	OBSERVAÇÕES	ANO E CONTEXTO DE ENCERRAMENTO
15/08/1865	IMPLANTAÇÃO	Ir. Marguerite Bazet	Fortaleza – Colégio da Imaculada Conceição	Consistia em um colégio com orfanato anexo (Souza, 2006f, p. 165).		
1/03/1866 (Zico, 2000, p. 87)	IMPLANTAÇÃO	Pe. Bartolomeu Sípolis (Primeiro Reitor), Pe. Antonio Perin e Pe. Afonso Bec	Diamantina – Seminários Maior e Menor	Já em 1863, D. Viçoso pediu aos congregados que dirigissem os Seminários Maior e Menor (Zico, 2000, p. 87). D. João solicitou ao Visitador da Congregação da Missão padres vicentinos para assumir o Seminário Maior (Conceição, 2022, p. 126).	Segundo Conceição (2022, p. 126), a chegada do Pe. Sípolis e de outros congregados ocorreu em 12 de fevereiro de 1867. Em 12 de julho de 1867, o Seminário Maior foi transferido para o novo prédio do Largo do Curral, que só ficou totalmente pronto em novembro de 1869. O Seminário Menor só foi aberto em 1871 (Conceição, 2022, p. 126).	Seminários foram encerrados em 1964 (Zico, 2000, p. 87 e p. 237-239).
1867	IMPLANTAÇÃO	Filhas da Caridade	Fortaleza – Colégio da Imaculada Conceição – Associação das Filhas de Maria Imaculada	Informação em Souza (2006g, p. 174).		
1867	APOIO	Filhas da Caridade	Diamantina – Colégio Nossa Senhora das Dores	Filhas da Caridade assumem o colégio (Souza, 2006g, p. 174).		

INÍCIO	TIPO DE ATIVIDADE	RESPONSÁVEL	LOCAL	CONTEXTO DE CRIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO	OBSERVAÇÕES	ANO E CONTEXTO DE ENCERRAMENTO
1867	APOIO	Filhas da Caridade	Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – Asilo dos Inválidos	Filhas da Caridade assumem o asilo (Souza, 2006g, p. 174).		Fechado em 1892 ((Arquivos da Cúria Provincial, 2006, p. 441).
1868	IMPLANTAÇÃO	Filhas da Caridade	Petrópolis – Colégio Santa Isabel	Por sugestão de D. Pedro II e iniciativa do Monsenhor Bacellar e do Comendador Castro de Abreu Magalhães começam com um orfanato. O colégio foi fundado para obter renda (Souza, 2006g, p. 174).		
1868	IMPLANTAÇÃO	Filhas da Caridade	Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – Hospital Militar	Informação em Souza (2006g, p. 175).		
1868	CONSTRUÇÃO	Pe. Bartolomeu Sípolis	Diamantina – Capela da Confraria de São Francisco da Luz	Demolido o templo antigo, foi construído um novo, sob a direção do Pe. Bartolomeu Sípolis (Conceição, 2022, p.112).		
1869	APOIO	Pe. Miguel Sípolis (Primeiro Reitor)	Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – Seminário São José	D. Pedro Maria de Lacerda, quando foi sagrado bispo do Rio, entregou o seminário à Congregação da Missão (Zico, 2000, p. 92).	Em 1869, havia apenas o Seminário Menor. O Seminário Maior foi iniciado em 1873. Quando foi criado o Maior, o Menor foi transferido para uma chácara no Rio Comprido.	O bispo seguinte do Rio de Janeiro, D. Joaquim Arcoverde, encerrou, em 1901, o contrato com a Congregação.
1870	IMPLANTAÇÃO	Filhas da Caridade	Fortaleza – Santa Casa de Misericórdia	Informação em Souza (2006g, p. 175).		
1870	IMPLANTAÇÃO	Filhas da Caridade	Ceará – Parangaba –	Informação em Souza (2006g, p. 175).		

INÍCIO	TIPO DE ATIVIDADE	RESPONSÁVEL	LOCAL	CONTEXTO DE CRIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO	OBSERVAÇÕES	ANO E CONTEXTO DE ENCERRAMENTO
			Asilo São Vicente			
1871	IMPLANTAÇÃO	Irmã Ana Maria Saugère	Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – Externato Santa Filomena	Externato para crianças pobres do bairro de Botafogo (Cunha, 2006b, p. 106)		
março 1875	IMPLANTAÇÃO	Pe. Lourenço Enrile (Primeiro Reitor)	Ceará – Seminário Menor de Crato, sucursal do de Fortaleza	Informação em Zico (2000, p. 97)		O Segundo Reitor, Pe. Luís Gonzaga Boavida, assustado com a seca e com o êxodo dos alunos, fechou o seminário e voltou para Fortaleza em março de 1878.
1878	IMPLANTAÇÃO	Filhas da Caridade	Rio de Janeiro – Niterói – Asilo Santa Leopoldina	Informação em Souza (2006g, p. 175).		
1882	IMPLANTAÇÃO	Filhas da Caridade	Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – Hospital São João Batista	Informação em Souza (2006g, p. 175).		
1882	IMPLANTAÇÃO	Filhas da Caridade	Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – Caju – Hospital Nossa Senhora do Socorro	Informação em Souza (2006g, p. 175).		
1883	IMPLANTAÇÃO	Filhas da Caridade	Rio de Janeiro – Paraíba do Sul – Asilo Nossa Senhora da Piedade	Informação em Souza (2006g, p. 175).		

INÍCIO	TIPO DE ATIVIDADE	RESPONSÁVEL	LOCAL	CONTEXTO DE CRIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO	OBSERVAÇÕES	ANO E CONTEXTO DE ENCERRAMENTO
1884	IMPLANTAÇÃO	Filhas da Caridade	Minas Gerais – Diamantina – Hospital Santa Isabel	Informação em Souza (2006g, p. 175).		
1887	IMPLANTAÇÃO	Filhas da Caridade	Minas Gerais – Barbacena – Hospital de Barbacena	Informação em Souza (2006h, p. 186).		
1887	IMPLANTAÇÃO	Filhas da Caridade	Minas Gerais – Barbacena – Asilo S. S. C. C. de Jesus e de Maria	Informação em Souza (2006h, p. 186).		
1887	IMPLANTAÇÃO	Filhas da Caridade	Minas Gerais – Barbacena – Colégio Imaculada Conceição	Informação em Souza (2006h, p. 186).		
1888	IMPLANTAÇÃO	Pe. Aristides d'Ornelas (Primeiro Reitor)	Mato Grosso – Seminário Menor de Cuiabá (Santos, 2020, p. 55)	Bispo de Cuiabá, D. Carlos D'Amour construiu prédio para o seminário e entregou a direção aos Congregados. Seminário foi aberto oficialmente em 1890 (Zico, 2000, p. 107).		Em 1894, havia poucos candidatos ao sacerdócio e reinava o desprezo pelo clero, que se agravou com a República. D. Carlos D'Armour achou melhor fechar o seminário.
1888	IMPLANTAÇÃO	Filhas da Caridade	Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – Asilo São José	Informação em Souza (2006h, p. 186).		Fechado em 1890 (Arquivos da Cúria Provincial, 2006, p. 441).
1889	IMPLANTAÇÃO	Filhas da Caridade	Minas Gerais – São João del Rei – Colégio e Hospital Nossa	Informação em Souza (2006h, p. 186).		Fechado em 1923 (Arquivos da Cúria Provincial, 2006, p. 441).

INÍCIO	TIPO DE ATIVIDADE	RESPONSÁVEL	LOCAL	CONTEXTO DE CRIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO	OBSERVAÇÕES	ANO E CONTEXTO DE ENCERRAMENTO
			Senhora das Dores			
1890	IMPLANTAÇÃO	Pe. Bartolomeu Sípolis	Rio de Janeiro – Seminário de Petrópolis	Pe. Bartolomeu Sípolis comprou o prédio em 1890, dos padres Paiva, para instalar a casa de repouso dos padres doentes. No entanto, sentiu que a Congregação precisava de um seminário e construiu um segundo prédio, concluído em 1897 (Zico, 2000, p. 113).	Local já foi seminário, noviciado, escola apostólica, sede de missões e colégio.	Como colégio, funcionou de 1891 (primeiro como externato e, depois, como internato) a 1909, quando foi fechado e transferido para os padres premonstratenses. Pe. Sípolis queria, além de ajudar a juventude, incentivar a carreira eclesial, como acontecia no Colégio do Caraça. A escola apostólica funcionou de 1895 a 1909, retornando, em seguida, para o Caraça. O noviciado funcionou de 1890 a 1898 e de 1900 a 1968.
1890	IMPLANTAÇÃO	Filhas da Caridade	Rio de Janeiro – São Clemente – Asilo da Misericórdia	Informação em Souza (2006h, p. 186).		
1890	IMPLANTAÇÃO	Filhas da Caridade	Mato Grosso – Cuiabá – Orfanato Santa Rita (asilo)	Inaugurado em 1895 (Souza, 2006h, p. 187).		
19/03/1896	IMPLANTAÇÃO	Pe. Benjamim Frechet (Reitor), Pe. Guilherme Vallet e Pe. Desudério Deschand	Paraná – Seminário de Curitiba (Seminário São José – Maior e Menor)	D. José Camargo Barros, Primeiro bispo de Curitiba, viu que o clero era muito pequeno e pediu alguns padres, por meio do Internúncio Apostólico, ao Superior-Geral da C.M. Tais padres seriam professores do seminário (Zico, 2000, p. 118).		Padres vicentinos se retiraram em novembro de 1961, a pedido do Conselho Provincial da P. B. C.M.